

C. M. SANG.



TEMPERO

Picante



C. M. SANG.

Tempero
Picante

Janeiro 2019 – 1ª Edição

Rio de Janeiro – RJ.

Copyright © 2018, C. M. Sang.

Todos os direitos reservados

Essa é uma obra de ficção e seu intuito é entreter pessoas. Qualquer semelhança com personagens, nomes, lugares, datas e acontecimentos é mera coincidência.

A obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa, e também apresenta uma linguagem coloquial, principalmente nas falas das personagens.

Todos os direitos são reservados a C. M. Sang. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes, sem a autorização por escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/1998, com punição prevista pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Epílogo](#)

Cozinheira de mão cheia, Samantha só tem uma receita que sempre desanda: a do AMOR. Essa, ela sempre erra a mão.

Prestes a ficar frente a frente com Alberto, um caso do passado que ainda mexe muito com seu coração, Sam conhece Adrien, um chef de cozinha como ela, um homem que não resiste à sua personalidade forte e à sua beleza.

A relação com Alberto que já era tumultuada, ficará ainda complicada com o mais novo “amigo” que quer deixar a amizade entre os dois bem colorida.

(Conteúdo Adulto)

Spin-off de “Uma mentirinha pro meu CEO”

1

Força, Samantha!

Não desista!

Você precisa ser forte!

Expiro devagar.... o ar sai lentamente entre meus lábios um pouco tremidos por causa da exaustão que tenta me dominar.

Respiro fundo.

Respiro fundo mais uma vez.

E recomeço.

Continuo a me agachar, ignorando a queimação nas minhas panturrilhas. Ignoro também as dores nas minhas coxas, nas plantas dos pés e nos joelhos. Os últimos só faltam criar vozes para mandar parar de flexioná-los.

Não, não posso desistir. Preciso... **Ai!** Preciso continuar. Uma hora vai ceder. Essa porra tem que ceder, não é possível! Já entrou uma vez, e as próximas tentativas com certeza serão ainda mais fáceis. O prazer que virá quando ele estiver encaixadinho perfeito em mim fará valer à pena todo esse esforço.

Desistir dessa prática feita por poucos é vergonhoso. Aliás, muitas pessoas nem devem conhecê-la.

Ofego um pouco, o ar sai rápido pela minha boca. Sinto o suor escorrer pela minha nuca. Uma gota desliza pela minha testa e seguro a vontade de passar o dorso da mão para limpá-la. Fito meu rosto entre minhas palmas apoiadas no espelho. Estou descabelada, suada, os traçados em meus olhos

estão um pouco borrados. Rebolo para tentar *esgarçar* logo essa porra para ver se...

Ai!!!! Sssssss! Ai!

Uma fisdada na perna me faz parar totalmente. Cheguei ao meu limite. *Ai, caralho!* Puta merda, que dor!

Olho para cima, sem querer enxergar no meu reflexo que fracassei. Minhas pernas estão doendo e esse caralho não vai caber de jeito nenhum. Preciso admitir que não dá mais.

— E aí? Você precisa de ajuda?

Preciso recuperar um pouco o ar para responder a essa pergunta absurda. A frase “vá se foder” fica atravessada na garganta. Faço um esforço monumental para ficar de pé, gemendo enquanto minhas articulações protestam.

— Não, obrigada! — Digo com um sorriso na voz enquanto faço uma careta pro espelho.

Quem oferece ajuda para vestir um jeans?

Dentro desse cubículo, olho para a calça. Seguro as duas pontas do cóis e ponho o botão em sua casa. *Apertaaado!* Fechou, mas nem de longe essa é uma experiência prazerosa. Olho-me no espelho para conferir se tentar acelerar o processo de desgaste do tecido funcionou. Passei uns cinco minutos agachada com essa porcaria me apertando, tentando fazer com que se moldasse melhor ao meu corpo instantaneamente, como se já tivesse meses de uso, só para que eu não me despedisse de mais um número de manequim.

Se eu não respirar, está perfeito.

— E aí, ficou bom? Quer tentar um número maior? — A vendedora insiste do lado de fora da cabine.

— Não precisa. — Respondo entre os dentes.

Desabotoo a calça e me dispo dela. Jogo-a por cima do varão da cortina e visto a calça que vim, que tem o mesmo número da nova que teimou não caber em mim. A antiga está até um pouco folgada.

Ajeito meu cabelo, passo a ponta do dedo sob os olhos para ajeitar a maquiagem, deixando meus olhos cor de mel bem delineados. Por fim,

coloco os fios castanhos do meu cabelo no lugar e saio dessa cabine com o pouco de dignidade que me resta.

— Obrigada, mas não vou levar. — Respiro fundo tentando ocultar que ainda estou ofegante.

— Temos modelos *stretch* também. — A vendedora insiste com um sorriso.

Nossa! Ela quer uma medalha por ser a pessoa mais persistente do mundo?

Digo que não mais uma vez, dessa vez sem agradecimento e saio da loja desse shopping na Zona Sul carioca. Não foi por causa de uma calça jeans que vim aqui, aliás, nem sei por que raios eu decidi entrar naquela loja de roupas caríssimas para experimentar uma calça que eu já tinha quase certeza que não caberia em mim.

Vim ao shopping atrás de um vestido. Uma roupa de gala para o aniversário do marido da minha prima que será daqui a cinco dias. O cara é podre de rico, bilionário, e o bilhete premiado da minha prima Gabriela ainda teve o bônus de ser uma pessoa maravilhosa, daquelas que me impede de inventar qualquer desculpa para não comparecer.

Posterguei essa compra até o último instante, por querer aparecer linda, plena e poderosíssima no aniversário do magnata. No padrão dele, a comemoração “*de repente trinta*” será numa casa de espetáculos com a vista deslumbrante da Praia do Flamengo e do Pão de Açúcar, com direito a um show privado de uma banda pop rock nacional e um DJ superfodão. Homens e mulheres montados na grana, brasileiros e estrangeiros confirmaram a presença. Não dá para fazer feio.

Então, por que estou vendo uma roupa para uma ocasião que é quase um casamento de tão importante, assim de última hora?

Bem, eu passei os últimos dois meses fazendo dieta para perder os doze quilos que cismaram habitar meu corpo no último ano. Dois meses depois e apenas dois quilos a menos, tive que me dar por vencida e passear nesse shopping de lojas caras e muitas grifes estrangeiras, para comprar uma roupa bem maior do que o manequim que visto há pelo menos dez anos.

Olho as vitrines, procurando alguma roupa que desperte uma paixão à primeira vista e que eu não me arrependa de tê-la escolhido no dia da festa.

Entro em algumas lojas, analiso as roupas penduradas nas araras, modelos de luxo, algumas etiquetas com preços exorbitantes.

A maravilha é que consigo comprá-las!

Mas não tenho coragem de pagar tanto. Experimento algumas peças não tão caras, porém de cifras absurdas. As vendedoras acertam meu tamanho sem me perguntar qual, o que eu agradeço muito, pois ainda não me habituei a dizer o número atual.

— Que tal esse? — A vendedora me apresenta o quarto vestido.

Olho para ele. Diferente dos que já experimentei que eram curtos, ele vai quase até o pé. Fugi do comprimento longo por ser uma comemoração bastante agitada. Até haverá um jantar chique para alguns convidados (estou entre eles), mas é um show; há um DJ fenomenal!

Fito o vestido brilhoso cor da pele, alguns tons mais claros do que a minha, com um pouco de dúvida. Até o momento, além de preferir os vestidos curtos, eu queria que fosse um modelo escuro para disfarçar mais os quilinhos. Quando a vendedora o balança, revela uma fenda gigantesca. E após experimentá-lo, resolvo comprar, quase de olhos fechados.

Espero não me arrepender depois, pois ele foi muito caro para ficar encostado, escondido e esquecido no armário.

Saio do shopping para o estacionamento. É só quando chego ao meu carro que bate a dúvida sobre os acessórios. Às vezes, dá vontade de ser homem. Um terno, sapato preto e ninguém vai falar um pio sobre o vestuário.

Deixo o vestido no carro e volto a bater perna. Bem, essa é uma experiência prazerosa. Meu número de calçado continua o mesmo, e não preciso me preocupar com uma clutch além da necessidade de ela combinar com o vestido. Compras fáceis. Difícil é entrar numa loja de roupa íntima e escolher cinta. O vestido caiu bem, mas será melhor colocar um troço que me impedirá de respirar, só para ninguém colocar defeito no meu visual.

Solto um suspiro, cansada dessa preocupação excessiva. Lá no fundo, sei que não quero estar maravilhosa apenas para as fotos.

Quero estar estonteante para Alberto Muniz. Um moreno delicioso, com o corpo definido por muita atividade de musculação, o sorriso de tirar

calcinha e olhos castanhos cativantes de garoto maroto, safado.

Infelizmente, o moreno pecador é o melhor amigo do aniversariante.

Fugi de um novo encontro com ele sempre que pude. Nós dois tivemos um namoro de uma semana quando, por acaso, ficamos num mesmo hotel. Foram dias maravilhosos. Então, nos despedimos, e eu, orgulhosa como sou, concordei quando ele deixou claro que seria como se nunca tivéssemos nos conhecido. Fingi que ele não mexeu demais comigo.

Realmente era para nunca mais termos nos encontrado, mas minha prima e o melhor amigo dele engataram um romance, e foi impossível não haver um reencontro nosso. *Ou vários...*

Reencontros que ocorreram após eu descobrir que ele ocultou informações sobre a sua vida, o que me magoou muito, por mais que meu lado racional tente considerar que ele não me devia qualquer explicação.

Então, o que eu puder fazer para reaparecer para ele mais próxima daquela mulher com o corpo de parar o trânsito, que fez com que ele olhasse para mais nada além de mim naquele hotel, eu farei.

Estou deixando de lado um pouco da feminista empoderada que sou com esses pensamentos, mas atire a primeira pedra a mulher que nunca tentou ficar mais bonita para aparecer na frente de um *ex-boy*, pra ele ficar babando. Nem que seja apenas para mostrar que ele não faz a menor falta na sua vida. Pois é... nessa semana, eu sou essa mulher.

Porque aquele moreno com corpo tentador não tem nenhum poder sobre mim. *Ah, ele não tem!* Não tem mesmo!

Bufo irritada, uma expressão que atrai o olhar de uma mulher que passa por mim e faz uma expressão de espanto. Rolo os olhos e continuo minha caminhada pelo shopping. Um passeio que já está se mostrando irritante e enfadonho, pois resolvi fazê-lo sozinha.

Hoje, me dei o dia e a noite de folga. Tenho meu próprio restaurante e ele me rouba praticamente todas as horas do dia. Uma loucura que começava ainda nas primeiras horas da manhã, quando eu recebia os produtos, e se estendia até o fim do expediente noturno (e algumas vezes avançava pelas horas do dia seguinte), todos os dias, todas as noites. Almoços e jantares do cardápio assinado por mim, a maioria das receitas de

minha autoria, embora grande parte seja de recriações de pratos mundialmente conhecidos.

Quando chegou o momento que eu iria surtar, meus pais e meus padrinhos me pediram um voto de confiança para me ajudarem a cuidar do *Recriação*. Meu padrinho já estava muito acostumado a lidar com fornecedores, então, ele e minha tia passaram a acompanhar sozinhos o andamento do restaurante na parte da manhã, meus pais ficam comigo no turno da noite, e de vez em quando combinam troca de turno.

Confiro se não há uma mensagem perdida, um aviso de problema. Aproveito para enviar uma mensagem para confirmar se está tudo bem. Minha mãe prontamente responde que sim e me manda relaxar.

Relaxar...

Ficar sozinha aqui mais um pouco não será nada relaxante. Volto para o carro e decido ir para casa. O horário não é dos melhores, já há muita gente no trânsito. Estou na hora do *rush* (uma hora com pelo menos 180 minutos para os moradores da Cidade Maravilhosa), e escuto as músicas tocarem e tocarem, sem que eu ande cem metros. Ficar parada nunca foi comigo. Ainda estou na orla da Zona Sul, e pondero se não vale à pena eu seguir em frente até o início da praia do Leme, ao invés de pegar o túnel e dar adeus ao mar, rumo à Zona Norte, onde moro e trabalho.

Olhar para o mar é “relaxante”. A roupa que estou permite que eu me sente na areia. Só preciso tirar o salto do pé para andar. *Ou não*. O salto que estou é confortável o bastante para eu caminhar até o Mirante do Leme. Nunca fui lá, porém já vi fotos incríveis!

Um carro sai da vaga e parece ser uma intervenção divina para que eu realmente aprecie a arrebentação, fique bem próxima das ondas e escute seu som mais alto e potente do que o dos carros. Se eu dobrar a barra da calça, poderei sentir a água nos pés sem molhar a roupa.

Pego minha bolsa, para carregar comigo a carteira de motorista e a chave de casa. Cada um vai para um bolso quando eu sair e a chave do carro fará companhia à carteira.

Confiro minha maquiagem no espelho da viseira. Não há sombra daquela mulher insegura que passeava pelo shopping.

Levanto a viseira e meu olhar fixa no restaurante que estacionei bem em frente. *Le Metz*. São sete horas da noite. *Hum...* Posso jantar e depois dar uma volta no calçadão para desgastar a refeição, caso o trânsito ainda esteja caótico. Volto a baixar a viseira e refaço a minha maquiagem. Reforço o batom metalizado púrpura e saio do carro já metendo pose de *granfina*, pois está na cara que o restaurante é *caro*, e é provável que olhem torto para o meu jeans surrado.

Atravesso a Avenida Atlântica sentindo a brisa marítima fresca batendo nas minhas costas, esvoaçando meu cabelo e beijando minha nuca. Enquanto caminho, tento pôr na cabeça que pedir uma mesa para um não tem nada de estranho. Já comi em diversos lugares sozinha, e esse restaurante, por mais fino que seja, é apenas mais um.

Paro na entrada e logo sou cumprimentada pelo *host* vestindo um terno impecável.

— Mesa para um. — Digo totalmente segura, como se já até estivesse pedindo o lanche unitário em forma de promoção de sanduiche, batata-frita e refrigerante disponível na maioria das redes de *fast-food*, onde ninguém se espantaria por eu comer sozinha.

— A senhorita tem reserva?

— *Ah...* não.

— Sinto muito, mas já estamos com as mesas reservadas para os clientes que entraram em contato.

— Não há uma mesinha vaga para que eu possa jantar?

— Lamento, senhorita. — Ele faz um aceno com a cabeça e fala como se sentisse culpado. — Numa próxima oportunidade.

Olho para o salão. Não é um espaço muito grande, o que justifica ser necessário fazer reserva mesmo num dia morto na semana. Está bastante cheio, mas vejo uma mesa aqui outra ali vazias.

Entendo essa questão de reserva, pois o *Recriação* também é um restaurante de pequeno porte, mas com movimento muito grande. É praticamente impossível fazer uma refeição sem ligar para marcar. À noite, a lista de espera tem um aguardo de pelo menos dois meses, a não ser que o cliente entre numa fila de desistências.

— Teria que chegar pelo menos três clientes de uma só vez para ocupar os assentos vazios. Estou sozinha. Não demorarei.

— Senhorita, nós trabalhamos com a possibilidade de todos os clientes das mesas desocupadas estacionarem no próximo minuto. Teremos o prazer de recebê-la, mas, por gentileza, entre em contato com-

— Ela está me acompanhando.

Um arrepio gostoso percorre meu corpo após essa voz gostosa soar bem potente quase atrás de mim. Viro a cabeça e vejo um homem do tipo **HOMEM!** Um delicioso modelo alto, esguio, loiro de olhos azuis cristalinos, rosto com traços fortes e perfeitos. A barba rente ao rosto tem os fios mesclados entre o castanho claro e o dourado. Totalmente *delicinha* vestindo uma calça jeans surrada, uma camisa social aberta nos dois primeiros botões revelando o peitoral com pelinhos que atraem meus dedos. Para completar um paletó caramelo.

Eu amo essa combinação calça jeans, camisa social e paletó!

Tento dar um sorriso para esse belo ser quase divino, e engulo em seco antes de esticar os lábios.

— Ora, obrigada!

— Ouvi sua vontade de jantar e que está sozinha. Eu também não tenho companhia.

Que cavalheiro! Solitário, tadinho... Que vontade de acabar com essa solidão! Até porque ele quer acabar com a minha!

— Que coincidência maravilhosa! Você conhece esse restaurante?

Ele estreita o olhar como se minha pergunta não tivesse o menor cabimento.

— Ah, sim. — Ele dá um meio sorriso. — Já comi aqui algumas vezes.

— Claro. É por isso que sabe que só come quem faz reserva.

Ela assente. — Pode nos levar para minha mesa?

O host parece um pouco perdido, mas acata a decisão e pede que nós o acompanhemos.

— Só falta ele dizer que você reservou a mesa para uma pessoa e ninguém pode sentar com você, porque até as cadeiras são contadas!

— Não. — A palavra soa tremida e risonha. Ele me encara com um tiquinho de preocupação. — Espero que ele não faça isso.

Observo o ambiente. É muito chique e francês. *C'est très chic!* A luz ilumina fracamente o recinto já escuro pelas paredes revestidas de mogno. O ar é fresco, no limite entre o agradável e o frio. Chegamos a uma mesa próxima ao canto. A parede de vidro é fumê, o que impede olhares indiscretos vindos do exterior, e nos permite ver a paisagem do lado de fora com privacidade.

O cavalheiro loiro de olhos azuis puxa a cadeira para mim.

Eu ainda não sei o seu nome.

— Obrigada. *Ahn...* Nós ainda não nos apresentamos.

Ele sorri. — Adrien.

Ele diz seu nome como “r” tipicamente francês. Até agora não tinha notado sotaque.

— Prazer, Samantha. — Apresento-me após sentar. Ele se senta à minha frente. — Aqui é muito bonito. — Elogio com sinceridade. Ele faz uma concordância quase como se agradecesse. Ia falar algo mais, mas o garçom aparece.

— Boa noite, senhor Metz.

O homem só falta fuzilar o garçom com o olhar. O coitado até se encolhe.

Um risinho me escapa. *Senhor Metz...* O olhar do funcionário que nos recebeu e o deslize desse que vem nos atender deixam óbvio que Adrien não é apenas um frequentador assíduo, que nem precisa dizer o nome na porta.

— Você me concede a honra de fazer os pedidos? — Ele pergunta para mim com a voz cordial.

Hum... continua um cavalheiro!

Dou um meio sorriso. — Por favor.

— Algo que não goste?

Suspiro. Como *chef* de cozinha, já provei de tudo. Do que eu amo ao que eu não suportei, mas tive que considerar que o tempero estava

palatável. Aqui, não sou cozinheira, sou freguesa. Estou num restaurante francês chique. Fui convidada por um estranho que, se não é o dono, tem parentesco e não duvido que esteja familiarizado com qualquer prato da culinária francesa.

— Por favor, nada exótico como escargot.

— Mas é muito bom. — Ele fala como se realmente gostasse dos caracóis.

— Ah, sim. São deliciosos, mas não há uma só vez que eu coma aquilo que eu não consiga deixar de pensar no tipo de animal que eles são.

Só de recordar, sinto meu estômago embrulhar.

Adrien pede uma entrada, para o prato principal escolhe o típico prato francês de peito de pato com risoto de laranja e alho-poró, e uma salada de vagens francesas. Escolhe o vinho que combina perfeitamente com o prato.

— Samantha... — Ele diz meu nome assim que o garçom se afasta. — Estou curioso.

— Curioso?

— Por você vir jantar aqui. Sozinha. Uma mulher tão linda não combina com um jantar solitário.

Sorrio. *Isso!* Massageie meu ego! Estou precisando muito.

— Eu ia dar uma volta na praia. Esperar o trânsito melhorar para ir para casa. Ainda bem que um Metz permitiu a minha entrada no *Le Metz*.

Ele ri. — É. tem razão. Era para ter ficado em segredo.

— Ah, sim, percebi que você não queria a sua identidade revelada.

— Tentei me passar por um cliente qualquer que cruzou com uma mulher linda tentando o seu jantar.

Quer dizer que passaremos a refeição inteira flertando? *Ah, adoro isso!* Principalmente com esse massoterapeuta de ego lindão.

— Voltava do trabalho? — Pergunta.

— *Ahn*, tirei o dia de folga. Estou voltando do shopping. E você, vai jantar e depois assumir a cozinha?

Ele suspira e olha para os lados. — Não, Samantha. Meu plano era jantar sozinho. Também tirei meu dia de folga.

O garçom chega com a entrada e continuamos nesse papo sem nexo sobre nosso encontro criado pelo acaso. Elogio a comida sem demonstrar que estou decifrando os ingredientes que a compõe. É impossível eu não registrar mentalmente as especiarias existentes. Aprendi a controlar esse meu lado, pois há quem se incomode com meu falatório.

Adrien ficou bem desconfortável por eu ter associado o restaurante a ele. Pode ser que ele não seja um *chef*. Há um quê de antigo nesse restaurante. Talvez seja um negócio de família passado por gerações e ele apenas o administre.

Quando suas mãos pousam sobre a mesa, confiro seus dedos anelares em busca do menor sinal de aliança. Na direita não tem. Na esquerda também não. Dou um sorrisinho por não estar cobiçando o homem alheio.

Não, não, não! Minha vida amorosa é complicada demais para eu me meter numa enrascada assim.

Fazemos a refeição conversando um pouco mais sobre nós. Ele me conta que fez trinta e cinco anos há dois meses, é divorciado, tem dois filhos (mostra a foto dos meninos gêmeos loirinhos de oito anos).

Também conto sobre mim, que vim para a capital do Rio para fazer faculdade (oculto que foi de Gastronomia, e ele também não pergunta), que éramos eu e minha prima sozinhas nessa cidade gigantesca, mas que nossos pais moram perto de nós agora. Respondo que tenho vinte e cinco anos, nunca fui casada e que não tenho filhos, apenas para espelhar suas informações sobre essas questões.

Ele me pergunta sobre a comida, como quem espera um elogio para si.

— Está delicioso. Adorei. Está de parabéns.

Bato uma palma na outra bem de levinho, arrancando-lhe um sorriso presunçoso.

— E o que você faz?

— *Ahn...* Não sei se faço a mesma coisa que você.

Ele fica sério e curioso. O olhar perspicaz.

— Como assim?

Depois de perguntar, percebo também um pouco de incômodo.

— Bem... não sei exatamente qual sua função aqui no *Le Metz*, mas também tenho um restaurante. E lá, eu sou a *chef*.

— Entendi. — Responde secamente.

E não me faz qualquer pergunta.

— Nós não somos concorrentes. Pode voltar a sorrir.

— O quê? Não! — Ele ri, mas percebo que ainda está incomodado.

Estranho, pois ele está bem estabelecido aqui, diferente de alguns colegas meus que encararam eu “de repente” abrir meu próprio negócio como algo merecedor de uma profunda inveja. E ele nem sabe nada sobre o *Recriação*.

Meu restaurante foi um presente. Minha família é de uma cidade próxima à capital do Rio de Janeiro. Quando o marido da minha prima quis oficializar a união dos dois, ofereceu bancar um negócio para nossos pais para que viessem morar no Rio, colocando-o no meu nome e no da então futura esposa. Gabi abriu mão da parte dela, pois não via sentido fazer parte do negócio, já que não entende nada de restaurante e esse sempre foi meu sonho.

— Essa receita é sua? — Pergunto.

Ele respira fundo. — É uma receita de família.

— Se eu tirar meu celular da bolsa, você me dá a receita?

Sorrio e ele encara o que eu disse como a brincadeira que esperei que entendesse e sorri de volta. Um sorriso largo exibindo seus dentes brancos e brilhantes.

— Você é bem espirituosa.

— Ah, sim. Eu sou.

Dizem também que não tenho papas na língua.

Depois disso, ficamos em silêncio alguns segundos. Ele me encara firmemente e eu conheço esse olhar. Ele me deseja. *Muito*. Vejo também o seu incômodo mudar de significado. Alguns homens não gostam de meu jeito de ser tão seguro e direto. Esperam sempre por aquela mocinha recatada que mal consegue sustentar o olhar.

Não sou nem um pouquinho assim.

— Você ainda pretende dar uma volta na praia?

Solto um suspiro. Estou com muito vinho na cabeça para andar ao lado de um estranho ou para dirigir meu carro.

— Na verdade, vou pedir um táxi para casa.

— Você mora muito distante daqui?

— Na Tijuca.

Mais um pouco de silêncio. Que esse deus não me peça hoje para ir para sua cama. Por mais tentador que seja, prefiro que ele peça meu telefone ou pergunte como me encontrar em redes sociais. Já terminamos a sobremesa, um *crème brûlée* delicioso, e quero guardar essa noite como uma maravilhosa recordação do início ao fim.

— Gostou de jantar comigo? — Ele pergunta como quem já sabe a resposta.

— Adorei o jantar. — Digo olhando em seus olhos. — E adorei jantar com você!

Ele respira fundo.

— Fico muito feliz. — Sorri. — Adorei ter a sua companhia no jantar.

— Obrigada. Pretendo voltar aqui mais vezes. Gostei muito.

— E vai ligar para marcar.

Ahn... como consigo arrancar um novo convite dele?

— *Hum...* Posso dizer que sou amiga do *chef*. — Arrisco chamá-lo assim. Ele não me corrige. — Mas só vale se ele jantar comigo.

— Fico muito feliz que queira voltar. — Responde simplesmente.

Tá legal.

— Pedimos a conta?

— Ah ... a conta. — Ele murmura pouco perdido.

— Sim. Não é porque você me convidou para o seu restaurante que eu vou me aproveitar de você.

Eu vejo. Vejo quando as pupilas dele ficam maiores e o olhar mais cálido por eu ter falado “vou me aproveitar de você”.

Ah, amore, estou muito a fim de me aproveitar de você.

Mas não hoje.

Saímos da mesa após ele recusar veementemente que a conta fosse pedida, e mais uma vez admiro a beleza do recinto. Sempre que posso, visito novos lugares em busca de novos sabores, do que posso acrescentar ao meu próprio restaurante e esse é uma inspiração para a culinária francesa.

Pego meu celular, para pedir um táxi e passo no carro para pegar o que tem de urgente. A despedida paira sobre nós.

— Eu moro no primeiro prédio. — Ele aponta para o início da orla. O tom da sua voz está um pouco mais baixo. — Se quiser, podemos ir até lá. Tomar mais um vinho, ouvir uma música...

... *transar*... — completo em pensamento sua lista de atividades.

Seria muito melhor se ele me pedisse o telefone. Podia ter pego a dica já que eu estou com o celular na mão.

Não demos nem um beijinho. Não tenho problema de ir para a cama de alguém que acabei de conhecer, mas acabamos de ter um jantar, e um pouco mais de romantismo cairia bem essa noite.

— Estou cansada. Tive um dia bem cheio.

O táxi chega e eu abro o carro para pegar minhas compras. Depois me despeço do estranho chamado Adrien Metz.

— Muito obrigado por sua companhia, Samantha. — Ele dá um meio sorriso e abre a porta para mim.

Confiro mais uma vez se ativei o alarme do meu carro e olho para meu companheiro de jantar.

— Muito obrigada pelo jantar.

Olho para ele e para o restaurante atrás.

Le Metz e Adrien Metz. Poderia combinar um jantar chiquérrimo com meus pais, todavia não vou nem procurar o telefone na internet.

Não tenho o menor problema de parar num motel após uma noite na balada ou na casa de algum conhecido de uma noite só. Mas esse cara nem me beijou! Sim, estou sendo repetitiva, pois estou indignada! *Caramba!* Ele nem pegou na minha mão e já foi me convidando para sua casa.

Posso até estar exagerando. Talvez o cara só quisesse me mostrar sua adega, abrir alguns vinhos franceses caros ao som de Barry White ou Ed Sheeran. E aí nos embebedaríamos e... *ah*, não estou exagerando porra nenhuma: viraríamos dois coelhos.

Dois coelhos *se* ele tiver pegada e for... *gostoso*. O cara é lindo, loiro, alto, olhos azuis, quase um Thor da vida, mas talvez seu martelo nem seja assim *tão* poderoso.

E ele nem é o homem que mais me despertou tesão.

Esse título é do Alberto. *Merda!* Só foi eu perder a companhia que o moreno volta a me perturbar. Beto, como costumo chamá-lo, também é alto (não tanto quanto o nórdico, mas alto perfeito para eu chamar de alto e usar meu salto mais alto e ainda continuar olhando para cima para ver seu rosto), frequentador de academia só para deixar o corpo durinho e gostoso. E ele tem um olhar safado que dá vontade de arrancar a roupa só para ele me ver melhor. Seus beijos são tão intensos que sempre me deixam com a calcinha molhada e... nada a reclamar sobre seu delicioso pênis.

Alberto. Todo o esforço para não o reencontrar e o deixar com a fantasia do meu corpo escultural de biquíni como minha marca registrada em sua alma vai por água abaixo.

Dez quilos. Dez malditos quilos.

E esse jantar deve ter me devolvido um dos dois quilos que eu tinha perdido.

Toda quinta-feira, eu apresento um prato especial. Um prato que não está no cardápio, que pode ou não voltar a ser servido futuramente. No início, as quintas eram noites relativamente mortas de movimento no meu restaurante. Noites que era possível entrar sem fazer uma reserva. Resolvi inventar receitas para os clientes que apareciam.

Hoje em dia, é quando temos as noites mais lotadas.

E, como aconteceu naquela noite no restaurante francês que faço de tudo para não gravar o nome, quinta-feira se tornou um dia em que só entra no

restaurante quem tem reserva. Há quem tente sua chance esperando no bar, mas são logo avisados que é praticamente impossível. Diferente dos outros dias da semana, ninguém cancela sua vinda nas noites de quinta.

O prato de hoje, que fiz também para ser o meu almoço em casa foi atum com *foie gras*. Estava delicioso. Nossa! Repetiria mil vezes!

A impressão que tenho é que eu realmente fiz mil pratos no restaurante. Lógico que não cheguei nem perto dessa quantidade de serviço, e muito menos os fiz sozinha. Tenho funcionários excelentes trabalhando para mim, pessoas que honram o emprego no *Recriação*, e transformam a experiência de cada freguês como única e especial. Cada vez mais nas noites de quinta, a refeição pedida é a que está fora do menu, uma receita de última hora que executamos com perfeição.

Meus pais e meus tios, os primeiros que provaram, pediram para eu incluir no cardápio. Minha prima, que passou aqui rapidinho só para levar a *quentinha* para jantar com o marido em casa, me enviou uma mensagem dizendo que estava divino.

Modéstia à parte, sou uma cozinheira maravilhosa. Sempre amei a cozinha! Os aromas das especiarias, os preparos de cada refeição. Mais nova, quando estava em casa, era na cozinha que eu me distraía, e ainda muito cedo replicava pratos de alta gastronomia que via na internet, além de criar alguns. Programas de culinária eram os meus favoritos, a não ser a parte de confeitaria, ou *pâtisserie*, como é dito hoje em dia para ficar mais chique, que nunca me atraiu (embora meus bolos fossem os melhores e os mais requisitados nas festas).

Fora meus parentes, uma pessoa também aprovou meu prato, e pediu para minha mãe me avisar antes de ir embora. Assim como minha prima, ele me enviou uma mensagem enquanto estava aqui, e que só agora depois do fechamento crio coragem para abrir.

*** Beto-Eu: Confesso que fiquei com receio de provar seu prato por causa da mistura de ingredientes. Mas foi só fechar os olhos e me entregar ao bom gosto da chef, que eu acreditei que ficaria em boas mãos. E eu estava certo. Prato delicioso! Quero repetir mais vezes. Se possível, na sua companhia. ***

Justamente nesse instante, enquanto eu releio suas palavras respirando fundo várias vezes para não perder o fôlego, aparecem as letrinhas verdes sinalizando que ele digita uma mensagem.

*** Beto-Eu: Acabei de chegar em casa. ***

*** Tentei de novo ver você, Sam. Sua cozinha é de livre visitação, mas você a fecha para mim. Nas vezes que eu consegui entrar, você se entocou no escritório. Hoje, não foi diferente. Caramba! Estou há um tempão tentando te reencontrar! Falar com você pessoalmente! ***

*** Eu-Beto: Hoje foi muito atarefado. ***

*** Beto-Eu: Que dia não é? ***

*** Eu-Beto: Todos os dias são. Você sabe disso =/ ***

Posso não ver Alberto, mas conversamos praticamente todos os dias. E nossas conversas sempre caem na reclamação de eu não querer vê-lo. Se ele está na lista de reservas, eu já entro em estado de atenção. Quando entra no restaurante, sou logo avisada, mesmo que minha mãe ache bobagem. E normalmente “descanso” no escritório o tempo que ele está fazendo a refeição. Hoje, não foi diferente.

Nessas horas, olho a papelada burocrata, pois gosto de acompanhar de perto tudo que acontece no *Recriação*.

E, olhando para essa mesa com papeis relativamente organizados, não consigo deixar de pensar quão maravilhoso seria se ele arrombasse a porta. Imagino-o me pegar de jeito sobre essa mesa e fazer sexo com a cozinha e até o salão nos ouvindo. Às vezes, tenho muita vontade que ele faça isso de verdade.

Mas agora estou apenas cansada e adoraria uma massagem nos pés.

E depois ele poderia subir as mãos pelas minhas pernas, apertar minhas coxas e...

... alguém bate à porta.

— Dona Samantha, o salão está limpo. — Amilton me avisa. O homem é pelo menos uns dez anos mais velho do que eu e só me chama de “Dona”. Já pedi mil vezes para ele não me chamar assim, mas não adianta.

Respiro fundo mais irritada comigo mesma do que com ele, pois enquanto as mãos imaginárias de Alberto subiam pelo meu corpo, minhas mãos bem reais acariciavam meus seios com a lembrança do que as *mãos reais dele* faziam.

— Obrigada, Amilton. Até amanhã. — Digo para a porta fechada.

Preciso de mais um tempo para mim.

Faltam dois dias para eu ver Alberto.

Eu não estou nada, nada preparada para esse reencontro. E não, não estou falando sobre o meu peso.

2

Se me descreverem essa noite, usarão essas três palavras:

LINDA

PODEROSA

MARAVILHOSA

O vestido está um arraso, cada passo que eu dou revela sua fenda gigantesca, a combinação perfeita entre o sexy e a sofisticação. Meu cabelo está volumoso e brilhante com cachos largos, minha boca está tingida com um vermelho intenso e meus olhos marcados com uma maquiagem que realça meus olhos claros.

Jogo um beijo para mim mesma antes de dar as costas ao meu reflexo no espelho que pus no fim do corredor do meu apartamento para conferir como as pessoas me veriam.

Moro num apartamento quarto, sala, cozinha e banheiro. Pequeno e antigo. Tão antigo que ainda tem sancas de gesso rebuscadas nas quinas de cada cômodo. É alugado e com ele no início havia uma cama de casal, uma estante muito grande e outros móveis de madeira bruta e antiga. Era opcional ficar com eles. Era um apartamento para dividir com a minha prima, então trouxemos nossas camas de solteiro da casa dos nossos pais (a cama de casal foi o primeiro objeto que doe) e comprei um sofá naquela época.

Quando eu passei a realmente morar sozinha, mudei praticamente tudo. Até a porta dos armários embutidos da cozinha cobri com um adesivo mais ao meu gosto. Substituí o primeiro sofá por um modelo reclinável cinza.

Além dele, uma nova mesa redonda de jantar para quatro e aquela estante antiga compõem o ambiente da sala com alguns objetos de decoração.

O quarto tem uma cama de casal (tentei uma queen, mas perderia muita mobilidade). Infelizmente tenho que deixar as paredes brancas, pois está no contrato de locação, mas tudo que pude fazer para trazer cor (sem exagero) eu fiz.

Sair daqui, do aconchego do meu lar, para encontrar o homem que mais me proporcionou prazer aqui dentro é... *ai, ai*. Talvez fosse melhor tê-lo chamado para vir aqui, colocarmos a conversa em dia sem estarmos cercados de pessoas. Agora, no entanto, é tarde.

A ida de minha casa ao local da grande festa é rápida. Sou uma das primeiras a chegar a pedido da minha prima. Logo sou conduzida até ela nesse espaço imenso e ricamente decorado.

Encontro Gabriela conversando com sua sogra e sua cunhada. Ela está com um vestido assimétrico e cada passo que dá em minha direção faz com que o tecido leve se movimente.

— Uau! Você está linda! — Ela me diz enquanto nos abraçamos.

— E teu marido não cansa de te exhibir. — Brinco.

Ela fala que escolheu o vestido e se perde dando a entender que quase não saíram de casa. Estão casados há pouco mais de um ano e é como se tivessem colocado a aliança no dedo ontem.

O amor deles é lindo de se ver.

— O Rafa falou que não queria uma reunião de negócios aqui e lá está ele. — Ela olha na direção do marido que conversa seriamente com outros homens, e suspira. — Espero que quando fique cheio, ele consiga se desvencilhar do modo CEO.

Reconheço Rafael Jordão, o dono de um dos maiores bancos do país, num terno impecável conversando com outros homens e mulheres vestidos como se estivessemos num casamento. Antes de falar com ele, cumprimento sua mãe e sua irmã. Não somos íntimas, mas pergunto sobre o sobrinho do Rafael para sua irmã, mais por gostar do menino do que por educação. Igor é um garotinho muito fofo! Como o aniversariante desaparece, vou à mesa onde estão meus tios.

Tio Bernardo parece que nasceu para a vida de rico em seu terno de alta-costura. Nem parece que um dia trabalhou num açougue, com a roupa de fim de dia marcada por sangue e gordura, o negócio de nossa família antes de minha prima virar socialite. Tia Estela está linda num vestido vinho justo ao corpo. Outra que esbanja riqueza com uma naturalidade invejável.

Conversamos um pouco sobre a festa, como tudo está perfeito. O tempo todo olho para os lados, e percebo tarde demais que estou dando bandeira, enquanto meu olhar vagueia pelo ambiente.

Estou nervosa. Agitada.

Alguém já era para ter aparecido.

Quem reaparece é Rafael, e eu o parabenizo com um abraço pelo ano de vida e pela festa, antes de ele sentar-se à mesa conosco. Logo taças com champanhe são servidas e garçons passam com petiscos finos deliciosos.

— Seus pais não vêm? — Ele me pergunta.

— Alguém tem que tomar conta do restaurante.

— Vocês precisam viver! — Ele faz uma cara feia. — Hoje é dia de festa!

Rio, pois ele é a pessoa mais *workaholic* que conheço. Antes de eu responder, Gabi ironiza:

— Ah, sim. Você diz isso depois de passar um bom tempo discutindo trabalho na festa do seu próprio aniversário.

Ele lança um olhar devoto e apaixonado para ela. É muito fofo!

— Da próxima vez, vou falar que minha esposa me proibiu de falar de negócios hoje. E... — ele olha para nós — preciso roubar a Gabi de vocês.

— Ah, é? — Ela o interroga também com o olhar.

— Vou te apresentar a algumas pessoas.

Eles pedem licença e saem. O braço dele pousa possessivo na cintura dela.

Bate uma invejinha branca ver os dois tão apaixonados enquanto meu romance, surgido na mesma época, não vingou. Mas se fosse para apenas uma de nós duas estar hoje casada e feliz com um dos amigos Alberto e

Rafael, ainda bem que é a Gabi, pois eles definitivamente são a alma gêmea um do outro.

— Foi um pouco de desfeita seus pais não virem. — Minha tia recrimina.

— Tia, o Rafael ajudou a todos nós sem pedir nada em troca, eles estão no direito de não se sentirem bem com o convite. Numa festa de qualquer mortal dificilmente meus pais seriam convidados. Nem sei se *eu* seria convidada para o aniversário do marido da minha prima, se ele não fosse um homem podre de rico. Eles seguiram com a rotina do restaurante. Noite de sábado é sempre tumultuada.

Algumas vezes, nos permitimos um pouco de descanso ou meus pais e meus tios trocam de turno, mas o fim de semana é sempre o período que nunca deixamos o restaurante descoberto de nossa presença. Eu não estou lá, assim como meus tios, obviamente.

Nós três já bebemos taças e mais taças de champanhe. Com cerca de uma hora de festa, meu tio migra para o uísque. O estado ébrio, por mais que ainda seja leve, não é o melhor para resolver algum problema de última hora no *Recriação*.

É justamente nesse instante que Alberto aparece. Respiro fundo impactada por sua beleza masculina e viril.

Alberto está de terno, camisa e gravata da cor do carvão. Seu rosto másculo e um pouco bruto foi esculpido para ser admirado de perto ou de longe. Sua beleza é vista de qualquer ângulo. Não há apenas um lado fotogênico, ele não precisa fazer pose para sair bem na foto ou no vídeo. A barba rente que ostenta só o deixa ainda mais pecaminoso. Já o vi barbeado e até com pelos mais espessos e nunca deixou de ser lindo. Um arrepio percorre meu corpo com a recordação de sua barba roçando minha pele. *De todas as formas*.

A boca deliciosa ri, seus lábios nem finos nem grossos exibem dentes brancos alinhados. Fico hipnotizada observando como se mexem enquanto conversa com seus amigos. Eu amo esse sorriso. Amo mais ainda o jeito como seus olhos castanhos ficam menores e mais brilhantes quando está feliz exibindo esse sorriso.

Não sei se, atraído pelo meu olhar, Alberto me encontra.

E eu acompanho o sorriso descontraído e relaxado se transformar num perverso e safado, enquanto seu instinto predatório toma conta do olhar. Estar sob sua mira eletrifica meu corpo, seus olhos quase são capazes de acariciar minha pele. Ele molha os lábios, morde o inferior, assumindo uma aparência ainda mais devassa. Sinto um desconforto lá embaixo, pois me lembro de tudo o que ele faz com seus lábios, língua e dentes. *E a barba.*

Só agora me dou conta que eu também mordo meu lábio inferior. Solto-o, pois não quero provocá-lo.

Não, Samantha!

Não caia nessa arapuca de novo.

Alberto fala algo com seus amigos praticamente sem tirar os olhos dos meus. Há uma troca de abraços, tapas nas costas e apertos de mão, até ele se afastar e vir direto para mim.

Ajeito-me na cadeira com uma grande dificuldade de sustentar o olhar. Nunca foi assim. *Nem com ele.* Meu coração bate num ritmo diferente. Estranho. Que não gosto. Que me deixa insegura. Que me faz querer sair correndo daqui.

Que me faz querer que ele chegue logo aqui, antes que eu faça a besteira de fugir dele.

Sou Samantha Vasconcelos! Não fujo. Não sou intimidada. Há de nascer o homem que me fará sentir medo.

Corrijo minha postura para que fique mais ereta e altiva. *Desafiadora.*

Isso! Isso mesmo! Pode vir, Alberto. Você sabe muito bem o que vai encontrar aqui, agora que não tenho como escapar.

— Boa noite. — Ele cumprimenta meus tios. — Oi, Sam.

O sorriso dele me faz querer tirar a calcinha e lhe entregar com os pés. *O que me lembra que estou de cinta.* Cacete! Ele nunca pode pensar na existência dessa vestimenta em mim.

Sua mão estendida é um convite para que eu levante.

Dou um sorriso para meus tios. — Já volto.

Aceito sua mão quente e levanto para irmos a um lugar mais reservado para a nossa primeira conversa cara a cara depois de tanto tempo.

E eu vejo o que eu temi todos esses meses (cuja soma é maior do que um ano). Vejo *a análise*. Análise que se ele verbalizar, perderá todos os dentes.

— Oi, Sam. — Ele repete o cumprimento e me dá dois beijos demorados no rosto, gesto que eu repito. *E só demoro porque ele demorou.*

— Olá, Beto.

— Você está linda! — Ele diz com um sorriso largo.

— E você não está nada mal.

— Fico muito feliz por finalmente reencontrar você. Do jeito que estava fugindo, achei até que não viria.

Faço um esforço hercúleo para ignorar o “fugindo”.

— E perder essa festa maravilhosa? De jeito nenhum! Sou fã do Jota Quest.

— Vamos lá pra área VIP.

Olho para a ala abaixo da que nós estamos. É a segunda principal daqui e noto que está mais animado. Posso até dizer que estou num camarote, mas a verdade é que faço parte da elite, sou VIP dos VIP, estou no Monte Olimpo numa festa privada para deuses, onde nem os mortais mais importantes podem entrar.

Conversamos banalidades pelo caminho, repetições dos nossos diálogos por mensagens que trocamos durante todo o tempo que não nos encontramos pessoalmente. Paramos perto de um grupo de amigos que conheço por sair de vez em quando na companhia de minha prima que mergulhou nesse mundo bem mais fundo do que eu, já que eu só vinha quando tinha certeza que Alberto não apareceria.

Cada vez que dizem “oi, sumida” ou frases similares, ponho a culpa no restaurante. E falar sobre o *Recriação* rende.

— Minha cunhada falou que o seu prato especial de quinta retrasada estava divino! — Monique, uma moça metida, mas legal, comenta. — Soube que a refeição principal dessa noite são pratos seus.

— Ah, sim.

Todos comentam que querem provar. Fico um pouco receosa de fazer comentários, pois nem todos participarão do jantar especial de aniversário, cujos pratos são versões de receitas que sirvo no restaurante. Uma é o prato favorito do aniversariante (uma versão gourmet de grão de bico com frango, pois o magnata é chegado em comida de vó) e o outro é uma versão de uma refeição que fiz essa semana.

Não gostei muito da ideia de passar minhas receitas para o bufê contratado preparar meus pratos, mas houve o cuidado de criarem uma cláusula no contrato do serviço de que as receitas fornecidas não poderiam ser utilizadas em quaisquer outras ocasiões. *Menos mal.*

A festa está programada para três mil convidados. Tem os habitantes do Monte Olimpo, que são os familiares e amigos mais próximos do aniversariante; a galerinha VIP formada por artistas e empresários que ele conheceu ao longo dos anos, socialites e subcelebridades que normalmente são convidados para eventos assim; e a galera da geral, que ficará na pista. Na última, estão os funcionários do Banco Jordão que mais se destacaram com direito a um convidado. Eles ainda não chegaram. A entrada só será permitida para o show e eles foram liberados do traje esporte fino, embora, pelo que Gabi disse, eles foram aconselhados a se vestirem bem arrumados para o aniversário do dono do banco.

— Você gosta dessa porra porque gosta de barulho! — Alberto comenta num tom mais alto que o de seus amigos, atraindo minha atenção. — Essas motos só entram na lista de melhores por causa de quem só sabe encher a boca pra falar que tem essa merda.

Já não estamos tão perto um do outro e posso olhar bem para ele. O papo de moto continua entre ele e os amigos. Acho que desde que os conheço, escuto esse tipo de conversa. A diferença é que quando ouvi esse assunto pela primeira vez, ele não deu bola. Conversava comigo e havia um mundo particular gostoso e só nosso que faz uma imensa falta agora.

Se alguém ouvisse uma reclamação minha desse tipo, poderia me recrimir, pois ele conversou um bocado comigo desde que nos reencontramos e agora está tendo um tempo bom com amigos. Mas *quando ouvi esse assunto pela primeira vez*, eu tinha passado praticamente o dia inteiro ao lado dele. E duvido muito que ele não tenha visto essas mesmas

pessoas ontem, já que Alberto é rueiro, boêmio, e uma noite de sexta em casa só é possível se estiver muito doente, com muito trabalho ou cuidando do seu único filho, Felipe.

E era nesses dias que ele estava com o filho que eu cedia ao pedido da minha prima e saía com a patota de amigos do Rafael Jordão e Alberto Muniz, pois certamente Beto não apareceria.

O olhar dele encontra o meu, e ele sorri e me dá uma piscadela. Era para ter molhado minha calcinha, mas sabe aquele olhar safado que ele me deu enquanto eu estava sentada, um pouco longe do Beto? *Pois é...* não vi nem sombra dele.

E se ele pensa que eu vou me contentar com essa piscadela, ele está muito enganado!

Continuo a conversar com as garotas, preciso pescar o assunto do momento enquanto dançamos a música baixa que toca para animar um pouco, e não deixar o ambiente apenas ao som de milhares de vozes misturadas.

— Oi.

Olho para o lado e vejo um moreno pecaminoso com um sorriso lindo que merece ser retribuído imediatamente.

— Olá. — Digo, obviamente, sorrindo.

— Tudo bem, linda? — Pergunta com a voz sedutora e inesquecível.

Essas três palavras inflam meu ego, que não é nem um pouco modesto. E elas também me despertam para a *sua voz*. Eu a reconheço. Olho para ele com mais atenção.

Cara, não sou fã de realities shows, mas, às vezes, alguém lá do restaurante pega o celular e faz comentários sobre o que rolou no confinamento, coloca uma cena e outra. E essa voz me chamou atenção. *Realmente ele tem uma voz inesquecível*. Lembro-me de vê-lo no programa, sentado à beira da piscina, conversando com outros participantes do *reality* que também tinham os corpos sarados.

O único problema é que eu não faço a menor ideia de qual seja o seu nome.

Suspiro, mantendo o sorriso. — Está tudo ótimo. A festa até agora está incrível.

É, *eu sei...* Eu não fugi de um comentário clichê, mas eu não sei o nome do sujeito.

— Prazer, Samantha. — Estendo a mão para ele delicadamente.

— O prazer é todo meu. — Ele a pega suavemente e a leva para os lábios. — Nunca te vi nesses eventos.

A regra da etiqueta pede que você se apresente também!

Bem, por enquanto não estamos numa situação embaraçosa. E ele também está no papo clichê.

— Ah, você se refere a eventos com celebridades? — Ele assente. — Eu não tenho costume de vir. Estou aqui, pois sou amiga do aniversariante.

— Ah, sim. Rafael Jordão. Ele é muito maneiro.

O elogio parece genérico, como se alguém fosse “maneiro”, por ele não saber dizer absolutamente nada sobre a pessoa.

— É. Ele é muito *maneiro*.

Nos minutos seguintes, ele me pergunta o que eu faço, e, quando digo que sou *chef* de cozinha, ele fala de dezenas de programas culinários que eu poderia participar e até me dá dicas para sobreviver e chegar à final. Mas isso foi logo esgotado, pois ele entra no assunto do *reality* que ele próprio participou, me faz rir contando alguns episódios sobre Fulano, Cicrano e Beltrano, mas não menciona a porra do próprio nome.

Infelizmente, por mais que me faça rir, a conversa em si é entediante. Estamos conversando há cinco ou dez minutos, todavia a impressão que tenho é a de que se passou meia hora. Se eu estivesse com Alberto, não acharia moroso e seria como se conversássemos por meia hora, com a impressão de ter passado apenas cinco minutos.

Nenhuma conversa que tive com ele até hoje foi enfadonha. Só que cá estou eu, conversando com um homem que flerta abertamente comigo, numa roda de amigos mais do Beto e desse subcelebridade do que minha, e o cara que mexe comigo não está nem aí.

Eu estava certa sobre a piscadela. Alberto não me deseja mais.

Quem dera se eu considerasse esse chocolate saboroso como a possibilidade da noite. Mas será difícil eu conseguir olhar para alguém nessa festa como uma boa transa, com Alberto tão perto de mim.

Ou não. Quando uma mão desliza pela minha cintura, reconheço pela eletricidade que passa do corpo dele para o meu, que Alberto resolveu se apossar de mim. Um fato que constato quando olho para o lado e vejo seu rosto encarar firmemente aquele que considera como um oponente.

Isso mesmo! Dá mole pra “tu ver”!

— E aí, beleza? — Alberto fala para o cara.

— Ah, sim. Sim. É... É... *Tchau, Sam.*

— *Tchau... não sei seu nome.* — Só a primeira palavra soou alta, o restante foi um sussurro. Encaro Alberto. — O mal do artista é achar que todo mundo sabe quem ele é. E esse cara nem é artista.

Ele abre a boca, mas não solta uma palavra. Vejo sua língua fazer pressão sobre os dentes superiores até emitir um estalo.

— Se não sabia quem era por que falou com ele?

— Ele veio falar comigo e fui simpática.

A língua coça querendo dizer que para o que eu e o “sem nome” faríamos, nem precisaríamos saber nossos nomes verdadeiros, mas me contenho. Não forcei uma situação que causasse ciúme. Apenas fui *simpática*, como eu me justifiquei para Alberto.

— Nem sei por que o Rafa permitiu que o babaca do Will viesse.

— Will Batista! *Isso!* O nome dele. Ainda bem que você disse, ou teria que procurar nos sites de fofoca.

Alberto rola os olhos irritado.

— É estranho ver uma festa desse tipo. — Comento olhando para o mar de gente. — O Rafael nem gosta dessa notoriedade.

— O Banco Jordão está fazendo uma campanha. Quem está na área VIP fez doação de cesta básica para uma ONG que o BJ apoia.

— Ah, eu não sabia.

Ele encolhe os ombros. — Você faz parte da festa que ele daria sem que fosse um espetáculo.

Sorrio. — Sou chique, bem!

— Ah, Doutor Muniz, ainda bem que te encontrei. — Uma mulher entre os quarenta ou cinquenta anos o aborda.

— Oi, Giovana. Aconteceu alguma coisa?

— O DJ está com alguns problemas. Está reclamando e ameaçando não tocar.

Alberto ri. — Sério? Rafael já sabe?

— Não, achei melhor falar com você primeiro.

— É. Hoje é aniversário dele. Vamos lhe dar uma folga. — Alberto olha para mim. — Quer que eu te deixe primeiro lá em cima?

— Ah... Pode deixar. Fico aqui conversando... *com a Monique*. — Meu acréscimo é por causa da carranca que começa a se formar no seu rosto.

— Tá. Já volto.

Ele me dá um selinho, um gesto muito automático que nos pega de surpresa. Observo-o se afastar, sentindo ainda a pressão que seus lábios fizeram nos meus, junto com o breve roçar da sua barba. Um beijo totalmente diferente do que eu pensei para essa noite como nosso primeiro.

Sim, eu pensei num beijo. Um beijo melado, demorado, que roubasse o fôlego e me fizesse flutuar.

Não essa coisa mecânica!

Imagina se eu resolvo escrever um livro, e narro que, depois de mais de um ano sem ver o homem que desperta em mim sentimentos fortíssimos e que tenho até medo de nomear, a porra do primeiro beijo de reencontro foi uma merda de um selinho de menos de um segundo completamente automático? Cara, se eu fosse a leitora de um livro assim, eu ficaria com ódio e jogaria o livro ou o e-book bem longe. Pode ser a realidade de alguém, mas eu ficaria muito, mas muito puta de ver o esperado beijo apaixonado ser a porra de um selinho!

Pode ser a realidade de alguém, mas...

É a porra da minha realidade! Respiro fundo para controlar a minha ira.

— Você e Alberto têm que se resolver logo! — Laís, que acho até que estudou com ele, comenta, tirando minha atenção da porra do selinho. — Já

está na hora de vocês pararem com esse vai e vem, e se acertarem!

Encolho os ombros, fingindo que não dou importância ao que ela diz. Meu silêncio a induz a falar um pouco mais, no entanto, à frente de onde nós estamos, começam a entoar “parabéns pra você” e vejo Rafael nos últimos degraus, com Gabi ao seu lado.

Minha prima logo me avista e está no seu olhar que ela só espera uma brecha para vir até aqui, enquanto todos tentam abraçar seu marido (o cara está cercado por umas cinquenta pessoas e há mais um montão tentando se aproximar). Mexo com os lábios “vou subir”, enquanto aponto para mim mesma e para cima. Gabi imediatamente se despede do Rafael, que dá um beijo caprichado na esposa, antes de se embrenhar na multidão.

Despeço-me das pessoas que aqui ficam, sem saber se elas irão para a área privilegiada. Prometo voltar a quem me pergunta e até dizem que avisarão ao Alberto que eu já subi.

Como será quando eu e ele nos reencontrarmos? O beijo deixou nossa situação bem mais esquisita. Vou ao banheiro para ver como estou. Seja como for esse reencontro após o *maldito selinho*, terei que estar plena e linda.

Dez quilos a mais, e ele notoriamente ficou incomodado. Mas ainda sou gostosa, desejável.

— Linda. Poderosa. Maravilhosa. — Repito meu lema para o espelho, sem me importar se há mais alguém aqui dentro.

Quando saio do banheiro, o aniversariante já está mais para voltar para sua área VIP dos VIP, do que continuar a cumprimentar essas pessoas que nem sei se conhece. Sua direção muda repentinamente para interceptar Alberto, que ia de encontro aos amigos que conversava há pouco. Os dois estão bem perto de mim e escuto um pouco da conversa sobre o DJ. É quando subo o primeiro degrau que ouço:

— Porra, nem pra falar que a Sam engordou. — Alberto reclama.

Paro no mesmo instante. Não consigo vê-los. É como se estivessem encostados à parede ao lado da escada. Ainda bem que não subiram.

— É? Não reparei. E se tivesse reparado, por que falaria? — Reconheço o tom indignado do Rafael.

— Fala sério que não reparou! E por que não falaria?

— Porra, ela é prima da minha esposa! Você acha mesmo que eu vou fazer qualquer comentário, mesmo se tivesse reparado?

— Falando desse jeito, parece até que nunca tivemos um papo assim.

— É... Algumas coisas mudam. E é sério: não reparei mesmo.

— Tá. Vou procurar a Sam pra subirmos pro jantar.

Seria totalmente indigno fingir que eu não escutei, ir para o andar superior correndo, ou, quem sabe, pedir ao Rafael para fingir que não me viu, já que ele em menos de cinco segundos deve subir a escada.

E seria totalmente “não eu”.

Desço o degrau que subi e tenho a *sorte* de dar de cara com Alberto. Deixo evidente em meu rosto que eu ouvi cada palavra dita sobre mim. Meneio a cabeça e tudo, minha boca está torcida para demonstrar minha indignação às suas palavras. Ele perde a cor tão rápido, que o amigo pergunta se ele está bem.

— Ah. — Rafael suspira ao se deparar comigo.

— Não precisa me procurar. Nem agora. Nem depois.

— Sam... — Alberto me chama com a voz cansada.

Rafael murmura um “fui” e me deixa cara a cara com Alberto.

— Sam... É um papo normal, porra, eu não sabia que você estava ouvindo.

— Você é um babaca.

Tá, eu e Gabi conversamos sobre algumas particularidades sobre o marido dela e esse *traste*, e até outros namorados, ficantes. Mas uma coisa é falar abertamente com seu confidente e tudo ficar em segredo, outra é ser descoberto. E vou deixá-lo completamente envergonhado.

— Você, por acaso, comenta com o Rafael sobre a esposa dele? Acho que não, ou não seriam mais amigos.

Depois que falo essa frase, fico com mais ódio ainda do que eu ouvi.

Afasto-me da escada. Ir para o jantar será o mesmo que sentar ao lado de Alberto. Aposto minha mão direita, se eu não estou sentada ao lado desse babaca.

Ele segura meu braço e eu forço que me solte.

— Desculpe, Sam. E o que eu disse não muda nada.

— Mudou. Eu vi que mudou, Alberto. Incomodou tanto que você desabafou com seu amigo!

— Vamos lá pra cima. O jantar será servido daqui a pouco e estamos chamando atenção.

Meneio a cabeça. — Eu não vou sentar ao seu lado.

Afasto-me dele. Ele me chama de geniosa, e, *ah*, ele sabe que eu tenho um gênio do cão!

Há muitas coisas que deixavam um reencontro com Alberto complicado. Eu estar acima do peso era só uma delas, e a mais fácil de ser resolvida. Só precisava Alberto não se importar com a porra dos dez quilos a mais!

Um garçom passa com vinho. Anuncia ser tinto e seco. Ele enche minha taça e eu praticamente a entorno em minha garganta, enquanto seguro seu braço.

— Mais. — O garçom hesita. — Por favor. Eu sou a cunhada do dono da festa.

Ele imediatamente põe um sorriso no rosto e derrama o vinho na taça.

— Obrigada, você é muito gentil! — Ironizo.

Aproximo-me do parapeito, enquanto sorvo o vinho com mais calma, ainda irritada demais. Um bom vinho, mas provavelmente uma versão bem mais barata do que o reservado para a elite. Aqui é como se estivéssemos no Titanic. Os convidados terão o serviço de acordo com seus passes para as classes A, B e C (que ainda não teve permissão de entrar no navio), e espero que, para o que quer que aconteça essa noite, o resultado não seja um naufrágio grandioso.

Não há placas com nomes nas mesas desse andar, diferente das de cima. Até há algumas mesas com placa de “reservado”, porém genérica. As pessoas são servidas de pequenas porções, optando por entre os dois pratos da noite. São tão pequenas que alguns convidados já até antecipam e pegam um de cada. Um garçom se aproxima de mim com uma bandeja para eu escolher um prato. Não importa estar sentado ou não. Aqui reina a informalidade.

— Prove esse.

Quase pulo de susto com a ordem tão próxima. Só faltou pegar o talher e me oferecer na boca o filé de pato ao molho de laranja e risoto. Assustei-me tanto que, por conhecer a voz, achei que era o moreno do *reality*. Qual o nome dele mesmo? Ah, não importa! Porque de frente para mim está Adrien, o loiro, alto, de olhos azuis, incrivelmente belo que me convidou para jantar no início dessa semana.

— Assustei?

— É... assustou um pouco.

Ele me cumprimenta com dois beijos nas bochechas e me entrega o prato. Depois, pega para si a salada de grão de bico com frango defumado, o outro prato da festa.

— Vi você vagueando um pouco perdida, e gostaria que me desse a honra de jantar comigo novamente.

— Ora, obrigada!

Como não há formalidades e lugares demarcados, sentamos à mesa mais próxima. Provo a comida. Não está fiel ao prato original, mas é uma alteração por causa da mão no tempero. Uma reprodução muito próxima da que eu sirvo no *Recriação*.

Conversamos pouco enquanto jantamos. Ele me pergunta o que fiz a semana inteira, e respondo que todos os dias foram de muito trabalho. Ele também. Como não demonstrou interesse por saber sobre minha cozinha, cortei quando ele tentou se estender sobre assuntos do seu próprio restaurante. Ficamos no terreno seguro que é falar sobre a festa e depois sobre seus filhos.

— Eu costumo levar e buscar o Pedro e o Henrique no colégio. — Ele comenta. — Como trabalho apenas à noite e a mãe deles de dia, estamos todos os dias com as crianças.

— Isso é muito bonito. — Digo com sinceridade. — Essa harmonia faz bem para eles.

— Sim. Bastante. Moramos no mesmo prédio, eles podem ir para minha casa ou para a casa dela.

Ah... Não sei se isso pode dar certo para possíveis namoradas. *Ou namorados*, no caso da mãe.

— É uma surpresa muito agradável te reencontrar hoje, Sah. — Arregalo os olhos por causa da forma um pouco diferente (embora não seja inédita) de me chamar. — Posso te chamar assim?

— Ah, claro, Adrien. Isso se você não se importar de eu não imprimir um sotaque francês no seu nome.

— Ah, é o nome do meu avô. Ele faleceu um mês antes de eu nascer e minha avó pediu a homenagem. Ele era francês, quero dizer, *eles eram franceses*. E meu pai aceitou o pedido. Toda minha família me chama assim.

Quando o garçom passa servindo mais refeições, pego o prato com a que não experimentei. Esse está com o sabor bem mais parecido.

Sei que Alberto já provou esses pratos no meu restaurante. Sempre fugi dos elogios que ele queria fazer diretamente a mim, no entanto ele fazia questão de enviar mensagens de texto, de voz, algumas vezes até de vídeo, só para deixar bem claro como gostou da minha comida. Muitas vezes, jantou sozinho no *Recriação* e essa seria a primeira vez que degustaríamos de um prato meu lado a lado.

Quero pensar que só *ele* perdeu a oportunidade de estar ao meu lado, no entanto eu também perdi. Perdi seus elogios, perdi seu bom humor. *Perdi*. Não dá mais para eu simplesmente voltar lá para cima e recomeçar o jantar.

E cá estou eu pensando no babaca que reclama que o amigo não lhe avisou do meu aumento de peso, enquanto tenho uma refeição agradável com um cara lindo e legal.

— O primeiro não está bom? — Adrien pergunta e não sei se busca aprovação, o que é estranho.

— Ah, está delicioso! — Digo sorrindo para espantar qualquer impressão de eu não ter gostado do prato. — É que quero provar os dois.

— Sim. — Ele também sorri e olha para seu próprio prato. — Esse aqui também está muito bom.

Ah! Ele não quer saber sobre o meu restaurante, mas gosta da minha comida.

— É esse aqui está muito bom.

— O *magret* daqui está melhor do que o do meu restaurante?

Ah, não faça isso.

Os dois pratos são uma delícia, o dele é uma receita tradicional e o meu com um pouco de releitura.

— Como você é *chef*, peço uma opinião sincera. Essa receita foi passada para o meu bufê fazer, porque o aniversariante é cunhado da dona da receita ou coisa assim.

O bufê dele.

— Até que é boazinha, mas essa montagem, *o sabor...* Seria melhor ter servido minha receita que é mais tradicional?

Ele está com o ego ferido. Seu restaurante tem ótimas críticas, ele está à frente da cozinha (por mais que eu tenha jurado não voltar, descobri um pouco mais sobre o Le Metz). Eu só não sabia que ele tinha um bufê e que seria este o contratado pelo Rafael. Não que fizesse diferença, pois há duas semanas que as receitas foram enviadas para a reprodução.

Só que seu ego cheio de expectativa bate de frente com *o meu ego*. Entendo perfeitamente a situação dele, se alguém me fizesse tal pedido, eu acharia uma afronta. O problema é que a receita é minha. E não vou fingir que não é para jogar a autoestima dele lá pra cima.

Seria quase mentir. Na verdade, seria uma omissão. E tenho certeza que posteriormente essa *omissão* viraria uma *mentira*, talvez uma mentirinha idiota, entretanto sei exatamente que mentirinhas bobocas ficam cabeludas com o tempo.

— Fora que esse grão de bico com frango defumado está muito bom, mas... *falta...*

— Essas receitas são minhas.

Pronto. Golpe rápido. Seco. Nunca tente depreciar o prato de um *chef* na cara dele. Ignoro completamente a expressão surpresa em seu rosto e continuo:

— Eu, particularmente, amo essa receita. — Refiro-me ao pato. — Foi uma das primeiras que eu recriei e fui elogiadíssima pelos meus professores e ela me garantiu um emprego num renomado restaurante em Copacabana,

antes de eu ter o meu próprio. É um dos pratos que mais sai no meu restaurante. Mesmo se eu quisesse, eu não conseguiria ser imparcial, pois eu **amo** minha obra-prima. *Mas* a sua receita também é saborosa.

Ele respira fundo ao final do meu breve discurso.

Ah! Não fui tão má.

— Ah! Esqueci. O prato de frango com grão de bico é o favorito do aniversariante. É um que não sai muito, pois as pessoas não põem fé nele, mas, quem come, repete.

— É, Samantha. — Sua voz sai um pouco ácida, mas ele imprime um sorriso no rosto. — Você é a dona do *Recreação*.

— *Recriação*. Sim, é o meu restaurante. Conhece? Ou só conheceu por causa das receitas que teve que provar?

— Achei um abuso não poder entrar para conhecer e ter que esperar dois meses por uma mesa.

— Que pena! Se tivesse cruzado com você na porta, eu certamente o convidaria para jantar.

De alguma forma, essa frase consegue amenizar o clima ácido que se instaurou.

— Sua receita está de parabéns. Desculpe um ego ferido.

— É, eu diagnostiquei o ego ferido. Também sofro desse mal.

Nós nos encaramos, os dois com o mesmo sorriso desafiador e o olhar aguçado. Acresço ao olhar dele uma boa dose de *desejo*. Um ingrediente que está mais para uma pitadinha de nada no meu.

Um homem lindo desses, companhia agradável, e eu só penso no que estou perdendo por não estar ao lado do outro.

— Não sei quantos elogios você recebeu essa noite, Sah, mas você está deslumbrante. Já estava maravilhosa de jeans e agora com esse vestido, *oh là là!*

— Humm, obrigada! Você está lindo. Essa gravata azul deixa seus olhos mais incríveis.

Outro garçom se aproxima de nós. Após recolher o prato, solicita a presença do *chef* na cozinha.

— Ah, a hora dos parabéns está chegando. Eu preciso subir... tem o bolo. Gostaria de me acompanhar?

— Não perderia os parabéns por nada.

Ele ri. — Ah! Esqueci! Você é cunhada do Rafael Jordão. Por que não está lá em cima?

Franzo o nariz incomodada com a pergunta por mais uma vez me lembrar de certo alguém.

— Ah, preferi ficar aqui embaixo. Uma decisão maravilhosa, já que nos reencontramos e tive um jantar agradável.

Nós saímos da mesa e caminhamos para a área reservada para os mais íntimos. O segurança nem olha muito para mim, pois me reconhece das inúmeras vezes que me viu ao lado de minha prima. A análise ao carinha ao meu lado é mais minuciosa. Honestamente, não sei se deixa passar direto, pois se lembrou de que o nome dele está na lista ou achou que seria constrangedor demais perguntar se ele está me acompanhando.

Principalmente depois de ter visto bem de perto minha discussão com Alberto.

A maioria dos convidados acabou a refeição e já está de pé, conversando, segurando taças de vinho, champanhe ou outras bebidas em grande maioria alcoólicas.

— Preciso confirmar com o aniversariante se ele seguirá com o protocolo.

— Claro.

Nós andamos até a mesa principal, de onde minha prima me observa com curiosidade. Me dá vontade de rir, então só fico com a expressão de criança arteira.

— Vocês já se conhecem? — Rafael pergunta um pouco desconfiado.

— Ah, nos conhecemos no início da semana. — Adrien responde sem titubear. — Jantamos juntos no meu restaurante.

— Totalmente ao acaso. — Esclareço. — Tanto naquele dia, quanto hoje.

— Bem, estava tudo muito bom, maravilhoso. Você executou as receitas da Sam muito bem.

Adrien agradece com a cabeça, antes de verbalizar um “obrigado” orgulhoso. E só fico pensando que se eu tivesse fingido (não que eu fosse, logicamente) que as receitas não eram minhas, agora estaríamos num momento muito constrangedor.

— Sam, você pode vir aqui rapidinho. — Gabi pede. — Já volto, amor.

Os dois trocam um selinho e um sorriso íntimo.

— O que foi que eu perdi? — Ela pergunta quando paramos em frente ao bar.

— Um Cosmopolitan. — Peço ao barman. Preciso de vodca na veia. A bebida só chega quando eu termino de narrar o que aconteceu na escada. — Por isso não subi.

— Imaginei que você e o Alberto tinham brigado. Ele subiu com a cara de quem queria matar um.

— Hum! — Aprecio a bebida. — Delicioso! Quer?

Ela revira os olhos, mas bebe um gole. Depois pede um para si.

— O Rafa falou que vocês discutiram, mas não comentou o motivo.

— Claro que não. Seu marido é um perfeito cavalheiro.

— Mas o Alberto te chamou de gorda?

Tá... exagerei nessa parte.

— Disse que eu engordei. Dá no mesmo.

— Sam, você não está gorda, pelo amor de Deus! Sim, ganhou uns quilinhos, mas está numa obsessão que está assustando a mim e aos seus pais!

— Tá, olha só. Eu vou procurar uma nutricionista ao invés de entrar numa dieta maluca. Até porque não deu certo a que eu fiz especialmente para hoje.

— É, isso me deixa mais tranquila. Mas me conte como você conheceu o “*Eidrian*”. — Ela diz o nome dele errado, porém mantendo o “r” francês. — E você não me falou nada sobre ter jantado com um, Rafael que me perdoe, um gato daqueles!

— Ele queria só um sexozinho gostoso antes de iniciar o expediente no restaurante. — Gabi arregala os olhos, e eu reviro os meus, por ela sempre se chocar comigo. — Ou transar a noite toda na casa dele, já que disse que estava de folga também. E o nome dele é *Adrien*. — Já feri demais o ego do sujeito por ele servir o banquete com pratos com minha assinatura, para errar seu nome.

— Não vire agora. O Alberto não tira os olhos de você. Ainda está bem carrancudo.

Dou de ombros, fingindo que não quero vê-lo.

— Problema é dele!

— É. Ninguém mandou ele ser um babaca.

— Babaca é o nome dele oficial nessa noite.

A nossa conversa cessa quando Rafael se aproxima com Adrien para nos chamar para cantar parabéns. Dá para ver que ouviu como nos referimos ao seu amigo, e não gostou nada, nada. Dane-se. E tenho certeza que ele não vai fofocar para o amigo babaca que nós o chamamos de *babaca*.

— Vamos? — Ele pergunta para minha prima após mal o bolo ser partido.

— Vocês já vão?

Gabi fica vermelha igual a um pimentão. Esses coelhos só faltam dar cria.

— Combinamos de ir embora após cortar o bolo. Meus pais também já vão. Quer uma carona?

— Ficarei pro show.

Abraço os dois. Digo para Rafael cuidar da minha prima e ele me dá uma resposta tão honesta de que sempre cuidará dela, que fico feliz por ela ter encontrado um homem como ele. Pouco depois, despeço-me dos meus tios e esse andar fica sem sentido.

Os parentes do aniversariante que ainda não foram embora também acham isso, pois a área VIP está repleta de *very important “people”*. Não dá para ignorar, né!

Pego minha clutch e antes de chegar à escada, Alberto tenta me interceptar.

— Não me toque!

— Samantha, você está fazendo uma tempestade num copo d'água.

— Se você não me deixar passar, faço um furacão num copo d'água!

Ele respira fundo. Com raiva.

Foda-se!

— Quem é aquele cara?

— Não sabe? *Adrien!* Você jantou a comida dele. É muito indelicado agir como se ele fosse um mero “cara”.

— Vamos conversar, Sam. — Joga a toalha com a voz cansada.

— Estou com muita raiva de você.

— Você vai se encontrar com ele?

Solto um suspiro também cansada dessa conversa e até dessa noite. Só não me arrependo de ir embora, pois amo o Jota Quest e não vou arredar o pé daqui porque Alberto quer estragar minha noite a todo custo. E fico em silêncio, pois sua pergunta não merece resposta.

— Samantha, nós nunca saímos com outras pessoas na frente um do outro. Se você sair com aquele babaca por causa do que ouviu, vai abrir um precedente.

O babaca aqui é você!

E o nível de babaquice do Alberto aumenta drasticamente com o que acabo de ouvir.

— Foi um comentário que eu fiz. — Ele continua. — Peço desculpas por tê-lo feito e principalmente por você ter ouvido.

A vontade de ir embora fica mais forte. Ele está conseguindo acabar com a minha noite. Preciso mentalizar as músicas da banda para me dar um bom motivo para continuar aqui.

— Sabe, o que você disse pro seu amigo me incomodou, porque esse aumento de peso *me* incomoda pra cacete. O que ouvi foi o de menos, para o nosso... *O que nós temos?* Não é namoro, sequer é um relacionamento aberto ou uma amizade colorida. Estamos há meses sem nos ver e você age

como se não houvesse esse tempo entre nós. Eu estou cansada! Minha prima e seu amigo se conheceram no mesmo dia que nós dois. Essas confidências que vocês fazem talvez sejam similares as que eu e ela fazemos. Mas há muito tempo eu finjo que não me importo com essa falta de compromisso, Alberto. Há muito tempo eu tenho vergonha de dizer até para minha maior confidente que aceitei mais uma vez ir pra cama com você. Que mais uma vez cedi. Sempre finjo para todos que agimos como meros conhecidos todas as vezes que nos encontramos. A verdade é que há muito tempo eu fugia de você, Alberto. Era você quem criava oportunidade de estarmos juntos. Era você que fazia exatamente o que faz agora: me procura porque quer terminar a noite com muito sexo, mas depois... — encolho os ombros — depois não há nada. Talvez seja melhor abrimos esse precedente. Já passamos da hora de acabar com esse ciclo.

Dou um passo para trás sustentando o seu olhar. Segurei todas as lágrimas e estou com raiva de ter um olhar mais brilhante por causa delas, *que não vão cair.*

Dou mais um passo para me afastar dele, e seu corpo se inclina sutilmente para frente, como se um fio nos unisse, uma força magnética nos atraísse. *Mas ele não vem.* Apenas seus olhos revelam o desejo. *Tá...* O desejo que ele sente por mim me toca. Quase fisicamente. O desejo. O único sentimento liberado com fervor na nossa relação. O desejo que me faz umedecer meus lábios. O desejo que parte os lábios dele *desejando* os meus.

E é assim que sempre paramos na cama.

Dou-lhe as costas e mantenho uma pose ativa enquanto caminho pelo salão e desço a escada. Gastei uma fortuna nesse vestido para andar encurvada lamentando o fim de um relacionamento que nunca existiu. Apenas depois de me despir em casa que me permitirei chorar.

Isso, se eu chorar.

Alcanço o último degrau, e não ter meu braço segurado é mais uma decepção. Talvez eu chore em alguma música. *Ou em várias.* Agora, preciso de uma boa bebida.

Observo que a área VIP está ainda mais cheia e o andar inferior lotado. Vou ao bar e peço uma caipirinha de kiwi. De cachaça mesmo.

— Vai misturar bebidas?

Olho para o lado a tempo de Adrien ser servido de tequila.

— Quem é você para me recriminar? — Brinco.

Ele vira sua dose de uma só vez e quase não faz cara feia. Pergunto se tudo correu como ele gostaria, e ele fala sem parar sobre o seu sucesso. Realmente estava tudo delicioso e no momento quero alguém com um ego inflado para falar sobre si, pois não estou com cabeça para bater papo. Escutamos aplausos, gritos e olhamos na direção do palco. A banda já está lá e a primeira música começa logo após a saudação.

Por várias músicas somos apenas gritos, letras de música e dança sem comprometimento com o ritmo a não ser pular bem alto. Até que começa a cantar “Fácil” e, ofegantes, cantamos o refrão da música abraçados. A música seguinte é ainda mais lenta e nós nos encaramos ainda com os corpos colados.

Deixo meu braço cair. Cantar com Adrien foi o mesmo que fazer dupla com um amigo de longa data, daqueles que nunquinha sairão da *friendzone*. Cada canção cantada a plenos pulmões até agora foi para calar minha mente sobre quaisquer pensamentos relacionados ao Alberto. Alguns momentos atraí olhares de quem não entendia a histeria que me atingia.

Mas essa música que começou, diferente da outra, é *complicada*. Canto seus versos que são como facadas no meu peito. Uma estrofe fere minha alma:

*“Já pensei em te largar
Já olhei tantas vezes pro lado
Mas quando penso em alguém
É por você que fecho os olhos
Sei que nunca fui perfeito
Mas com você eu posso ser
Até eu mesmo
Que você vai entender”*

Não sei porque mexe tanto comigo. Acabei de ser eu mesma, e *ele* não me entendeu. A não ser que finja não me entender.

O pior é que a melodia lenta faz com que Adrien volte a tocar meu braço. Faz com que ele pare de dançar e fique de frente para mim. Eu queria sentir pelo menos um décimo do desejo que me consumia quando eu dava algo parecido com um ultimato para Alberto. Nem precisava ser o que era quase um encantamento sensual quando eu permitia que nos déssemos tão bem.

Está na hora de eu virar a página. Já olhei tantas vezes para o lado em busca de alguém para me ajudar a esquecer-lo. *Minha nossa!* Eu já traí numa viagem relâmpago que Alberto fez para me ver. Não pensei duas vezes e traí um namorado que me tratava muito bem, pois Alberto me ligou praticamente na porta da minha casa, dizendo que sentiu saudade e tinha vindo ao Rio só para me ver.

Alberto morava em São Paulo até pouco mais de seis meses atrás, e enfrentou um voo só para estar comigo. E foi embora na manhã seguinte sem qualquer promessa de reencontro. Eu me senti tão mal, que terminei o namoro e para minha família eu verbalizei que houve uma traição, mas que eu fui a traída. Na verdade, eu me sentia traída. Pelo cara que nunca assumiu um compromisso comigo.

E agora estou prestes a beijar o cara errado. O hálito alcoolizado não é capaz de me inebriar o bastante. Seu rosto está cada vez mais próximo do meu e meu coração bate mais forte por *eu* abrir um precedente.

Um movimento brusco acaba com todos os meus pensamentos. O puxão que me faz dar meia volta. Me faz bater contra um tórax largo que não tenho tempo de identificar de quem é, até que sua boca esmaga a minha.

Reluto.

Reconheço.

Retribuo.

Nesse beijo ainda há uma parte de mim com raiva do seu silêncio, com ódio de ele esperar eu quase beijar outro para tomar uma iniciativa. Então é com raiva que eu o beijo. Raiva por desejá-lo, por não conseguir resistir, por querer esse maldito beijo e muito mais.

Minhas mãos agarram seu cabelo macio e deixo que a raiva se extravase puxando os fios de um jeito que lhe causa dor. O gemido que ele solta deixa

bem claro que atingi meu objetivo. Não que ele se importe, pois me abraça com ainda mais força, sua boca consome a minha ainda mais voraz.

Um esbarrão nos desperta para o mundo que nos envolve. A música já mudou, agora toca uma mais dançante e todos que nos cercam estão mais agitados e novamente recebemos um esbarrão.

Enquanto eu analiso tudo que nos cerca, Alberto não tira os olhos de mim, sua respiração forte soprada ora no meu rosto, ora no meu cabelo, quando viro a cabeça. Ao virar um pouco mais meu corpo, suas mãos seguram com mais força meus quadris, pois sabe que procuro Adrien.

— Vamos sair daqui. — Ele exige, deslizando o braço para minha cintura, me conduzindo pela multidão até a saída.

Putá merda, fiz de novo! De um jeito pior. Eu estava quase beijando o loiro, quando esse moreno enviado pelo diabo para perturbar meus sentidos me reivindicou para si.

Bem, *não traí o Adrien*, talvez isso seja um ponto a meu favor.

Eu sei que eu devia parar no meio da pista e perguntar como será daqui para frente, mas o estrago foi feito. Eu cedi, e um beijo com Alberto tem o mesmo efeito sobre mim do que o sexo que fazemos. Ir para a cama com ele já não faz a menor diferença para um futuro arrependimento.

Ah, sim! Sei que vamos parar na cama. Não dá para pensar mais que essa noite acabará sem eu e Alberto transarmos até esgotarmos todas as nossas energias. Terá que cair um meteoro cataclísmico para que não aconteça um sexo de sugar toda nossa força.

Meu Deus! Estou de cinta! Eu Lhe imploro! Não me deixe esquecer.

E não me esqueço. Trinta minutos num passeio de táxi até a minha casa deu para acalmar um pouco o desejo. Beijamo-nos o caminho todo, acariciamos os nossos corpos quase à indecência. E o desejo aumenta ainda mais quando ele beija minha nuca, enquanto eu pego a chave de casa.

— Preciso de um banho. — Digo assim que abro a porta.

Ele me encosta à parede e me beija. Retribuo gritando “cinta, cinta, cinta, cinta” na cabeça. *Negativo!* Ele não me verá nunca com esse troço. Seu olhar pidão não me persuade.

— Se quiser beber alguma coisa... comer... enquanto eu tomo um banho.

Ele assente. Está ofegante e noto que se eu bobear, ele me pega de jeito. Por isso, não lhe dou as costas enquanto caminho para longe. Resignado, decide ir à cozinha. Só então me tranco no banheiro. Depois de colocar a cinta no meio do vestido e embolá-lo, tomo um banho rápido de corpo inteiro.

Seu olhar varre meu corpo coberto por uma fina camisola preta de renda e cetim. Vejo o movimento lento de seu pomo de adão e o intento de me tomar agora.

— Tem uma toalha lá no banheiro pra você.

Ele me dá um meio sorriso safado e irritado, antes de ir ao banheiro.

Vou à cozinha me servir de um vinho branco que já está aberto na geladeira. Bebi bastante essa noite, misturei bebidas, mas ainda preciso de mais uma dose de entorpecente em forma de álcool antes de perder os sentidos com o sexo. Esse vinho, em particular, me acalma. É sinônimo de fim de noite quando tudo deu certo no restaurante, mas ainda estou agitada demais para dormir.

Sinto a presença de Alberto atrás de mim. Aproxima-se, tornando o ar mais pesado, minha respiração mais forte. Estremeço por completo, um arrepio inexplicável, já que todo meu corpo está *quente*.

E não é por causa do vinho, cuja taça é tirada da minha mão e depositada delicadamente no mármore largo da parte interna da janela. É Alberto que me mantém sempre quente para ele.

Estremeço novamente com o beijo plantado em meu ombro, o primeiro de uma trilha que vai até minha nuca. Arquejo baixinho e, de olhos fechados, aprecio esses toques que começam suaves, até ficarem mais intensos, seus lábios mais demorados em minha pele, enquanto sobe mais e mais até alcançar o lóbulo da minha orelha.

Ai! Assim, eu me desmancho todinha!

Dou meia volta e encontro o que eu já sentia: seu peito nu. A toalha está em volta da sua cintura. Ele não mudou nada. Os gominhos de sua barriga

trincada são admiráveis, seu tórax largo não tem muitos pelos negros, o que me faz querer lambê-lo todinho.

Acaricio com a ponta dos dedos, arranhando levemente sua pele com minhas unhas. Um tremor percorre seu corpo e seus olhos ficam ainda mais carregados de luxúria. O hálito mentolado soprado em meu rosto indica que ele usou minha escova de dentes e essa intimidade mexe ainda mais comigo.

Resvalo levemente meu nariz pelo seu peito, sentindo um pouco da fragrância amadeirada do seu perfume habitual, embora esteja encoberta pelo cheiro do meu sabonete. Planto um beijo e outro e outro até o seu pescoço, e faço um novo tremor percorrer seu corpo quando beijo seu queixo e mordisco seu lábio inferior.

Nossos olhos se encontram. Se desafiam para descobrir quem vai fazer o outro colapsar primeiro. Quem vai fadigar o outro de tanto prazer.

O mais provável é que nos esgotemos juntos.

Sempre é assim.

Antes de soltar seu lábio, sua boca avança sobre a minha e a suavidade termina. De olhos fechados, deixamos apenas que os outros sentidos além da visão comandem nossos gestos.

A exploração agora envolve dentes chocados e nossas línguas. Nossos lábios se movimentam numa combinação perfeita de harmonia e voracidade. Devoramo-nos para saciar o apetite pelos beijos que não demos por todo o tempo que ficamos separados.

Nossos abraços ficam mais apertados. Minhas unhas fincam ainda mais duramente em sua pele. Incontrolável. *Sem querer*. Por mais que eu queira marcá-lo por dias com linhas retas avermelhadas por toda a pele de suas costas, não quero lhe causar dor. Ele estremece, porém não me dá espaço para lhe pedir desculpas.

Sua mão acaricia brutaemente minhas costas. Deslizam para baixo, arrancando-me um gemido alto quando alcançam minha bunda e aperta com força a minha carne, antes de me fazer impulsionar em seu colo, para, em seguida, Beto nos afastar da janela.

Não quebramos o beijo enquanto ele caminha, mas rimos ao sentir a toalha escorregar pelo seu corpo. Porém é só sentir a parede fria em minhas costas que o sorriso acaba. Resta apenas o fogo que aumenta suas chamas quando sua ereção bastante rija roça na minha calcinha, um pequeno pedaço de renda que atrapalha tanto nesse momento que não sei por que eu a vesti.

Alberto me põe delicadamente de pé. Logo suas mãos descem pelo meu corpo, acariciando suavemente minhas curvas. Seus lábios trilham beijos até chegarem ao meu mamilo e resolverem beijá-lo sobre a camisola. Gemo sentindo sua mão na calcinha, deslizando-a pelas minhas pernas, que mexo para ajudá-lo a nos livrar desse lingerie incômodo.

Ao invés de voltar para mim, Alberto se afasta, deixando-me pegando fogo contra a parede fria. Seus olhos percorrem meu corpo com tanto desejo que até me esqueço da minha insegurança.

— Você é muito gostosa, Sam! — Ele verbaliza o que seus olhos e sua ereção muito trincada enxergam.

Seu olhar só sai de mim quando ele procura algo pelo chão. Encontro ao mesmo tempo que ele a camisinha jogada perto da toalha, onde ele provavelmente a prendeu antes de vir para cá. Tenho vontade de lambê-lo, chupá-lo, todavia apenas observo o invólucro ser rasgado e o preservativo cobrir seu pênis.

Quando volta para mim, sou prensada com mais força contra a parede e uma de suas mãos descem para minhas nádegas.

— Tão molhada! — Ele diz ao mirar seu pênis sobre meu clitóris, depois volta a me suspender. — Está pronta pra mim?

— Ah, sim! — Sussurro incapaz de ouvir minha voz. — Ah, Beto!

Ele penetra, alargando-me com sua ereção corpulenta. Preenche meu canal bem devagar, ora adentrando, ora saindo um pouco, porém mantendo sua glândula dentro de mim.

Movimentos que me fazem revirar os olhos e delirar de prazer. Não consigo para de gemer e também escuto seus gemidos e palavras safadas enquanto me toma.

— Olhe pra mim, Sam.

Ainda estou com o rosto voltado para cima, quando olho dentro dos olhos dele. Minhas costas estão arqueadas, minha respiração ofegante. Rebolo em sua ereção e escuto um “puta que pariu” baixinho acompanhado de um gemido gutural. Rebolo novamente e sua mão agarra meu cabelo.

— Não tire os olhos dos meus.

Sua boca engole a minha, enquanto sua ereção desliza lentamente para fora.

— Ah! — Exclamo alto, quando retorna impetuosa. Ele sai de novo e volta a investir com força auxiliado pela gravidade. — Ah, isso! Faz bem gostoso!

Volto a rebolar em sua ereção e ele se movimenta animalesco. Sua boca ataca meus seios parcialmente nus, meu pescoço, minha boca. A cada movimento do meu quadril, fricciono meu clitóris e o prazer que cresce em mim aos poucos rouba a minha sanidade. *Rouba a dele também*. Aperto meu interior e ele freia seus movimentos completamente ofegante. Ouço mais um “puta que pariu” abafado.

— Adoro quando você faz isso.

Faço de novo, então ele recomeça. Ainda nas primeiras estocadas, reteso com a onda do orgasmo. Agarro-o com força. Seu corpo quente e suado combina mais com o meu do que essa parede já não tão fria, porém dura demais. Cravo meus dentes em seus ombros. Essa posição o deixa fundo demais e quero compartilhar um pouquinho de dor.

Com meu estado de júbilo, ele investe com força, agora em busca do seu próprio êxtase. Estoca impiedosamente até que seu corpo todo enrijece, com sua ereção completamente enterrada em mim. A força de seu gozo é tão forte que sinto os jatos lá no fundo mesmo com a camisinha.

Um pouco recuperada do meu orgasmo, movimento meu quadril lentamente de encontro ao dele. Esgotado, Alberto vai ao chão lentamente. Senta-se sem me tirar do seu colo e sem se tirar de dentro de mim.

— Você não sabe o quanto senti falta de você. — Ele sussurra no meu pescoço e beija minha pele salgada do suor.

— Eu também senti muita falta sua. — Confesso.

Seus dedos acariciam lenta e suavemente minhas costas. O único som ouvido é o de nossas respirações ofegantes. Forço uma respiração mais funda para recobrar o fôlego e ela sai falha. *Falha* porque ele volta a dar sinais de vida no meu interior.

— Quero você. — Ele diz chupando o lóbulo da minha orelha e o ponto do pescoço abaixo dela. — Mas quero na sua cama.

Eu rio. — Esgotou?

— Quero fazer bem gostoso com você agora.

Seu dedo do meio desce a linha da minha coluna e termina no meu buraquinho. Respiro fundo e abro um sorriso sacana. Ele também.

Saio de cima dele, sentindo minhas pernas esgotadas, embora elas tenham ficadas suspensas no ar. Elas estão em consistência de gelatina e nem sei como consigo ficar de pé.

Olho para baixo, para a ereção que acabou de abandonar meu interior ainda coberta pela camisinha. Está completamente deliciosa.

— Porra! Você tá linda pra caralho!

Após sua declaração, ele agarra a parte de trás das minhas coxas e me puxa para mais próximo de si, ao mesmo tempo que se ajeita.

Pernas, por favor, não fraquejem agora que sua boca cobre meu sexo. Seguro seu cabelo enquanto ele me atíça com a sua língua, com os seus dedos. Dois deles preparam meu orifício apertado para seu pênis.

E a toalha que caiu no chão vira um ótimo apoio para meus joelhos, o sofá deixa minha posição e quatro mais confortável. Ele abre mais uma camisinha e pergunto-me quantas ele colocou na toalha.

Pergunta que não faz o menor sentido, quando sua glândula grossa roça meu buraquinho. Tento relaxar para que a entrada seja... *digamos...* um pouco mais *fácil*. Mas estou há muito tempo sem entregar a alguém essa partezinha do meu corpo e... *fiquei desacostumada*. Alberto, o último que entrou aqui, força sua passagem lentamente, arrancando-me gemidos de dor e prazer.

Beto segura meu cabelo e a pinicada que eu sinto me distrai um pouco da dor. Seu abdômen, depois seu tórax cobrem minhas costas quando ele se deita sobre o meu corpo.

— Você está tão apertada! — Sua voz rouca soa perto do meu ouvido. Delírio de prazer quando morde o lóbulo da orelha. Quando entra mais um pouco, solta um som sibilante. — Caralho, que gostosa!

Ele beija minha nuca, chupa e acho que ficarei marcada, no entanto, quando sua mão livre vai ao meu sexo, estimulando-me com maestria, não consigo pensar em mais nada. Há muito prazer!

— Isso, Sam. Goza bem gostoso.

E é o que eu faço. Meu corpo sacoleja com o orgasmo, e preciso controlar o grito libertador que teima querer sair de dentro de mim. Mas as investidas mais frenéticas de Alberto me fazem liberar arquejos altos que até ecoam um pouco nessa madrugada silenciosa. O som que ele libera quando se derrama novamente em mim é mais baixo e estrangulado.

— Ah, Samantha!

Desperto ouvindo som de chaves. Abro os olhos a tempo de ver Alberto parcialmente vestido com a calça social e a camisa ainda não abotoada. O chaveiro acaba de ser colocado no bolso da calça. Ele tomou banho, o cabelo ainda está molhado.

Solto um suspiro e ele olha para mim.

— Bom dia, Sam. Já ia te acordar.

Espreguico-me e fico sentada. — Acordou há muito tempo?

— Ahn, não muito.

Ele se senta na ponta da cama e eu o assisto calçar as meias e o sapato.

— Que horas são? — Pergunto já procurando meu celular no criado-mudo.

— Quase uma hora. — Alberto responde, sem olhar o relógio. Confiro que faltam dez minutos para uma. — Eu ia fazer um café, mas acho que um almoço é melhor esse horário.

Você me espera tomar um banho para almoçarmos juntos no restaurante?

Essa pergunta seria absolutamente normal se fôssemos outro casal.

Não... Outro casal não faria uma pergunta esquisita dessas.

É isso que eu e Alberto somos. Passamos a noite juntos, fizemos sexo maravilhoso, cada um aproveitou o outro o máximo que conseguiu, então... então vem... *isso*.

— Já vou. — Ele diz se pondo de pé. — Adorei nossa noite. *Ou madrugada...*

O sorriso sacana morre quando vê que eu não retribuo.

— Você vai ver seu filho?

Ele se espanta com a minha pergunta.

— Ah, não. Esse fim de semana ele fica com a mãe.

Balanço a cabeça concordando “*com nada*”.

Essa será a última vez que teremos essa conversa. Só para constatar: essa é a primeira vez que ele vai embora e eu digo algo além de “tchau” ou qualquer outra frase que indique uma despedida sem que demonstre meu ressentimento.

— É muito importante você sair *agora*?

— Tenho algumas coisas pra fazer em casa e... — ele passa a mão pelo corpo — tenho que conseguir uma roupa mais normal para passar o dia.

— Entendo. — Mais uma concordância vazia.

— Acho que mais tarde nós nos encontraremos de novo. — Ele dá uma piscadela.

Se eu sair com a minha prima talvez eu vá aonde a galerinha do Alberto se encontra.

— Vê se não some de novo.

Solto um suspiro lento e profundo. — Não, não vou sumir. Mas não vamos mais repetir a noite de ontem.

Eu não devia sentir nada. Eu e Alberto somos uma “foda casual”. Nem dá para dizer que somos amigos com benefícios ou que temos uma amizade colorida, pois *amizade* não é algo que existe entre nós. Não em seu sentido amplo. Sei que se eu pedir sua ajuda, ele prontamente vai me atender, porém não dá para falarmos sobre família ou trocarmos confidências.

Ele também suspira. Um suspiro profundo, porém um pouco mais breve que o meu, já que o ar saiu com bastante força.

— Sam... Por que colocar um ponto final? Nós nos entendemos tão bem!

E essa é mais uma parte bizarra da nossa relação *bizarra*.

— Sim. Nós *transamos* bem que é uma beleza! — O olhar dele sugere um pouco de indignação. — Mas estamos há quanto tempo nessa situação? Daqui a alguns meses, comemoramos dois anos de que tipo de relação? Enquanto você morava em outro estado, dava para entender... melhor, *engolir* nós ficarmos nesses encontros esporádicos de muito sexo, e depois cada um seguir com a sua vida, até a próxima vez que você viesse ao Rio. Mas agora você mora aqui também. Não receberei mais uma mensagem dizendo “oi, Sam, estou no Rio, quero te ver”. Você vai me procurar quando você literalmente estiver com vontade de trepar comigo.

Ele estremece com meu linguajar. Não há uma pessoa que conviva comigo que não saiba que eu não tenho papas na língua. Meus pensamentos são livres, alguns podem até soar contra mim. Mas esses são libertadores. Preciso botar um ponto final, pois eu já estou há muito tempo com tanta vergonha do que temos, que não tenho coragem de me abrir com mais ninguém.

— Eu não vou ser essa mulher. Você pode arrumar outra. Talvez uma que tenha ficado lá em São Paulo, para você fazer uma viagem qualquer para trepar com ela e impor a distância entre as cidades para não assumir um relacionamento.

— Conversamos mais tarde, Sam. — Ele diz secamente.

— O que vamos conversar, Alberto? Que você não está disposto a assumir um namoro, que *balábláblá* acha que *nós nos entendemos tão bem*. Você já disse isso e se esse é seu único argumento para continuarmos transando, o que fizemos ontem foi uma despedida.

Ele está ofegante. Suspeito que está suando, além de estar demasiadamente perturbado com minhas palavras. Sua mão vai ao colarinho da camisa, como se ele quisesse afrouxar a gravata.

Ele não está de gravata.

Os últimos botões da camisa sequer estão fechados e ele também não está com o paletó.

A minha respiração tenta ficar tão acelerada quanto a dele, embora eu esteja mais prendendo-a, com a esperança de que ele diga que tem, sim, algo mais para mim.

Assisto-o levar as mãos à nuca, respirar fundo e descer os braços bruscamente, antes de me encarar impassível.

— Eu sinto muito, Samantha. — Após essas palavras, engole em seco.

Alberto me encara e o silêncio entre nós é opressor. Quero que ele retire as palavras que acabou de dizer. Ele aparenta querer que *eu* retire tudo que disse.

— É só fechar a porta. A maçaneta não abre do lado de fora.

Deito-me na cama, tomando o cuidado de cobrir todo o meu corpo. Alberto baixa a cabeça e sai do quarto. Assisto impotente seu andar que parece derrotado. Talvez ele se sinta derrotado por ter acabado o sexo sem compromisso que tinha comigo.

A porta bate e uma lágrima desliza enquanto eu espero ainda ouvir passos pela casa. Sou uma burra por torcer que ele tenha apenas aberto a porta e desistido de sair.

Espero pela campainha. Vai que ele cometeu a estupidez de ter saído e a qualquer instante vai engolir seu orgulho e tocar a campainha para dizer que mudou de ideia?

Mas os minutos passam e nada além do barulho fraco do trânsito que vem pela janela quebra o silêncio absoluto. Fica seguro suficiente para eu chorar por ele. Derramar as últimas lágrimas.

Tiro o lençol de cima de mim bruscamente e saio da cama. Não! Não ficarei vegetando na cama por causa daquele puto babaca! Ele fez a escolha dele e eu a minha. Esse capítulo precisa ser fechado.

Foi sexo enquanto durou.

3

O restaurante pode ser considerado minha segunda casa. Sinto-me melhor aqui até mesmo do que na casa dos meus pais. Eles ainda não vieram trabalhar. Nem meus tios, que, por causa da festa de ontem passarão o dia em casa.

Cumprimento Seu Osvaldo que está na recepção, antes de eu ir para a cozinha. Fora da minha família, ele é a única pessoa que confio o *Recriação*. Esse espaço antes era sua propriedade. Hoje, ele brinca dizendo que sou sua nora e que ele se sente muito feliz por ver seu “filhinho querido” tão bem cuidado.

Primeiro sugeri uma sociedade. Eu sabia o quanto era apegado ao restaurante e como tínhamos uma relação maravilhosa, torci que aceitasse sem que se ofendesse. *Afinal, era o seu cantinho querido*. Ele me pediu uma semana para pensar, mas em dois dias respondeu que aceitaria se eu pudesse adquirir todo o restaurante, pois sabia que eu cuidaria desse espaço melhor do que ninguém.

Osvaldo é um senhor de quase setenta anos. Ele tem uma filha, Carla, uma peste irritante e louca. Nós duas estudamos juntas Gastronomia, mas ela nunca deu o menor valor ao trabalho do pai. Para ele, ela seria mais uma herdeira que ou venderia logo o negócio da família ou o levaria à falência. Com o dinheiro da compra, viajou, até que seis meses depois, ele voltou a frequentar. Era um freguês rotineiro, que passou a conversar sobre tudo o que acontecia aqui. Dois meses depois me pediu um emprego. É... *meu sogro* me ajuda a cuidar bem do seu *ex-filho*.

Depois de me trocar, confiro uma última vez o contato do Alberto. Nós nos falávamos quase todos os dias. Algumas vezes, eu o avisava que tinha

acabado de chegar ao restaurante (embora fugisse dele), e ele também costumava avisar quando chegava ao trabalho, que é perto daqui. Ele ficou online há menos de dez minutos, mas não há nada de novo em nossa conversa.

Entro no contato da Gabriela, que, ao contrário dele, me enviou uma mensagem, enquanto eu estacionava o carro aqui perto.

*** Gabi-Eu: Oi, Sam. Tá podendo falar? Tá em casa? ***

*** Eu-Gabi: Cheguei agora ao Recriação. ***

*** Está tudo bem? ***

*** Gabi-Eu: Sim. ***

*** Ontem quase não nos falamos. Estou louca para saber se o lance com o Adrian é sério!!! ***

Rio amargamente. Como seria a noite se eu tivesse escolhido o duvidoso que parece ser bem interessante?

*** Eu-Gabi: Não rolou nada. Ficamos boa parte do show dançando. Só isso. ***

*** Gabi-Eu: Sério? Só dançando? Nossa! O Alberto apareceu aqui com o humor do cão. ***

Alberto apareceu lá?

Não é nenhuma surpresa ele ter ido visitar o marido da minha prima. Os dois são amigos a vida toda e para toda vida. E trabalham juntos. Bem, ele trabalha pro marido da minha prima, assim como ela. E Gabi continua:

*** Gabi-Eu: Ele falou comigo de um jeito atravessado. Nós não somos melhores amigos, mas ele sempre me tratou bem. Hoje, foi bem seco. Tanto que o Rafa perguntou se tinha alguma coisa errada. ***

*** Os dois estão trabalhando no escritório. ***

- * Poxa! É uma pena você já ter ido ao restaurante. ***
- * Está um dia lindo e você podia aproveitar a tarde aqui comigo, para renovar o bronzado. ***
- * À noite, vamos à boate na Lagoa. Se topar, eu passo aí de noitinha para levar roupa pra você se trocar. ***

Ainda bem que estou trancada no escritório e ninguém pode ver minha indignação.

Filho da puta!

Filho da puta, filho da puta, filho da puta!

Filho. Da. Puta!

— Filho da puta! — Rosno baixinho.

O filho da puta foi pra casa da minha prima e fingiu que nada aconteceu entre nós.

***Gabi-Eu: Eles saíram agora do escritório e estão comentando sobre a saída mais tarde. ***

*** Acho que pode ficar tranquila. ***

*** Alberto está dizendo que não vai, o que torna tudo menos constrangedor, caso você queira levar aquele loiro. ***

*** Rafael que me perdoe (e você não se irrite), mas o cara é lindão! ***

Eu-Gabi: Oi, prima. Desculpe. Estou exausta de ontem. Meu turno começou mais cedo, sairei quebrada daqui. *

*** Fica pra próxima. ***

Despedimo-nos com carinhas de beijinho e coração, e eu faço uma força gigantesca para apenas repousar o celular sobre a mesa.

Minha vontade é de tacá-lo contra a parede.

E jogar o computador no chão, o arquivo, mas essas cenas só dão certo na televisão. Eu teria que ser muito louca para fazer essa asneira toda e depois ter que me virar para arrumar tudo, fora o prejuízo.

Caramba! Ele saiu daquele jeito porque tinha combinado encontrar com o amigo?

E se eu resolvesse me convidar para visitar minha prima? Nós nos encontraríamos no elevador, na garagem do prédio... quem chegaria primeiro e recepcionaria o outro lá em cima?

Dá vontade de levar o Adrien (nem corrigi a minha prima quando escreveu errado) para uma saída com os amigos do Alberto, só pra esfregar na cara de todo mundo que a fila já andou.

Solto uma risada amarga ao me dar conta que a fila *quase* andou, e por causa desse “quase”, Adrien não deve querer olhar nunca mais na minha cara.

Realmente. Na história da minha vida, já não há mais espaço para Alberto. Chega. Basta. Fim. *The end!*

Saio do escritório para a cozinha e nela me entrego de corpo e alma. Há toda uma equipe para lidar com a clientela na minha ausência, no entanto cozinhar é uma terapia.

Pego uma praça e me concentro em realizar meu trabalho perfeitamente. Estou confeitando as sobremesas, algo que nem gosto muito de fazer, mas é ótimo para prender minha atenção.

No fim da noite, eu ainda estou agitada demais para ir para casa. Não quero ficar sozinha com uma garrafa de vinho, ouvindo músicas deprimentes e cantando-as desafinada. Nem dá para sair com a Gabi, pois Alberto pode ter mudado de ideia se descobriu que não vou.

Após o banho, confiro se tive resposta de meus amigos sobre qual a boa da noite. Estão na Lapa. Era o mais provável, mas, às vezes, deixam de ir ao reduto boêmio e antigo do centro da cidade para ir a outros points noturnos cariocas.

Levo meu carro para casa. Cinco minutos de viagem e ainda cheguei e estacionei o carro antes mesmo que o carro que pedi por aplicativo chegasse.

A Lapa ferve mesmo nesse início de madrugada. Cumprimento Sara, Jéssica, Luiz e Henrique, primeiro. São os que mais tenho intimidade, além

de Dênis, meu ex-namorado, que mal consigo encarar por tê-lo traído com Alberto.

E meus pensamentos vão para Alberto.

Ainda sinto os efeitos da madrugada de ontem e estar perto do ex nessa situação me deixa ainda mais tensa, pois era assim que eu estava na época do nosso rompimento.

— Oi, Dênis. — Cumprimento com dois beijos no rosto o ruivo de olhos verdes, com corpo esguio e o rosto bem marcado por sardas.

— Oi, Sam. — Ele fala comigo com um meio sorriso. — Que bom que você veio!

Sorrio para ele e me afasto antes de tudo ficar esquisito demais. Falo com os demais apenas um “olá”, inclusive com Carla, a filha de Osvaldo, que finge que não me vê. Ela não se conforma com o revés de sua vida, e fez tanto drama para os nossos amigos, que alguns passaram a me olhar torto.

Peço uma Cuba Libre. A noite está abafada e nada como uma bebida refrescante para acompanhá-la após horas trabalhando na cozinha.

Sirvo-me dos petiscos gordurosos sobre a mesa, sem pensar no meu manequim. Amanhã, procurarei uma nutricionista e começarei a famosa dieta da segunda. *Se eu encontrar uma disponível já amanhã.* Essa noite, contarei com a ajuda da Coca-Cola para fazer a digestão dos provolones à milanesa! *Gente!* Quem inventou isso devia ser considerado um deus da culinária!

— E aí? — Dênis para ao meu lado. Nem vi a sua aproximação, pois observava o interior do bar decorado com tudo que se possa imaginar. Peças antigas e rebuscadas, quadros com as mais diferentes molduras. É incrivelmente lindo! — Vi mais um crítico elogiando o *Recriação*. Parabéns.

Sorrio. Sou muito orgulhosa do meu trabalho.

— Obrigada. E você, o que tem feito?

Ele fala que conseguiu a minha vaga no restaurante que eu trabalhei por alguns meses em Copacabana. Era de um professor nosso da faculdade.

— Que bom! — Sorrio. — Lá era uma loucura.

— Nem me fale! Cristóvão só sabe gritar. — Ele ri.

Realmente Cristóvão é um daqueles *chefs* histéricos que fazem sucesso na televisão, embora seja calmo e sorridente quando ministra suas aulas. Um dia o restaurante vai falir. Todos que saem de lá acabam por processá-lo por causa de assédio moral de tanto que ofende seus funcionários.

— Estou há quase um ano, mas já estou pra sair também. Vou pedir demissão essa semana e vou fazer um mochilão pela Europa.

— Ah, é! — Fico empolgada. — Vai pra onde?

— Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, República Tcheca, Rússia, Grécia, Inglaterra e Escócia. — Fala os países como quem já os repetiu um milhão de vezes. — Separei vários restaurantes para visitar.

— Tenho muita vontade de fazer uma viagem para degustar os pratos que tanto preparo nas regiões que eles foram criados.

— Ué, vamos!

— Não dá pra eu largar o restaurante assim, de uma hora para a outra. E tenho que me planejar. — Faço sinal de dinheiro com os dedos. — Aproveitarei uma viagem assim para negociar queijos e vinhos, principalmente.

Um dia pensei também em largar tudo. Trabalhar num restaurante aclamado pela crítica na Europa ou nos Estados Unidos. Durante um tempo na faculdade até fiz algumas pesquisas. Com o *Recriação*, essa ideia ficou esquecida e até impossível. Não consigo mais me ver trabalhando para outros *chefs*, seguir à risca suas receitas, ter a criatividade podada ou pior: roubada.

Aliás, Cristóvão quase tentou roubar uma receita minha. Ele era meu professor e pediu para eu reproduzir para o menu do restaurante dele um prato que eu tinha criado. Fiquei empolgada, crente, crente que ele me daria o crédito em seu cardápio, todavia me chocou dizendo que ele era coautor e que eu não poderia fazer sem o consentimento dele. Tive que recordá-lo que apresentei o prato fora do ambiente da faculdade, numa das confraternizações com meus colegas de turma e que alguns professores, como ele, eram convidados. Ficou um clima muito ruim entre nós. *Águas passadas*.

Meu único problema de dar a louca e sair numa viagem apenas com uma mochila nas costas seria ficar ausente no dia de pratos especiais de minha autoria. Bem, posso repetir alguma receita antiga.

Não, não vou surtar e jogar tudo pro alto!

Conversamos bastante sobre alguns lugares escolhidos, é lógico que não será apenas um roteiro gastronômico, visitará todos os pontos turísticos que estiverem pelo caminho.

Dênis é uma pessoa maravilhosa. Eu não o classificaria como um homem lindo, maravilhoso, tesudão, mas ele é uma pessoa tão incrível de conversar, estar perto, que eu começo a me sentir mal por não ter resistido a uma ligação, ao pedido para me encontrar com Alberto.

É só pensar no *motivo* da nossa separação que meu coração começa a bater forte e eu mal consigo prestar atenção no que meu ex-namorado fala. Se eu não tivesse conhecimento de parte do assunto por causa daquelas minhas próprias pesquisas sobre as viagens que ficarão engavetadas por um bom tempo, ele já teria percebido que meu nível de interesse caiu bastante.

Se fosse o Alberto, meu desinteresse seria notado na hora. *E cá estou eu pensando no Alberto.* O que será que ele está fazendo agora?

Alberto está conversando com outra. *Não, não estou especulando.* O filho da puta resolveu se divertir por aqui e está acompanhado de uma loira.

Uma sensação amarga toma conta de mim, enquanto eu vejo o homem que me devorou nas primeiras horas do dia conversando com outra mulher, que lhe oferece sorrisos, jogadas de cabelo para lá e para cá, e só falta abrir as pernas no meio da rua. Se ela as separar um pouquinho é capaz de o vestido subir à indecência e revelar sua calcinha (isso, se ela estiver usando uma).

Alberto está de jeans e camisa polo vermelha. Ele está quase de costas, mas tenho certeza que o braço dobrado à frente do seu corpo tem uma cerveja. É a única bebida que ele não reclama quando toma na rua, pois está acostumado com destilados dos mais caros, não oferecidos em qualquer estabelecimento.

Dá para ver de longe que ele tem dinheiro e muito. É o tipo de pessoa que nasceu em berço de ouro e pode estar vestido de trapos que não

consegue disfarçar sua nobreza. A pose sempre ativa e confiante é de quem nunca passou por perrengue na vida.

É lindo e sexy, como se fosse enviado pelo capeta para que nós, meras mortais, caíssemos em tentação sempre que batêssemos os olhos nele.

Mas isso não me dá motivos para ver a *arreganhadora de pernas* tentar pecar montando no pau dele.

Um pau bem pecaminoso.

— Ei, o que foi? — Dênis me desperta para si e para uma conversa que já nem sei em que pé está.

Foi meu carma!

Meus olhos estão mais brilhantes com lágrimas que ainda não precipitaram, mas talvez a ausência de uma resposta para uma pergunta tenha sido o motivo de Dênis finalmente perceber que eu não prestava atenção.

— Oi, desculpa, estava com uma ideia, formulando uma receita e me perdi completamente. — Suspiro ao final da minha justificativa fajuta.

Ele ri. Caiu direitinho e, às vezes, penso que se não fosse essa falta de atenção ao que eu sinto, se ele fosse mais companheiro nesse sentido de conseguir me ler completamente, eu não conseguiria traí-lo. Não que eu não fosse sair com o Alberto, mas daria um jeito de terminar antes com ele e ir para a cama do outro depois. Ainda é nojento, mas faria uma grande diferença.

Para meu alívio, alguns colegas nossos se aproximam, findando o monólogo dele.

— Eu vou pegar mais uma bebida pra mim.

Preciso de ar, e enquanto chego ao bar, entorno o resto da minha terceira Cuba. Preciso de algo mais forte. Talvez o rum puro e depois beberei a Coca-Cola. Talvez eu peça rum puro e mais uma Cuba.

Tudo porque não consigo deixar de pensar que ele pode ter vindo com a oxigenada, que já se beijaram e até já transaram antes de hoje.

Peço mais uma Cuba. Resolvo que será a minha última. Pego o celular para pedir um carro para ir embora, assim que eu terminar de beber. Estou ofegante, cheia de raiva. Minha noite relaxante foi pro espaço.

Olho mais uma vez para aquele desgraçado. Alberto está com a cabeça levemente inclinada para cima, enquanto vira os últimos goles da cerveja pelo gargalo. A mulher tagarela algo. Quase posso afirmar que ele está prestes a ir embora. Tenho certeza que ele não está bem, não está à vontade.

Mas, independentemente de estar à vontade, papo vai, papo vem, eles com certeza vão pro motel brincar de fazer neném.

Não tenho estômago para esperar e confirmar que ele vai, sim, com a piriguete embora.

Alberto vira a cabeça para trás e seu olhar encontra o meu entre tantos outros. Encara-me como se não acreditasse que me vê aqui bem perto dele.

Antes ele não tivesse me visto. Ainda mais olhando com ódio na direção dele.

Desisto de esperar minha bebida, aliás, nem sei por que demoram tanto para me entregar um copo com rum e uma lata de refrigerante. Saio pela lateral do bar, esquivando-me também de despedidas dos meus amigos.

— Sam! Pare, Sam! — Ele segura meu braço e me vira para ele.

E logo o fogo se acende. Somado à raiva, a explosão prestes a acontecer será arrebatadora. *Mas, diferente de ontem, hoje, eu me arrependerei.*

— Me solta, Alberto! — Puxo meu braço.

— Sam, olha... — Ele se cala.

Eu vi. Meu coração descompassado e minha respiração ofegante estão muito relacionados ao que assisti daquela maldita conversa. Estou com vontade de rasgar a roupa dele, de agarrar a sua boca e mostrar pra todo mundo que o gato pecaminoso é meu.

Só que não. Alberto nunca foi meu.

— Vá dar atenção à sua amiguinha!

Ele suspira. — Vamos conversar, Sam.

— Eu não tenho mais nada pra conversar com você. O que aconteceu lá fora deixa bem claro que não tem nem por que eu e você nos cumprimentarmos por aparência. Vá lá! Leve a oxigenada para um motel.

— Samantha! — Ele rosna meu nome, enquanto abraça minha cintura.

— Vim com o Tito e o Lucca, mas eles resolveram sair à caça e, mal fiquei

sozinho, aquela mulher apareceu. Eu não quero nada com ela!

Todo álcool que bebi essa noite não me inebriou tanto quanto estar nos braços dele. Estou intoxicada pelo seu perfume, pelo seu hálito de cerveja. Meu corpo reconhece sua pegada e recorda-se muito bem da penúltima vez que eu o vi com a cabeça levemente inclinada para cima e do que sua língua fez em meu íntimo.

— Você também não quer nada comigo. Eu nem sei por que você se dá o trabalho de se justificar. Achei que a parte de ser solteiro convicto era por não querer dar satisfação a ninguém! Por acaso, nós nos vimos essa noite, e, *mais ao acaso ainda*, eu vi você com uma mulher que poderia insistir só um pouquinho mais para você levá-la para longe daqui e terem uma noite tórrida.

— Você me tem tão em baixa assim? Eu estava com você ontem, Sam. Saí hoje com meus amigos para uma cerveja, só isso.

Ele demonstra realmente estar ofendido. E só não respondo que quem aqui não é considerado importante o bastante para construir uma relação sou eu, porque meu orgulho não permite.

Então há o silêncio. Nosso medo de soltar um pouco mais de verbo cortante. Há o desejo que é ainda mais forte do que a ausência de palavras.

A fragrância amadeirada do perfume dele me abraça com força e meus sentidos começam a entrar em parafuso.

Nunca me perdoarei se ceder hoje.

— É melhor você me soltar, ou eu vou gritar aqui.

Ele franze a testa. — O quê?

— Isso mesmo. Você está me agarrando e eu não quero nada com você, então me solte!

Ele me solta ainda incrédulo do que eu acabei de dizer, mas não testou se estou dizendo a verdade. *Ele me conhece muito bem.*

— Nunca mais. Nunca. Mais.

Afasto-me dele, olhando em seus olhos. Uma grande parte de mim quer que ele me peça em namoro, talvez de joelhos aqui no meio de todo mundo.

Quando ele desvia o olhar com esse meu pensamento, minha esperança acaba. Pergunto-me para que nos entendemos tão bem, se não há a menor possibilidade de ficarmos juntos.

A semana segue seu ritmo costumeiro. Estou, como sempre, atarefada.

O único problema é que hoje é o dia do prato especial e eu não consegui criar ou recriar nada. Ficar em casa tem sido um inferno, pois não há um cômodo que não me recorde *dele*. Como se eu não tivesse que pensar no sexo arrebatador que começou na sala e terminou no quarto, com direito a uma passadinha rápida no banheiro, Alberto deixou a gravata e o paletó sobre a máquina de lavar.

Não acredito que tenha sugerido que eu lavasse. Acho que o paletó dele precisa de lavagem especial, e minha máquina o destruiria. Minha casa é um ovo e muitas vezes uso a lavadora como um apoio de panelas, já que a lavanderia e a cozinha são praticamente um só cômodo. Recordo-me de que ele sugeriu preparar o café da manhã. Quase posso ver seu caminhar pela pequena parte da casa normalmente não destinada à visitação, e deixando ali as peças para pegarem um pouco do ar que é forte e fresco vindo do basculante da lavanderia.

E assim, como se não bastassem as recordações, minha mente fértil me bombardeia com situações completamente hipotéticas.

Só descobri quando cheguei em casa no domingo depois de encontrá-lo. Justo na noite que não precisava de uma recordação dele aqui.

Por isso, eu doe . *Ah, sim!* Não quero roupas de defunto aqui em casa. Resolvi sair com o paletó ontem, quando eu estava a caminho da consulta com a nutricionista (não, não adiei a consulta, apenas não consegui marcar na segunda). O cara que estava na rua deve ter me achado a pessoa mais bizarra do mundo por abordá-lo sobre o paletó já surrado que usava e oferecer um que era visivelmente novo e caro.

— *  um legítimo Armani.* — Eu disse. O cara tinha pouco dinheiro, era evidente por seu terno de loja de departamento e sapatos pu dos, mas soube

reconhecer a marca e não recusou mais a sacola. — *Tem uma gravata também. Gucci.*

Então, sobre a consulta. Primeiro encontrei a nutricionista um pouquinho acima do peso. Não tenho nada a ver com a vida dela, mas toda vez que reclamo dos dez quilos alienígenas que resolveram invadir meu corpo (e que acho que voltaram a ser doze) me recriminam. Quem está de fato com um sobrepeso considerável, me olha torto.

Caramba! Eu tenho o direito de querer ter o meu corpo magrinho de volta ou não tenho?

Mas ela não encanou, e considerou sim como uma preocupação o aumento de peso. Pediu-me para descartar gravidez, o que foi realmente descartado, já que só transo de camisinha e tomo anticoncepcional. Bem, com Alberto as interações são tão quentes que muitas vezes o preservativo é esquecido, como foi quando estávamos no banheiro antes de ir para cama. Depois indicou que deveria me consultar com um endocrinologista para fazer alguns exames e descobrir se está tudo bem comigo.

A consulta com o endócrino foi hoje mais cedo, um encaixe que me deixou duas horas esperando a minha vez no consultório. O doutor me pediu para seguir a dieta da nutricionista e me passou inúmeros exames entre ultrassonografias, sanguíneos e até de fezes e urina.

Há muito tempo eu não me consultava com um médico. Nem sabia que adultos também fazem tais exames. Achava que só criança para verificar verme. É... talvez eu esteja com algum verme que ao invés de ser faminto, apenas se reproduz em meu corpo, aumentando o meu peso.

Seria uma maravilha tomar um remedinho e toda essa massa alienígena fosse evacuada e esses dez ou doze quilinhos sumissem! Eu sei, é nojento, mas imagina se o problema de peso fosse esse? Um ato nojento e manequim perfeito de volta!

Volto a minha atenção à comida. Não me levem a mal, passo de oito a dez horas (às vezes, mais) em pé nessa cozinha, respirando, provando, comendo tudo quanto é tipo de comida. Nem sempre os pensamentos são, digamos, cheirosos enquanto cozinho. Como não criei nada de especial, peguei uma receita antiga e estou dando uma caprichada de última hora.

— Há um cliente à sua espera, Sam. — Minha mãe me avisa.

Olho para ela após terminar mais um prato. Minha mãe não viria falar sobre *ele*. Aliás, sempre que *ele* está no salão, meus pais inventam qualquer desculpa para o cliente que pede para me ver, até sugerem que venham à cozinha, só para eu não o encontrar. Então, Alberto não está aqui hoje.

E isso não me traz nem um pouco de paz.

Não estou com a menor vontade de falar com um freguês agora.

— Está de bom humor? — Pergunto.

— Ah, sim. E é bonito! — Ela arregala os olhos enquanto expressa sua aprovação.

Meneio a cabeça e rio. — É um cliente, mãe! Júlio, vou ao salão.

Ele faz um sinal com a cabeça e eu confiro meu dólmã. Está limpo. Sou muito organizada na cozinha, tem que acontecer algo muito anormal para ele não estar branquinho e sem manchas.

— Ele fez muitos elogios, perguntou se pode levar para viagem o pato ao molho de laranja.

— Hum! Se for tão bonito assim, posso sugerir que volte amanhã.

Saio para o salão e faço suaves medidas com a cabeça enquanto caminho. E não preciso que minha mãe aponte quem é o cliente.

Adrien.

Ele me observa com curiosidade, embora tente aparentar estar sério.

— É aquele? — Pergunto para minha mãe.

— É, sim! Lindão, né!

Eu rio. — Um deus nórdico! Foi ele quem fez o jantar do Rafael.

— Ah, foi? Ele não comentou.

— Está com o orgulho ferido. — Minha mãe não entende a extensão dos ferimentos dele, e explico apenas a parte fácil: — Por ter preparado minha receita ao invés da dele.

— Você acha que ele vai te destratar?

— Ele é um *gentleman*. Acho que não. Obrigada, mãe. Falarei com ele sozinha.

Minha mãe sorri e desvia seu caminho para a entrada. Eu vou até o Adrien.

— Me daria a honra? — Ele pergunta gesticulando para a cadeira à sua frente.

— Se tivesse comentado que vinha, ou avisado assim que chegou, podia convidá-lo para jantar comigo. — Falo após me sentar.

Ele desvia o olhar para a mesa. Estou apenas tentando manter o clima amistoso. No dia do jantar, conversamos bastante à vontade e tudo ficou na conversa. O que aconteceu no sábado é que foi atípico.

— Gostou?

— Sua comida estava maravilhosa!

— Obrigada. Mas por que não avisou que tinha marcado?

— Eu... — Ele limpa a garganta. — Eu fiz a reserva logo após concordar com a imposição de fazer sua receita, Samantha. Mas dei com a cara na porta na primeira vez que vim aqui.

— Você veio até aqui?

— Sim. Já tinha ouvido falar do *Recriação*, mas foi ter que fazer um prato seu que me deu o impulso de conhecê-lo. Liguei ainda do carro, na esperança de conseguir uma reserva de última hora, mas não foi possível e tive que me contentar com a marcação para depois de ter que servir seu prato no meu bufê.

E mesmo com tudo que aconteceu, ele veio.

— É... Desculpe pelo que aconteceu.

Ele anui bem devagar. — Aquilo foi bem...

Adrien meneia a cabeça como se ainda não acreditasse no que aconteceu. Um homem lindo desses pode até levar um fora de algumas pretendentes, como eu mesma dei, mas ter a mulher tirada dos braços para logo ela estar agarrada a outro deve ter sido totalmente inédito.

Sinto meu rosto quente com a vergonha. É muito constrangedor.

— Desculpe.

— Ex-namorado?

Meu peito soluça um riso. — Algo bem mais complicado que isso. Mas acabou.

— Dá pra ver que não acabou. — Diz olhando nos meus olhos. — Aliás, deu pra ver naquele dia que se eu tentasse puxar você de volta para mim, seria apenas para eu me sentir ainda mais... *patético*.

— Eu realmente não tive intenção. Desculpe. Mas... — suspiro — me diga: quer um novo jantar por não ter conseguido marcar uma nova visita?

Adrien sorri satisfeito por eu finalizar a conversa anterior.

— Na verdade, assim que cheguei, sua mãe comentou sobre o prato especial da noite.

— Ah, sim. Minha mãe sempre adverte, assim como os garçons, pois alguns clientes pedem um prato que viram, mas não está no menu.

— É, eles explicaram. E eu desisti do *magret*. E vou esperar meu e-mail com a receita.

— Rá-rá! Nunquinha!

Nós conversamos trivialidades por alguns minutos até que ele começa a intercalar suas respostas por olhadas furtivas em seu relógio.

— Preciso ir. — Declara finalmente.

— É. Algum compromisso importantíssimo pelo que reparei.

Ele anui. — Realmente é importantíssimo. São dez e meia e tenho que me apressar para chegar ao Centro para distribuir sopa aos desabrigados.

— Ah, que bacana! — Digo muito surpresa com a hora. Acho que estamos conversando há mais de uma hora e o tempo simplesmente passou sem que eu percebesse. — Nossa! Não sabia que você participava de uma ação tão bonita.

— É. Há alguns anos eu e meu amigos nos reunimos todas as quintas para fazer a distribuição dos alimentos. Você está muito atarefada? Precisa fechar o expediente?

— Ah, não. Posso combinar com meus pais para eles fecharem.

— Não está cansada?

Sorrio. — Não o suficiente para fazer uma boa ação. Você me espera? Vou falar com eles e trocar de roupa.

Meia hora depois, chegamos de táxi ao Largo da Carioca, o centro do Centro da capital fluminense. Um ponto bastante movimentado de dia e totalmente deserto na madrugada. De longe vemos a organização em torno de uma van. Há várias pessoas na fila para conseguir sua refeição, provavelmente a primeira do dia.

Não há muito tempo para apresentações aos demais, sou logo encarregada de servir um copo de suco e um pão embalado que talvez sobre para o café da manhã, embora eu acredite que muitos o devorarão hoje mesmo. São servidas muitas porções, alguns conseguem filar mais um prato ou um pão.

Ouvimos pedidos para que esperemos alguém chegar, muitas vezes, citam crianças. Aliás, me parte o coração ver tantas crianças ao relento. Jovens que não tenho dúvida serem usuários de drogas. É um baque bem forte dar de cara com o estado de miséria e abandono que muitos se encontram. Tanto que, quando finda a ação e entro em casa, não consigo me sentir em paz.

Meu telefone toca assim que saio do banho. É Adrien. Trocamos número de telefone quando nos despedimos. Sempre cavalheiro, ofereceu-se de me trazer em casa, mas seria completamente contramão para ele.

— E aí, chegou bem? — Ele pergunta após nos saudarmos.

— Oi, sim! Acabei de sair do banho.

— Eu também. E aí? Gostou mesmo?

Conto para ele toda a minha impressão.

— Infelizmente não se pode fazer muito. Há abrigos pela cidade. A maioria está lotado, mas há também aqueles que não querem ir.

— Nossa! Todas aquelas crianças na rua... é de partir o coração.

— Algumas já conhecemos há anos. Crianças que vimos crescer e hoje servimos na idade adulta. O Rômulo, que fez o voluntariado conosco, por exemplo. Vagueava pelas ruas perto do restaurante, e gostava de botar ordem na fila, quando servíamos no Leme. Hoje, ele trabalha lá no *Le Metz*. Faz a limpeza, mas toda quinta é liberado para nos ajudar na distribuição de alimentos.

Fico muito sensibilizada com as suas palavras. Rômulo é um rapaz franzino e simpático que ajuda a organizar a fila até hoje.

— Eu gostaria de ajudar. Ajudar mesmo. As noites de quinta são complicadas para mim no início, mas acho que consigo me programar para sair todos os dias às dez e me encontrar com vocês lá.

— Ora, obrigado!

— E o que tiver que comprar de mantimentos, me avise.

— Na verdade, estamos nos programando para o inverno. Estamos recolhendo agasalhos e cobertores.

Por mais que estejamos falando de uma bela ação de solidariedade, minha mente se volta para Alberto. Tudo por causa do paletó caro que ele esqueceu aqui. Um paletó que ainda estava com o cheiro dele, e a solidão talvez me fizesse algum dia dormir vestida com sua roupa.

— Marquei você na ação de ontem. — Adrien me desperta do meu devaneio.

— Marcou?

— Sim. Há uma página no Facebook que divulgamos o trabalho para conseguir mais doações.

— Ah, sim. — Respondo ainda meio perdida na conversa.

— Tem algum problema ser marcada?

— Não! Problema nenhum.

Nós conversamos mais um pouco sobre os projetos sociais, e um pouco sobre nossas vidas, até que somos abatidos pelo cansaço.

Deito de lado e abraço o travesseiro que Alberto repousou a cabeça. Pode ser piegas, mas tenho dormido com a cabeça no meu travesseiro e abraçadinha ao dele. Estou carente demais. Realmente fiz bem de me desfazer do paletó.

Sozinha, é mais fácil admitir que quero muito ligar para ele. Nem que seja para chamá-lo de babaca e filho da puta por dez minutos ou mais.

Só pra depois ele me cortar com sua voz sedutora e me fazer substituir cada xingamento por exaltações às suas qualidades na cama de um jeito bem gostoso.

É eu sei: estou pedindo para me encontrar com ele numa boate. *Implorando*.

E é por isso que estou vestida com a cor do pecado. Quero que ele veja o que está perdendo.

Salto do táxi e solto o cabelo preso num coque que me deu até dor de cabeça usar o dia inteiro, para que ele caia agora com ondas de supermodelo de passarela. Tive que trabalhar de touca, para não ficar qualquer resquício de cheiro de comida (principalmente fritura) nos fios. Tomei banho no restaurante, mas lavar o cabelo e secá-lo tomaria tempo demais e eu poderia perder a vontade de vir.

Ignoro as filas e os primeiros (VIPs ou não) me olham de cara feia quando entro após dizer meu nome. Antes de ir ao espaço reservado para os amigos do marido da minha prima, resolvo passar no bar. Preciso de algo bem forte.

E uma companhia. Seria legal encontrar um desconhecido que puxasse assunto comigo. Eu poderia conversar com esse alguém, e chegar linda e maravilhosa pendurada numa pessoa para aquele traste morrer de ciúme por ter me perdido.

Ideia legal, mas cada passo que me aproximo do bar deixa o meu coração ainda mais frenético, meu corpo ainda mais tenso. Recosto-me no balcão e o garçom abre um imenso sorriso para mim.

— Oi, linda. O que vai querer?

— Uma margarita.

Ele pisca sedutor pra mim. — Só se for agora!

— Sam?

Fecho os olhos enquanto absorvo meu apelido dito baixinho e com incredulidade, bem ao meu lado, pela voz rouca e forte do homem esculpido pelo diabo para infernizar a minha vida.

Bufo realmente irritada. A boate é imensa, o bar tem uma bancada gigantesca. Mas eu tinha que parar justamente ao lado do Alberto.

— O que você está fazendo aqui?

Ele pondera. Sabe que dizer que está na boate não é a resposta correta, pois a presença dele era muito esperada. Quero saber o que ele faz *aqui*, sentado no bar, bebendo algo que com certeza é servido lá em cima, provavelmente bancado pelo melhor amigo dele, que não acha nada demais oferecer champanhe e uísque para os mais próximos.

— Ouvi sua prima dizer que você estava chegando e resolvi me afastar um pouco.

Isso é estranho. — Por quê?

Ele suspira e parece cansado. — Você está sozinha?

Sua pergunta parece descabida até para si, já que é óbvio que estou sem companhia.

— Você está tão linda! — Seu olhar percorre meu corpo sem reserva. O decote do vestido vermelho tomara que caia deixa seus lábios entreabertos. — Sente-se, por favor.

— Eu vou lá pra cima. É só a minha bebida chegar que...

— Sam, eu e você viemos para o bar para nos evitarmos. — Ele desce do banco. — Por favor.

Aceito sua oferta. Estou acostumada a andar de salto e o que calço é muito confortável, no entanto não dá para descartar as horas que passei trabalhando em pé e quero dançar muito essa noite.

— Aquele cozinheiro vem se encontrar com você?

Demoro a responder. Compreendi de cara que fala de Adrien, mas não sei porque o cita, já que até onde é conhecimento do Alberto, o cara tem motivos para me odiar até a morte.

— Não.

— Você e ele estão... *saindo*?

— Me responde uma pergunta? — O olhar dele fica afiado. — Quando foi que eu passei a dever satisfações do que faço ou deixo de fazer?

Alberto resmunga baixinho algo ininteligível. Suas mãos agarram minha cintura e ele se encaixa em mim, fazendo o vestido colado ao meu corpo subir e ficar quase indecente.

— O que você está fazendo?

Ele não responde. De sua boca só sai um beijo possessivo e lascivo. Seus dedos enroscam no meu cabelo rente à nuca, quando tento me afastar, uma tentativa fraca, confesso, já que logo estou passando meus braços pelo seu corpo.

Sua língua dança com minha em movimentos libidinosos, um beijo com a intensidade dos mil beijos que não demos essa semana.

Sua boca deixa a minha, a barba arranha meu rosto enquanto ele trilha beijos até a minha orelha.

— Você me deseja tanto quanto eu te desejo, porra! — Ele rosna antes de chupar o lóbulo. Sabe que eu me derreto com essa carícia e o gemido que solto é apreciado por ele. — Por que não, Sam?

— Por que não, Alberto?

Minha pergunta o para. Sua respiração pesada sopra os fios do meu cabelo perto da orelha. Empurro-o levemente e cruzo minhas pernas, ajeitando o vestido como posso.

Olho para a bancada e vejo minha bebida servida. Meu nervosismo faz tomar o líquido de uma vez, e o sal, embora esperado na bebida, me pega de surpresa causando uma crise de tosse. Tusso também com o álcool, por estar irritada e até pelo *odinho* que toma conta do meu coração palpitante demais com esse beijo.

Alberto me beijou!

— Você não tinha o direito de me agarrar, Alberto! — Esbravejo e lhe dou um soco no peito. — Já disse que acabou! Não vou ficar nessa putaria com você. Olha só o inferno que você nos causa!

— Eu? — Ele fica indignado com a minha acusação muito justa.

— Você! Nós dois viemos para cá nos divertir com nossos amigos, mas acabamos num bar para criar forças para ficarmos cara a cara! Eu e você estamos com medo de um encontro em que eu ou você estejamos acompanhados de uma terceira pessoa. Mas você não quer fazer nada a

respeito e eu cansei! Eu juro que se você me beijar mais uma vez, se você encostar a mão em mim de novo, minha mão vai esquentar a sua cara!

Desço do banco e marcho para longe. Não! Ele não vai estragar a minha noite! Há muito tempo eu não curtia a noite beijando um, dois, três, mas foda-se! E vou esfregar cada um na cara dele! O primeiro que me chamar de princesa, vou pedir um beijo (se for bonito, é claro).

Quando meu braço é segurado de um jeito que só quem me conhece muito bem é capaz de fazer, eu viro com toda a força e ódio.

Ah, Alberto! Que pena que ele levou minha ameaça a sério e segurou minha mão no ar.

Nossa atual interação chama atenção. As pessoas estão chocadas.

— Vamos conversar? — A calma que ele tenta aparentar é digna de palmas, já que minha mão só não estalou em seu rosto por ele ter um ótimo reflexo. — Por favor, Samantha, vamos conversar.

Respiro fundo enquanto tento encontrar alguma inspiração para vestir uma máscara tranquila para uma *conversa* com ele.

Nosso lugar no bar já foi ocupado, então ele me leva para mais distante. Ele não para até chegarmos a um canto escuro, onde alguns casais aproveitam a falta de iluminação para se esfregarem. Nós ficamos no limiar.

— Já beijei um, já beijei dois, já beijei três... — cantarolo. — Hoje, eu já beijei e vou beijar mais uma vez!

É, eu sei, cantar essa música para provocá-lo é infantil, mas não estou nem aí. Alberto me encara com uma mistura de irritação e diversão por causa da minha atitude birrenta.

— Estou falando sério. Não é porque você me beijou que não vou beijar mais ninguém essa noite! Você pode até forçar mais um beijo e me deixar com mais raiva de você, que não fará diferença! Vou agarrar o primeiro gostosão que passar por mim, só para limpar o seu gosto.

— Pare, Samantha! — Ele pede já bem irritado.

Ótimo. Nosso humor ficou quite.

— O que você quer conversar?

— Você quer namorar comigo?

Por um segundo até o som da música pulsante sumiu. Mas foi só esse ínfimo espaço de tempo acabar que a compreensão vem como um balde de água gelada com direito a pedras de gelo. E tudo que me cerca, Alberto acima de tudo, me esmaga.

Ele não está me pedindo em namoro. A interpretação para sua pergunta é outra. Esse filho da puta *só quer saber* se quero ou não namorar com ele. Talvez seja até uma pergunta retórica, já que, depois de tudo o que eu já disse, ele pode tirar a conclusão por si.

— O que você quer, Alberto?

— Eu quero você, Sam. Gosto pra caralho de estar com você. *Gosto de você.*

— Mas...

— Eu não quero um compromisso. Você sabe, já passei por essa porra toda. Namoro, noivado, casamento... Já tive esse momento e não tenho a menor vontade de repeti-lo. Uma vez bastou. Às vezes, eu acho que sou um filho da puta, e-

— Você é um filho da puta!

Ele suspira. — Enfim, eu quero ter com você o que temos. Sinto falta das nossas conversas por mensagem, de quando nós nos ligávamos... *de quando estamos juntos sozinhos...*

— Alberto, você sente falta de uma namorada pra ficar trocando mensagens, conversando no telefone, *ficar transando...* Você só quer continuar a ser um filho da puta independente, que não vai dever satisfação para ninguém, nem quando resolver foder a primeira vadia que cruzar o seu caminho! Então, sim, você acha, eu acho, todo mundo acha que você é um filho da puta!

Os lábios dele se partem e ele puxa o ar com força. Seu peito me pressiona ainda mais contra a parede.

— Vamos ter que entrar num acordo! Você não pode me chamar de filho da puta toda hora.

— E por que eu chamaria se não pretendo mais falar com você?

— Sam, Sam, Sam... — Ele suspira. — Ê, mulher difícil! Olha, eu e você... eu e você... só... nós... só nós dois. Nada daquele puto loiro, nada

de outro homem. E nada de outra mulher para mim.

Uma margarita não é capaz de me embriagar, porém suas palavras me deixam tonta e com as pernas bambas.

— Do que você está falando, Alberto?

— Samantha, eu quero você, quero exclusividade sua, quero você na minha cama e na de mais ninguém, mas toda a cobrança...

— Quando foi que eu te cobreí alguma coisa, Alberto? — Aproveito sua reclamação interrompida para questionar. — Sabe, eu não faço a menor ideia de como foi o seu casamento com a mãe do Felipe, porém só consigo imaginar que tenha sido um inferno na terra. E eu não sou ela!

— Cada um em sua casa, cada um com a sua vida, e nós nos encontramos-

— ...para ir ao cinema, jantar fora, sair com amigos, e, é lógico, sexo.
— Concluo a frase dele antes de ouvir que só transaremos.

— É... — Ele engole em seco. — Sim.

— Caramba! Que difícil!

— Sem cobranças.

— Tá. Mas encare como uma ameaça muito séria eu arrancar seu pau fora se você pular a cerca.

— Tá, agora chegou a hora de beijar você.

Nossos lábios se chocam e logo nos entregamos ao beijo intenso e profundo que sempre temos. A mão dele desliza pelo meu corpo até segurar firmemente minha coxa e a suspender para que eu enrosque minha perna na sua.

Seu olhar sempre safado se torna ainda mais ordinário quando roço meu calcanhar pela sua perna. Ele me pressiona ainda mais contra a parede, dessa vez, com o quadril. Sua ereção está prontinha para me penetrar e gemo em sua boca o quanto aprecio seu tesão.

Continuamos a nos beijar, minha mão aperta o seu bumbum durinho. É muito bom beijar Alberto, estar com ele.

— Porra, que saudade! — Ele geme entre meus lábios, quando paramos para respirar. Minha perna é posta no chão devagar. — Vamos dar um “oi”

pra todo mundo. Você ainda não falou com a sua prima.

Meu Deus! Pego o celular imediatamente. Entre a minha entrada na boate, a ida ao bar e a pegação aqui se passou um bom tempo.

Quinze ligações perdidas. Oito mensagens dela.

— O Rafael me perguntou se eu não te vi.

— Isso justifica a penúltima mensagem da Gabi. — Leio para ele: — “Se você e o Alberto estiverem juntos, será que dá para um dos dois dar sinal de vida”? Depois ela me manda ligar para ela de novo.

É claro que todos supuseram que nós dois estamos juntos. Envio uma mensagem confirmando que estamos juntos, sim, mas não digo que estamos voltando. Não quero que a nossa chegada seja esperada.

Alberto me abraça pela cintura para caminharmos lado a lado, mas desiste após alguns passos. O ambiente lotado permite apenas que eu lidere o caminho enquanto nossas mãos estão dadas.

Quando chegamos, cumprimento minha prima e o marido com beijos e abraços. Os demais recebem apenas um “oi” geral. Quando for realmente falar com alguém, *talvez* saia um cumprimento mais íntimo.

Por falar em intimidade, Alberto me abraça por trás. A ereção dele ainda está firme e forte, e precisa ser escondida. Sua mão em minha barriga deixa claro que não estamos disponíveis.

Quando o sinto mais... *relaxado*, o deixo conversando com o amigo e vou bater um papinho com minha prima.

— Podia ter avisado.

— Nem deu. — Conto para ela nosso encontro. — E agora estamos juntos, mas não estamos namorando.

— Vocês dois ficaram no aniversário do Rafa? — Sua pergunta tem um quê de acusação.

Suspiro. — Ficamos. E no dia seguinte eu fiquei puta que ele ia continuar agindo comigo como se ele vivesse longe daqui.

Ela suspira. — Eu sempre soube que vocês tinham uma história mal resolvida. E o Adrien?

— O que tem ele?

— Minha mãe e a sua me encheram de perguntas sobre o bonitão que te tirou de dentro do restaurante ontem. Você só responde que não tem nada a ver, embora tenha aquele bando de fotos nas redes sociais!

— Eu estava quase beijando o Adrien, quando o Beto me arrancou dos braços dele.

O queixo dela cai. — Arrasando corações, hein!

Rolo os olhos. — Nem sei como Adrien olha na minha cara. Ontem, me convidou para a ação social que faz e combinei de ir mais vezes. Ele comentou sobre outras campanhas, como a que vem para o inverno, de agasalho.

— Que legal! Depois me fala como posso ajudar. Quero participar também.

— Ah, vou falar com ele.

Sei que ela fala apenas em contribuição financeira. Casar-se com um magnata deixou minha prima vulnerável a tudo e ela finge não viver cercada de seguranças.

Quando a próxima música começa a dar seus primeiros acordes sobrepondo a anterior, paramos de conversar e nos entregamos à batida.

Algumas vezes, olho para Alberto. Ele parece hipnotizado pelo meu corpo, tanto que nem sei se reparou que eu observo. Conversa com os amigos. A cerveja é sua companheira. Fico pensando no choque que seria sentir aqueles dedos gelados em meu íntimo agora.

Nossa! Fico até a arrepiada!

— O que foi? — Gabi pergunta.

Deixamos os movimentos dos nossos corpos mais suaves para poder conversar.

— O Beto pediu para eu parar de chamá-lo de filho da puta. — Desconverso.

Ela ri. — Sério? E de babaca?

— Não entrou em pauta.

— Ele estava esquisito esses dias. Quando falei sobre a sua mensagem, ele pareceu que estava bebendo algo azedo e tentava disfarçar, antes de

pedir licença e desaparecer.

Encolho os ombros. — Ele achou que eu vinha com o Adrien.

— E estamos falando do Adrien de novo.

Faço uma careta. — Não tem nada a ver! Mas foi bom para ele perceber que eu não estou disponível para ele.

— O bom é que se um te der um cordão com um pingentinho com a letra “A”, você pode usar dizendo ser a coisa mais fofa para ele, e para o outro pode falar que comprou para fazer uma homenagem.

— Sua ridícula.

Ela acaricia o pingente em formato de presentinho turquesa, um dos primeiros presentes que recebeu do marido e que nunca sai do seu pescoço. Imagino que sua brincadeira tenha surgido por causa desse mimo.

— Ah, aguentei muita piada sua sobre o Rafa!

— Não tenho coragem de ficar com dois ao mesmo tempo.

Ela dá um meio sorriso, deixando claro que me conhece muito bem.

— Oi! — Uma das amigas dos nossos *rapazes* vem falar conosco. E não está só, já que duas vêm atrás.

— Oi, Nina. Oi, Raquel, Ludmila. — Minha prima já aprendeu o nome dessas criaturas todas.

Gabi não está nem um pouco contente com a aproximação delas. Muitas pessoas que a cercam são como abutres esperando a chance de se fartar. Se minha prima descansar no ponto, elas armam o bote para cima de seu marido.

— Oi... é... Sam? — Nina, uma ruiva que devo admitir ser fenomenal sorri para mim de um jeito que dá para imaginar como seria se uma cobra tivesse dentes alinhados e perfeitos.

— Para os íntimo, sim.

Ela sorri maliciosa. — É... Estava sumida. E engordou um pouquinho, né fofa.

Sério, um dia uma ela acaba sem os dentes.

— Não o suficiente para ser chamada de *fofa*.

— Hoje o Beto é seu, né?

Ah... hoje ela me pegou mesmo para alvo.

Gabi me encara escandalizada. Já segurou minha mão para me tirar daqui. Sabe que não tenho paciência com essas oferecidas.

— Pois é, menina! E, olha só! Não faço ménage com dois bofes, imagina dividindo um com outra mulher!

— Eu também não. — Ela dá um risinho frouxo ao mesmo tempo que minha prima aperta minha mão com força. — Mas amanhã é um novo dia.

Cara, se amanhã for realmente um novo dia, tem gente que vai amanhecer sem bolas e com o pênis enterrado na garganta.

— Então deixe para amanhã a aporrinhação. — Aproveito a mão de Gabi na minha e a puxo para longe dessas mocreias terrivelmente lindas, devo admitir. Mas no primeiro passo, paro e olho para trás. — Ah, por favor, aporrinhe o Beto, não a mim!

Ah, vá pra porra!

— Não se estresse com elas.

— Prima, você é uma santa. Sério! Não tenho saco para lidar com esse bando de recalcada!

Ok. Acho que falei alto demais no momento errado da música que passou a ter uma batida mais suave quase que uma pausa.

— Recalcada, eu? — Escuto a voz irritante atrás de mim.

Viro-me imediatamente. — Pra não dizer outra coisa!

— Ei, ei! Garotas! — Alberto fala já do nosso lado e só pode ter vindo correndo. — Estamos aqui para nos divertir.

— Aconteceu alguma coisa? — Rafael pergunta para Gabi.

— Ah, Rafa, Beto! Poxa, estávamos conversando e do nada elas começaram a nos agredir.

— Agredir? — Debocho. — Ah! Faça-me o favor!

Por favor, não mexa comigo.

— Favor? Você inventa uma suruba com o Beto! Me ofendeu! Se você gosta dessas coisas-

Alberto pigarreia completamente constrangido, o que a interrompe.

Eu já cheguei ao meu limite.

— Olha, Alberto, o problema todo é que ela quer saber se a sua agenda está livre amanhã, já que hoje você está comigo.

A tal Nina solta uma risada nervosa. — Você é louca.

— Você não imagina o quanto!

— Parem! — Alberto fala com firmeza. — Sam, por favor. — Ele suaviza sua expressão, talvez tentando fazer com que eu me acalme, mas falha totalmente. — Nós acabamos de conversar, Sam, só seremos eu e você. Mais ninguém. Não dê bola pra isso.

Enquanto discutíamos, Gabi contou o que aconteceu para o marido. Sei que se ela falar que um unicórnio cuspiu um arco-íris, ele vai acreditar, pois confia cegamente na esposa.

E é no final do relato dela, juntamente com o final das palavras de Alberto, que Raquel solta:

— Temos que pegar a receita do chá de buceta dessas duas.

— É receita de família! — Ludmila solta e as duas riem baixinho por dois segundos antes de perceberem que há pelo menos uma dezena de pessoas prestando atenção nelas.

— Saiam daqui. — Rafael fala com um tom baixo, mas que tem força para assustar até o diabo. — As três.

— Ai, desculpe, Rafa! — Nina pede e as outras duas replicam pedidos de desculpa em uníssono.

— Foi uma brincadeira. — Ludmila fala sem graça. — Sempre nos divertimos juntos! Foi só um mal entendido.

— E você não pode nos mandar sair da boate. — Nina fala e reviro os olhos.

— Fora daqui. — Ele está irredutível. — Esse camarote é para eu me divertir com meus amigos e não vou tolerar ofensas à minha esposa ou à prima dela. Vão pra outro lugar da boate, arrumem outro camarote, mas sumam daqui.

Rafael dá as costas carregando minha prima com ele, e um dos seus amigos o intercepta. Tenta falar alguma coisa, mas ele faz uma negação

com a cabeça e abraça a esposa, após meia dúzia de palavras ouvidas. Pouco mais à frente, senta-se num dos sofás com ela no colo.

O magnata é uma das pessoas mais simples e tranquilas que conheço. Mas se mexerem com minha prima, ele vira um poço de arrogância e pisa com os dois pés em quem lhe irritou e ainda chuta a carniça.

Alberto, por sua vez, está pedindo para as mulheres irem embora, que elas me desrespeitaram, desrespeitaram minha prima, a ele próprio e ao amigo.

Eu já me cansei dessa briga. Passei a noite inteira em pé no restaurante, tendo que fazer de tudo para agradar a freguesia, ofertar pratos impecáveis, para num momento de lazer ter que lidar com essa (desculpe a palavra) merda.

Quando vou para o fundo dessa área reservada, minha prima sai do colo do marido e vem falar comigo.

— Se elas demorarem mais três minutos para irem embora, sairão acompanhadas do segurança.

Eu rio! Só Gabi pra me fazer rir.

— Estou falando sério. Rafael deu a ordem para os seguranças as tirarem daqui se elas não saírem logo. — Ela olha para onde as mulheres estão e suspira. — Fazia tempo que isso, de ficarem falando sobre o Rafa, não acontecia. Acho que desde que nos casamos.

Rolo os olhos. — E ele não leva desaforo.

— Pois é. E nunca foram tão... *tão baixas*. Algumas vezes fomos embora após discussões desse tipo, e, de uns tempos para cá, ele tem preferido bancar a área privativa pra não se estressar.

Olho para o olho do furacão, mas lá não estão mais Alberto e as três mulheres. O Beto está conversando com o amigo e as mulheres estão se despedindo. Reconheço um dos seguranças de olho nelas.

— O Alberto e a Nina saíram algumas vezes. — Gabi comenta.

— Jura? — Ironizo.

— Quando você não vinha, Nina era a que mais tinha uma chance com ele. Ela tem razão de estar chateada. Uns meses atrás, quando você estava

namorando, eu, ela, Rafa e Beto saímos juntos para um show. Foi meio que um programa de casais. Dá para entender o lado dela.

Um lado que se parece bastante com o meu.

— É... dá para entender um pouquinho. Não o suficiente para darmos a receita do chá de buceta.

Gabi faz uma careta e muda de assunto. Fala que vai viajar no final do próximo mês para os Estados Unidos. É outra a conversar comigo sobre uma temporada no exterior. Passará uma semana em Nova Iorque, outra no Havaí e mais uma na Califórnia, e ainda visitará diversos estados americanos para conhecer os principais pontos turísticos. Está empolgada. Não é a primeira vez que ela vai viajar com o marido, muito menos para os EUA. O passaporte dela, diferente do meu, é totalmente recheado de carimbos.

Comento também sobre a minha vontade de viajar para lá, e que devo ir no máximo no próximo ano. Ou para a Europa. Ou para os dois. Agora eu sou *rica, meu bem*, não preciso contar moedas. Só preciso planejar.

Isso é muito bom.

A semana transcorre como qualquer outra. A única vez que vi Alberto depois da boate foi no domingo à noite, após ele passar o fim de semana com o filho na casa dos pais dele. *É isso mesmo: aquele estresse todo na boate foi à toa.* Ele ficou indisponível para mim e para qualquer outra, embora tenha voltado a mandar mensagens e eu voltei a responder, com o diferencial de aceitar suas promessas de encontro.

Foi por uma boa causa que ficamos afastados e ele até perguntou se eu queria me encontrar com eles na praia.

Mas *hoje* é diferente. *Essa noite*, para ser mais precisa, tudo ficou diferente. Enviei uma mensagem para Alberto avisando que eu ficarei indisponível por algumas horas e só poderei responder suas mensagens (caso me envie) lá pelas tantas horas da madrugada. Ele me respondeu há um minuto:

*** Beto-Eu: Vai aonde? ***

Meus dedos coçam para dizer que não devemos satisfação do que fazemos. Imposição dele, já que eu não tenho nada a esconder. Mas estou com a bandeira branca hasteada.

*** Eu-Beto: Toda quinta-feira assumi o compromisso de participar de uma ação de solidariedade no Centro. Irei distribuir sopa para a população de rua.**

*** Beto-eu: Com aquele cozinheiro? ***

Que interessante!

Ele está assumindo que anda vasculhando minha vida pelas redes sociais. E essa é a pergunta que eu faço em resposta à sua.

*** Beto-Eu: Sim, eu vi as fotos. Campanha muito bonita, mas aquele homem quer tirar sua calcinha e não gosto disso. ***

*** Eu-Beto: Ele não vai tirar minha calcinha. ***

*** Só você! ***

*** Beto-Eu: Acho bom. ***

*** Quando acabar, me avise que vou pra sua casa. ***

*** Quero tirar sua calcinha ;) ***

Sorrio sentindo meu íntimo ansiar pela madrugada. Envio uma mensagem dizendo que estou louca para dar a hora de voltar para casa, e ele me pede para ligar para ele, pois cochilará para ficar bem acordado para mim.

Ah, Alberto, não terei pena. Vou acordar você, sim!

E é dentro do táxi a caminho de casa, que ligo. Ele realmente dormiu, e acho que a ligação estava prestes a cair quando atendeu com a voz muito

sonolenta.

Quando chego ao prédio, espero Alberto na portaria para acionar o portão para que entre. Não temos porteiros no prédio e não é bom dar mole na rua no meio da madrugada. Minutos depois, ele estaciona seu carro atrás do meu, do outro lado da rua. Assim que fecho a entrada, nos beijamos e subimos as escadas o mais rápido que conseguimos.

Isso está bom!

Libero um arquejo levinho enquanto sou despertada por uma língua habilidosa em meu mamilo. O som que emito convida esse homem maravilhoso a chupá-lo mais intensamente, enquanto sua outra mão desce pela minha perna e encontra meu sexo.

Que ótima forma de despertar!

Abro um pouco mais as pernas para lhe dar mais passagem, meus olhos estão fechados, pois o que importa agora é a forma como ele me toca. Dois dedos me invadem e mordo o lábio inferior, liberando um gemido alto e lânguido. Ele os movimenta lentamente, enquanto esfrega o polegar no meu clitóris. Gira-os quando estão bem enterrados e começa a massagear um ponto perverso.

— Ah, Alberto! — Digo bem alto. Foda-se se os vizinhos vão ouvir! Isso está muito bom! — Quero você!

Quando seus dedos saem de mim, não lamento. Apenas abro os olhos para fitar seu olhar sacana a essa hora da manhã.

E é olhando nos olhos, medindo cada reação minha, que ele me penetra lentamente. Meu canal é alargado, e cada movimento feito aumenta o ardidinho por causa do sexo que fizemos quando chegamos. Nada que cause desconforto, pois estou bem lubrificada e meu sexo quer muito sentir os efeitos de uma nova transa.

Sua boca cola na minha e nos beijamos enquanto levamos nosso íntimo de encontro um ao outro. Sua boca deixa a minha apenas para espalhar beijos pelo meu queixo e pescoço. Quando chega ao ombro, chupa e morde

de leve. Arranho suas costas. Alguns lugares que toco faz com que ele arqueie exageradamente, o que indica que a noite de ontem causou ardências também no seu corpo.

Sua ereção sai de dentro de mim e ele me vira só para me penetrar de um jeito ainda mais intenso. Suas mãos seguram as minhas ladeando a minha cabeça, seus dedos entrelaçados nos meus e seu corpo pesando meu corpo me mantêm cativa enquanto ele investe com força. Peço por mais. *Exijo por mais mesmo que seja quase insuportável!* Ele solta uma mão para levar a outra ao meu clitóris. Seus movimentos são rápidos e até brutos, combinam com as estocadas profundas e impetuosas.

— Porra! — Grito com a cabeça enterrada no travesseiro, antes de só conseguir gemer com o orgasmo. — Oh, por favor!

Ele segura meu cabelo e vira minha cabeça de lado. Consegue arrancar de mim um beijo duro.

— Por favor, o que, Sam? — Rosna com a boca rente à minha.

Tento fechar as pernas, fugir de suas carícias que não param, antes que eu perca os sentidos.

— Quer que eu pare, Samantha? — Pergunta rouco e para de supetão dentro de mim.

Mas não para de estimular meu clitóris.

— Eu vou...

— Eu sei! — Ele rosna.

— Eu... Ah, por favor... Ai, meu Deus!... *Oooooohhhh!*

Ele volta a estocar forte e impiedoso, até que para com sua ereção totalmente fincada em mim. Geme baixinho com o rosto enterrado em meu pescoço, o corpo trêmulo com o ápice do seu prazer. Sua mão sai do meu sexo e vai para a minha cintura. Ele nos vira para ficarmos deitados de lado abraçados, com nossos corpos completamente encaixados. *Acho que era essa a sua intenção.* Mas num ajeitar, sua ereção desliza para fora de mim e fica aninhada em minhas coxas.

Ainda estou totalmente ofegante e completamente satisfeita, então não vou reclamar.

Alberto que não parece satisfeito. Ele se move bruscamente atrás de mim, só para me deitar de costas e voltar a pesar meu corpo com o dele.

E me beija. De súbito. Beija com força, e demoro um instante para corresponder. E quando o susto passa e correspondo, ele para e me encara. Os olhos semicerrados estão carregados de desejo, mas o cenho franzido demonstra um pouco de preocupação.

— O que foi?

Ele apenas me fita. Sua mão passa pelo meu cabelo, acaricia os fios suavemente.

— É muito bom ficar com você, Sam.

Ele dá um meio sorriso e sai de cima de mim.

— Pena que tenho um dia árduo pela frente, ou passaria o dia inteiro na cama com você.

— *Eu sei que eu sou bonita e gostosa! Eu sei que você me olha e me que-er!* — Cantarolo.

— Tenho que ter cuidado. Você é perigosa. — Sua adaptação é rouca e séria. — Vou tomar banho. — Diz após um suspiro.

Eu também suspiro. Estou com muita vontade de continuar deitada aqui. Minha libido, no entanto, quase me empurra para dentro do banheiro.

Desperta demais enquanto Alberto ainda não vai embora para eu voltar a dormir, resolvo sair da cama. Vou para a cozinha e faço waffles e suco de laranja. Levo para a mesa xarope de bordo, requeijão queijo, presunto e manteiga.

Tento não pensar muito na preocupação que o atingiu pouco antes de sair da cama. É melhor eu encarar como se ele tivesse se recordado de algo do trabalho do que correr o risco de ele achar que estamos saindo dos limites de um sexo casual, que agora é *fidelizado*. Farei perguntas cujas respostas dificilmente serão dadas, e eu não vou conseguir esconder minha frustração. Já perguntei e ele desconversou. Não vou engolir ele não me responder uma segunda vez.

Alberto está saindo do banho quando estou terminando de fazer um ganache e de cortar morango em pétalas. Está com o semblante tranquilo,

então deixo morrer de vez a impressão sobre seu humor que tive minutos mais cedo.

— Uau! — Ele diz olhando para a mesa vestindo apenas uma calça azul marinho. A camisa, a gravata, o colete e o paletó estão em suas mãos.

— Se você quiser café, é só me dizer o sabor que preparo um expresso.

Ele apoia sua roupa no encosto de uma das cadeiras.

— Costumo tomar café da manhã só lá no trabalho. — Ele suspira. — Está com uma cara apetitosa. Obrigado!

Eu rio. — Era isso ou entrar no banheiro e você se atrasar para o trabalho. Além disso, quando vim para a cozinha me deu uma vontade louca de comer waffle!

Ele arregala os olhos fitando a mesa.

— Uma vontade bem louca mesmo.

Sirvo-me de três quadrinhos de waffle. Um preparo com manteiga e requeijão, outro com o xarope de bordo e o último com ganache e morango. Como não sei qual comer primeiro, intercalo as abocanhadas em cada um.

Noto o olhar do Alberto espichado para minha comida, mas levará um fora se achar que já tem intimidade demais para fazer algum comentário sobre minha gulodice.

— Sam, no fim de semana retrasado deixei um paletó e uma gravata aqui. Na segunda minha secretária leva as roupas para a lavanderia e eu preciso deles.

Fo-deu!

— O paletó Armani? — Digo com a sobrancelha arqueada.

Nem a pau vou baixar a cabeça.

Ele dá um sorrisinho arrogante. — Gosto de me vestir bem.

— Ah, disso eu sei. O Armani e a gravata Gucci devem ter garantido um bom emprego a alguém, mas se a pessoa não conseguiu uma vaga, pode vendê-los por um bom preço.

Ele me encara sem qualquer emoção. Meu palpite é que testa a veracidade da minha declaração, enquanto a acha totalmente absurda.

— Por que você fez isso? — Pergunta quase sem voz.

Ele está em choque. *Também*, acabou de descobrir que seu Armani, *puf*, sumiu.

— Por que eu ficaria com ele aqui? Não tenho culpa de você ter esquecido. Eu nunquinha aparecia num encontro com seus amigos carregando uma sacola de mercado para devolver sua roupa, encontro este que eu iria apenas por causa da minha prima, que fique bem claro.

— Porra Samantha! Porra! Que merda!

Ele larga o waffle e, assim que levanta, termina de se vestir. Está puto e não tiro a razão dele. Se fosse eu, haveria um escândalo tão grande que alguns vizinhos chamariam a polícia.

— Porra!... *Caralho!* Porra, Sam! Eu comprei em Nova Iorque! Era legítimo!

— Você usa roupa pirata? — Faço piada.

— Quê? — Ele interroga com a voz elevada. — Claro que não!

— Quando eu viajar para Nova Iorque compro um pra você. Posso pedir para minha prima trazer, se você tiver *muuuita* urgência. É só me dar o seu tamanho.

Do jeito que me encara, se eu fosse homem, nós dois estaríamos nos engalfinhando no chão.

— Cara, Samantha, você... *Meu...* Estou muito puto.

Está tão puto que ele resgatou o sotaque paulista fajuto. Diga-se de passagem: *totalmente fake!* O cara é carioca! Só por ter morado alguns anos em São Paulo se deixou falar diferente.

Mas ele não está com metade da ira que se apossou de mim no dia que ele esqueceu a roupa caríssima aqui.

— Quando você esqueceu o paletó, você saiu daqui para ir à casa do Rafael. — Ele me encara incrédulo. — Gabi não sabia que tínhamos passado a noite juntos e me chamou para um banho de piscina lá. Não tem um dia que eu não pense no que teria acontecido se eu tivesse aceitado o convite dela, até para espairer da sacanagem que você fez comigo. Tive vontade de picotá-lo todinho e botar fogo! Resolvi fazer caridade ao invés de dar motivo para os vizinhos chamarem os bombeiros.

Ele fecha os olhos para amortecer a cólera.

Ah, a culpa é dele!

— Eu já vou.

— A Gabi disse que hoje é aniversário de um amigo de vocês. Perguntou se eu vou.

— Agora realmente não é a melhor hora para combinarmos de nos vermos mais tarde.

— Tenho que ir preparada para o restaurante.

— Podemos nos encontrar lá. — Ele responde e eu faço uma concordância.

Quando me beija para sair, eu retribuo mecanicamente. Ele percebe. Mas parte sem falar nada.

Eu engoli meu orgulho e não sei se ele foi débil demais para não perceber.

Nós vamos chegar separados? *Ok.*

Gabi pediu para eu ir, pois essa será uma festa cujo camarote não é do Rafael, e com o que aconteceu semana passada, o clima pode ficar esquisito. Não que alguém vá se meter à besta com eles, mas ela não quer ir sozinha.

Depois dessa resposta do Alberto, minha maior vontade é a de me encontrar com *meus* amigos.

Mas tenho uma encomenda para fazer para a Gabi. *Ah, sim!* Rodo bolsinha, mas não vou ouvir qualquer gracinha sobre o paletó ou a gravata. Ninguém vai me jogar na cara!

4

Mais uma festa.

Eu sou uma pessoa boêmia, há anos enfrento uma rotina de trabalho e badalação noturnos, e desde que saí da faculdade e parei de ficar igual a uma louca trabalhando desde as primeiras horas do dia até o final do expediente, passei a hibernar todas as manhãs.

Hoje, depois que ele foi embora, custei, mas voltei para a cama e lá fiquei tendo o meu sono de beleza até o começo da tarde. E então, acordei disposta a ser *A Samantha*. Para isso, tive que enviar uma mensagem alertando o meu não comparecimento ao restaurante. Sou a patroa e se eu quiser me ausentar um dia, *eu posso*.

Liguei para alguns salões que sei serem maravilhosos, e assim que consegui marcar um tratamento completo, saí de casa.

Agora estou linda, plena, poderosa, *uma deusa descida do monte Olimpo*. Os dez quilos a mais que tanto me incomodam estão aqui, no entanto, esse vestido deixou as minhas curvas ainda mais atrativas. O cumprimento não me permitirá sentar, mas como estou com o corpo descansado de um dia sem nada para fazer, e revigorado das massagens e tratamentos pelos quais me submeti, ficarei de pé sobre os saltos altíssimos enquanto todos me desejam.

Como um carma, a primeira pessoa que vejo é Alberto. Está de costas, totalmente alheio a mim. Eu não dei certeza que vinha, avisei que o restaurante estava com muito movimento. Pedi para Gabi não comentar com ninguém minha vinda. Nesse exato momento ele pega o celular, confere algo, guarda e volta a falar com os amigos.

Bem, eu não estou aqui por *ele*. Então olho em volta em busca da minha prima. Ela conversa com algumas mulheres “confiáveis” desse ninho de cobras. Assim que me vê ergue a mão sutilmente e me chama.

Ainda bem que eu a encontrei logo. Não faço a menor ideia de quem seja o aniversariante e sou uma penetra aqui.

— Oi, Sah!

Olho para o lado um pouco assustada. *Adrien!* Não esperava mesmo encontrá-lo aqui.

— Uau! Você está linda! — Ele elogia antes de me cumprimentar com dois beijos.

— Você por aqui? Que surpresa!

— Espero que agradável! — Diz com um sorriso imenso e até com um pouco de alívio. — Quase não vim. É aniversário do meu primo, e ele ainda é um garotão pra mim.

Ah, sim. Essa é mais uma festa “de repente trinta”. Adrien é cinco anos mais velho que o primo. Talvez se sinta um pouco deslocado no meio de pessoas mais jovens, embora a diferença de idade nem seja tão expressiva.

— Você conhece o Ângelo?

Ah, esse é o nome do aniversariante?

Putz! O que eu vim fazer numa festa que nem o nome do aniversariante sei? Sou a penetra *mor!*

— Na verdade, sou meio penetra. A Gabi, minha prima, me chamou para vir.

E o convite só não foi muito estranho, pois eu poderia tranquilamente me passar por acompanhante do Alberto.

— Ah, é! Você é prima da esposa do Jordão.

— Sim.

— Você quer uma bebida? Há espumante.

— Ah, eu já sou penetra demais. Prefiro comprar algo... — Um braço envolve a minha cintura com tanta intimidade que só após o susto eu concluo: — ...no bar.

Olho para Alberto. Nossos rostos a menos de quinze centímetros. Um beijo é roubado e eu não consigo encontrar forças para protestar.

A flecha do desejo me atinge em cheio.

A flecha do ódio atinge Adrien em cheio.

Eu e ele já superamos aquele incidente, sou tratada com respeito e ele não dá mais em cima de mim, *mas Alberto me tirou dos braços dele.*

Se Adrien desse um soco agora mesmo no Beto, eu teria que me controlar para não rir.

Mentira! Eu ficaria em choque.

Mas talvez risse quando rememorasse a cena distraída enquanto preparasse uma refeição.

Adrien pigarreia. — Fiquei muito feliz em ver você, Sah. Depois nós conversamos.

Ele parte sem dirigir a palavra ao cara que resolveu fazer uma aposta de quem mija mais longe.

— *Sah?* — Beto estreita o olhar.

— Algum problema?

Ele me fita bastante sério por alguns segundos. No mínimo pondera o que dizer, já que pode esperar de mim um belíssimo fora.

— Você está linda, Sam. — Sorrio com seu elogio e sua atitude bastante sensata. — Por que não me avisou que tinha chegado?

Vou confessar uma coisinha:

Quase peguei meu celular para ligar para ele. Mas eu fiquei com receio de ele me dar as coordenadas para onde eu deveria ir, ao invés de falar que me encontraria na entrada da boate.

— Era pra ter avisado?

— Por favor, Samantha. A noite mal começou e você já está me provocando de um jeito não muito legal.

Sinto como se um vulcão entrasse em erupção dentro de mim. *De um jeito não muito legal.*

— Eu vou falar com a Gabi.

Dou um selinho nele que me lembra muito do nosso primeiro beijo após nos reencontrarmos. O beijo sem sal que me irritou e torço para que o irrite da mesma maneira.

E a noite transcorre sem que eu volte a falar com Adrien, embora eu o pegue vez ou outra me observando; passo o tempo inteiro ao lado de Gabi, nós duas fofocando e dançando; Alberto vez ou outra se aproxima para, como posso dizer... *demarcar o território*. E não apenas por causa do primo do aniversariante.

— Gabi... — Chamo-a quando sentamos após dançarmos muitas músicas na pista. — Essa é a última vez que venho.

Ela respira fundo, como se entendesse pela minha expressão, que eu cheguei ao meu limite. E compreende. Sei que o marido dela fica mais à vontade com os amigos quando estou presente, mas estou me sentindo sufocada e não adianta que essas pessoas não... *não descem*.

— E quando você viajar, vou querer que traga duas coisas para mim: um paletó Armani, ou um terno se não conseguir comprar só o paletó, e uma gravata da Gucci. Tudo preto, sem brilho.

Ela arregala os olhos e eu conto o que fiz.

— Eita! E se for sob medida? Acho que o Rafael vai aproveitar e dar uma renovada no imenso guarda-roupas dele, mas não faço a menor ideia de como se compra.

Bufo irritada. — Veja o preço e dou o meu jeito de dar o dinheiro a ele.

Gabi me olha atentamente. — Você está gostando do Beto de novo. Aliás, acho que você nunca deixou de gostar dele.

Mexo meu pescoço para estalá-lo e aliviar a tensão. Estalo. Não há o relaxamento esperado. Acho que essa tensão que passou a habitar o meu corpo ainda nos primórdios do meu sexo sem compromisso com Alberto nunca me deixará.

— Vocês estão nessa de ficarem e serem exclusivos, mas isso não está fazendo bem pra você.

— Ah, Gabi, eu gosto do Beto, mas...

— Você gosta dele. *Ponto*. Mais do que deve numa relação como essa. E talvez seja melhor você rever se vale à pena continuarem desse jeito.

— É melhor esperar um tempinho. Ele é muito avesso a relacionamentos. Está funcionando. *Está funcionando.* — Repito para espantar do meu cérebro as palavras da minha prima e reforçar meu pensamento positivo. — Mas acho que estou mais incomodada, porque está sendo tudo só do jeito que ele quer.

Precisamos encerrar a conversa, quando os nossos parceiros se aproximam. Perguntam-nos se já queremos ir embora e respondemos em uníssono que “sim”.

Despedimo-nos na entrada da boate. O carro da minha prima com seguranças já está na porta. Pode parecer um conforto, mas a tensão emanada nos homens à espera do casal de ouro indica que nada ali é um mero luxo. Esse é o lado ruim de ser bilionário: a privação da liberdade.

— Vamos pegar o táxi para sua casa. — Alberto declara fazendo um sinal para o primeiro carro da fila de motoristas que aguardam pacientemente (ou não) os moribundos de fim de noite.

— *Hum...* Estamos mais próximos da sua casa. Por que não vamos para lá?

Paro de frente para ele e acaricio seu peitoral coberto por uma camiseta simples.

— É melhor a sua.

— Então vamos para um motel. — Após decidir, dou alguns passos na direção da fileira de carros, até nossos braços se esticarem, pois Alberto não se moveu. — O que foi?

— Eu sei que você está fazendo. Nós combinamos.

— Ah, Beto... Você não está pensando que vai entrar na minha casa quando bem entender e a sua vai ficar lacrada, não é? Ainda não estreei a sua cama.

Ele me encara e há tanto sentimento: irritação, frustração, impaciência... *resignação só para não brigar mais...*

Ah! *E a vontade carnal* de terminarmos a noite fazendo muito sexo.

— Vamos lá pra casa.

Essa frase não me anima. Essa discussão toda me deu mais vontade de cada um entrar em um carro e seguir viagem separados para suas

respectivas casas.

— Vamos, Sam. Por favor, vamos lá para casa.

Seu pedido olhando nos meus olhos indica o quanto ele me conhece.

Alberto sabe que atingiu meu limite.

Pergunto-me se chegou a hora que ele percebeu que não adianta mais me forçar a aceitar tudo do seu jeito. Que não aceito mais os seus arrependimentos após impor sua vontade sobre a minha.

— Por favor. — Insiste.

— Você está levando tudo como se só você tivesse o direito de ter voz ativa e determinar o que faremos ou não juntos e de que forma.

— É, Samantha, você tem razão. Vamos lá pra casa. Daqui a pouco amanhece e quero você na minha cama quando o sol surgir no horizonte.

Alberto roça nossos narizes e minhas emoções entram em curto-circuito.

— *Hum?* — Encosta seus lábios nos meus. — Vou cuidar de você direitinho.

Beijamo-nos lentamente, uma carícia doce com um toque amargo que eu quero que desapareça tanto quanto ele. Abraço-o e ele também me envolve num aperto forte quando nossas bocas se tornam vorazes. Cada vez mais a conversa que acabamos de ter fica para trás.

Seguimos para o táxi e penso na conversa que eu tive com minha prima. Gosto do Beto. Nunca deixei de gostar dele e a chance de eu me ferrar feio é muito grande.

Esse relacionamento é um cabo de guerra. Enquanto ele puxa a corda para ficar mais próximo da vida de solteiro que consegue, eu a puxo para um relacionamento mais firme, sólido, *verdadeiro*. E nenhum de nós dois está disposto a parar de puxar para o seu lado.

Alguém terá que aceitar o que o outro quer, e é melhor que seja ele vindo para o meu lado. Pois se *eu* tiver que ceder, uma coisa é certa: eu vou largar a corda de vez. Alberto que se equilibre ou então cairá em sua própria escolha.

Saio do banho com a mente fervilhando. Há duas semanas tivemos a mesma discussão de ontem, sobre qual casa passaríamos a noite após a badalação.

Alberto alegou que estava com muito trabalho, que não teríamos como ficar o fim de semana juntos. Eu não aceitei que fosse apenas passar a noite comigo e depois “bom dia” e “tchau”.

Nesse tempo que estamos juntos, *ele* definiu que nos encontraremos apenas nas quintas de madrugada e finais de semana. Estes ficaram divididos entre mim e seu filho. Semana passada, deixou o filho dormindo com os avós sexta-feira à noite para se encontrar comigo após meu expediente no restaurante. Foi embora no sábado com o raiar do dia e só voltamos a nos ver no domingo depois que levou o filho para a casa da ex-mulher.

Esse fim de semana é meu.

E eu não quis abrir mão. Discutimos sobre limitarmos nossos encontros a interações na cama ou com seus amigos. Recordei-o que concordamos também que faríamos programas comuns de casais. Falei que há um bom tempo não ia ao cinema (não é mentira).

Ele não gostou. Age como se eu quisesse ultrapassar as barreiras acordadas quando assumimos esse relacionamento esquisito. Bem, cinema foi uma das atividades que eu listei que gostaria de fazer mesmo sem namorarmos. Ele não pode soltar um pio sobre isso. Aliás, ele tem é que soltar um convite para irmos ou parar de tratar como aberração eu chamá-lo para ver um filme.

É como se tivéssemos hora marcada para fazer sexo.

Sobre hoje: Alberto realmente está muito atarefado e não tem como me dar atenção. *Não que me faça me arrepender de estar aqui.* Se eu estivesse em casa, não teria essa visão e estaria com *odinho no coração*. Além disso, ainda tenho muita raiva da indisposição de fazermos programas a dois.

Visto uma de suas camisetas mais velhas e vou para a cozinha fritar o petisco que preparei. É só o que falta pro nosso almoço. Ele vai amar, tenho certeza, pois conheço bem o seu gosto. *Talvez me odeie também.* Provo um e comprovo: está delicioso. Coloco mais um quadradinho do empanado na

minha boca com a salada picante de agrião, rúcula e rabanete com um pouco de alface americana para equilibrar o sabor. O limãozinho dará o toque final com a cerveja importada.

Chego à sala e olho para Alberto que está compenetrado no serviço. Ele me vê um instante depois, e seu olhar percorre pelos meus pés descalços, minhas pernas nuas e sua camiseta que termina indecentemente no alto das minhas coxas revelando a calcinha micro que visto. *E não para por aí.* Ele só ergue o olhar um pouco mais alto pelas partes cobertas e me encara com seus olhos sedutores e inebriantes.

— Você tem certeza que vai embora depois do almoço?

Ah, sim. Depois do *drama* todo de ontem, eu decidi que vou ao restaurante essa noite, pois ele realmente tem muita coisa para fazer.

— Já avisei que vou. Contam comigo.

Ele junta os papéis que estão sobre a mesa e fecha o notebook após uns cliques.

— Então terei minha sobremesa antes do almoço.

Sua voz rouca *quase* me convence. Tenho que respirar fundo para recobrar o ar que foi tirado tanto pelo seu olhar quando pelas suas palavras.

— A comida ficará ruim se deixar para depois.

Minhas palavras e nada são a mesma coisa. Ele continua a se aproximar como um predador sexual. Está apenas com uma bermuda. Nada nos pés, nada cobrindo seu abdômen, seu tórax e, *minha nossa*, ele é todinho pecaminoso.

Meu coração bate tão forte que só consigo pensar no que ele é capaz de fazer comigo, embora uma voz grite que há algo muito importante à nossa espera.

O que é mais importante do que um belo orgasmo?

Minha libido não quer se calar de jeito nenhum.

— Se eu não tiver tempo para minha sobremesa agora, terei depois?

— Fiz uma deliciosa para depois do almoço.

Ele meneia a cabeça. — Não, Samantha. Quero *você* de sobremesa. — Sua barba por fazer arranha meu pescoço quando planta beijos quentes de

minha mandíbula até o ouvido, e ele sussurra: — E vou me fartar tanto que não sei se você conseguirá trabalhar.

Abro um sorriso sacana, que infelizmente ele não vê. Ou *felizmente*, pois o sorriso é um pouco traquina.

— Vou cobrar essa promessa.

Ele se afasta e nos próximos minutos colocamos a mesa.

— Tá com muito problema no trabalho?

Ele fica um pouco desconfortável com a minha pergunta.

— De vez em quando aparece algum problema bizarro lá no banco.

A resposta dele não é muito explicativa, mas sei por causa da minha prima que nem tudo são flores lá dentro. Nem preciso estar a par completamente do assunto para saber que algumas coisas são muito barrapessadas e exigem muita concentração.

Mas o que me incomoda na resposta dele é outra coisa.

— Sabe que até hoje não sei o que você faz?

Ele se serve um pouco da salada e do empanado.

— Como assim?

Também me sirvo da comida e ele nos serve da cerveja.

— Eu nunca soube, por exemplo, no que você se formou na faculdade, embora saiba que você é um dos diretores do banco.

Só sei o cargo por ter ouvido um comentário aqui e ali.

Alberto está surpreso. O cara sabe quando entro e saio do restaurante, mas ele sempre se esquivou de comentar sobre seu emprego. Nunca gostou de falar sobre o trabalho ou sua vida particular. Assuntos que ficaram esquecidos por muito tempo, pois, como eu já disse, eu sequer podia considerar como amigo o homem que mais me entende sexualmente.

— Sou advogado, Sam.

Ele coloca mais um pouco de comida na boca.

— Estou revendo alguns contratos antigos, para tentar reverter algumas fraudes que aconteceram antes de eu ir para o banco. Com a viagem do Rafael tão próxima, quero adiantar o máximo possível para até semana que

vem. É algo muito sério e que estou fazendo sem que ninguém tenha conhecimento.

— Entendi.

Sorrio por ele ter até dito um pouco de assuntos que, mesmo genéricos, são confidenciais.

Meu Deus! Quase me esqueci!

Pego meu celular e finjo digitar uma mensagem, enquanto ligo a câmera para fazer um vídeo.

— Exagerei na pimenta? — Pergunto angelicalmente para fazê-lo falar sobre a comida.

— Isso está uma delícia, Sam. Não sou muito fã de frituras, mas, uau! Está muito bom!

— Que bom que gostou. — Sorrio aliviada por conseguir captar esse elogio.

Ele prova mais um pouco. — Eu só não consigo identificar o que é. Frango? Não parece peixe nem carne... Porco? Não me diga que é feito de coelho! — Acresce um tanto perturbado.

Ah, essa é uma comida que quem não conhece não imagina mesmo o que seja.

— Testículo de boi à milanesa. — Falo como se lixasse a unha e sorrio.

A revelação é justamente quando ele mastiga o último pedaço que pôs na boca. A filmagem registra os movimentos outrora vigorosos do seu maxilar ficarem lentos, como se a comida deliciosa magicamente ganhasse um sabor repulsivo. Minha dúvida é se ele vai engolir com dificuldade ou se vai cuspir.

Talvez corra para o banheiro para vomitar.

Hum... Engole duramente.

— Você está falando sério?

— É bom, né? — Sorrio fingindo não reparar a carranca no seu rosto. — Sabe, a primeira vez que fiz isso foi por causa de uma brincadeira de um professor. Acho que ele tinha uma quedinha por mim, e tentou sugerir algo me escolhendo para fazer testículos. Bizarro, não?

— Samantha, por favor, me diga que isso é uma brincadeira de mau gosto.

— Mau gosto? Mas está uma delícia!

Provo mais um quadradinho com a salada. Eu tive que me despir de muito preconceito na cozinha, durante todo o meu curso. Alguns até para alta gastronomia. Se alguém está se perguntando se já comi aqueles espetinhos orientais com insetos, a resposta é não. Houve a sugestão, mas ninguém conseguiu fazê-los. *Ainda bem!*

— Feche os olhos e coma, Alberto!

— Eu não vou comer mais! — Ele foca no celular. — Você está filmando?

Ele levanta rápido da mesa, já avançando em mim. Seus braços me envolvem, tentam me prender. Consigo finalizar o vídeo e bloquear o celular, antes que ele o pegue das minhas mãos.

— Desbloqueie, Sam! Porra, você não vai passar esse vídeo, caralho nenhum!

Eu rio. — Tem caralho sim! E você tá comendo!

— Não, Samantha! — Ele volta a se aproximar de mim. — Desbloqueie pra eu excluir.

Rio ainda mais. — Está pra nascer o dia que você vai mexer no meu celular!

A frustração dele ganha o olhar traquina que me acompanhou a manhã inteira. Não tenho tempo para descobrir o que apronta, quando ele avança em mim. Seus dedos em minha barriga fazem cócegas.

Eu rio, esperneio, grito, mas ele não para de mexer seus dedos contra minha pele, até que está me arrancando lágrimas e minhas pernas cedem, enquanto pede incessantemente para eu apagar o vídeo.

No chão, ele monta em cima de mim, e, em meio a tantas risadas, um fogo cresce em meu íntimo, aproveitando meu corpo já quente. Uma de suas mãos segura as minhas firmemente sobre a minha cabeça e a combustão causada pela dominação explode.

Até porque ele para.

A traquinagem deixa seu olhar. Manter-me cativa sob o seu corpo para mais uma sessão de cócegas perdeu totalmente a graça para ele. A prova disso é sua ereção lentamente tomar forma no alto do meu ventre.

— Você vai me deixar louco!

Sua boca encobre a minha num beijo ainda mais quente que nossos corpos. Os movimentos eróticos de sua língua e os gemidos que solta são minha perdição. A mão livre que faria cócegas massageia meu seio, dando uma atenção especialmente deliciosa ao meu mamilo.

Envolvo sua cintura com minhas pernas e ele se ajeita para encaixar seu quadril no meu. As ondulações da sua pélvis friccionam o tecido bruto da bermuda contra a renda, e a estimulação prazerosa que sei exatamente como vai terminar me domina mais do que suas mãos.

Quero tocá-lo, mas apenas reboło meu quadril de encontro ao dele, para esse sexo simulado ficar ainda mais incrível.

Sua boca deixa a minha, vai para o meu pescoço e continua a descer pelo meu ombro até morder meu seio sobre a camiseta.

— Oh, Alberto!

Sua mão desce entre nossos sexos. O som seco do velcro de sua bermuda precede a sua ereção caindo sobre o meu delta de Vênus. Quando ele encosta no fundilho da minha calcinha, sinto a pressão do seu dedo contra a renda.

Quero protestar para que não rasgue, a calcinha é muito lindinha, mas quero esse pau gostoso dentro de mim o quanto antes. Fora que... *puta que pariu...* ele está rasgando a minha calcinha para me comer enquanto me domina. Assim que a renda se desfaz, e a calcinha fica presa apenas pela minha cintura, ele se posiciona na minha entrada prontinha para recebê-lo.

— Você promete que vai apagar o vídeo? — Pede entrando lentamente.

Arqueio meu corpo, incapaz de dizer “não” para qualquer resposta. A única coisa que desejo é que seu pênis me preencha por completo *e mais um pouco*.

— Responda, Sam! — Ele força o aperto em meu mamilo de um jeito deliciosamente doloroso. — Você quer mesmo que as pessoas me vejam

apreciando um testículo, quando meu único paladar é para sua buceta devassa?

A mão sai do meu seio, e vai até o meu ombro. Ele o agarra com firmeza, e sei que devo me preparar para um sexo bruto e animalesco. Ele sai lentamente, os olhos fixos nos meus, quando para na entrada.

— É de animal. — Justifico.

Quando sua mão solta as minhas para segurar meu outro ombro, agarro suas costas, fincando minhas unhas em sua pele. Seu corpo pesa sobre o meu e ele volta a entrar lentamente até beirar o desconfortável, por se acomodar por completo dentro de mim.

— Não, Sam. Não quero que me vejam comendo a porra de um testículo, de animal, vegetal, ou de qualquer outra porra. Eu vou ficar muito puto.

— Por que você não fica muito puto agora? — Praticamente gemo as palavras.

Deus do céu! O sorriso devasso que ele dá é uma perdição. Até ficar com o semblante totalmente sério. Sua boca tentadora entreabre e libera sua respiração contra a minha. Ele sai e...

— Aaaaooooohhh!!! — Grito sobrecarregada com a intensidade da sua penetração rápida e completa.

— Você quer me ver puto, Samantha? — Pergunta duramente, com a voz rouca.

— Ah, sim! Quero você puto! Quero você bruto!

E ele me dá exatamente isso. É bruto em suas estocadas. Ora me beija, ora me encara apreciando a tortura que me causa mordendo o lábio. Ele ergue seu corpo e passa minhas pernas para frente. Apoia-as em seu ombro enquanto continua a estocar impiedoso.

Eu já não consigo olhar para ele. Meus olhos não conseguem manter o foco, enquanto todo meu íntimo exige por mais, tanto quanto exige por uma interrupção. Novamente ele mexe minhas pernas, para que elas o abracem novamente, quando ele fica de joelhos. Ele segura meus quadris com força, puxando-me contra ele.

— Mostre o quanto está gostando, Samantha. — Ele rosna. O suor escorre pelo seu rosto. — Toque-se.

Mordo meu lábio enquanto levo uma mão ao meu íntimo e uso a outra para erguer a camiseta e exhibir meu seio. A visão o faz parar por alguns segundos e esfrego meu sexo no dele, enquanto me estimulo, como se ele fosse um boneco inflável com um pau potente.

Ele olha para minha boca, nossos sexos unidos, para meu seio e como movimento meus dedos no meu mamilo e no meu clitóris, como se quisesse gravá-los em sua memória para repeti-los.

Gosto muito do que ele faz comigo, mas meus estímulos são anos de prática de quem aprendeu a se conhecer. Se as mãos dele já muito habilidosas se movimentarem em mim do jeito que eu faço, sou capaz de rastejar por esse homem. Lamber o chão que ele pisa.

No momento, sou fodida, deliciosamente fodida no chão da casa dele. Porque ele volta a estocar. Com força. Bruto. Observa-me buscar pelo prazer para balancear essa dor, que não tenho motivos para reclamar. Fode com força tentando se concentrar nos meus movimentos, mas a cada estocada ele lança nossos raciocínios para o quinto dos infernos.

Ele não consegue mais *aprender*.

Eu não tenho mais coordenação para me *estimular*.

E logo o orgasmo varre qualquer pensamento, qualquer coisa que não seja o próprio orgasmo para longe de nós.

Seu corpo desaba sobre o meu, totalmente suado e exausto. Meus braços estão contra chão e não tenho força para erguê-los e abraçar esse homem que tira minha razão em todos os sentidos.

Até mesmo para fazer algo ridículo.

— Eu não vou apagar o vídeo. — Sussurro e beijo o alto da sua cabeça quando ele grunhe. — E não me importo se você quiser me foder mais vezes assim.

*** Beto-Eu: Eu deveria processar você! ***

Alberto me mandou essa mensagem mais de cinquenta vezes. Já perdi a conta. Tenho certeza que apenas copia e cola, fazendo com que nosso histórico de mensagens trocadas de um jeito mais harmonioso, divertido, briguento e sensual fique bem para trás, para que tudo que eu consiga ler sejam apenas suas ameaças, logo agora que descobri que ele é advogado.

Ele me pediu mais uma vez para não publicar o vídeo, antes de eu sair de sua casa. Implorou até, como se duvidassem da sua masculinidade. E obviamente me perguntou como eu consegui “a porra dos testículos” na casa dele.

Bem, isso foi bem fácil, pois liguei para um dos meus funcionários (o que mora na Zona Sul e chegaria mais rápido até a casa do Alberto) e perguntei se ele me conseguiria os colhões de dois bois em troca de trezentos reais. Acho até que ele teria topado por menos, pois percebeu na hora que era alguma armação. Depois, desci quando Júlio ligou avisando que estava na portaria. Alberto tinha ido para o quarto para falar ao telefone, uma ligação tensa que tinha com a ex-mulher, e nem viu a minha escapulida.

Meus dedos coçam para provocá-lo. E dessa vez não me contenho e quebro a sequência de ameaças.

*** Eu-Beto: A culpa não é minha de ter virado meme. ***

Ele lê no mesmo instante e em seguida começa a digitar uma mensagem. Deixa de estar online sem enviar o que digitou, e, pela primeira vez, fico aliviada, ao invés de curiosa, pois não imagino que não fosse uma mensagem amistosa.

Então... o vídeo virou meme.

Ai, meu Deus! Começo a rir sozinha, pensando em todas as montagens feitas e no próprio vídeo. Fizeram até uma gif com um close nos testículos do boi ainda vivo, o animal com um balãozinho gritando “Ui” e, logo em

seguida, Alberto dizendo “Isso está uma delícia!”, suas palavras quando ainda apreciava o almoço.

Alberto é um meme, meu Deus!

Quando cheguei ao restaurante, vi o vídeo. Cara! Sabe aquele vídeo impossível de não compartilhar? *E eu que tinha feito!* Eu morreria se não enviasse para ninguém. Enviei para a pessoa que mais confio: minha prima. Eu precisava que alguém me mandasse carinhas amarelas chorando de tanto rir. Gabi me respondeu essas carinhas na hora, escreveu muitos “kkkkkk” e me perguntou até como Alberto me deixou sair viva.

Ele até tentou me matar com uma foda *fodástica*, mas saí inteira e dolorida (e ardida), para conseguir fazer pelo menos uma pessoa ver o vídeo e rir comigo.

E foi aí que tudo saiu do controle:

*** Gabi-Eu: O Rafa está morrendo de rir do meu lado. ***

*** Eu-Gabi: Ele viu? ***

*** Gabi-Eu: Viu? Ele passou o vídeo para o zap dele e acho que já viu umas dez vezes. ***

*** O Alberto está implorando pra ninguém repassar o vídeo! ***

*** Mas já postaram em tudo quanto é canto kkkkk ***

Eu tive que ligar para minha prima para entender o que estava acontecendo. Precisava de mais do que frases aleatórias. Enquanto o marido ria ao fundo de um jeito que não achei possível, já que ele normalmente é bastante reservado, ela me contou que há um grupo só dos amigos mais próximos, e eu revelei que Alberto tinha visto o vídeo pela primeira vez pela publicação do Rafael.

E o vídeo saiu do zap, já foi compartilhado mais de mil vezes na postagem original, fora as novas postagens, as montagens, gifs, fotos e tudo mais.

Ele está com muita raiva de mim.

Estou prestes a entrar novamente nas redes sociais para ver alguma novidade, quando recebo uma ligação pedindo para confirmar a ida à clínica para fazer os exames de ultrassons que marquei e já tinha até esquecido. Confirmo e coloco um lembrete para não esquecer de fazer os exames de sangue. O retorno ao endócrino é na semana que vem e não posso esquecer nada.

O dia passa corrido, a noite mais ainda, e não há novas mensagens do Alberto. Nenhuma réplica. *Eu não vou pedir desculpas!* Meu vídeo era uma brincadeira, foram os amigos dele que resolveram zoar até a última encarnação.

Quero enviar uma mensagem para ele sobre minha consulta amanhã e que poderíamos nos encontrar. O silêncio dele está me incomodando e me impedindo de falar também. Não quero mais uma mensagem no vácuo.

Entro no contato dele, pressiono meu dedo sob o símbolo da ligação.

Chama. Chama diversas vezes e a incerteza de ele não atender por estar no banheiro, longe do telefone ou simplesmente me ignorando, me incomoda.

— Oi, Sam. — Ele saúda seco. — Estou no trânsito.

Bem, o som da voz dele indica que está no bluetooth, e minha voz sai pelo autofalante do carro. Pergunto-me por que ele demorou tanto para apertar o botão no painel.

— Tudo bem?

Escuto o trânsito um pouco abafado por alguns segundos e um suspiro, antes de:

— Você sabe que fez merda.

— Seus amigos que fizeram merda. Você está assim com eles também?

Dessa vez, ele pigarreia. — Sam, tive um dia cheio. Conversamos quando eu chegar em casa, tudo bem?

Essa é uma boa oferta. Mas tenho quase certeza que essa conversa será por mensagens.

— Mais tarde fica difícil para eu falar. Hoje é a folga do *sous-chef*. Eu só liguei para dizer que amanhã farei um exame perto da sua casa, e estava pensando em ir direto para lá e ficar com você.

— Estou muito ocupado, Sam.

— *Tá legal.* Até mais.

Desligo o telefone e sei que estou *abrindo um precedente* desligando o telefone na cara dele, mas foi por uma boa causa. Eu estava prestes a chamá-lo de *filho da puta*.

Argh, que raiva!

— Filho da puta! — Rosno com o telefone próximo à minha boca.

Olho mais uma vez para o meu braço roxo. *Poxa!* Segui todas as instruções de quem tirou o sangue, e, mesmo assim, estou com uma bola roxa e negra no meio do meu braço. Mantive até o curativo redondo cor da pele para tentar disfarçar, mas é como se houvesse um eclipse roxo no meu braço. Está horrível.

Fiz todos os exames de sangue, estou com os laudos do ultrassom e é lógico que nem me lembrei que teria que coletar meus dejetos matinais.

Mas, sobre o ultrassom, fiquei intrigada com alguns comentários que o médico fez enquanto deslizava o aparelho pelo meu pescoço. Disse que minha tireoide estava granulada e citou a presença de pequenos nódulos.

Não vou ficar paranoica!

A consulta com o médico será semana que vem, não tenho por que surtar. Até porque embora durante o exame tenha sido falado sobre nódulos, a expressão do médico era absolutamente normal.

Não era como se estivesse constatando que tenho câncer ou um tumor, ou sei lá o quê. São... *nódulos*. E não quero que ninguém me diga que essas palavras são sinônimas.

Entro no carro e confiro o celular pela última vez antes de entrar no trânsito. Pois é... é deprimente procurar por algum sinal de vida dele, mas admito, pelo menos para mim, que esse silêncio do Alberto me angustia um pouco.

E meu orgulho me impede de ligar para ele. Vai que ele desliga na minha cara?

Caramba! A que ponto chegamos! Está tudo errado. Sei que errei, sou capaz de admitir e pedir desculpas para Alberto. Mas ele me deve desculpas primeiro. Por causa da combinação de todas as suas atitudes que resultaram no meu erro de desligar o telefone na cara dele.

Sem sinal do Alberto, olho para as outras mensagens. Há oito contatos ativos que entraram em contato comigo.

O primeiro que entro é do restaurante para saber se está tudo em ordem. Como não fazia a menor ideia de como seria hoje, avisei minha ausência. Está tudo normal. Quando vou clicar no nome da Gabi, uma mensagem de Adrien rouba seu lugar.

*** Adrien-Eu: Sah, tudo bem? Não sei se pode falar, e espero muito que tenha tirado a noite de folga, pois adoraria conversar com você. ***

*** Gostaria de jantar comigo no Le Metz? ***

*** Sua reserva está garantida ;) ***

Um cavalheiro me chamando para jantar!

Quando foi a última vez que jantei fora com um homem? Ah, é... foi com Adrien. A vontade de aceitar é grande, mas eu farei por todos os motivos errados. Infelizmente, não consigo digitar uma recusa agora.

Ai, droga! Quando me tornei essa pessoa cheia de incertezas?

Resolvo sair do contato dele sem responder, e entro no da minha prima. Há uma imagem para baixar, um link. E uma mensagem.

*** Gabi-Eu: Prima, faço isso para o seu bem. Eu sei que essa história de relacionamento sem compromisso não está fazendo bem pra você, e que está gostando mais daquele sujeito mais do que deve. ***

Ela enviou quando eu provavelmente fazia o exame. “Aquele sujeito” *não desce* e tenho até medo de baixar essa imagem borrada de borda azul

que sugere ser um print do Facebook.

Clico e espero o círculo ficar com a borda verde enquanto a imagem é carregada. É torturante esperar enquanto releio a mensagem de Gabi.

Claro que eu sei que ela não me machucaria a troco de nada.

E cá estou eu, incerta e temerosa, sobre o que eu verei.

“Aquele sujeito”...

A imagem baixa e dou de cara com um comentário e sua resposta na publicação.

Lucca: *A sua namorada vai fazer o quê da próxima vez? Leitinho de pênis?*

Alberto: *Eu não tenho namorada e ninguém vai fazer porra nenhuma pra mim.*

É inevitável o choro. Vem forte. Explosivo. Clico no link e vejo a publicação do vídeo feita por um dos amigos dele. Há vários memes nos comentários, até que Lucca fez o comentário brincalhão e Alberto respondeu com aquelas malditas palavras.

E ele não está mentindo.

Alberto não tem namorada. Desde o início, ele deixou bem claro que só queria sexo e exclusividade. Ignorou que eu queria jantar fora, ir a um cineminha, programas a dois que não fossem apenas dentro de um quarto. A nossa amizade (que nem era tanta) naufragou há muito tempo e só o que parece funcionar direito é o sexo.

A pergunta é: *até quando?*

Pior que não há só isso. A vadia da Nina comenta no *post* que ele “caiu de nível” e está “comendo qualquer coisa”. Ela não é a única. Outras pessoas (principalmente mulheres) comentam sobre o meu aumento de peso. Falam que eu quero engordá-lo para ficarmos iguais; que quero deixá-lo gordo porque tenho medo de perdê-lo.

E não há uma defesa do Alberto.

Entro no contato de Adrien. É por impulso, corro o risco de fazer uma grande merda e estragar mais uma amizade.

Amizade... É atrás de um amigo que vou agora. Um amigo improvável e legal.

Respondo à mensagem dele agradecendo o convite, e digo que eu talvez demore. No mesmo instante, ele responde que não preciso ter pressa.

Eu não tenho como me apressar.

Estou magoada demais. Estou chorando demais. Estou xingando demais. A cada sinal parado tento me controlar tanto para parar de chorar quanto para não enviar uma mensagem para *ele*.

Maldito!

— Filho da puta!

Grito.

— Babaca!

Mesmo com os vidros fechados e os vidros filmados, vejo as pessoas olharem para meu carro espantadas com meus xingamentos.

Estaciono na mesma vaga que outrora me mostrou o restaurante do Adrien. Novamente, pego a maquiagem, no entanto, se naquele dia eu precisei dar uma caprichada para aparentar ser chique, hoje preciso refazer por completo por causa da cara vermelha e inchada.

Naquele dia, eu ainda era a Samantha vibrante, apoteótica. Aproveito os últimos passos que tenho para ajeitar minha postura para, pelo menos através dela, demonstrar toda minha confiança.

Não adianta que sempre que olho para Adrien eu penso na mitologia nórdica, embora ele seja francês. Um loiro lindo, olhos azuis, corpo malhado. E ainda tem o bônus de cozinhar bem pra caramba e me fazer rir.

Como não me sinto atraída por ele, meu Pai?

Sério, só porque estou pensando nele sexualmente me lembro da piadinha que fiz sobre como deve ser o seu *martelo*. E é só pensar em sexo que eu me mexo desconfortavelmente na cadeira pensando nas marteladas de outro.

— Sah, eu quero te fazer um convite.

Adrien me tira dos meus pensamentos perigosos, que provavelmente me fariam pensar muito na minha última transa e em vários xingamentos, só para ficar apreensiva.

— Convite?

— O *Le Metz* fará uma participação no *La Cocina*. Será uma prova em que os participantes terão que criar pratos franceses com características cariocas.

— Nossa! Uau! Que chique passar em cadeia nacional!

— Pois é! Meu restaurante ficará famoso por causa de um programa de TV. — Ele não esconde o orgulho e a ironia.

— Parabéns! Mas qual o convite?

— Haverá convidados que degustarão do jantar, e alguns serão conhecedores da gastronomia. Críticos. *Chefs*. Normalmente eles já aparecem com todos os críticos e me falaram que posso convidar até cinco amigos ou parentes.

— E você quer que eu seja uma dessas convidadas?

Ele ri. — Claro que não! Meus cinco convidados serão meus pais, minha ex-esposa ou ela me mata, e dois amigos de longa data.

— E o meu convite?

— Eu exigi que você fosse uma das especialistas, Sah. Quero você ao meu lado, pois tenho que admitir que essa história de recriar pratos, fazer novas versões e misturar culturas é uma especialidade sua.

— Ora, obrigada *Adrien!* — Exagero na pronúncia do “r”.

— Você não nasceu pra falar francês. — Ele zomba da minha pronúncia. — Que bom que você aceitou sem eu ter que dizer que você não teria escolha.

— Eu não disse que aceitei. — Brinco só para forçá-lo a me persuadir.

— Eles já conhecem o seu nome, Sah. — Ele diz com uma pitada de orgulho e um pouco de diversão. Mas o desconforto que está evidente em seu semblante talvez signifique que sinta um pouco de inveja (pronto, nomeei esse “incômodo” dele). — E todo mundo já viu aquele vídeo seu

dos testículos à milanesa. Pelo que entendi, farão várias piadas para irem ao ar.

Tento fazer a melhor cara que consigo, mas sei que está estampado que o meu humor despencou drasticamente. Nunca pensei que Adrien fosse trazer Alberto para uma conversa, e passar algumas horas sem que o nome do cretino fosse tocado foi um dos motivos para eu ter aceitado o convite para o jantar.

— Ele não aceitou a brincadeira? — Adrien pergunta, deixando de lado a leveza de nossa conversa.

— Eu ainda não disse que aceitei seu convite.

— Você não tem escolha. — Ele responde secamente. — E sei que você virá. Vou passar as informações sobre o dia e do contrato depois. E aquele cara não merece você, Sah.

— Eu terei que assinar um contrato?

— Samantha.

— O problema é que a zoeira ultrapassou todos os limites. Ele está chateado. — Respondo me entregando ao desânimo.

— Tudo que eu sei é que você está chateada. Eu ficaria revoltado se você me desse testículos para comer, mas não colocaria esse olhar magoado no seu rosto.

— Você nunca comeu testículos?

— Não. E essa conversa não é sobre mim.

— *Tsc.* É complicado.

— Sah, você meio que se tornou uma irmã mais nova para mim, e eu me sinto na obrigação de conversar com você sobre o que está acontecendo.

Nossa! Ele saiu da friendzone para a de irmãos?

— Uma irmã mais nova?

— Não me leve a mal, mas aquele babaca me tirou você dos braços por duas vezes. Já entendi que não tenho espaço, e já fui recusado demais.

Adrien também comenta que não quer se relacionar com ninguém, que foi até bom nós nunca termos tentado nada além, pois tudo poderia ficar estranho demais e ele correria o risco de perder uma ótima amiga.

Regra número um com Adrien: nunca deveremos cair em tentação.

5

Sexta-feira.

Noite.

Uma noite que por algumas semanas deixou de ser o fim de um dia qualquer, mas que hoje está me deixando com um embrulho no estômago gigantesco. Uma sensação nauseante que até me causou vômito de manhã e me deixou com uma sensação enorme de vazio.

É sério: mal consegui comer. Devia agradecer a ausência de fome, no entanto estaria mais feliz se não fosse por causa do Alberto.

Eu havia prometido para minha prima que não iria mais aos encontros dos amigos do marido dela, pois eu estava envolvida demais com um dos amigos dele. Estava ficando feio demais, como se eu estivesse sempre correndo atrás do Alberto. E depois de tudo que aconteceu essa semana, não será uma decisão inteligente aparecer onde ele provavelmente estará. *Mas a vontade de aparecer por lá é imensa!*

Confiro o telefone mais uma vez, antes de sair. Não há qualquer tentativa de contato dele. Nenhuma mensagem, nenhuma ligação. Ainda está um pouco cedo para o horário que costumávamos nos encontrar, mas ser sete e meia da noite não é o que indica que acabou aquela história de “sexo sem compromisso além de ser fiel”.

Compreendo que sequer teremos um contato para rompermos a relação.

É. Talvez esse seja o motivo da sensação de vazio.

Confiro a calça jeans, uma que comprei hoje mesmo. Está apertada nesse meu novo manequim apenas por ser um modelo skinny. A ankle boot preta de salto alto e fino é envernizada e tem o cadarço de couro fininho.

Para completar uma blusa soltinha preta transparente revelando o top decotado por baixo. Pinteí meus lábios com um vermelho sangue, escuro e intenso, e olhos estão bem marcados de preto. Maquiagem terrivelmente cara para não borrar por nenhum motivo.

Hoje é aniversário de um amigo da faculdade. Um que nem chegou a se formar, mas que nunca perdeu contato comigo, com a Sara e o Luiz. Ele não irá, mas eu estou para me encontrar com Sara para irmos ao aniversário de trinta anos do futuro advogado.

Advogado... *Será que...* Não. Interrompo meu pensamento antes de concluí-lo, pois quando conheci Alberto, Cadu ainda fazia Gastronomia comigo.

Alberto já era formado quando o conheci e como faz Direito!

Ai, ai! Ô trocadilho maldito, forçado e sem graça.

Envio uma mensagem para Sara avisando minha saída e depois de vinte minutos estou passando de táxi na casa da loira para irmos praticamente para o outro lado da cidade.

O caminho todo fico pensando em como seria hoje, se eu e Alberto estivéssemos juntos. Tudo era voltado para ele: os dias que ficávamos juntos eram praticamente marcados na folhinha, os lugares que saíamos eram para onde ele se sentia confortável. Honestamente, não sei se ele aceitaria vir para esse aniversário comigo. Para ser mais honesta ainda, só cogitei vir para esse aniversário, para não ficar em casa bebendo vinho e comendo porcaria, pensando no que ele faria solto na primeira sexta-feira livre após semanas saindo comigo.

Quando chegamos, admiro a casa grande de Cadu. Ela fica dentro de um condomínio bastante nobre na Zona Oeste da cidade. A família dele é abastada. Se ele ano que vem desistir de fazer Direito para tentar ser engenheiro ou médico, a família dele não deve dar ataque por trocar mais uma vez de faculdade sem se estabelecer numa profissão, uma vez que eles são acionistas de uma grande empresa e vivem de renda. Já vim aqui quando estudávamos juntos, ele fazia questão de reunir os colegas mais chegados várias vezes em sua piscina, então houve uma época que eu era até íntima de sua irmã.

Ela é a primeira pessoa que encontramos.

— Oi, Mila! — A cumprimento com um abraço e ela retribui.

— Oi, Sam! Oi, Sara! — Ela cumprimenta Sara e sorri para nós realmente feliz de nos ver. — Que bom que vieram!

A casa está cheia de gente que nunca vimos. Nós falamos algumas novidades sobre nossas vidas, mas muito superficialmente, exceto quando ela comenta que está noiva e nos apresenta ao escolhido pouco depois e se derrete falando dos preparativos para o casório.

— Vou ali rapidinho e já volto! — Ela fala quando precisa se ausentar para falar sobre qualquer coisa com uma mulher que acabou de aparecer.

Eu e Sara decidimos andar e deixamos o noivo dela conversando com um monte de desconhecidos nossos. Já estamos com uma garrafa de cerveja na mão, cada uma, que tomamos enquanto observamos os presentes.

— Você está se sentindo velha demais para essa festa?

Rio da observação da Sara. Sei exatamente por que ela se sente assim, mas ela se explica:

— Só tem garotada.

— Ele está no segundo ano da faculdade. Terceiro ou quarto período. É normal tantos rostos mais novos.

— A probabilidade de eu fingir que peguei alguém mais velho do que eu ao invés de um novinho só para eu não passar a noite sozinha é muito grande.

Rio de sua observação. Realmente há uma garotada com pelo menos três a cinco anos a menos do que nós. Há também algumas pessoas mais velhas, mais próximas à idade do aniversariante que é cinco anos mais velho do que nós duas.

— Minhas *chefs* favoritas! — Cadu exclama a alguns passos de nós.

Damos parabéns pelo aniversário e ficamos numa conversa saudosa por alguns minutos, até que um grupo de convidados chega e vem falar com ele.

— Meninas, fiquem à vontade! Vocês já são de casa!

Ele se afasta com o novo grupo, e escuto dizer para seus conhecidos o mesmo papo de “sintam-se à vontade, a casa é de vocês”, mostrando onde estão as bebidas e as comidas.

Eu me sinto perdida nessa festa. Estar cercada de pessoas jovens demais, receber cantada dessas mesmas pessoas enquanto dançamos é o de menos para eu me sentir desconfortável.

Algumas semanas com o Beto e eu me acostumei demais a estar acompanhada. O mais estranho é que eu não me sentia assim com os rapazes com quem namorei. *Namorei de verdade*. Depois do fim de relacionamentos concretos, ouvir elogios duvidosos em troca de um beijo ou de algo mais para quando fôssemos embora não era nada que eu considerasse esquisito ou que me fizesse sentir mal.

Trocar palavras com esses homens, mais velhos ou mais novos, me deixa com um fel na boca, pois só consigo pensar que aceitar uma proposta, por mais que seja somente um beijo, seria o mesmo que trair Alberto.

Esses homens não reparam meus quilos a mais, apenas se derretem em elogios, alguns se mexem muito bem e dançam comigo, outros são desajeitados, mas não desistem de me convencer a parar para falar com eles.

Converso com um agora: Diogo. Depois de duas horas de festa, Sara resolveu se autointitular papa-anjo e pegou o novinho que grudou nela. Eu fiquei com o moreno café com leite de cabelo raspado, com uma tatuagem que cobre todo o braço direito, e aparenta ter por volta de trinta anos.

— Eu tenho a impressão que conheço você. — Ele comenta.

— Bem, eu sou amiga do Cadu há anos. Talvez tenhamos nos encontrado antes.

Diogo com certeza faz parte dos amigos mais antigos, talvez mais antigo do que eu.

— É. Pode ser. Mas sabe, Sam... Posso te chamar de Sam?

— Claro.

— Bem, você não fez Direito conosco.

Franzo o cenho.

— Fez?

— Ele abandonou o curso praticamente terminando e resolveu fazer Gastronomia.

— O Cadu fez Direito antes?

Meu coração está na boca. Não. Não. Definitivamente não. Seria muita coincidência a primeira aventura do Cadu pelo mundo das leis ter sido na companhia do Alberto. E eu nunca vi essas pessoas.

Olho em volta... Não, não vi essas pessoas em outras comemorações.

Se bem que... eu nunca conheci amigos que fossem exclusivos do Alberto. Sempre é uma patota antiga, de tempos remotos, amigos de colégio do marido da minha prima.

— Você ficou pálida! Está bem?

Praticamente em uníssono a sua pergunta, escuto uma voz feminina conhecida atrás de nós e eu me viro imediatamente.

— Sério, o que ela fez foi muita crueldade, Beto. — Nina diz com a mão repousada no braço dele. *Acariciando-o.* — Abusou da sua confiança. Nós estávamos sempre juntos. Se você tivesse dado uma chance para mim, com certeza seria tratado com muito mais respeito. Mas, não! Você brigou comigo por causa dela. Ficou só com ela e me magoou profundamente.

Bem, agora eu estou profundamente magoada.

— *Falaê*, cara! Porra, testículo é bom mesmo?

Diogo fala alto assustando a mim e ao Alberto, que imediatamente olha para o homem grandão ao meu lado por um instante até parar os olhos em mim com muita curiosidade.

Nina dá um sorriso maléfico e aumenta as carícias no braço do Alberto que o puxa debaixo das garras dela rapidamente.

— O que você está fazendo aqui, Sam?

— Vocês se conhecem? — Diogo pergunta totalmente perdido.

Que bom que não sou a única.

Mas não desço do salto. Ele é fino e perfurante. Faria, por exemplo, um rasgo lindo na cara dessa piranha que tenta se aconchegar no Alberto aproximando-se um passo dele.

— Quem você acha que fez os testículos à milanesa? — Digo com um sorriso no rosto, plenamente consciente de que metade da festa presta atenção no quarteto.

Há risadas. Há burburinhos sobre os memes. Diogo está mais curioso.

— Você é namorada dele? Porra, cara, eu não sabia! — Ele diz para Alberto em tom de desculpa. — Vi que você chegou com a Nina. Porra, foi mal.

— Eu, namorada do Alberto? — Engulo a bile após a pergunta carregada de sarcasmo, e me forço a dar um sorriso, como se achasse graça da suposição. Pra dizer a verdade, foi mais difícil ouvir que Alberto e Nina chegaram juntos. — Eu e ele nunca namoramos! Saímos algumas vezes, mas *namorar*? Negativo! De jeito nenhum!

E o Oscar vai para Samantha Vasconcelos.

Principalmente quando rio junto com os que escutaram. Olho para o Alberto com desdém. Digo entre os dentes:

— Foi uma pena eu não ter conseguido um pênis pra você comer junto com os testículos. Teria sido ainda mais hilário.

Cara, nunca tentem pisar em mim. A merda do meu carma pode ser irritante, mas eu ainda consigo fazer milagre e dar a volta por cima.

Todo mundo ri ainda mais, enquanto ele me fulmina com o olhar. *Com o seu olhar quente*. Pegando fogo. Querendo me incandescer indecentemente.

— Vou pegar uma cerveja, licença. — Preciso fugir desse olhar.

Rindo bastante alto, Diogo diz: — Vou com você.

A mão de Diogo passa pela minha cintura e eu enrijeço, já que meu corpo ainda está sob o efeito do olhar lascivo daquele babaca. Caminhamos ao redor da piscina com essa falsa impressão de intimidade. Se eu já não tinha vontade de trocar uns beijinhos com ele ou qualquer outro durante a festa, a presença de Alberto me estragou de vez para qualquer um.

A sensação que tomava conta de mim por pensar em traí-lo provavelmente era um alerta do meu sexto sentido de que *ele* me traía.

Tento prestar atenção no que Diogo fala sobre testículos à milanesa, sobre a mãe dele dizer que tudo que é frito fica gostoso, e que, por mim, ele até se candidataria a provar, até que somos interrompidos.

— Sam, vamos conversar?

Novamente a festa presta atenção em nós dois e dessa vez Diogo não encara o amigo como se se desculpasse.

— O que você quer falar com ela?

— Nós temos um acordo, Samantha. — Alberto ignora a pergunta do outro.

— Ah, temos? E você só se lembrou dele agora? — Ponho as mãos nos quadris, desafiando-o, enquanto me desafio a não chorar. — Volta lá pra Nina! Ela está desesperada já que você saiu de circulação por umas semanas! *Ela* é a sua companhia. *Eu* vim sozinha! E toda essa putaria já me encheu!

— Eu não estou com a Nina! — Ele se altera. — Encontrei com ela na porta. Só.

— Pois não parecia! Ela acariciava o seu braço com movimentos que faria no seu pau!

Silêncio geral.

Ok. Dessa vez, passei dos limites. O choque está no rosto dele que está um pouco rubro, acredito mais que pela vergonha do que pela exaltação da nossa conversa. Fora as várias exclamações soltadas que sobrepõem o instante de silêncio. E risadinhas, é claro.

— Porra! Você vai me enlouquecer!

— Bem-vindo, então, porque você já conseguiu me deixar louca! — Esbravejo.

A raiva toma conta de mim com tanta força que eu avanço em cima dele para dar uns bons socos. Mas ele se arma todo para não ser atingido e agarra meus pulsos com facilidade antes do primeiro golpe.

— Me solta! — Rosno no seu rosto. — Eu vim sozinha pra essa festa! É sempre assim que eu venho e já estou de saco cheio.

— Pra mim, você estava trabalhando! — Ele rosna de volta. — Só dei uma passada aqui antes de sair mais tarde, como fazemos todas as noites do fim de semana. Enviei uma mensagem pra você avisando.

Estaco. *Ele me enviou uma mensagem?* Sinceramente, faz um tempinho que deixei de olhar o celular com medo de minha decepção ficar muito evidente por achar que ele não entraria em contato.

E agora minha decepção está estampada no rosto.

Eu iria sozinha mais uma vez para a maldita reunião de amigos dele.

— Me solta!

— Pare de tentar me bater!

— Então suma da minha vida! — Rosno novamente, dessa vez o empurrando.

Estamos perto demais da borda e ele perde o equilíbrio. Faço uma força descomunal para não ir para frente e nós dois cairmos na piscina. Só que quando consigo nos estabilizar, Alberto me agarra pela cintura e pela nuca.

— Pare, Samantha. — Ele suplica antes de me beijar.

Sua língua força sua passagem pela minha boca. Estou tensa, com raiva, mas incapaz de resistir. A chama do desejo já tinha sido acesa sob o seu olhar ardente ainda do início do espetáculo.

Então, beijamos. Sua mão me impede de não aceitar sua carícia, e eu o abraço, sem me importar de ser rude com minhas unhas sobre a camiseta. Cravo-as com força, enquanto correspondo ao beijo mais do que esperado essa semana. E estou com muita raiva por isso. E com muito desejo.

Ah, só quero beijá-lo e-

— Vocês são loucos demais!

Somos empurrados logo depois dessa frase. E por pouco, pouquíssimo mesmo, não caímos na piscina.

Olho para o lado a tempo de ver Diogo se afastar gesticulando com os braços, resmungando alguma irritação. Foi ele quem nos chamou de loucos e tenho certeza que foi quem nos empurrou.

— Filho da puta! — Alberto grita. — Porra! Se tivéssemos caído, eu quebrava você todo!

Depois olha pra mim. Estou ainda desnorteada com o que aconteceu. A discussão e nossas palavras começam a fazer moradia na minha memória. As palavras sobre namoro, não namoro, compromisso, *acordo* cimentam-se talvez um pouco fora de ordem, e com certeza o meme dos testículos ganhará a versão dois, com tantos celulares apontados na nossa direção.

Preciso sair de perto do Alberto. Caminho a passos largos e decididos, quase uma corrida. Escuto meu nome uma, duas, três... na quarta vez ele agarra meu braço e me vira.

Ele abre a boca, como se tivesse um milhão de palavras para serem ditas. Nenhuma delas é verbalizada. Apenas seus olhos expressam o que sente, o que deseja, o que pretende.

Meus olhos dançam focando ora seus olhos, ora seus lábios entreabertos. Temo o que pode ser dito, temo mais ainda o que ele pode não querer dizer por causa de convicções estúpidas. Mas o que eu temo acima de tudo é estar interpretando a ausência do verbo de forma totalmente equivocada, enxergando apenas aquilo que desejo.

— Vamos lá pra casa. — Ele sussurra.

Eu concordo pensando no quão fodida eu estou por estar totalmente apaixonada por ele.

Esse é o fim de semana do Felipe e tenho certeza de que ele está em algum canto do apartamento, normalmente silencioso. Há um ruído de programação infantil, provavelmente de um desenho animado barulhento de luta que ele esteja assistindo.

Eu não devia estar aqui.

Não devia ter caído em tentação, e deixado me envolver pelos olhares sedutores e pelos beijos do Alberto. Ele nem precisa usar sua lábia de advogado para cima de mim. Basta a porcaria de um olhar para eu não resistir e sucumbir aos seus encantos.

Vou ao banheiro da suíte limpar o meu corpo do cheiro de sexo *e do sexo* que tanto fizemos. Noto minha roupa no canto do quarto e ainda bem que escolhi usar ontem à noite uma calça jeans, assim não vou andar por aí com um vestido curtíssimo na frente de uma criança que nunca vi. Pego uma camiseta preta com o símbolo da paz em branco e visto no lugar da minha transparente, que deixo no quarto.

Quando saio, Felipe me fita estranhando minha presença. Ele está no sofá assistindo a algum desenho que não faço a menor ideia do que seja. Além de ser a primeira vez que nos encontramos, não sei se ele já viu o pai acompanhado.

Seus olhos param nos meus pés descalços.

— Oi, Felipe... tudo bem?

— Oi... Samantha. — Cumprimenta-me com o meu nome e talvez esse seja um bom sinal.

— Onde está o seu pai?

— Na cozinha.

Quando me viro, vejo Alberto recostado ao portal observando minha interação com seu filho.

Acaricio seu ombro quando me aproximo dele. — Bom dia.

Passo por ele sem um beijo, e entro na cozinha onde não há o menor sinal do aroma de café. Ainda não é muito tarde, o cabelo úmido do Alberto indica que não levantou muito depois de mim.

— O Felipe já tomou café? — Pergunto assumindo a cozinha.

— Ah... Já, a Ingrid já deu café da manhã, mas... — Ele para na porta. — Filho, você quer comer alguma coisa?

— O que tiver, menos testículo frito.

Reprimo uma risada. Nem ousou olhar para Alberto. Pego algumas laranjas para espremer e um melão que encontrei na geladeira.

— Ele me perguntou como eu não percebi.

Uma risada sai com uma lufadinha de ar. *Ah*, Alberto, não toque nesse assunto, pois eu ainda vou rir muito. Para fugir de vez desse tema complicado, resolvo entrar num preocupante.

— Vou embora daqui a pouco pra você ficar sozinho com ele.

Olho para Alberto que me encara bastante sério.

— Você está bem com isso?

— Sim, Alberto. Esse é o final de semana do seu filho.

— Na verdade, ele e Ingrid vão viajar para São Paulo à tarde. Vou levá-los para o aeroporto depois do almoço. Amanhã é aniversário do pai dela e eles só voltam segunda.

Anuo sentindo falta de um comentário para eu ficar ou até voltar mais tarde.

— Não é melhor você ver se ele está bem com a minha presença aqui?

— Enquanto você estava deitada, falei que eu tinha companhia. É a primeira vez que ele vê que uma mulher dormiu comigo.

Seu esclarecimento traz um pouco de conforto. Ficou evidente que ele já tinha sido visto com outras mulheres pelo filho, mas meu coração bate mais feliz do que enciumado por ele não tentar me esconder.

— De qualquer forma, não vou demorar. Vou deixar algo preparado para o almoço de vocês e já vou.

— Não precisa, Sam.

— Não será nada demorado.

Enquanto preparo o café da manhã, começo a fazer um estrogonofe. Não é um prato de preparo demorado e quase todos os ingredientes estão disponíveis. Nada que me impeça de fazer uma adaptação.

O café da manhã é tranquilo. Felipe come conosco, adora os ovos mexidos que fiz. Pergunto se ele está gostando da vida nova no Rio, sobre a escola, novas amizades. Ele é receptivo a todas as minhas perguntas. É um garoto lindo, comunicativo, e pelo que fala de namoradas no colégio, tenho certeza que é um miniclone do pai não apenas na aparência. Acho que até vejo um olhar safadinho quando comenta sobre as garotas, e olha que ele vai fazer seis anos.

Atipicamente, Alberto apenas observa nossa interação. Pouco fala. Apenas quando é perguntado de algo por mim ou por seu filho que abre a boca. Mais estranho é quando ele se afasta de nós carrancudo, e vai para o quarto com o celular na mão.

Mesmo abafado pela porta, ouço a conversa farpada com a ex-esposa. De novo, participo de algo que contradiz o pouco que eu conheço sobre seu antigo casamento, pois eles não aparentam ser nem um pouco amigos, e percebo que a briga era por causa de dinheiro.

Pelo olhar e pela calma de Felipe, entendo que a animosidade é rotineira. Tanto que, quando Alberto volta apenas tiramos a mesa do café, e filho e pai não fazem qualquer comentário sobre a conversa.

— Eu juro que é de frango. — Afirmo para Felipe sobre o estrogonofe, antes de ir embora.

— O vídeo que eu vi está cortado. Me manda o original?

— Felipe. — Olho para Alberto após seu tom repreensivo a tempo de vê-lo revirar os olhos.

— Envio para o seu pai.

— Vou cobrar, hein, pai.

Ele me dá um beijo e volta para a frente da televisão.

Alberto me abraça pela cintura e me leva até a porta. Ele a fecha atrás de nós e recosta na parede, comigo à sua frente.

— Obrigado.

Sorrio para ele e o beijo. Bem lento. Sei que não temos muito tempo, mas não quero deixar essa despedida voraz. Depois dessa manhã em família, não há espaço para sermos amantes ardentes, por mais que o fogo nos consuma enquanto apenas acariciamos nossas línguas uma com a outra suavemente. Só que hoje, quero ser uma... *uma namorada*.

— Hoje, vou fechar o restaurante.

Ele me encara com os olhos ainda muito sensuais do nosso beijo no meio do corredor.

— Tá.

Afasto-me dele engolindo essa palavrinha mísera, que não é acompanhada de um “até mais”, “até amanhã” ou mesmo um “vá com Deus”.

Maravilhoso seria ele pedir para eu não ir trabalhar de carro, pois pretende me buscar.

Estou sentimental demais esses dias. Posso culpar a TPM, mas a situação que vivo com Alberto me deixa exausta emocionalmente. Confiro minha aparência no espelho do elevador. *Cansada*. Nem dá para culpar também a noite insone regada a sexo de reconciliação.

E o dia ainda mal começou.

Quando chego em casa, tiro a roupa e atiro-me na cama. Ainda estou com a camiseta do Alberto, já que a opção era sair de top e blusa transparente na frente do filho dele.

O. Filho. Dele. Não sei como me sinto. Eu ainda carrego uma mágoa muito grande por ter essa verdade atirada em mim ao acaso, quando resolvi fazer uma pesquisa nas redes sociais, para saber um tiquinho mais sobre o moreno que invadia meus sonhos após o fim de uma semana de romance. Deparei-me com uma foto do Alberto casando. Noutra, estava feliz ao lado do Felipe e da tal Ingrid. Uma foto que corrobora bastante para a versão pais separados e amigos, pois eu acreditei que ele tinha me usado como amante de tão “marido e esposa” que aparentavam naquela imagem.

Desconversei sobre tê-lo procurado, quando Alberto perguntou sobre as fotos. Fingi que foi uma sugestão de amizade, e entrei noutro assunto, como se não tivesse importância ter atirado que ele já tinha sido casado, e que já tinha um filho que nunca foi citado em nossas inúmeras conversas. Eu não salvei as fotos e a página sumiu. Foi como se aquele perfil nunca tivesse existido. Uma intriga para eu e ele não ficarmos juntos que desapareceu.

Mas agora não é hora de pensar nisso. Como o final de semana eu imaginava ser do Alberto com o filho, independentemente da nossa briga e ausência de comunicação, eu já tinha deixado minha noite de sábado ocupada ao extremo. Esse fim de semana, meus tios estariam comigo, mas insisti que tirassem uma folga.

Talvez seja a hora de contratarmos mais pessoas. Já conseguimos deixar o restaurante do jeito que queremos.

O alerta de um novo e-mail no meu celular me faz pegar o aparelho. É do laboratório com os exames de sangue.

A cama range um pouquinho quando viro de bruços para ler o exame e passar o tempo enquanto o sono não vem. Abro o anexo e confiro os dados.

O resultado de um dos exames rouba todo o meu ar.

Sabe quando se sente que está perdendo totalmente o controle da sua vida?

É assim que me sinto. No início do ano, achei que meu problema era doze quilos alienígenas (que viraram dez, mas acho que são onze atualmente). Era o que me incomodava. Só.

Hoje, tenho que me preocupar com um relacionamento que não existe, com uma pessoa que simplesmente faz tudo para deixar claro que o que temos é apenas sexo, e até o seu lado amigo vem falhando bastante. Uma situação que me deixa impotente e magoada, pois temo que ele termine *novamente* depois de ter insistido *novamente* para continuarmos nesse relacionamento-sem-relacionamento.

E agora tenho que me preocupar com esses exames. Eu tinha que ter desconfiado quando fiz a ultrassonografia que aqueles nódulos eram preocupantes. Mas estava com a cabeça ocupada demais pensando no Alberto e distraída demais com o convite do Adrien para jantarmos juntos, para pesquisar na internet o que significava tudo aquilo. Nesse exato momento não tenho coragem de procurar qualquer informação.

Pelo que vi do exame sanguíneo, tudo estava dentro do considerado normal. Hemograma, ok; todos os outros exames com “hemo” no início, “ok”; glicose, “ok”; colesterol tá de parabéns.

Aí chegou a sequência de exames da tireoide, que eu não levei a sério no ultrassom, pensando demais em quem não merece nem um minuto da minha atenção. Tudo ferradamente alterado. TSH, T3, T4, todos eles fora dos limites indicados.

E o Anti-TPO.

Valor de referência 34 U/ml. Sei lá que porra de unidade de medida é essa e pouco importa. A merda toda está no resultado:

> 1500 U/ml

Os outros estão entre cinquenta e cem por cento dobrado. *Mas esse?*

Entro no carro da minha prima que veio me acudir, sentindo todo o meu corpo tremer.

— Fica calma. — Gabi tenta me tranquilizar, mas olha para nossas mãos unidas claramente preocupada com minha temperatura congelante. — Você

conseguiu falar com o médico?

Eu ainda não havia conseguido falar com médico. Liguei, mandei SMS, Whatsapp, Messenger (tive que procurar no Facebook e até o adicionei como amigo), e-mail. É sábado e se um dos pacientes estiver prestes a morrer, que procure uma emergência e o deixe em paz. *Nada!* Ele não leu absolutamente nenhuma mensagem, ignorando que para eu insistir tanto só poderia ser algo muitíssimo urgente.

Depois de ver os resultados, eu precisava falar com alguém. Será melhor conversar com meus pais após ter um diagnóstico concreto. Não liguei para Alberto, pois ele está com o filho (e honestamente fiquei com medo de ele não me atender). Então só tive como ligar para quem é quase uma irmã para mim.

— Ele não me atendeu.

— Tá. Olha, nós vamos para uma clínica. O Rafael já passou seu exame pro diretor do hospital, só chegaremos lá e você será atendida.

Encosto minha testa no vidro do carro, deixando o geladinho tentar aliviar minha dor de cabeça. Vinte minutos ou meia hora no máximo chegamos.

É a hora que chega a mensagem do meu endócrino.

— O que ele diz?

— Pede para eu ficar calma, que conversará comigo na minha consulta, mas que *posso ficar tranquila*. — Faço uma voz debochada no final. — E pede para eu não pesquisar o que esses resultados representam, pois posso ficar impressionada à toa.

Uma mulher de jaleco se aproxima, e nós levantamos.

— Samantha?

— Oi, sou eu.

Ela estende a mão e cumprimento. — Sou a Dra. Olívia. Vamos ao consultório.

Olha para Gabi. — Vem comigo?

Ela dá um sorriso fraco e preocupado. — Claro.

Nós entramos numa sala. A médica pega meus exames e passo novamente por uma bateria de perguntas, sobre minha vida, tipo de alimentação, minhas idas ao banheiro tanto para o número um quanto para o número dois, perguntas, perguntas e perguntas que respondo mecanicamente, segurando minhas próprias perguntas sobre quanto tempo de vida eu tenho, pois Gabi está ansiosa pra cacete.

— Eu estava sentindo dor de cabeça no carro, não sei se tem a ver.

Não quero falar na frente da Gabi que vomitei também.

Ela sorri. — Tem a ver com sua preocupação. — Ela pigarreia. — Samantha, esses números assustam, mas você não precisa ficar assim.

— Não? Quando finalmente o Dr. Walter respondeu, ele disse que era para eu não procurar nada na internet.

Ela suspira. — Seus exames apontam que você tem hipotireoidismo associado à tireoidite de Hashimoto. Numa busca pela internet, você se impressionaria com a quantidade de tratamentos que pode encontrar e a maioria é muito experimental.

Gabi se ajeita na cadeira e quase me arrependo de trazê-la para ficar ao meu lado, caso a informação seja de uma doença muito grave.

— O que isso significa, doutora? — Pergunto. — Tá no início?

— Tem cura? — Gabi pergunta baixinho.

— A tireoidite de Hashimoto é uma doença autoimune. Vou explicar de uma forma simples.

— Por favor, pois eu não entendo nada de termos médicos.

— A maioria das pessoas que recebe esse diagnóstico tem a sua reação por causa da alteração no Anti-TPO. Então, você tem tireoidite de Hashimoto, uma doença autoimune. Seu corpo cria anticorpos que atacam a sua tireoide. Por essa razão ela apresenta alguns nódulos, às vezes, um pouco de inchaço. Os outros exames da tireoide apontam para um quadro de hipotireoidismo. Pode ser o motivo desse seu ganho de peso. Normalmente pessoas com o seu diagnóstico também reclamam de muita fadiga, cansaço, prisão de ventre.

— Ela bem ativa. — Gabi diz, parecendo um pouco mais aliviada. — E o tratamento para ela se curar?

— Ainda não há uma cura para a tireoidite de Hashimoto, mas faremos um tratamento hormonal que regularizará o funcionamento da tireoide. Periodicamente você fará exames para verificar os níveis hormonais, e ultrassom para acompanhar o estado da sua tireoide. Vou receitar levotiroxina e provavelmente para os próximos exames você já estará com o hormônio da tireoide normalizado.

— Por quanto tempo vou tomar esse medicamento?

— O tratamento é para a vida inteira. — Ela suspira. — Há tratamentos que indicam outros suplementos, bem como a restrição da sua alimentação. Vi a dieta da sua nutricionista e acho que é a ideal para você. Você está quase chegando ao sobrepeso, e é importante, sim, ter esse cuidado para depois não ter que se preocupar com mais quilos a mais. Então, dieta e evite o sedentarismo.

— Mas quais seriam esses tratamentos? Para a tireoidite de Hash... — Paro, pois ainda não aprendi esse nome direito.

— Tireoidite de Hashimoto. Restrição de alimentos, suplementos de vitaminas e minerais. Suplemento de Vitamina D, por exemplo. Mas se você toma sol e o exame indica que você está com o nível recomendável, pra que você vai tomar? Eu e o Dr. Walter fazemos nosso tratamento à base de levotiroxina. Vitaminas receitamos apenas em casos de deficiência.

— Conhece o Dr. Walter?

Ela confirma. — Quanto a restrições alimentares, você encontrará informações sobre tirar glúten, laticínios, carne vermelha, fora outros alimentos. Ajudará no seu emagrecimento? Sim, pois são alimentos muito calóricos, ricos em gordura, de difícil digestão. Vai melhorar a sua tireoide? — Ela encolhe os ombros. — Tenho pacientes que resolveram fazer tratamentos alternativos sem a levotiroxina por terem lido aqui e ali que era possível, e depois tiveram que retornar com o tratamento tradicional.

— Doutora Olívia, eu estou me sentindo muito melhor com essa consulta. Tem como me passar o endereço do seu consultório?

Ela faz uma setinha para o final do receituário, onde está o endereço, fala sobre o plano de saúde e que atende o meu. Gabi aproveita a consulta para pedir a mesma bateria de exames e a médica nem titubeia. Preenche mais pedidos, dessa vez para ela.

— Samantha, esse remédio é para ser tomado todos os dias. Muitos consideram que devem tomá-lo meia hora antes do desjejum, mas o ideal é antes de qualquer atividade. Procure se medicar sempre no mesmo horário. Ponha o relógio para despertar pelo menos meia hora antes de acordar, tome o remédio com auxílio de um copo d'água e depois volte para a cama e inicie suas atividades rotineiras depois de meia hora.

— Ok.

— E preciso perguntar se você planeja engravidar?

— Não. Não está nos meus planos. — Nego com a cabeça veementemente, embora fique curiosa. — Por quê?

— Mulheres com doenças na tireoide, como tireoidite de Hashimoto, hipotireoidismo e até hipertireoidismo infelizmente têm um pouco mais de chance de sofrerem um aborto espontâneo e dificuldade para engravidar. Fora que podem acarretar no mau desenvolvimento do bebê, além de aborto espontâneo. E estudos apontam que filhos de mães com hipotireoidismo não controlado durante a gestação podem ter problemas cognitivos. É muito importante que você nunca interrompa a medicação, principalmente se suspeitar estar grávida ^[1].

— Pode deixar.

— Estou passando novos exames de sangue, para verificarmos como será a resposta da sua tireoide em relação ao tratamento. Ligue para minha secretária na segunda para marcar uma consulta para daqui a um mês. Faça o exame de sangue mais ou menos cinco a dez dias antes, para ele ficar pronto a tempo e para eu ter um resultado mais próximos à realidade da sua tireoide na próxima consulta. Faça os exames pendentes o mais rápido possível e me envie o laudo por e-mail. Leve essa guia, para já ter, caso precise repetir.

Ah, sim. Número um e número dois. Saímos do consultório como se tivéssemos deixado uma mochila de chumbo lá dentro.

— Caramba! Nunca tinha ouvido falar! — Gabi exclama.

— Nem eu!

— Bem, vamos comprar logo esse remédio. Gravou as recomendações?

Faço que sim com a cabeça. Passamos na drogaria e depois de comprar os copos coletores e o remédio, ainda tenho que esperar Gabi encher o cesto com um monte de coisa.

Enquanto a espero, finjo observar produtos de limpeza de pele e pego o celular, rezando para que ela não venha ao meu encontro, pois não quero que veja minha frustração por não haver tentativas de contato do Alberto.

Para minha surpresa, *há*. E ele está preocupado. Não duvido nada que o marido da minha prima tenha avisado a ele o que acontecia, pois ele pede insistentemente que eu dê notícias.

Envio uma mensagem por alto o que aconteceu, que estou bem, que os números assustaram, mas não há nenhuma doença grave, dizendo-lhe o nome. Ele liga. E desliga um segundo após a foto dele aparecer na minha tela.

*** Beto-Eu: Desculpe. O Lipe me chamou do banheiro. ***

*** Depois nos falamos. ***

— E aí, vamos?

Sorrio para Gabi. Olho para a sacola gigante na mão dela.

— Não tem ninguém para comprar xampu pra você?

Ela fica corada. — Às vezes, gosto de experimentar um novo. Sabe, o cabelo vicia. — Ela fecha a boca da sacola e impede até que o segurança a pegue.

Eu rio. — Está renovando o estoque de K.Y? — Pergunto baixinho.

O rubor no rosto dela é hilário. — Pare com isso. Olha, o Rafa chamou você pra almoçar conosco. Ele prometeu que você não vai cozinhar.

— Claro que sim. — Digo secamente.

Rafael adora minha comida, mas ele nunca cometeria o que certamente chama de “indelicadeza”. Ele ter me chamado até antes de minha prima me convidar para passar o dia com eles após esse susto mostra como ele é devoto a ela. Aliás, só de ele ter exigido o diretor de um hospital particular

parar o mundo para arrumar alguém para me atender demonstra como ele é capaz de fazer tudo pela esposa.

— Mas eu vou pra casa. — Digo em tom de desculpa. — Vou descansar um pouco, para ficar bem disposta no restaurante.

— Sam, está tudo bem?

Sorrio. — Está!

— Sam...

— Está, sim, Gabi. Talvez essa doença, que não é uma doença tão mórbida assim tenha me feito repensar algumas coisas.

— Alberto procurou você?

— O Rafa contou para ele que tínhamos vindo para o hospital. Ele ficou preocupado, mas eu já disse que está tudo bem.

Eu a abraço e ela retribui. — Se cuida, Sam.

— Não exagere no K.Y.

Ela me dá um leve empurrão. — Para! Se cuida.

Damos beijos de despedida e entro no táxi sob seu olhar vigilante. Só então fecho meus olhos e deixo as lágrimas rolarem pelo meu rosto, pois não dá mais para sustentar esse relacionamento só de sexo com Alberto, já que nem mais meu amigo ele está disposto a ser.

O som da tampa da privada batendo com força na louça é o último que eu esperava ouvir de manhã. Estou sozinha no apartamento, *passei a noite sozinha*.

Antes de surtar pensando que pode ser uma assombração ou coisa pior, resolvo arriscar, uma das poucas pessoas que pode ser:

— Gabi?

— Oi! — ela grita e pelo pouco de eco em sua voz ainda está banheiro.

Imediatamente me preocupo. Saio da cama direto para lá. Gabriela tem a chave do apartamento, pois de início moraríamos juntas. O magnata que

não deixou. Ainda quando namoravam exigia que ela ficasse com ele todos os dias. Ela praticamente amanhecer aqui é totalmente atípico.

— Está tudo bem? — Pergunto ainda na sala.

Quando paro na porta do banheiro, vejo a calcinha dela pendurada na maçaneta e ela de pernas abertas fazendo xixi na privada, mas mirando o jato da urina num pote.

— Gabi, esse pote não é o que comprei pro exame de hoje, né?

Ela faz o xixi toda torta. E minha ida matinal ao banheiro começa a querer sua vez na privada.

— Não. — Gabi responde. — Os seus estão ali.

Gabi faz um sinal com a cabeça para o gancho de toalha que também tem um saco com minhas compras da farmácia. Ela termina e coloca o pote sobre a pia. Depois de se secar, lava a mão.

Preciso me apressar antes de perder a urina do exame, ou até fazer no chão. Ela me ajuda a passar o potinho.

— Por que você está fazendo isso aqui?

— O Rafael me encheria de perguntas, talvez ache que estou à beira da morte. — Ela responde enquanto eu repito o que ela fez para colher a urina. — Vou fingir que só vou acompanhar você e vou levar os meus também. Você já vai fazer o...

Reviro os olhos. — Vai, Gabriela. Pode fazer!

Quando se tem intimidade com alguém, puta que pariu!

Saio do banheiro e vou para a lavanderia lavar a mão no tanque, enquanto ela se tranca no banheiro.

Tomo meu remédio, embora tenha acordado umas duas horas mais cedo que a costumeira. Já estou desperta, mas não tenho como comer pelos próximos trinta minutos. Como Gabriela precisa fazer parte daqueles exames em jejum, vou para o quarto separar uma roupa. É melhor sair sem tomar café. Comerei alguma coisa na rua.

Só vai ficar faltando fazer a segunda coleta e... meneio a cabeça.

Poxa, Gabriela! Só o de urina que precisava ser o primeiro da manhã. Agora ela está fazendo o número dois, e terei que usar o banheiro

praticamente em seguida.

Escuto a porta abrir, todavia decido esperar, digamos, a *vontade* ficar mais forte. Pego um sapato, e tiro meus documentos e objetos de uma bolsa para passar para outra. É quando tudo está espalhado pela cama que Gabriela entra.

Ela fica parada no batente me observando separar os comprovantes de compra, papéis de balas e bombons que ficam acumulados dentro bolsa quando como na rua e não há uma lixeira por perto para eu jogar fora.

— Jogou aromatizador?

— Ainda não fiz. — Ela responde.

Encaro-a. Ela morde seus lábios, a expressão em seu rosto é matreira.

— O que foi, Gabi?

Gabi saltita até a cama. *Ela fez isso mesmo? Saltitou até a cama?* Ajeita o vestido e senta-se à borda com um pouco de pompa exibindo um sorriso de orelha a orelha.

Ela joga uma tirinha de papel sobre a cama. No meio dela, entre a barra branca e a azul, duas tiras rosas quase vermelhas. Abro um sorriso enorme, pois sei exatamente o que significa.

— Você...

Ela faz que sim com a cabeça e diz com um sorriso imenso:

— *Tô grávida!*

Em seguida ela começa a lançar as tirinhas e bastonetes a cada exclamação:

— Tô grávida! Gravidíssima! Grávida! Grávida! Vou ser mamãe! Rafa vai ser papai! Mais de três semanas! Parabéns pra mim! Parabéns para você também! Irmãos de barriga!

Minha boca ainda está esgarçada num sorriso imenso, enquanto eu tentava arrumar uma brecha no catatau de exames que ela joga para parabenizá-la, mas agora...

— Confundi os xixis! — Ela diz com a voz rouca e olhos cheio de lágrimas. O rosto ainda exibindo um sorriso. — Quando me dei conta, tinha pego o seu xixi para molhar um desses testes de tirinha. Para ter certeza,

abri mais um para confirmar. Pra dizer a verdade, tirando o que indica a semana, não faço a menor ideia de quais desses são os dois que deram positivo pra você também e quais são os meus.

Ela tira de trás dela duas caixas.

— Aqui tem mais um pra descobrir de quantas semanas. Comprei três para garantir o resultado.

Antes de qualquer palavra, eu a abraço tentando pensar apenas na felicidade *dela*, na gravidez *dela*, esquecer que *ela* acabou de jogar uma bomba no meu colo.

Então é assim que se descobre que vai ter um bebê: entre tiras de xixi espalhadas sobre o meu edredom, duas linhas ou mostradores digitais onde se encontram uma felicidade que mal cabe dentro de nós.

De nós.

Estou tremendo. Tremo mais ainda quando a solto.

— Sam, pode não ser o melhor momento, mas você vai ser uma mãe maravilhosa.

— Você pelo menos lavou as mãos?

Ela ri e enxuga as lágrimas com o dorso das mãos. Um movimento que repito, pois também choro.

— Lavar eu lavei, mas peguei no xixi de novo quando trouxe as tiras para cá.

Reviro os olhos. — Quantos exames você comprou?

— Ah, quis fazer igual em filmes. Colocar um monte de tira espalhada no banheiro, mas eu não sabia se o Rafa acordaria de repente. Aí me lembrei que eu poderia fazer uma surpresa num jantar a dois, e ficaria mais fácil combinar com você. Agora nem sei.

Sorrio. — É claro que faço a surpresa para você. Prefere entrada, prato principal, sobremesa... é só dizer! Mas se for sobremesa, prefiro preparar aqui em casa para levar pronto.

Ela sorri mas não parece satisfeita. Ah, Gabi, por favor, me distraia da minha própria gravidez, ou eu vou surtar com você ainda aqui.

— O que foi?

— Eu... Eu acho que só vou falar para o Rafael depois da viagem em Nova Iorque. Planejamos um monte de coisa e...

— Você vai contar! Gabi, se vocês não aparecerem hoje à noite para um jantar lá no *Recriação*, mandarei uma mensagem para o Rafael dizendo “parabéns, papai!”. Não invente esconder dele que está grávida!

Ela solta um risinho. — Ele não vai ficar bravo. E só vou omitir, não mentirei.

— Não, Gabi. Se acontece alguma coisa e ele descobre por acaso? Deus livre vocês de um acidente, mas e aí? Vocês dentro de um avião, noutro país e ele não faz a menor ideia dos cuidados que você pode precisar! Não, não e não!

— Vou deixar você escolher como contar para ele. — O olhar dela suaviza. — Só me avise como fará, pois a surpresa é só para ele.

— Tá bom.

— E você? Como vai contar?

Como vou contar...

— Nós não estamos bem, Gabi. — Um soluço irrompe. O choro ganha força, impossibilitando que eu esconda como estou arrasada. — Estamos arrastando esse relacionamento...

Como engravidei?

Não questiono obviamente como uma gravidez ocorre. Alberto e eu transamos sem camisinha, mas tomo anticoncepcional, caramba!

— Você não está sozinha, prima. Diferente de mim, leve seu tempo para contar para o Alberto. Você acha que ele vai aceitar?

Encolho os ombros. — Não faço a menor ideia. Pelo menos sei que ele é um bom pai.

— É. Aquele bab-... Não posso mais chamá-lo assim. — Ela faz uma careta. — Mas ele realmente é um bom pai. Na verdade, Alberto é uma pessoa íntegra, trabalhador, honrado. O único problema é ele ser totalmente avesso a assumir um compromisso. Eu não sei se agora com a gravidez...

— Não, prima. Não. Não ficarei com ele por causa da gravidez. E acho que ele também nunca ficaria comigo, pelo que eu entendo do que foi o

casamento dele com a tal Ingrid.

— O casamento com a Ingrid? Como assim?

Meneio a cabeça. — Não comente nada com o Rafael. É que já vi que nem tudo é mil maravilhas entre o Beto e a ex-mulher. E acho que ele esconde isso até dos amigos.

— Claro que não vou falar pro Rafa. Mas você quer que eu pergunte para ele o que o Alberto sente por você?

Nego com a cabeça. Os dois amigos conheceram as duas melhores amigas juntos. Apenas um dos romances floresceu. E Gabi fez essa mesma pergunta no passado, quando o homem que amava descobriu não conseguir ficar longe dela. Minha resposta também foi um “não”, que não era para fazer Rafael de cupido para me reaproximar do amigo.

Se Alberto quisesse, encontraria meios para ficarmos juntos naquela época e agora.

Até homens que trabalham como caminhoneiros, marinheiros e pilotos têm um porto seguro, uma família à espera. Nossa distância não era tão intransponível. Na verdade, nos víamos com a mesma frequência de hoje em dia. Ficaria mais difícil de nos encontrarmos durante a semana, caso assumíssemos um namoro naquela época, mas talvez nos desgastássemos até menos.

Pois haveria a distância. A distância justificaria a ausência.

— Gabi, vamos deixar essa conversa entre nós. Não diga nada sobre mim para o Rafael, pois ele pode não se segurar e contar para o amigo.

— Tá. Você precisa de um tempo.

Faço que sim com a cabeça.

— Só não demore muito pra contar.

Quando minha prima vai embora, sento-me no sofá. À minha frente, está a estante antiga do inquilino. Gosto dela, do seu aspecto pesado, antigo. Lembra-me da que havia na casa da minha avó com uma enorme televisão de tubo que ela demorou a se livrar.

Bem... que ela demorou a *poder* trocar por outra.

Nossas vidas mudaram de um jeito tão drástico em muito pouco tempo.

E agora eu serei mãe.

Do homem que eu amo.

Ai, meu Deus, como eu amo o Alberto.

Como eu odeio o Alberto.

E como é inexplicável o amor que sinto por esse serzinho dentro de mim!

Acaricio meu ventre, depois deixo minhas palmas firmemente sobre a minha pele com o desejo de proteger meu filho de tudo e de todos.

A começar pondo um fim no relacionamento doentio que tenho com Alberto.

Vou para a cozinha pra pensar no que fazer para que Gabi dê a notícia. Após um tempo, concluo que será melhor ela fazer em casa, somente os dois. Meus pais estarão no restaurante, não os dela, e acho que ela quer contar para o marido primeiro.

Sorrio. *Ela quis contar para mim primeiro!*

Gabi, minha amiga, minha prima-quase-irmã, minha confidente.

— Você tem um irmãozinho ou uma irmãzinha de barriga. — Digo para meu ventre.

Meu Deus! Já estou nesse estágio.

Rio com lacrimejando. Meu bebezinho. Gabriela tem razão: eu não estou sozinha.

Fecho a embalagem de comida para viagem do restaurante. Ideias não faltaram para o que preparar de gostoso, mas o que ser mais inesperado do que não haver comida?

Então me lembrei de uma lenda de sapatinhos vermelhos. Honestamente, pouco entendo da história, mas é como se fosse um amuleto, algo próspero. Fui ao shopping. Mil ideias passaram pela minha cabeça e no fim, com o sapatinho, comprei um bodyzinho branquinho escrito:

Mamãe + Papai = EU

“Mamãe” está de vermelho, “Papai” de azul e “EU” de vermelho e azul cada letra. As letras são bagunçadinhas e redondinhas. Para fazer um peso, comprei sabonetinhos artesanais com formato de coração, sapatinho de bebê e chupetas. Vedei bem para que o aroma não saísse de dentro da “quentinha”.

Eu também preparei uma surpresinha para dar minha notícia. Se tudo der certo. Mesmo incerta, se me der vontade de contar a notícia para Alberto hoje, e quiser que seja de um jeito memorável, eu terei como.

Olho para a travessa com quatro pequenos dados azuis e rosas formando a palavra “baby”, as cores alternadas. São trufas de frutas vermelhas cobertas com chocolate branco. Sei que ele gosta e eu amo esse meu doce!

Só falta uma coisa: Alberto descobrir que tem que vir aqui hoje.

Assim que o motorista sai daqui para levar o suposto jantar para a casa da minha prima, ligo para Alberto. Não sou atendida. Não sei a rotina dele, porém seu cargo talvez inclua reuniões importantes, que o impossibilite de falar ao telefone se não for urgente.

Envio uma mensagem pedindo para que venha aqui após o trabalho. Tomo um banho, até para não ficar parada numa espera torturante. Capricho e pareço uma boboca acariciando meu ventre, como se estivesse lavando meu bebê.

A barriga está um pouquinho saliente por causa das gordurinhas a mais. *Ai, ai!* Só de pensar que estava enlouquecendo a alguns meses por ter ganhado peso de uma hora para a outra e agora ficarei com um barrigão...

Meu barrigão!

Saio do banho, vou para o espelho. Pego o celular. Assim que desbloqueio, miro no aplicativo de mensagens e na sinalização de duas mensagens não lidas do Alberto. Respiro fundo e uso toda minha força para ignorar e ligar na câmera.

Isso é mais importante.

Estou com um short pequeno e um top. De perfil. Aponto o celular com a mão direita para o espelho e a outra ponho abaixo do meu ventre.

A foto fica linda. Tão linda que eu fico novamente com os olhos marejados. Ultimamente tenho andado bastante emotiva e agora pareço uma

manteiga derretida.

Antes mesmo de me dar conta, estou clicando em compartilhar e enviando a foto para minha mãe. Ela me liga no mesmo instante e nos perdemos numa longa ligação com muitas risadas, lágrimas, e somos apenas felicidade até eu falar que hoje não irei ao restaurante, pois contarei ao Alberto.

— Tudo bem. Fique tranquila. Eu e o seu pai estamos aqui. Deixe nas mãos de Deus. Confie Nele que tudo ficará bem.

— Eu sei, mãe. Eu te amo.

— Também te amo. Amanhã, nós vamos aí cedinho.

Espero muito ter que enviar uma mensagem dizendo que é melhor eles não virem tão cedinho.

Sem ter mais para onde fugir, abro a conversa com Alberto.

*** Beto-Eu: Oi, Sam. ***

*** Estou um pouco enrolado. Não vai dar para ir aí. ***

*** Eu-Beto: Pelo menos uma vez, Alberto, venha. ***

*** Beto-Eu: Hoje fica difícil. Acho que só no fim de semana mesmo. ***

*** Eu-Beto: Você realmente precisa vir aqui. É muito sério. ***

Olho a tela do celular, mais precisamente para a indicação do status *online* dele. Ficamos por alguns segundos assim. Até que finalmente começa a escrever.

*** Beto-Eu: Ok ***

Ok

Ok

Ok

Sem pontuação. Nada de ficar *online* após escrever essas duas letras e acho que a primeira só está em maiúsculo por causa da formatação

automática do aplicativo que sempre coloca a primeira palavra da mensagem em caixa-alta.

Aguardar Alberto chegar é uma tortura, pois os minutos não passam e meu orgulho me impede de perguntar que horas ele vai sair.

Mas o que parecia ser uma espera de duas horas, na verdade se finda em meia hora. Trinta minutos, que pareceram quatro vezes mais lentos até ele interfonar avisando que está na entrada do prédio.

Aperto o botão liberando a sua entrada. Meu cabelo ainda está bastante úmido do banho e sobre o top joguei apenas uma camiseta com a gola cortada.

Uma visão bem diferente do Alberto.

Assim que abro a porta, deparo-me com ele de calça social parda e camisa preta dobrada até os cotovelos.

Seu olhar percorre meu corpo, como se fosse um imã apontado para seu polo oposto, desejando libertinamente agarrar-me. Seu rosto está diferente. Liso. Ainda assim é tentador, pecaminoso. Não sei se a versão barbado é a mais bonita ou se essa é a que me atrai mais. É impossível não reagir à presença dele e do seu apelo sexual.

Infelizmente eu vi o olhar de um segundo antes de o desejo traí-lo. Aquele que mostrava severidade. Ele veio armado para esse encontro.

— Fez a barba? — Pergunto para desfazer o clima.

Aproximo-me para cumprimentá-lo com um beijo. Suas mãos vão instintivamente para meus quadris, deslizam até a minha bunda quando nossas línguas se encontram. Escuto a porta fechar e depois sou prensada contra ela. Há muita urgência dele nesse beijo. Escuto seus gemidos guturais, uma necessidade incontrolável de me possuir. *Agora.*

— Alberto... — Gemo seu nome entre seus lábios, mas é como se eu não dissesse nada, enquanto ele continua a me beijar incessantemente, beijos que amolecem minhas pernas quando são dados no pescoço. Respirar

fundo significa sentir ainda mais o seu perfume amadeirado e me afogar em sua fragrância inesquecível. — Alberto...

Assim que seus lábios param de me tocar, após eu chamá-lo pela segunda vez, ele sopra sua respiração ofegante contra a minha pele. Seu olhar semicerrado da luxúria quer dizer muito. Seu olhar sempre me diz o que quer.

Há horas que eu odeio conhecê-lo tão bem.

Ele pigarreia, um som alto demais no apartamento silencioso. Ajeita sua camisa, limpa a testa gotejada de suor por causa do nosso momento *quente*. O ambiente está fresco. O ar condicionado do quarto deixa toda a casa com uma temperatura agradável principalmente para ele que já se despiu parcialmente do advogado de terno sob medida.

— Eu não tenho muito tempo, Sam. Essa semana... Você sabe que sua prima vai viajar. Rafael é meu amigo, mas ele é foda como chefe.

É, eu sei que o Rafael é muito rígido. Mas a última coisa quero falar agora é sobre o trabalho dele no banco ou do humor do seu chefe.

Mas como dizer o que eu tenho que revelar?

— O que eu tenho pra dizer também é importante.

Sabe aquele olhar de quando ele chegou? O olhar armado para ser frio e distante? *Severo*. Ele ressurgiu novamente logo após Alberto respirar fundo.

— Samantha. — Ele diz meu nome devagar.

Eu apenas o encaro com a mesma seriedade, embora esteja sentindo uma dor enorme no peito. Não gosto do seu olhar. Não suporto entender Alberto só com o olhar e tenho ódio dele por saber que eu já entendi perfeitamente o que vai dizer.

— Eu gosto muito de você, Sam. — Ele admite e eu solto um sorriso fraco.

— Alberto, por que você não dá uma chance para nós? Uma que seja verdadeira, não essa que... que você finge que...

Não consigo dizer que ele finge que não me ama.

— ... que você finge não gostar de estar comigo? A porta mal foi aberta e lá estávamos nós dois, nos entregando a essa paixão, a essa vontade louca

de ficarmos um com o outro. Por que lutar tanto?

— Não dá, Samantha. Adoro estar com você, conversar com você, mas estão começando a aparecer as cobranças, as provocações, as-

— Provações? — Interrompo-o.

— Porra! Você estava dando em cima do meu amigo na minha cara!

— Você está falando do cara do aniversário do Cadu? *Rá!* Eu dei em cima do seu amigo? — Rolo os olhos. — Foi ele quem veio falar comigo. Eu nem sabia que você ia pra lá!

— Não está dando certo, Samantha.

— Alberto, por favor! — Imploro baixinho sem acreditar que essas palavras saíram da minha boca.

— Eu nem consigo ser mais seu amigo. Nós conversávamos por mensagem, mas agora eu só vejo contatos marcando encontro, exigindo presença. Eu só fico pensando que combinamos de ir ao cinema, de chamar para um jantar, programas a dois, mas a verdade é que eu estou evitando até enviar uma mensagem pra comentar alguma coisa que me fez rir. Só para não deixar isso que temos tão mais... *mais fora do que combinamos*.

Olha só que bizarro: “*mais fora do que combinamos*”.

— Ainda tem aquela coisa que você me deu pra comer. Meus amigos, todos acham que estamos namorando.

Sério que ele trouxe esse assunto para a discussão?

— E você fez questão de me humilhar dizendo para todo mundo que não sou namorada.

— Eles estavam zombando de mim. E eu só disse a verdade. Não teve humilhação.

— Não teve humilhação?

Os amigos dele reclamaram do meu peso, e ele nem para falar qualquer coisa sobre me achar linda, rebater dizendo que não faz diferença. Ou simplesmente falar para pararem de jogar o meu peso contra mim, pois eu sou muito mais do que os quilos a mais que resolveram fazer moradia no meu corpo.

— Sam, eu não quero ter essa discussão com você. Porra! Nós estamos tendo uma DR, estamos falando de término e nem namorados somos! Olha só o nível que estamos! Não foi isso que combinamos.

E novamente vem o “combinamos”.

— Aquilo que aconteceu é porque já estávamos íntimos demais.

— *Íntimos demais?* — Debocho com a voz mais estridente. — Ter um relacionamento puramente sexual é menos íntimo pra você, por isso que está tudo bem?

— Olha, Samantha... É melhor eu ir. Nós damos um tempo. Ficamos esses dias sem nos falarmos e no fim de semana nós... *sei lá*.

Nós transamos.

— Era para ser fácil, Samantha. Eu não estou a fim de ninguém, não quero ninguém além de você, mas eu quero conseguir conversar com você sem essa tensão. Quero ser seu amigo, aquele que enviava mensagem e você ria. Ainda dá para ser fácil. É só... só parar com isso de...

Ele se cala por que eu ergo o braço com a mão em sinal de “pare”.

Fecho os olhos e respiro fundo. Ceder e dizer “tudo bem” é vergonhoso, é ter meu orgulho esfaqueado, é *impossível*.

Eu prometi que não ficaria mais num relacionamento assim. Graças a Deus essa promessa não foi para mim, ou eu a quebraria.

Não. Eu prometi *para mim*. Prometi que nunca cederia, que era mais fácil eu largar a corda.

— Acabou, Alberto.

Dói demais dizer essas palavras. Mais do que pensei. Ofego. *Sufoco*. Respiro fundo e não encontro o ar. Preciso continuar ao invés de liberar o choro inoportuno.

— Já foi dado muito nome ao que tínhamos. Realmente esse relacionamento fora do que combinamos, aliás, *que você impôs*, acabou com a nossa amizade, e se resumiu a eu estar disponível para você.

— Não é assim, Samantha. Se você tivesse recusado estar comigo quando eu a convidasse, eu entenderia.

— Não dá para saber! — Elevo a voz. — Apenas vá, Alberto. E, por favor, se um dia você achar algo engraçado e resolver compartilhar comigo, erre o meu contato.

Sua respiração está pesada. Eu queria que meus olhos estivessem menos turvos, para ter certeza que os olhos dele estão vermelhos, talvez com lágrimas também.

— Acabou, Alberto. — Repito com a voz firme.

Caminho até a porta de cabeça baixa. Uma caminhada curta que me faz passar perto dele e ser atingida mais uma vez pelo seu cheiro amadeirado. Essa sala pequena ficará com esse aroma perturbador por um bom tempo.

Alcanço a maçaneta no instante que seus dedos resvalam suavemente pelo meu braço. Todo meu corpo estremece. Seu corpo alto logo está próximo demais do meu irradiando sua temperatura fogosa.

— Não precisa ser assim, Sam.

Fecho os olhos ainda impactada pela respiração que acarinhou os fios de cabelo próximos à minha orelha.

— Nunca foi preciso ser assim, Beto. Foi você quem quis.

Engulo em seco e viro a maçaneta. O clique é perturbador. Para não ter que falar mais uma palavra, *com medo do que eu posso dizer*, simplesmente saio para o corredor do prédio, na direção oposta à da escada.

O chão é o lugar mais seguro para eu encarar, enquanto eu espero ele sair da minha própria casa.

Mal ele coloca o pé para fora, eu entro e bato a porta. Estou de novo com as costas coladas à madeira, no entanto não há o corpo quente e possessivo dele tomando para si todo meu desejo.

O som duro e alto da madeira ainda reverbera em mim quando começo a chorar alto. Sem freio. Com dor.

Dói, meu Deus. Como dói saber que não estaremos mais juntos, mesmo sob esse relacionamento horrível.

— É por você que eu faço. — Digo baixinho acariciando minha barriga. Eu queria repetir que é por mim também.

Mas sei que, *por mim*, eu me sujeitaria a ficar mais nessa relação, fingindo que puxava firmemente a corda para o meu lado.

6

Dói.

A dor no meu peito beira a insuportável. Dói ainda sentir o gosto dele na minha boca, dói a impressão que sua mão deixou em minha pele enquanto me amassava contra essa porta que agora me escora, dói cada palavra dita por ele ainda ecoar dentro de mim...

Dói demais ouvir seu choro do outro lado da madeira.

O lamento dele é quase silencioso, mas o corredor o trai com seu eco impiedoso.

Afasto-me da porta com cuidado. Meus pés descalços não fazem som até eu me trancar no quarto. Estou longe o suficiente para não cair em tentação e abrir a porta, correndo o risco de pedir para ele entrar e deixarmos o desejo falar mais alto.

Eu não reconsiderarei a minha decisão e ele está firme na dele. Mas, se sem desespero, nós nos entregamos demais à paixão, nossa dor fará com que eu ceda aos seus beijos. Alberto cederá também, pois, de certa forma, ele veio para pôr um ponto final. Era o que estava no seu olhar no início. Ele só não foi forte o bastante para manter sua decisão e abriu a brecha para continuarmos no que estávamos antes.

Uma situação na qual nós não éramos felizes.

A campainha toca de novo. Acordei com o primeiro toque e ignorei enfiando o travesseiro na cabeça. Dormi quase com o dia amanhecendo.

Cadê o sono das grávidas?

Sempre ouvi que grávidas ficam com sono. Bem, *estou* com sono. Mas só dormi quatro horas, passei a madrugada inteira em claro.

Abro a porta do quarto no instante em que a porta da sala é aberta pelos meus pais. Eles também têm a chave do apartamento, para alguma emergência. Normalmente esperam que eu abra, usam apenas a da portaria para não ficarem na rua. É comum também ligarem ao invés de aparecerem de surpresa.

Acho que avisaram que vinham na ligação, quando comuniquei que estou grávida. Não me lembro e não faz diferença, pois é por causa da gravidez que estão aqui.

Mamãe está com os braços abertos já a um passo de mim. Abraça-me com força.

— Ah, minha menina vai ser mãe! — Ela diz olhando-me nos olhos com seus olhos claros brilhantes com as lágrimas. — Meu netinho lindo.

— Ou netinha. — Brinco.

Ela põe a mão no meu ventre e acaricia. Será que todo mundo vai resolver colocar a mão na minha barriga agora?

Quando meu pai me abraça, fico um pouco receosa. Ele não é um homem bronco, não imagino que me dará um esporro, que diga coisas sobre eu ser uma decepção ou algo parecido, no entanto eu era a princesinha dele, e me tornarei mãe solteira.

— Minha filha, agora você tem que se cuidar por dois.

Quando ele fala isso, sinto um peso enorme no peito e corro para a cozinha. Enquanto encho um copo com água do filtro, tiro um comprimido da cartela.

Ai meu Deus! Tenho que avisar à doutora que estou grávida.

— Que remédio é esse? — Minha mãe pergunta preocupada.

Engulo-o e depois suspiro. — A médica disse que tenho que tomar todos os dias por causa da tireoide.

— Mas você está grávida!

— Faço um sinal positivo com a cabeça. — Ela comentou que não devo parar de tomar o remédio nunca, principalmente grávida.

— Por quê?

— Porque... — *Eu não quero falar isso.* — Porque a doença que eu tenho, que dá para fingir até que não existe, pelo visto causa aborto espontâneo.

Paro por aí. Já há informação demais para eles. Minha mãe arregala os olhos e meu pai fixa os dele no copo parcialmente cheio na minha mão.

— Não se esqueça nunca de tomar.

Faço outro sinal positivo. — Vou preparar o café da manhã. Vocês já comeram?

— Ah, não precisa se incomodar. — Meu pai fala.

— Vou fazer pra mim, pai. Se não tomaram, só vou aumentar a quantidade.

Eles aceitam e abro a geladeira para pegar ovos e prepará-los mexidos. Só não esperava, *tinha esquecido mesmo*, que daria de cara com a caixinha com os dadinhos de chocolate branco recheados de frutas vermelhas. Empurro-a mais para o fundo para que meus pais não vejam. Pego tudo que preciso da geladeira e minutos depois estou com meus pais à mesa tomando café da manhã.

— Filha, você precisa deixar a cozinha do restaurante, principalmente agora.

— Mãe, estou grávida, não doente.

— Você não precisa trabalhar tanto, Samantha. E você está, sim, com um problema de saúde que pode ser prejudicial ao seu bebê. Pense nele. Pelo menos no início da gestação que normalmente a mulher já precisa tomar mais cuidado.

— Eu não vou extrapolar, mãe.

— Sua mãe está certa. — Meu pai fala secamente. — Você está procurando pessoas para nos auxiliarem e aos seus padrinhos. Coloque mais gente na cozinha. O corpo, a alma e o tempero do *Recriação* são seus,

minha filha. Você já faz sucesso. Todas as receitas são executadas perfeitamente.

— Você pode continuar a ir todas as quintas, que são os dias que você apresenta um prato especial e que a sua presença é mais requisitada. E um ou outro final de semana para acompanhar o movimento.

— Quando você tiver mais de um restaurante, o que fará? E se abrir uma rede? Não terá como ficar em todos os restaurantes ao mesmo tempo.

— Pai! — Rio e interrompo a corrente de conselhos dos meus pais. — Menos!

Ele encolhe os ombros. — Nunca se sabe. E outra coisa que queremos que você pare é com essas idas de madrugada para o Centro...

— Pai...

— ... para distribuir os alimentos. É perigoso.

Suspiro lentamente. Sei que olhar para minha mãe em busca de apoio a mim será em vão.

— Pai, eles são muito tranquilos. Só querem uma refeição.

Minha mãe pigarreia. — Você não pode ficar virando a madrugada. Não fará bem pro bebê.

— Queria ver se eu trabalhasse de madrugada e não tivesse como mudar o turno.

— Mas você *tem* como mudar. Não seja teimosa, Samantha. Eu e o seu pai falamos isso para o seu bem *e* para o bem desse bebê. Distribuir sopa de madrugada, grávida? Contribua com esse projeto de outra forma. E outra: você está aí esbanjando saúde e disposição, graças a Deus, mas quando essa criança nascer, você terá que amamentar, cuidar, dar atenção ao seu filho por pelo menos quatro meses. Comece a preparar a sua indisponibilidade desde já. Como é que você vai ficar na frente do fogão cheio de panela quente em pé quatro, cinco, seis horas por dia com uma barriga enorme?

Ponho os cotovelos sobre a mesa e apoio minha cabeça nas mãos. Bufo frustrada. Sei que eles têm razão, mas ficar parada não é comigo.

— Se você quiser, nós vamos no seu lugar. — Meu pai diz. — Para você não se sentir culpada.

— Filha, essas pessoas são boas, carentes, agradecidas pelo ato de vocês, mas pode haver alguém de fora só observando. Você, grávida, será uma presa fácil. Não pode passar por muitas emoções fortes.

— Tudo bem, tudo bem! Vou falar com a Adrien. Vou ver se... se eu faço a comida, se tenho como ajudar de outras formas sem comparecer.

Minha mãe suspira aliviada. Terminamos a refeição e eles não vão embora. Meu pai resolve ligar a televisão, minha mãe fica na cozinha comigo, e, por algumas horas, voltamos a ser pais e filha que vivem sob o mesmo teto.

Dona Celeste me conta como foi a minha gestação, enquanto prepara uma macarronada para o almoço. Deixei que fizesse para matar a saudade que sinto do tempero dela. No momento, preciso de *comidinha de mãe*. Fala que tinha poucos enjoos e que era como eu: muito ativa. Tanto que só descobriu quando já estava do terceiro para o quarto mês.

Eu queria, juro que queria me sentir plena nesse momento. Eu, meus pais e meu filho. Mas falta alguém conosco.

Eu quero acreditar que estou triste por ser muito recente. Terminamos ontem.

Terminamos ontem...

Como dizer que não namorávamos? Eu não dizia para não me fazer de idiota, e Alberto fazia questão de declarar que não namorávamos em qualquer oportunidade que surgisse, como se fosse algo honroso.

E, ainda assim, terminamos como namorados um relacionamento no qual não namorávamos.

Quem podia imaginar uma semana atrás que, numa bela e ensolarada quarta-feira de manhã, eu estaria olhando roupinhas em lojas de bebê?

Some a esse questionamento completamente fora de qualquer imaginação sobre mim até semana passada, eu estar fazendo essas compras ao lado do Adrien.

Estou tentando achar que é a coisa mais natural do mundo, embora seja totalmente bizarro.

Hoje, finalmente, consegui entregar meu material no laboratório. Caramba, tem que arrumar um jeito de se fazer esses exames por sangue ou pelo menos cuspiendo num potinho. Fazer pelo número um e número dois é constrangedor demais. Principalmente quando estamos lá aguardando nossa vez de sermos atendidos e todo mundo nos encara sabendo que no nosso colo está um cestinho contendo xixi e cocô.

Aproveitei também e fiz um exame de sangue de gravidez. O resultado sairá hoje mesmo, confirmando as tirinhas de xixi, e excluindo qualquer outra confusão de Gabi, que podia ter usado apenas a sua urina e acreditou ter mexido na minha também.

Encontrei-me com minha prima e o marido que fez questão de acompanhá-la na ida ao laboratório. Ele me abraçou e agradeceu pela minha “refeição”, disse que nunca se sentiu tão satisfeito ao abrir a quentinha. Ficou evidente que ele não fazia a menor ideia de que eu também espero um filho. É um alívio, assim como não, pois seria uma forma de Alberto já saber sem ser por mim. Enfim, eles foram trabalhar e eu continuei aqui passeando pelo shopping, onde a clínica diagnóstica fica, até parar em frente a uma loja de bebês.

E nessas primeiras horas de comércio aberto dentro do shopping na Zona Norte, Adrien apareceu há uns dez minutos.

— Pode finalizar a compra. — Digo, pois ele está observando demais eu comprar. — Não vai escolher nada? — Pergunto, já que ele entrou na loja, mas não demonstrou qualquer interesse nos produtos.

— Aqui já não vende mais roupas para meus filhos. Só entrei porque estava na cafeteria aqui em frente, e vi você, Sah.

Ele morde o lábio. Fica sexy, mas não me desperta absolutamente nada. Também não imagino que tenha sido sua intenção me provocar sensualmente.

Peço para a vendedora embrulhar tudo para presente. Ela faz uma cara estranha, pois sabe que é para mim. Eu faço cara de paisagem.

— Vai trabalhar quando sair daqui?

— Hum... Acho que vou almoçar aqui no shopping antes de ir. Vou ver mais algumas lojas, sei lá. Estou sem pressa.

— Mais lojas de roupas de bebê?

— Ah, já comprei o suficiente para dar de presente para uma mãe de primeira viagem.

— Uma mãe de primeira viagem?

— Sim. E como ela não completou o terceiro mês, finja não sabe.

— Ok. Posso te fazer companhia no passeio?

— Claro!

Eu o torturo com idas a lojas de calçados, mas nem chego perto novamente de lojas de bebês para que não especule mais. Posso muito bem ter comprado presentes para o bebê da minha prima, e ele não precisa de detalhes. E eu não preciso ficar paranoica achando que ele ainda acredita que estou grávida.

Depois de duas horas entramos num restaurante. Escolhemos dividir uma costela ao molho barbecue, o carro chefe do estabelecimento. É bastante condimentado e apimentado, mas estou habituada, e, se minha prima não fizesse a confusão de anteontem, provavelmente eu teria me deliciado com essa comida após ir ao laboratório.

Antes mesmo do prato chegar, aviso que não terei como participar presencialmente da campanha.

— É um dia muito complicado. Preciso ficar no restaurante até o fim, meus pais estão se cansando mais por minha causa e é um pique bem puxado.

— E você está grávida.

— Não estou grávida.

— Tá. Procure não comer muito do molho que tem muita pimenta e evite o doce de maçã. Canela é abortiva.

— Ah, é?

— Sim. — O sorrisinho nos lábios dele é de quem conseguiu uma confirmação. — Bem, segundo minha avó, sim, porém algumas pessoas dizem que é mito. Ah! Vou esperar você dizer após o terceiro mês.

Meneio a cabeça. O cara é pai, cozinheiro e provavelmente ainda se recorda de boa parte das recomendações à sua ex-esposa grávida de gêmeos. Sigo suas instruções e saboreio a comida. É uma perdição. Reviro os olhos com essa costela. *Delícia!*

— Você já contou pra ele?

— Ai, meu Deus! — Falo um pouco alto e estridente no restaurante.

— Sah, eu sei que você e aquele cara não tem um relacionamento convencional.

— Nós não temos mais relacionamento nenhum.

— Acabou?

Suspiro. Desosso uma costela e ponho um pedaço dessa maravilha na minha boca, forçando-me a senti-la ainda apetitosa.

— O Alberto é complicado. Ele não acredita mais em relacionamentos, diz que já viveu tudo que tinha que viver de namoro, noivado, casamento... e divórcio. E filho. Não pretende se prender a mais ninguém.

— Você não merece uma pessoa assim.

— Definitivamente não.

— Mas eu o entendo.

Olho para ele imediatamente, pois não imaginei nunca uma defesa ao Alberto.

— Já nos conhecemos há um tempinho, Sah, acho que dá para ser franco. Eu entendo esse cara, porque penso como ele. Não sei como é seu passado, mas isso de não querer viver um novo amor, reconstruir uma vida dois, é algo que eu entendo.

— Eu também não sei como era o casamento do Alberto. Sei que ficaram pouco tempo juntos. Pelo pouco que sei, só se casou por causa da gravidez e o casamento terminou antes do filho nascer.

Ele pigarreia. Seus olhos azuis perdem um pouco o foco enquanto ele mergulha em lembranças.

— Comigo foi diferente. Eu e minha ex-esposa tínhamos uma vida bem planejada. Ela era executiva, eu tinha meu restaurante. Assim como você, eu amo passar horas e horas na cozinha. Eu não tinha hora para chegar em

casa, ela precisava sair de manhã bem cedo para o trabalho. Se quisesse ficar comigo depois do trabalho, tinha que ficar lá no *Le Metz*. E pode imaginar que ela estava apenas no restaurante, não na minha companhia. Chegou a hora que decidimos ter um filho. Ela queria muito e eu era completamente apaixonado por ela. Vieram dois de uma vez. — Ele sorri ao falar dos meninos.

— Seus filhos são lindos.

— Era uma renovada na nossa relação. Nossos horários permitiam que nossos filhos tivessem sempre a companhia dos pais.

— Mas vocês ainda não se viam tanto. — Adivinho seu ponto.

— Passamos a nos ver menos ainda. Meu pai faleceu pouco depois, eu estava totalmente sozinho e passando por algumas dificuldades, pois entendia muito pouco da parte administrativa e meu pai menos ainda. Estávamos com dívidas. Tive que conversar com alguns parentes e montar um bufê para tentar aumentar a renda. Mais trabalho, menos tempo disponível.

Seu semblante fica triste. Arrasado até.

— Você ainda a ama?

Ele suspira. — Amar, não! Não, hoje em dia não. Naquela época eu a amava, era completamente apaixonado por ela. Ela pediu o divórcio e eu fiquei louco. A mulher que eu amava e meus filhos me deixariam. Rivalizando com eles estava o *Le Metz*, e eu tinha que honrar meu sobrenome.

— Você não mudou sua rotina.

— Mudei um pouco. — Corrige-me. — Deixava de trabalhar alguns dias, ia para o serviço mais tarde em outros, chegava mais cedo em casa. Só que tinha o bufê, nós trabalhamos apenas com a nata da sociedade. Muito dinheiro, muita exigência. Uma praga que parece só esperar que eu feche os olhos para alguma coisa dar errado. Até que um dia o Henrique e o Pedro começaram a falar: *o Otávio é legal*. — Finaliza amargamente.

Fecho os olhos impactada pela revelação. Que horrível.

— Crianças são inocentes. Era o amigo da mamãe que ia lá quando eu não estava, jantava com eles quando eu não estava, brincava com eles

quando eu não estava, conversava com ela quando eu não estava. Fazia tudo quando eu estava trabalhando. Falando assim, parece até que eu era a porra de um pai ausente, que não levava meus filhos à praça para brincar ou à praia. Parece que eu não dormia com a minha esposa, que não nos amávamos praticamente todas as manhãs antes de ela sair para o trabalho.

Ele bebe um pouco de sua bebida. Está com raiva.

— O pior foi... Eu queria fingir que não tinha ouvido nada. Queria fingir que acreditei que Otávio não era porra nenhuma. Demorou três dias para eu criar coragem...

Quero perguntar se ele se refere a criar coragem para pedir o divórcio, no entanto é óbvio que as palavras faltam, pois ele fez algo que hoje condena.

Ele engoliu o orgulho.

— Eu implorei para ela deixá-lo. — Ele diz com muito ressentimento.
— Nosso divórcio foi terrível. Quem vê hoje nosso relacionamento amigável por causa das crianças não imagina como foi feio, baixo e mesquinho. Estávamos brigando até por quem ficaria com as panelas e os jogos de lençóis.

Nossa! É difícil eu opinar, pois meus pais vivem juntos; meus tios, que são o outro exemplo mais próximo que tenho, também vivem num casamento sólido. Evidentemente conheço casais que se separaram, porém não tive uma conversa tão impactante e detalhista como essa.

— Ela está com esse Otávio até hoje? Valeu à pena?

— Eles moraram juntos durante um tempo, mas ele saiu de casa logo depois que o filho nasceu.

— Seus filhos têm um irmão?

Ele ri. — O corno aqui de vez em quando paga uma de babá.

Rio também. — Não fale assim de você. Que bom que você respeita seus filhos quererem ficar com o irmão quando estão na sua casa. Faz com que você seja uma pessoa maravilhosa.

— Ela tentou voltar para mim. Eu já tinha jurado que nunca mais me envolveria seriamente com alguém. Conheceria, transaria e fim de papo.

Fiz bem em não aceitar o seu convite. De problema, já basta o Alberto.

— Como eu, há vários homens, Sah. Alberto é um deles e é por isso que acho que você deve cair fora.

— Já caí.

Ele fica muito sério. — Cair fora mesmo. Com um filho será mais complicado, vocês precisarão se encontrar vez ou outra, mas é melhor que você se distancie o máximo que puder.

— Não tem mais volta. Ele decidiu que seria só sexo sem compromisso — ignoro os olhos arregalados — e eu dei um fim.

— Sah, digo para se afastar, pois já vi muitos desses homens quererem ficar sozinhos para sempre, dizem que já casaram, tiveram filho, mas de repente vem uma mulher e *pá!* Não demora muito e estão juntando as escovas de dentes.

— O Alberto... Ele não vai se apaixonar.

— Não pague pra ver. Muitos dizem “dessa água não bebem mais” e só faltam se afogar dentro dela. Conheço mulheres cujos namorados terminaram o relacionamento por não quererem a seriedade do compromisso, mas que, em menos de seis meses, encontram outra mulher e já decidiram se casar. É difícil de aceitar.

— Com licença. — Paramos a conversa, com a interrupção do garçom. — Posso recolher?

— Ah, sim. Obrigada.

Essa interrupção veio bem a calhar, pois eu já estava ficando sem fôlego. *E nauseada.*

— Gostaram?

— Sim. O sabor esperado. — Adrien responde.

— Vocês querem o menu de sobremesa?

— Hum, sim. — Respondo. Noto que Adrien ficou reticente. — Você já quer ir?

— Não, pode trazer. — Assim que ele comunica, o garçom sai.

— Se você quiser, pode ir. — Digo tranquilamente. — Fica por minha conta. Estou te devendo uma refeição.

— Samantha, eu... — Ele inspira. — Eu quero um beijo de sobremesa.

Opa! Esse pedido é muito inesperado. Respiro fundo e prendo o ar enquanto o encaro sem saber o que dizer ou como agir. Estou tão chocada que não consigo dizer “não”.

E é inevitável me lembrar da última vez que fui pedida como sobremesa...

— Adrien...

— É um beijo, Samantha. Apenas o beijo que tantas vezes quase demos, mas...

Ele encolhe os ombros.

... mas Alberto apareceu na hora “H”.

— Nossa amizade vai ficar esquisita.

— Eu vou beijar você agora. E nada ficará esquisito depois.

Ele se aproxima de mim e eu fecho os olhos ao toque de sua mão em meu pescoço, os dedos entremeando meus cabelos.

É o toque errado. Permito que continue apenas por um motivo: Alberto sempre viu que Adrien queria tirar minha calcinha. Acho que mais do que eu estar com qualquer outro homem, Adrien tirar o sabor do seu último beijo em mim é a melhor vingança. Não que ele vá descobrir, no entanto posso imaginar a pontada de dor na ferida antiga dele.

Nossos lábios se encostam e não demoramos a deixar nossas línguas se encontrarem. Correspondo ao beijo com os movimentos certos, mesmo que eles sejam todos errados. A fragrância amadeirada não é a mesma. O sabor de seus lábios não é o que desejo.

Mas continuo. Adrien também.

Algo bate em meu braço na mesa. Acredito que seja o cardápio de sobremesa deixado pelo garçom. Já tenho a sobremesa do almoço e o sabor é sem graça. Não que ele não beije bem, se beijasse mal, eu já teria interrompido faz tempo, mas minha cabeça está em *tudo*, menos aqui.

E esse “tudo” é Alberto.

Quando nos afastamos, não estou ofegante. O beijo longo não roubou totalmente minha capacidade de respirar. Ele foi apenas... *demorado*. Encaramo-nos sem que tenha ocorrido qualquer mudança.

— Amigos? — Ele pergunta e limpa a garganta incerto.

— Amigos. — Respondo com a mais absoluta certeza.

Quebro de vez o encontro do nosso olhar e só agora que meu coração começa a bater com força, rápido e sofrido.

Alberto.

Ele viu tudo! Está parado do outro lado do corredor, de terno, a pose ereta e altiva, as mãos no bolso. *E o olhar devastado.*

— Já escolheram?

A voz do garçom me assusta e desvio o olhar. Alberto segue seu caminho imediatamente. A resposta de Adrien pedindo a conta soa muito distante.

— Você sabia que ele estaria aqui? — Ele pergunta secamente.

Meneio a cabeça. Eu nunca soube nada sobre o Alberto. Olho para onde ele seguiu, mas o ambiente escuro e que preserva a intimidade do cliente não me permite descobrir para onde ele foi.

A conta vem e faço realmente dessa a minha vez de pagar.

— Você quer ir para casa?

Quero.

Não quero.

A sensação que tenho é que no momento em que eu ficar sozinha, pegarei o celular e ligarei para ele. Sei que meu orgulho não me permitirá, mas a agonia em minha solidão não me deixará em paz.

— Acho que vou ao cinema. — Comento sem saber se devo me meter numa sala escura sozinha.

— Posso fazer companhia?

Respiro fundo. — Acho melhor não.

— Gostei muito de beijar você, Sah. Só que era apenas um beijo. Apenas matar a curiosidade. E temos que falar sobre a gravação amanhã. Do programa culinário. — Ele acrescenta quando me vê um pouco perdida.

— *Ah! Ah, sim, claro. É essa semana?*

Ele suspira. — Espero que tenha colocado um alarme para avisar com antecedência.

— Sim. Coloquei. Vai despertar hoje à noite. É que aconteceu tanta coisa!

— Eu sei que essa semana está sendo de fortes emoções. E amanhã será uma. Então, você aceita minha companhia? Eu realmente não quero ir ao restaurante agora, não quero ficar sozinho tão cedo, pois sinto que vou surtar a qualquer momento.

E é assim que vamos ao cinema. Ele não quer surtar com a gravação. Eu não quero surtar com o Beto. E o filme que escolhemos mais pelo horário do que pela vontade de ver é aproveitado para continuarmos nossa conversa, dessa vez acompanhada de chocolates, refrigerante e pipoca.

Ainda bem que a sessão está vazia e as pessoas presentes não se incomodam com os nossos sussurros.

Adrien me deixa na entrada do prédio já no fim da tarde. Tirando o beijo, tudo estava tão bom que eu não queria que acabasse. Espero que o trabalho no *Recriação* seja tão benéfico quanto.

Penduro a alça do cabide na parte superior da porta da cozinha, para que o vestido receba o vento fresco vindo do basculante da área de serviço. Ele foi guardado limpinho há pouco tempo, mas mesmo assim o deixo arejando.

Vestida para o trabalho tento não pensar que logo terei que comprar roupas com um manequim maior. Até pensei em passar hoje mais cedo em alguma loja para comprar algumas roupas mais folgadas, no entanto estava acompanhada e ainda é complicado esse aumento de peso.

Será que ficarei muito mais gorda na gravidez?

Sacudo as mãos para o alto para dispersar esses pensamentos e me focar no que é importante.

Aliso a barra do vestido para que fique impecável. É o único de gala que tenho que cabe em mim, e Adrien me lembrou que esse era o traje exigido. O programa quer um jantar glamouroso celebrado às três horas da tarde.

Se minha vida não tivesse se complicado tanto esses dias, teria escolhido outro vestido. Um mais escuro. Um que me distanciasse da noite do vestido lindo que me faz lembrar de tudo que não faz mais parte da minha vida.

O interfone toca, o que é uma surpresa, pois não há qualquer sinalização recente do meu celular, a não ser o alarme de eu deixar tudo esquematizado para o programa amanhã.

Vou à cozinha e tiro o fone do gancho. Nem dá tempo para saudar.

— Sou eu, Samantha. Alberto.

A voz seca dele se mistura ao som do trânsito dessa hora do dia.

Fecho os olhos angustiada. Não sei como lidar com ele agora.

Não quero lidar com ele agora.

— Abre, por favor. — Ele pede baixinho.

Nem preciso de uma bola de cristal para descobrir por que ele está aqui.

Destranco a porta e já a deixo encostada, enquanto espero de frente para ela mantendo um espaço seguro entre mim e ele quando adentrar aqui.

Então o vejo. Com a mesma roupa de mais cedo, mas o paletó parece ter sido tirado enquanto subia. Meu Deus! Ele está lindo. Meu corpo já clama de saudade pelo dele.

O beijo que troquei mais cedo com outro começa a demonstrar seu fel. Umedeço os lábios para que fiquem prontos para receber os dele.

Não, não irei beijá-lo.

Mas é impossível não o admirar. Impossível não querer reviver a paixão dos nossos corpos. Sou completamente viciada no Beto.

Ele fecha a porta com economia de movimentos. Por alguns segundos fica parado de frente para a madeira, segurando a maçaneta. A tensão emanada pelo seu corpo me deixa apreensiva.

Quando finalmente suas costas se expandem com uma respiração lenta e profunda, ele ergue a cabeça e vira para mim.

Olhos nos olhos.

Espero o que ele tem a dizer, e nem preciso do seu olhar duro e ao mesmo tempo arrasado, similar ao que me deu quando eu almoçava, para

saber do que se trata. Desde antes de ele passar pela porta sei muito bem o que o trouxe aqui. Mas é ele quem vai falar.

Ou melhor: *acusar*.

— Você sabe porque estou aqui, Sam. — Sua voz está áspera. — Não me... — Ele fecha os olhos. — Por quê?

— Eu não devo satisfações a você do que eu faço ou deixo de fazer com a minha vida.

— Desde quando?

A pergunta curta que joga no lixo tudo o que eu acabei de dizer. Cruzo os braços irritada.

— Você saiu do trabalho, Alberto. Está livre e descompromissado. Mas eu estou saindo de casa para trabalhar e está me atrasando.

— É assim que vai ser?

Baixo a cabeça meneando-a.

— Sabe o que é impressionante? Eu *nunca* podia sugerir um encontro com você. Era você que determinava quando e onde. Agora, depois que pus um fim naquilo que nunca foi um namoro, você resolve aparecer sem avisar. É muita cara de pau sua cobrar uma resposta minha! Mas você quer saber por que aquele beijo aconteceu?

Não, ele não quer! Ele reconhece sua culpa. Está nos seus olhos. Se deu conta tarde demais que não quer ouvir o motivo.

— Aquele beijo nunca devia ter existido. Adrien é meu amigo, não nos desejamos além da amizade. Mas ele só existiu por causa de um motivo: você me deixou. Não é novidade para você que ele sempre quis tirar minha calcinha! Isso seria demais, poderia abalar nossa amizade. *Mas um beijo num restaurante, que mal tem?* Hein, Alberto?

— Ele só beijou você porque me viu lá.

— Ele deu a entender que viu você antes de nos beijarmos. — Encolho os ombros. — Pode até ter sido apenas para provocar você, não importa. Não traí ninguém. Aliás, já que estamos sendo *tão* honesto, saiba que ele perguntou se você tinha costume de almoçar ali. Você já sabe a resposta, certo, Alberto? Você sabe que eu NÃO SEI! Não faço a menor ideia do que você faz da sua vida.

Ele me fita com o olhar doído. Tem gente que cava a própria sepultura. Ele cavou a dele para ficar exatamente sete palmos abaixo do chão.

Só falta entrar nela.

— E a merda é que, puta que pariu, a vida sempre nos coloca frente a frente. Sempre dá um jeito de você me tirar dos braços de outro. Mas para que você faz isso? Eu nunca, nunca em toda minha vida, nunca mesmo, imaginei que eu fosse viver um relacionamento abusivo.

Os olhos dele ficam arregalados como se ele nunca tivesse se dado conta.

— Eu nunca forcei você a nada.

As lágrimas tomam conta dos meus olhos e minha voz fica imediatamente rouca com o choro.

— Você sabia que eu queria muito mais. Impôs suas regras e se eu quisesse ficar com você, seria do seu jeito. Não quero mais do seu jeito e você está aqui querendo impô-lo para mim. Quantas vezes você usou a sua força, que é muito maior do que a minha, para me beijar, para me *render* e fazer com que eu *cedesse*? Diz aí. É ou não é um relacionamento abusivo?

— Você está falando de um jeito que faz parecer ser. — Murmura.

— Você tinha que ter vergonha do que faz comigo. Nossos caminhos vão se cruzar diversas vezes, Alberto. Vamos tentar fazer com que esse pouco de respeito que ainda resta entre nós não acabe.

Eu sei que essa é uma ótima hora para eu contar que estou grávida, mas ele ainda está sob muito efeito do *beijo* que viu no meu almoço.

— Eu tenho que trabalhar. — Tento pôr um fim na conversa.

Em vão. Alberto nem se move.

— Depois de tudo que você disse fica complicado eu pedir para esperar mais um pouco.

— Inaceitável!

Ele olha para o lado e estaca ao ver o vestido que comprei para impressioná-lo pendurado. Que não pergunte por que está fora do guarda-roupas!

Sem questionar sobre o vestido ou tentar estender sua permanência aqui, Alberto apenas vira a maçaneta e sai.

Eu preciso de mais tempo. Preciso de muito tempo, na verdade. Tanto tempo que as horas já indicam que estou no dia seguinte e não consegui sair de casa.

Não dá para ficar indiferente ao mar quando vê-lo não é uma rotina, e é óbvio que alguns dos participantes veem o oceano hoje pela primeira vez. Eles aproveitam para tirar fotos, enquanto a produção do *La Cocina* faz os últimos ajustes de câmeras, reorganiza o espaço do restaurante, alterações que estão quase enlouquecendo Adrien.

É o seu bebê. Ele não abriu mão do restaurante para salvar o casamento, o que considero uma decisão inteligente, então tirar as mesas excessivas para os degustadores da refeição preparada para o programa, mexer na arrumação habitual é um incômodo muito chato.

Estamos conversando com os apresentadores do *La Cocina*, e, dois deles dizem já conhecerem o meu restaurante. *Quase morro, né!* Já conhecia o trabalho deles antes de virarem jurados do programa televisivo, e é como estar na frente de astros hollywoodianos agora que ficaram tão famosos até para quem não entende nada de gastronomia.

Confesso que *tietei* e pedi algumas fotos. Acho que havia uma cláusula no contrato que ninguém podia pedir fotos, mas ninguém me recriminou. Apenas posaram para o meu celular e pediram para eu não postar nas redes sociais. Posso fazer isso.

Quando entramos definitivamente no restaurante seguro a mão de Adrien e a acaricio para dar meu apoio. A mudança não é tão brusca, mas Adrien está acostumado a ver o ambiente todos os dias do mesmo jeito e, se for igual a mim, qualquer coisa fora do lugar dará urticária.

Minha nossa! Estou arrependida por ele só por causa da reorganização que devem ter feito na cozinha para que duas equipes distintas pudessem trabalhar.

— Se quiser, ajudo na arrumação depois. — Digo.

— Samantha, ninguém vai querer ficar perto de mim essa noite. — Ele diz olhando nos meus olhos. A brincadeira em sua voz contrasta com a irritação do seu olhar. — Excepcionalmente hoje não abriremos, então, seremos *eu* e o *Le Metz*.

— Tá. Só não vá à cozinha enquanto a gravação não acabar.

— Juro que esperarei a última pessoa ir embora.

Alguns sons vindos da cozinha nos fazem pular de susto.

— Ainda bem que o equipamento é todo deles. — Resmunga.

— Ah, então relaxe!

Sentamo-nos à mesa que foi reservada aos especialistas sob o som de mais ordens gritadas na cozinha que arranca alguns risinhos dos convidados. A toda hora alguém manda ficarmos comedidos, não prestarmos atenção ao que acontece nos bastidores. Se uma mesa está silenciosa demais, praticamente botam uma arma na cabeça dos convidados para que falem sobre qualquer coisa, que mostrem empolgação.

— Todo mundo tem que estar feliz! — Sussurro. — Tire essa carranca ou você será expulso por atrapalhar a gravação.

Adrien ri. — Sou um *chef* francês. Ninguém ousará reclamar do meu humor.

Rio. É anunciado que a entrada será servida. Na nossa frente é colocada uma *coisa*, e pela primeira vez meu estômago de grávida dá sinal.

— Essa é uma entrada de...

A participante vai enumerando os ingredientes da entrada de frutos do mar olhando para mim. Encara-me firmemente e me mexo desconfortável na cadeira, recordando-me que não devo interromper, principalmente com uma pergunta no estilo “tá olhando o quê?”.

— Bom apetite. — Ela controla um risinho e sai.

— Isso está cru. Acho que fiz uma cara feia muito grande para essa comida.

Adrien ri. — Acho que ela reconheceu você dos vídeos.

Remexo minha comida. Não dá pra comer essa gororoba. Espio o prato de Adrien. Está com uma cara *melhorzinha*.

— Será que vão reclamar se trocarmos nossos pratos?

Ele apenas troca. Primeiro testo o tempero com a ponta do garfo e depois o coloco na boca. Está bom. Muito bom. Mas provo apenas a ponta do polvo que é a única parte que parece cozida.

Uma produtora pergunta sobre nossa troca.

— Há a suspeita de gravidez. — Adrien fala baixinho. — O prato dela está completamente cru, um alimento que toda grávida deve evitar.

Reviro os olhos por Adrien ter revelado. Mas me incomoda mesmo quando um dos críticos culinários comenta sobre a iguaria que virou meme, no mesmo instante que lá na cozinha lembram a retificação sobre eu e Alberto namorarmos:

— Eles não namoram! — Pela voz, foi quem apresentou o prato.

— Esse programa vai ao ar quando mesmo? — Sussurro.

— Daqui a cinco semanas. É tempo suficiente para contar para ele?

Faço que sim. Somos servidos de mais uma entrada e esse é uma gororoba comestível. Os pratos principais e as sobremesas seguem a linha: se são bonitos: ruins; se são feios: bons.

Durante as refeições comentamos sobre os pratos, nossos preferidos. Até tentamos ganhar votos para os nossos favoritos quando há discordância e somos chamados atenção, pois não é o objetivo do programa. Rivalizando pau a pau com a conversa sobre a prova gastronômica está o meu prato singular e minha brincadeira com o Alberto. Aliás, sobre o vídeo, as reações dele, e mais observações sobre sua fuga de assumir o namoro.

— O seu prato estava mais bonito. — Uma das críticas fala para mim. — Fez testículos parecerem mais apetitosos do que um crepe Suzette. — Olha para o prato com a iguaria e torce a boca.

Os *chefs* do programa vêm para perto de nós para ouvir minha resposta:

— Estava inspirada naquele dia. — Encolho os ombros. — Ele precisava de energia e, sei lá, tem gente que acredita em ingredientes afrodisíacos.

— E funcionou? — A *chef* que apresenta o programa pergunta.

Fica evidente no meu rosto que funcionou. Muito! *E como funcionou!*

— Nem precisa dizer. — Ela comenta com um sorrisinho. — Depois me passa a receita.

Faço uma negação. — Receitas secretas de Samantha.

— Ela sabe esconder muito bem. — Adrien brinca.

— Teve um jantar que você preparou um prato dela.

— Sim. — Adrien diz. Mesmo com o sorriso no rosto, noto o desconforto. — Ela me mandou um pote com quase todos os temperos já prontos.

No fim, a refeição bizarra acaba e saímos antes do resultado da votação de qual equipe ganhou. Antes de me despedir, passo o endereço do restaurante para dois dos *chefs* do programa que querem conhecê-lo.

Há algumas horas do dia que as pessoas podem vir ao *Recriação* sem fazerem uma reserva e sem correrem o risco de esperarem vagar uma mesa. Após as duas da tarde, seis horas da noite ou lá pelas nove e meia também à noite. À tarde, embora ainda sirvamos o almoço, as pessoas preferem pedir entradas diferentes para petiscarem.

Eu, por exemplo, aproveitei o salão vazio e o ambiente tranquilo para abrir o notebook para analisar os currículos que recebi para as vagas que anunciei para o restaurante. Há alguns impressos entregues pelos meus próprios funcionários e outros que recebi por e-mail. Confiro suas referências. Faço uma breve pesquisa na internet sobre os locais que trabalharam que não conheço.

Era para o clima tranquilo me trazer paz para fazer essas análises.

O problema é que não fui a única a aproveitar essa paz. Rafael resolveu trazer alguns dos diretores do banco para uma reunião, a última antes de sua viagem, já que ele e minha prima partem essa noite para Nova Iorque. Ela nem veio trabalhar hoje.

Preciso dizer quem está aqui?

Sério mesmo que ninguém consegue adivinhar?

E parece que para *Alberto* a reunião acontece na mesa que estou. É enervante. Preciso me concentrar mais em não olhar para frente do que na tarefa de analisar os candidatos à vaga.

É difícil ignorar o olhar dele que tem uma atração magnética para o meu. Aliás, todo o corpo dele é a porra de um ímã para o meu.

Quando recebi a ligação para preparar uma mesa para reunião, eu já estava há pelo menos meia hora analisando os dados fora do confinamento do escritório. E, mais cedo ou mais tarde, eu teria que ficar novamente perto do *Alberto* sem interagirmos.

Uma hora terei que contar que ele será de novo papai.

Olho mais uma vez para o currículo em minhas mãos. Não prestei atenção em absolutamente nada do que li. Tinha esquecido até do nome da candidata.

Quando todos começam a levantar e desejar boa viagem ao dono do banco, eu desisto até de fingir. Enquanto todos estiverem aqui, não conseguirei me concentrar. Terei até que rever a pilha dos concorrentes que já descartei para ver se não fiz alguma confusão e deposei ali o currículo de um candidato com bastante potencial.

Tento fingir que leio alguma informação no notebook. A maravilha das redes sociais é que só preciso rolar a página para curtir alguma coisa ou rir. Tudo bem raso, salvo algumas exceções, mas estou sem cabeça para tecer um comentário no processo incessante de rolar a tela até que todos os executivos saiam do meu restaurante.

Ultimamente minhas preces não têm sido ouvidas. Ao invés de saírem, pelo menos um dos engravatados resolve vir na minha direção. A ausência da energia que faz arrepiar todos os meus pelos, me faz erguer a cabeça tranquilamente já com um sorriso.

Rafael também sorri para mim e levanto para me despedir dele. Ontem, Gabi esteve lá em casa para um abraço apertado.

— Cuide de minha prima. — Digo olhando em seus olhos quando nos separamos.

Ele sorri ainda mais largo. — Peça algo diferente do óbvio. — Ele estreita o olhar. — Aliás, você já pediu. Comprar um terno pro Alberto?

Encolho os ombros. — Estou devendo um.

— Ele mereceu. — Rafael olha para a porta.

Olho para lá também e vejo Alberto conversando com outro homem, que, pelo que sei, é o chefe da Gabi.

— Mas... Sam, eu marquei essa reunião aqui só para poder para falar com você sem levantar muita suspeita.

— O que foi? — Pergunto preocupada.

— Ouvi ontem a Gabi conversando com a mãe sobre seu estado. — Ele fala baixinho olhando nos meus olhos. — Ela não sabe que ouvi.

Meneio a cabeça, tentando não me abater pelo que ele diz.

— Que coisa feia, Rafael. Ouvindo atrás das portas?

Ele revira os olhos, antes de dizer como um irmão mais velho:

— Não perguntei nada para a Gabi, pra não a deixar nervosa. Só quero pedir uma coisa: não demore a falar para ele.

Não sei se ele aconselha como se fosse meu irmão ou do amigo.

— Você pode ter ele ao seu lado, Sam.

— Não é ao meu lado que ele tem que ficar, Rafael. Olha, eu só quero que esse clima horrível entre nós melhore. Não haverá uma brincadeira na hora de revelar a... — interrompo-me com medo de eu dizer que estou grávida e Alberto ouvir — ...da revelação, mas não quero que seja num clima carregado de energia ruim.

Ele me abraça novamente e repetimos desejos de “boa viagem” e “se cuida”.

Quando a despedida acaba e ele se afasta, cometo o erro de olhar para a porta. Meu olhar encontra com o do Alberto. O tempo todo observou minha interação com o amigo.

Um dia teremos uma conversa séria.

Mas hoje só quero esquecer que é sexta-feira, e que ele estará livre para acariciarem o braço dele e tudo mais.

7

Pronto. Finalmente consegui reunir um bom número de candidatos. Já enviei uma mensagem com o horário da entrevista para cada um dos interessados pré-aprovados pelo telefone do próprio restaurante.

É estranho fazer um processo seletivo. Recebi cerca de cem currículos. Seis vagas. Três funções diferentes. A distribuição não é igual, assim como os salários têm suas variações. Terei que decidir na hora quem melhor se encaixa em cada atividade.

Mas não acaba aí. Eu preciso das melhores pessoas aqui e é praticamente impossível não escolher os que já trabalharam nos melhores restaurante, que possuem as melhores referências. O problema é esbarrar na consciência moral. Em empregar aquela pessoa que está há anos desempregada, ou aquele jovem que ainda luta pelo primeiro emprego. Pessoas que também merecem uma chance.

Os aprovados serão moldados para trabalharem aqui do jeito que eu quero, então os menos preparados são melhores do que os que têm vícios. No entanto os experientes podem agregar novos valores, podemos trocar conhecimento.

Ai, ai...

O visor do meu celular acende. O bonequinho disforme está acompanhado do nome do Adrien. Atendo e iniciamos uma conversa introdutória de saudação, esclareço que não estou ocupada, embora sexta-feira à noite seja sempre uma loucura. Bem, falta um pouquinho para essa loucura começar.

— Amanhã vou para a praia com os meninos. Topa?

Baixo minha cabeça e coço a nuca sem saber se devo aceitar.

— Aí no Leme mesmo?

— É, é melhor. Não precisamos nos preocupar com vaga no trânsito. Você pode estacionar o carro na minha vaga extra.

— Ah, sim. Não iria de jeito nenhum ficar rodando atrás de vaga pra ir à praia.

— Combinado, então? Traga roupa também. Depois vamos ao cinema.

— De novo? — O questionamento não era para ser verbalizado.

— Lançou um filme novo infantil. É bom você ir se acostumando.

— Rá-rá! Vou esperar chegar...

Paro de falar quando vejo Alberto parado na minha frente. Está com as mãos no bolso e o semblante sério. Totalmente desconfortável dentro do seu terno de três peças enquanto me encara.

— Sah? Sah?

— Oi, Adrien?

— Aconteceu alguma coisa?

— Ah, não... é... vamos ver amanhã depois da praia.

— Tá tudo bem mesmo?

— Sim. É que... apareceu um problema.

Todo o fim da conversa foi olhando nos olhos do Alberto e estou quase certa que a voz do Adrien está escapando do celular e ele ouviu mais do que deve.

Despeço-me de Adrien confirmando o encontro para amanhã, pelo menos sobre à praia. Solto um suspiro cansada da conversa que ainda nem tive com o cara que não quer compromisso comigo e que estou grávida dele.

— Oi, Alberto.

Ele continua apenas me encarando. Recolho os papéis da mesa e desligo o notebook.

— Rafael e Gabi estão embarcando agora. — Comento, quando confiro as horas no relógio, já que ele continua em silêncio.

Fecho o notebook e coloco os papéis sobre ele.

— O que você quer, Alberto? Daqui a pouco o movimento do restaurante vai aumentar e preciso me arrumar.

E ele vai para casa, tomar banho, ficar bem cheiroso para pegar a primeira vadia que cruzar seu caminho.

— Há algum lugar aqui que eu possa ter uma conversa particular com você?

Conversar... O que ele tem para conversar talvez seja uma repetição do que tanto já discutimos nas últimas semanas.

Já o que eu tenho para falar...

O escritório não é o melhor lugar. Se houver uma brecha no que ele tem a dizer, para tocar no assunto realmente pendente e sério entre nós, eu falarei. E precisaremos estar a sós.

— É melhor nós irmos lá para casa.

Alberto suspira aliviado. Ainda está tenso e pouco vejo do desejo que sempre esteve presente em nossos encontros.

Evidentemente, *há* o desejo. Acredito que nunca deixaremos de nos sentirmos atraídos. Nós sempre nos entendemos muito bem se não há pensamentos entre nós. E é o pensamento que abafa e silencia a vontade de nos entregarmos ao prazer carnal. Alberto provavelmente está refletindo sobre a conversa que acabou de ouvir. E eu não consigo parar de temer a sua reação quando descobrir que estou grávida.

Quantas vezes subimos as escadas do meu prédio, abri a porta de casa e entramos já com os corpos sobrecarregados de tesão?

Mesmo quando eu estava com uma cinta, o desejo era um terceiro corpo presente no momento que a porta foi fechada.

Agora apenas nos encaramos.

Alberto foi o primeiro a se afastar. Quando abri a porta, ele adentrou no apartamento, vários passos. Estou com espaço para ir para onde eu quiser,

enquanto olho em seus olhos, e fico muito atenta à sua pose desconfortável.

— Sam... — Ele limpa a garganta.

Por alguns segundos nada mais é ouvido até ele continuar:

— Eu estou com muita vergonha do que eu te fiz passar. — Seu olhar transborda sinceridade. *E vergonha.* — Me perdoe. Me. Perdoe. Nunca quis tirar vantagem da nossa situação, nunca passou pela minha cabeça ser abusivo com você.

Ah... então esse é o pedido de perdão.

Por menos de um segundo, acreditei que seu perdão era por estar arrependido, e me pediria em namoro, sei lá. Mas não é novidade para ninguém que Alberto não se esconde para mim ou que não assumirá um compromisso. Tenho certeza que ele não falará nada sobre mudar a forma como quer se relacionar comigo e que devo me contentar com seu pedido.

— Tudo bem, Alberto. — Tento não transparecer tanto minha tristeza. — Que bom que reconhece.

— Eu só queria estar com você.

— Eu nunca vou entender, Alberto. Você sempre quer tanto ficar comigo, mas cada um num canto. Eu gostaria que você me dissesse por que age desse jeito. Por que me namorar, ter algo mais sério é impossível já que você tanto quer ficar comigo?

Ele dá um risinho triste. — Se eu fosse namorar com alguém, seria com você, Samantha. Só você me desperta a vontade de querer construir algo novo de novo.

O que eu faço com isso que ele acabou de dizer?

Alberto só pode estar querendo me matar ao dizer essas coisas.

— Eu te amo, Samantha.

Não, não, não, não! Por favor, não! Ele não pode ter dito que me ama.

— Você está me dizendo isso para voltarmos àquele relacionamento abusivo?

Ele engole em seco. — Estou dizendo porque eu te amo.

Quero tantas coisas agora. Quero expulsá-lo daqui, quero beijar sua boca, quero dizer que também o amo, tenho que dizer que estou grávida.

Ai, meu Deus!

Eu tenho que dizer de uma vez que estou grávida!

— Eu perdi você, não foi, Sam?

É a minha vez de soltar uma risadinha triste.

— Você é daqueles que só lamentam quando perdem?

Ele arregala os olhos. Neles, posso ver todo o desespero de quem não quer uma derrota.

E mais uma vez me pergunto: *será que só enxergo o que quero ver?*

Bem, se ele realmente me ama, deve estar desesperado com o que eu acabei de dizer.

— Vocês dois estão juntos mesmo? De verdade? Eu sei, eu vi... vi no restaurante essa semana vocês dois almoçando... — Ele faz uma pausa claramente incomodado com a recordação do que *viu* naquele almoço. — Você marcou de ir à praia e mais alguma coisa com ele.

— Cinema.

A respiração dele fica mais pesada e não consigo lidar com a dor estampada em seus olhos.

— Nós não temos nada, Alberto. Eu e Adrien somos amigos.

— Vocês se beijaram na minha frente, Sam! Eu vi o grau de amizade de vocês.

— Já tivemos essa conversa, Alberto. Foi o beijo que foi roubado quando você me tirou dos braços dele. E não passará daquele beijo que você viu.

— Ele quer você.

Encolho os ombros. — E aí, Alberto, o que você vai fazer? Assistir? Ele me chamou para ir à praia amanhã. Com os filhos dele. Quer que eu vá ao cinema para assistir a um filme com as crianças. Provavelmente almoçaremos juntos novamente. Jantamos juntos algumas vezes também e... e ele é uma pessoa bacana. *Ah...* no dia que nos viu no restaurante, depois fomos ao cinema.

Ele não imaginava, não imaginava mesmo, que eu tinha me encontrado tantas vezes com Adrien e que fizemos vários programas juntos.

— Fazia muito tempo que eu não ia ao cinema, Alberto. Você quis ter apenas sexo comigo, mesmo que nós tenhamos combinado muito mais. O meu maior problema é que a única pessoa que eu quero sexo é você. O meu maior problema é que eu amo você.

— Eu não posso perder você. — A declaração é relutante e ofegante. Imediata após minhas palavras.

Sincera, doída e cruel.

— Você já perdeu. O que você tem a me oferecer, eu não quero. Talvez lá na frente voltemos amigos de novo, mas nada além disso. Sabe, Alberto, me magoou muito você não ter nunca perguntado o que eu tenho, fui às pressas ao hospital e você agiu como se não se importasse. Seu amigo ligou pra você por talvez eu precisar do seu apoio.

Ele passa a mão na nuca e fica um pouco frustrado.

— Você me disse o que era e eu relaxei. Eu já sei mais ou menos como é a Hashimoto. Minha mãe tem, conheço outras pessoas que têm e nunca ouvi falar complicações por causa dessa doença. Eu ia ligar, mas mal deu o primeiro toque e o Lipe escorregou no banheiro. Eu o levei no hospital antes de ir ao aeroporto. Não foi nada grave, só o pulso que estava dolorido.

Sinto tanta coisa agora que não sei a que prevalece. Ou melhor, *sei*. Mas vamos por partes. A primeira é que *ele* sabia sobre a doença, *eu não*. Era tudo novo e eu já estava associando nódulos a câncer. Aliás, esses nódulos têm que ser muito bem acompanhados.

A segunda: o filho dele se machucou e eclipsou tudo sobre mim, numa doença que ele nem dá bola. Entendo. *É sério, entendo*. Estou começando a entender essa prioridade de filhos em nossa vida, e se sabe que preciso apenas não me esquecer de tomar um medicamento, a ligação para mim poderia ficar para depois.

Mas o que ele acabou de falar sobre o filho me magoou muito mais do que ele não ligar (ou até enviar uma mensagem) depois de deixar o filho no aeroporto, dizendo que eu não precisava me preocupar e toda a ladainha sobre os conhecidos que têm tireoidite de Hashimoto.

— Por que você não me falou sobre o Felipe?

— Como assim?

— Seu filho se machucou, Alberto. Você não falou nada pra mim.

— Já estava tudo bem.

— Porque iria me colocar a par de algo importante que aconteceu na sua vida. — Corrijo-o derramando na minha voz toda minha amargura. Uma que é cultivada desde que nos conhecemos. — Porque quando conheci você era apenas uma transa que sequer merecia saber que você tinha um filho.

— Pare com isso, Samantha.

Conheci Alberto e passamos uma semana juntos. Uma semana de muito sexo. E só. Tudo a respeito dele que não envolvesse seu pênis não precisava ser discutido. Trabalho, carreira, família... nunca falou nada da sua vida para mim. Como eu nunca imaginei que nós fôssemos nos reencontrar, naquela época, achei melhor não saber nada sobre ele. Eu o idealizaria demais quase como se imaginasse a vida de um *gogo-boy* fora dos programas. Seria quase como se Alberto fosse irreal, um sonho.

— Porque eu não precisava saber que você era um advogado. *Caramba!* Já saí com muitas pessoas “uma vez para nunca mais”, e muitos fazem algum comentário sobre os filhos, quando têm. Falam sobre a sua profissão, como eu falei a minha. Isso me magoou pra caralho! No início pensei até que era um playboy que vivia torrando o dinheiro da família, da loteria, do que fosse, por isso não comentou o que fazia da vida. Você ter falado só agora que seu filho se machucou semana passada a ponto de ter que levá-lo para o hospital me magoa pra cacete! Mas se eu piscar agora, você não perderá tempo para tirar a minha roupa!

O homem à minha frente só sabe tentar se mostrar impassível às minhas palavras. Não consegue ser indiferente, mas não quer trazer seus sentimentos à tona.

— Pra que você disse que me ama, Alberto? Pra que você disse que eu sou a única pessoa com quem você sente vontade de ter um compromisso, se você não quer ter um? É um novo jeito de me infernizar? Vá embora, Alberto. Por favor. Vá.

Ele não se mexe.

— Estar com você é dar um passo para frente e dois para trás. — Resmunga.

— Digo o mesmo!

— Sam...

— Chega de “Sam”! — Explodo.

Ele abre a boca. Seu maxilar treme, é evidente que há muitas palavras a serem ditas.

— Eu tenho que voltar pro restaurante.

Alberto abaixa a cabeça e fecha os olhos. Está derrotado.

Sinto muito.

— Meu casamento foi um inferno. — Ele diz tão baixinho que não sei se ouvi direito isso ou até se ele realmente disse alguma coisa.

— O que foi que você disse?

Alberto caminha até o sofá. Senta-se com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça baixa.

Sempre ouvi que ele tem um relacionamento ótimo com a ex-esposa, que tudo é amigável entre eles, algo que já pude comprovar que não é tão mil maravilhas quanto pintam. *Mas o casamento foi um inferno?*

— Explique-se. — Exijo cansada do silêncio e de granadas atiradas sem pino no meu colo.

— Você sabe que eu me casei por causa do Lipe.

Sim, por incrível que pareça, essa parte da história eu conheço. E é sobre esse episódio de sua vida que ele fala:

— Ela era uma garota que eu saía. Um dia disse que estava grávida. O pai ia expulsá-la de casa. Foi o que disse. Foi o que fizeram parecer.

— Fizeram parecer? — Pergunto descrente.

Alberto não faz o tipo de homem que quer arrancar olhares de pena ou solidários. Nesse ponto, somos bastante parecidos. Queremos nos fazer sempre forte e muitas vezes as pessoas acham que somos uma fortaleza sem rachaduras. Entretanto provavelmente só ouvirei a versão dele dessa história e ele pode pintar sua ex-mulher de bruxa e ela não ser.

— Samantha, ninguém sabe o que aconteceu. Não contei para meu melhor amigo, e meus pais só sabem porque eles se intrometeram demais... Preciso corrigir: eles me salvaram demais.

— Mas você e a Ingrid se dão tão bem. — Falo o que eu ouvi desde que descobri que Alberto já foi casado.

Ele ergue o olhar para me fitar brevemente, então abaixa a cabeça fazendo uma negação.

— Eu vendo essa história, e tenho quase certeza que você já testemunhou o contrário. E, por tudo que eu vivi ao lado da Ingrid, hoje não consigo deixar de espelhar todo e qualquer relacionamento que eu venha a ter pelo que eu vivi ao lado dela. Um inferno. Eu prometi pra mim mesmo que nunca mais me meteria naquela roubada.

— Roubada! — Exclamo minha surpresa com a forma como ele se refere a um casamento.

— Você quer saber o que ninguém sabe? Quer ser a amiga que não deixei nenhum amigo ser?

Vou à mesa e sento numa cadeira de frente para ele.

— Eu quero! — Meu tom é desafiador. — Acho que tenho o direito de saber depois de você ter me enrolado tanto.

Ele assente.

— E o que você vai me dizer não vai mudar nada. Encare como se você estivesse num confessionário, que apenas desabafará para alguém em quem confie.

Dessa vez, não faz qualquer concordância.

Confiança é uma via de mão dupla, mas não é uma moeda de troca. Ele não pode me exigir voltar àquele maldito relacionamento sem compromisso, só por eu estar aberta a ouvi-lo e guardar esse segredo a sete chaves.

— Conheci a Ingrid numa noitada. Tínhamos amigos em comum, numa cidade que eu praticamente não conhecia ninguém. Ela era linda, mas muito tímida. Saí com ela uma, duas vezes até que namoramos. Ela me perguntou e eu aceitei. Tudo aconteceu num estalar de dedos. Ela passou a dormir comigo quase todas as noites lá em casa, ia de manhã para a faculdade e trabalhava numa loja de shopping no expediente noturno. Três meses depois, ela disse que estava grávida. E nós nunca tínhamos transado sem camisinha.

Epa! — Nenhuma vez? Alberto, eu conheço você, e sei que você perde a cabeça e esquece.

Ele faz uma negação. — Só com você que eu perco a cabeça, Sam. E por saber que você toma remédio. — Ele desvia o olhar e pesco uma omissão ou até mesmo mentira. — Mas nunca-

— Tá, essa conversa não é sobre nós. — Corto-o, e deixo de lado também a impressão de haver a falta da verdade em sua declaração. — Continue.

Ele pigarreia e se ajeita no sofá enquanto suspira.

— Eu duvidei. — Ele encolhe os ombros. — Acabei na hora com aquele namoro. *Ou melhor, tentei terminar.* Minha primeira suspeita era a de que ela me traiu. Ela justificou que a camisinha podia estar furada, estourou e não percebemos. E depois disse que primeiro tinha falado com os pais naquele dia e que eles a expulsaram de casa. Insisti, e ela chorou copiosamente dizendo que não tinha para onde ir, que ela nunca tinha transado com mais ninguém depois que estávamos juntos, que eu a ofendia acusando-a de traição. Acusou-me de colocar meu próprio filho morando na rua. Eu fiquei perdido. Totalmente perdido. Não era fácil acreditar, mas era alguém que estava na minha cama todos os dias.

Ele para e olha para mim. Analisa minha reação às suas últimas palavras. Não esboço nada e nem dá para ficar com ciúmes com seu desabafo sem um pinga de amor à ex-mulher. Ele continua:

— Vou ser sincero, Sam. Pensei em falar para ela abortar. — Eu arregalo os olhos. — É a verdade que ninguém sabe. Essa, nem os meus pais.

— Você pediu?

Ele nega. — *Pensei.* Considerei que realmente aquele filho seria meu, eu não queria, não estava preparado, sequer amava aquela mulher. Fui frio na minha decisão de ela manter a gravidez. Não foi nenhum ato de amor. No momento que eu decidi que seria melhor ela ter o filho, foi porque a sociedade condena um aborto, além de ser proibido. Não me achei no direito de decidir o que ela faria com a gravidez, nem de sugerir que ela não tivesse um filho. Eu tinha estabilidade financeira e condições de criar uma criança. E ponderei no que poderia acontecer caso o procedimento desse

errado. Ela poderia morrer. Ela poderia sofrer algum tipo de sequela e nunca mais poder ter filhos. Eram culpas que eu não queria carregar.

— Naquela mesma semana, contei para os meus pais e comprei um anel. Ela já vivia lá em casa, não tinha para onde ir. Estava grávida de um filho que provavelmente era meu... Terminar o relacionamento só por ela ter engravidado só me faria ser visto como um canalha, inclusive sob meu olhar. Meus pais foram tão frios em seus julgamentos quanto eu.

— Sugeriram o aborto? — Pergunto com o coração na mão. Aliás, toda essa conversa me aflige demais.

— Nunca tocamos nesse assunto. Foi apenas um pensamento meu. Mas havia outras questões. Casamento, por exemplo. A forma como vivíamos era um tanto perigosa.

— Perigosa?

— Por incrível que pareça, casamento é uma boa proteção e um resguardo para alguém como eu, com uma boa condição financeira. Então, eu tive uma conversa séria com a Ingrid. Eu disse que pretendia me casar com ela, para regularizar nossa união, mas que no dia que fosse possível realizar o exame de DNA, nós faríamos. Exigi que fosse durante a gravidez e o casamento estava condicionado a esse teste. Ela aceitou sem pestanejar, o que pareceu bom, embora tenha deixado claro que eu a ofendia. Por hora, tudo bem.

— Na noite seguinte, pedi-a em casamento num jantar que organizamos para nossos pais e nossos irmãos. O clima estava horrível. Não abracei os parentes dela. Sequer apertei a mão daqueles que expulsariam a filha de casa para forçar que ela vivesse comigo. Eu nem conhecia os irmãos dela. Meus pais e meu irmão estavam insatisfeitos com a minha situação. Ah, ela também não sabia que eu tenho um irmão e foi quando eu a apresentei aos meus pais.

Eu também não os conheço.

E tento fazer a melhor cara de paisagem que consigo ao descobrir só agora que ele tem irmão.

— Quando finalmente ela poderia fazer o exame, optamos por uma clínica no exterior. Viajamos para os Estados Unidos onde meu irmão mora, queríamos um local confiável e que não tivesse a menor possibilidade de

ela influenciar o resultado. Quando voltamos, ela pediu demissão do emprego, disse que era muito cansativo e tinha certeza que o filho era meu, para ficar se esforçando tanto por um salário baixo. Eu falei para ela que não pagaria a faculdade, que era uma estupidez ela largar o emprego.

— Mesmo sem o resultado, os preparativos do casamento se seguiam. Ela queria uma cerimônia grande, meus pais bancavam tudo e minha mãe só falava que mudanças faria na decoração para alterar as escolhas do casamento para a de sua boda de trinta anos com meu pai. Aliás, minha mãe bateu o pé para que o casamento fosse no Rio, por causa disso. Caso Ingrid quisesse um casamento em São Paulo, as despesas seriam rachadas meio a meio.

— E ela não abriu mão de um casamento gigantesco. — Comento.

— Queria tudo que pudesse. Quando o resultado do exame deu positivo, faltava um mês para nos casarmos. Meu apartamento, que era sem muita decoração, passou a ter tudo que Ingrid achava necessário e mais um pouco. Eu tinha alugado um dois quartos para montar um quarto de hóspedes para que meus pais não precisassem ficar num hotel quando me visitassem, ou para receber um amigo daqui do Rio que quisesse passar uns dias comigo... Nunca cheguei a comprar nada para mobiliá-lo com essa finalidade e era muito estranho ver aquele cômodo virar o quarto do meu filho. Aliás, era estranho chegar em casa e ver toda a mudança que ela fazia. Eu não comprava nada. Para tentar viver em *paz*, eu nem opinava. Via as compras, supérfluos que mal cabiam dentro do apartamento, embora ele fosse grande. Minhas opiniões eram descartadas de imediato se eu tecesse um comentário. Se eu insistisse eram gritos, chantagens emocionais, choros, para depois ouvir pedidos de desculpa, que a culpa era dos hormônios da gravidez.

— Dois dias antes do casamento no civil, os pais dela se reuniram para conversar comigo. Desde o início, eu tinha deixado claro que seria com separação total de bens. Eles estavam ali para mudar a decisão. Alegaram que a Ingrid chorava todos os dias, pois eu não confiava nela. Alegaram que eu não acreditava no nosso relacionamento, e uma hora eu pediria o divórcio.

— É muita cara de pau eles cobrarem de você, já que eles expulsaram a própria filha de casa! — Digo irritada.

— Foi o que eu disse. Lembrei-os de que expulsaram a própria filha grávida de casa. Que o que eu construía era fruto do meu trabalho, que o que eu viesse a herdar dos meus pais, era fruto do trabalho deles. Que Ingrid resolveu largar o emprego porque quis. Me fiz de desentendido e perguntei se ela queria casar comigo ou com minha carteira. Saí daquela mesa dizendo que se ela não quisesse se casar comigo com separação total de bens, ela poderia simplesmente deixar de se casar comigo e voltar para a casa dos pais. E eu quis muito que ela fizesse isso.

— *Mas casamos.* Naquela noite, enquanto eu fazia as juras matrimoniais, eu rezava para que todos os seus ataques acabassem. Eu queria que ela voltasse a ser aquela garota tranquila e tímida que eu conheci. Jurei que faria do meu lar um lugar de paz para o meu filho. E era pensando nele que eu encontrava motivos para ficar feliz dali por diante. Foi pensando na criança que estava por vir que consegui sorrir aquela noite. Era quando íamos às consultas pré-natais que meu relacionamento com a Ingrid parecia perfeito. Talvez quando ele nascesse, a nossa situação melhorasse.

Ele me dá um sorriso fraco. Sua postura denota o cansaço de toda aquela situação. Só de recordar ele está muito abatido. A exaustão que se seguiu após o casamento não permitiu esperar o bebê nascer para pedir o divórcio. É o que ele conta:

— Eu era um robô. Quem me perguntasse, eu dizia que estava muito bem. A única pessoa que podia prestar atenção realmente em mim era o Rafael, mas ele estava passando uma temporada fora do país. Os outros amigos me perguntavam sobre a chegada do Felipe e falar sobre meu filho e todas as emoções que eu sentia quando eu podia vê-lo nos exames deixavam evidente certa alegria.

— Se eu chegasse um dia mais tarde por causa de uma reunião, aliás, se eu não atendesse o telefone por estar ocupado, o que era raro, pois ela estava grávida e eu sempre me preocupava em nunca deixar suas ligações perdidas, eu recebia todos os tipos de acusações. Situações que me tiravam

do sério, mas que eu fazia de tudo para não perder a cabeça. Cada dia uma alfinetada diferente. Até que novamente falaram sobre dinheiro.

— Quiseram mudar o casamento de vocês para que não fosse mais por separação total de bens?

— Quiseram que eu assinasse uma apólice de seguro de vida. — Ele gargalha. — Desculpe. — Continua rindo, porém tenta se conter.

Morbidamente, eu também rio. Cada palavra que escuto dessa história me deixa enojada, sobrecarregada, preocupada, *angustiada*, mas aproveito a gargalhada do seu humor negro para me entregar a esse riso sem sentido, e tentar aliviar um pouco minha tensão.

— Desculpe. — Pede mais uma vez, e se controla. — Um seguro de vida, porra. Na hora, eu ri e perguntei se eles queriam me matar. Fui pro banheiro, tomei meu banho e fiquei no quarto do meu filho. Apoiei minhas mãos no berço de madeira clara. O quarto era todo azul, branco e marrom. O tema era de príncipe ursinho. Era lindo. Não julgo os gostos da Ingrid, pois ela tem, sim, muito bom gosto, por mais que eu achasse que ela gastava demais com um monte de enfeites. Mas naquele momento, eu queria carros na decoração do quarto do meu filho. Muitos carros. Eu tinha coleções de carrinhos na casa dos meus pais e queria que uma das paredes exibisse todos eles. Eu odiei aqueles ursos idiotas, queria arrancar a cabeça de cada um, pois falar sobre meus carros, para ela, era falar de quinquilharias.

— Passei alguns minutos ali naquele quarto, me sentindo um completo estranho na minha própria casa. Quando saí sem rumo, os três ainda estavam na sala conversando. Olhei bem para minha esposa grávida de sete meses. Eu disse que eu não mudaria de ideia e que já estava de saco cheio de ser visto como uma conta corrente pelos três.

— Fui para um bar e, sentado num banco, fiquei tentando entender como minha vida chegou àquele ponto, enquanto queimava minha garganta com uísque. Caralho, nem amor me movia naquele casamento. Eu não tinha porque estar naquela situação. Quando peguei a carteira para pagar a conta, lembrei-me do antigo Alberto descompromissado. Tirei a cartela de camisinhas que estava mofando ali dentro. Sempre carregava três comigo.

Ele me dá um meio sorriso. Sacana. Devasso. *E amargo.*

— Fiquei pensando como aquela porra tinha falhado e eu tinha parado numa situação de merda. Estendi no balcão do bar, atraindo alguns olhares, mas não estava nem aí. Queria só saber que merda tinha dado errado na minha vida. Foi quando eu segurei para guardar de novo que senti. Um movimento que fiz com o dedo que me fez sentir que a embalagem não estava totalmente lisa. Deslizei os dedos devagar, sentindo pelo menos quatro pontos diferentes. Abri as três camisinhas e coloquei as embalagens contra a luz. Assim, vi seis furos em cada invólucro praticamente nos mesmos lugares.

Os olhos dele estão fixos nos meus e colhem minha indignação.

— É o que estou pensando?

Ele encolhe os ombros.

— O dono do bar perguntou o que eu estava fazendo, já estava praticamente me expulsando. Tinha dois seguranças me cercando. Expliquei rapidamente que eu seria pai e que deveria agradecer aos furos que minha namorada tinha feito nas minhas camisinhas. — Ele meneia a cabeça. — Pela cara que fizeram, acredito que tenham conferido os preservativos de suas carteiras. Mas recolhi tudo e fui pra casa. Ingrid estava dormindo. Abri meu armário e tirei a caixa de preservativos. Todas estavam daquele jeito. Se eu não tivesse sido fiel, eu não saberia dizer quantos filhos eu teria espalhado por aí. Voltei pro quarto e fiz chover camisinha em cima dela.

— Você o quê?

— Joguei camisinha sobre ela como se fossem pétalas de rosas, melhorou?

— Minha nossa! — Estou chocada demais até para rir.

— Ela acordou assustada. Foi a primeira vez que elevei a voz. Eu disse que nunca mais ouviria qualquer reclamação. Chamei-a de golpista e de todas as ofensas possíveis a uma mulher. Nunca senti tanto ódio de alguém. Saí de casa naquela noite mesmo. Pedi que me enviasse uma mensagem com o que ela queria para o divórcio sair rápido. Naquela hora eu não quis saber que ela estava quase na reta final da gravidez. Eu simplesmente queria aquela mulher fora da minha vida.

É estranho ouvir o relato dele. É tão contraditório a tudo que eu conhecia que é como se ele quisesse ferir a imagem da ex-esposa para

justificar suas atitudes. Mas seu discurso soa tão verdadeiro que é impossível lhe tirar o crédito.

— Ela entrou com o pedido de tudo que eu sabia que exigiria. Até o que ela achou que me surpreenderia.

— O que ela pediu?

— Voltei para o apartamento dois dias depois. Ela me esperava com uma amiga advogada *e os pais*. — Falar de seus ex-sogros o enoja. — Minha primeira atitude foi de gravar a conversa, ou não haveria qualquer tentativa de acordo. Foram relutantes, mas aceitaram. A advogada instruiu e pediu a cópia. A mulher estava com nojo de mim por abandonar uma mulher no sétimo mês de gestação. Ela pediu uma pensão para nosso filho, outra para ela alegando que eu a impedi de trabalhar. Queria baseada no meu salário. Queria o apartamento no nome dela e que eu desse um carro. Queria que eu pagasse a faculdade. Eu só olhava para a cara da advogada, pois quaisquer outros rostos no recinto me davam asco.

— Quando terminou, eu pedi provas que ela abandonou o emprego por minha causa, porque eu tinha provas do contrário. Ela me enviou mensagens dizendo que deixou o emprego. Fez questão de passar o código de barras do boleto da faculdade para eu pagar, e nas mensagens eu dizia que ela saiu do emprego porque quis, e ela narrava toda a ladainha de ter deixado por ser penoso demais para uma grávida. A advogada não estava a par desses detalhes. Cara, você pode ser filho da puta nas suas atitudes, mas não deixe seu advogado no escuro. — Ele acrescenta o conselho genérico. — Eu disse que tinha ainda as mensagens dela me implorando para viver comigo, já que os pais a expulsaram de casa.

— Então, dei minhas condições. Eu custearia toda a vida do meu filho. Daria uma pensão para ela também por um ano. Ela poderia viver com ele naquele apartamento, com o aluguel e todas as contas de consumo pagas desde que só fossem dois. Se outra pessoa passasse a viver ali, os valores obviamente seriam divididos entre os membros e eu só pagaria a parte do meu filho. Eu ficaria encarregado de comprar tudo que fosse para o Felipe. Pagaria todas as atividades dele, plano de saúde e o veria pelo menos três vezes por semana, enquanto recém-nascido e que no futuro reveríamos a

guarda dele. Felipe viveria com todo o conforto que eu poderia proporcionar e ela tiraria casquinha.

— Você sabe que não é bem assim... Por mais que você pague tudo-

— Sam, eu sei que você vai falar. — Ele me corta. — A Ingrid não tem despesa alguma. Sei de todas as queixas que rolam por aí sobre pais que reclamam de pensão. Você acha mesmo que eu sou um cara assim? Tem muito filho da puta, *você* adora me chamar de filho da puta, mas, nesse ponto, eu não sou. Se a Ingrid quiser, ela pode voltar a fazer faculdade com o dinheiro que dou para uma eventual emergência com o Lipe. A pensão dele é toda para ela. Ela não tem renda pro padrão de vida que eu a pus. Voltou a trabalhar agora, mas não ganha grande coisa. Só voltou pra faculdade por um tempo, porque quando acabou a pensão, a juíza deu uma puta de uma lição de moral quando ela pediu para continuar recebendo a parte dela também.

— Sua ex pediu pra você continuar sustentando?

Cara, na moral, eu não entendo. Sempre banquei a minha vida, sempre lutei muito para ter minhas coisas. Admito que o restaurante me foi dado praticamente de mão beijada, mas boto minha vida lá dentro. A mulher quer viver como se tivesse ganhado na loteria, sendo que o bilhete nem era dela! Não faz nada para caminhar com os próprios pés!

— Pediu. Foi na época que virei sócio num escritório e passei a ganhar mais. Felipe estava maiorzinho, eu já estava pensando em pedir para passar um fim de semana com ele, não queria que fosse uma imposição, queria entrar num acordo informal com a Ingrid. Foi mais uma facada dela. Ela só não contava que a juíza iria interceder a meu favor. Perguntou se eu pleitearia a guarda compartilhada.

— Você aceitou?

— Mais uma vez, não vou mentir, Sam. Eu tinha e tenho medo da guarda compartilhada. Ter que realmente ficar responsável por ele, por isso nunca me importei com o fato de a Ingrid não me prestar contas do que ela fazia com o dinheiro do Lipe. E ela pode infernizar a minha vida até hoje, mas uma coisa certa: ela é uma excelente mãe. Decidi dar o prazo de um ano além daquele acordado inicialmente, e definimos que ficaria com o Lipe pelo menos um final de semana a cada quinze dias.

— E aí ela topou e você veio pro Rio e ela teve que largar tudo de novo.

— Ela me pediu um carro para vir para cá.

Meu queixo cai. — Um carro?

— Isso mesmo que você ouviu. Escolheu o modelo, a cor. Ela conseguiu o carro que eu neguei na época do divórcio. Falou que estava pegando leve comigo. Já sabia que viveria num condomínio de luxo. Pra dizer a verdade, nem sei por que resolveu trabalhar. Assim, por vontade própria.

— Talvez você tenha sempre julgado a Ingrid mal.

— Sério que você está dizendo isso depois de tudo que eu disse? Não acredita em mim?

— Acredito. Mas tem sempre o outro lado.

Ele suspira. — Você quer ver meu histórico de mensagens com ela?

Ele estende o celular para mim. O visor está apagado, o aparelho obviamente bloqueado, mas não preciso visualizar o histórico. Não duvido do que ele disse. Recordo-me de ligações tensas demais.

— Tentador. — Ironizo.

— Eu te amo, Sam. Eu nunca disse essa frase para uma mulher com sentimentos tão verdadeiros. Eu queria muito, muito mesmo te dar tudo de mim. Mas o que você acabou de ouvir é tudo o que eu sou. Eu já vivi decepções demais numa vida a dois, e não quero novamente. Um casamento. Uma família. Trinta anos e o que é o sonho de muita gente, para mim, é um pesadelo.

Um relacionamento abusivo deixa muitos traumas.

É até estranho pensar no Alberto como alguém que passou por chantagens e mais chantagens emocionais. Mesmo lindo, rico, seguro de si e sagaz, ele caiu nas garras de uma interesseira.

— Eu não vou mergulhar de cabeça num novo namoro, Sam. Eu sei que você não é ela, mas estou estragado. Quando temos uma discussão, minha cabeça viaja para esse passado que eu acabei de contar. Só me recordo da minha impotência. Uma discussão idiota que tenho com você já faz meu coração acelerar agoniado por tudo que ele já viveu. Minha boca amarga. Eu já fico exausto nas primeiras palavras ao ouvir uma cobrança, mesmo que você tenha razão. Minha cabeça parece que vai explodir. Dói demais

saber que um dia você vai se cansar de mim... Dói saber que você *já se cansou* de mim. Dói pensar que você querará construir uma nova vida e eu já me precavi para não correr mais riscos. Por não querer mais vislumbrar aquela vida além das recordações já existentes.

Enrugo minha testa sem entender o que ele quis dizer no final.

— Precaveu-se como?

A expressão dele é de total derrota. — Por favor, não me odeie. Não me odeie hoje por eu dizer que... que eu fiz vasectomia. Não me olhe assim...

Olhar como? Com espanto? Assombro?

— Eu sei que devia ter falado há mais tempo, que nunca devia ter escondido de você, mas... mas eu nunca assumi nada sério e sempre deixei claro que nunca teríamos nada promissor.

— Você fez vasectomia? — Minha voz quase não sai. Sei que ele disse um monte de coisa, mas não consegui entender nada além desse absurdo.

— É por isso que não dá para termos um relacionamento. Eu não quero tirar nada de você, Sam.

Vasectomia! Ele fez vasectomia.

Ele me conta que a namorada pilantra furou todas as camisinhas e engravidou e fez da vida dele um inferno na terra. Agora eu tenho que falar para ele que estou grávida depois de me confessar que fez vasectomia?

— Quando você fez?

— Pouco mais de um ano antes de conhecer você.

— Mas vasectomia é reversível. — Tento preparar o terreno. — Já ouvi falar de casos assim.

— A minha cirurgia foi bem-sucedida. Já fiz os testes. Tudo que você pode desejar um dia, eu não terei como dar. Não dá mais. Ficar comigo será ter seus sonhos pela metade.

— Tá, eu...

Eu não posso mandá-lo embora daqui agora. Não quero mais um dia de conversa tensa com o Alberto e, pelo que acabei de descobrir, não fará diferença quando eu vou contar. Será um golpe para ele, com certeza.

Porque esse filho é dele.

E vou virar a mão na cara dele se ele disser algo contrário.

— Olha, eu vou ao banheiro rapidinho. — Digo já ficando em pé.

— Tá. Vou beber uma água. — Ele avisa e eu faço uma concordância.

Não vou me importar se ele agir com a intimidade de abrir a geladeira, já que ele nunca teve problemas com isso aqui em casa.

Vou ao banheiro e molho o rosto, após lavar as mãos. Encaro-me no espelho. Estou cansada. Apoio minhas mãos na pia e observo as olheiras que certamente apareceram com essa conversa.

— Como vou falar pra você, Alberto? — Pergunto baixinho para o meu reflexo.

Ouçõ um ruído alto vindo da cozinha. Abro a porta preocupada e corro até lá.

— Está tudo bem? — Pergunto na porta.

— Está. — Ele diz com a cara enfiada na geladeira. — Quase derrubei a garrafa d'água. Estou procurando algo de bom para comer.

A posição que ele está não é a das melhores. Está um pouco encurvado, mas sua calça dá uma apertadinha no seu bumbum gostoso, e lambo os lábios antes mesmo de ter consciência dessa exteriorização do meu desejo por ele. Quantas vezes finquei minhas unhas em sua bunda para que estocasse ainda mais fundo, beirando o insuportável, e, ainda assim, desejando mais dele!

Ui, calor!

— Você não tem jeito. — Mordo o lábio aproveitando que ele não pode me ver. Espero que não tenha reparado a lascívia na minha voz.

— Estou com fome. — Diz distraído.

Se fosse até ontem, talvez ele encontrasse a surpresinha que fiz para ele. Se eu não tivesse comido antes que o doce estragasse, eu não precisaria dizer que estou grávida. Ele acharia facilmente, já que vasculha todos os cantos da geladeira.

Beto fecha a porta. Nas mãos tem *brie* e geleia de damasco.

— Nada pronto na casa da cozinheira. — Tenta brincar. — Nunca vi comida de verdade. Arroz, feijão...

— Não. É raro ter. Só quando estou no *Recriação* que como arroz com feijão.

— Vocês fazem esse prato lá? — Ele pergunta cortando uma lasca do queijo.

— Não para os clientes. É para a refeição dos funcionários. Sempre tem acompanhados de uma proteína e de uma salada.

— Hum... vou passar um dia desses lá e pedir esse prato especial. — Ele morde a fatia com geleia. — Quer?

— Alberto... eu sei o que você está fazendo.

— No momento, estou ingerindo bastante gordura, açúcar e sal para não cair duro, após falar e falar e falar sobre um assunto que tanto me incomoda e suga minha energia. E estou tentando não enlouquecer com o que você pode decidir fazer comigo depois de eu ter dito tanta coisa. Na verdade, eu até sei que é melhor eu sair daqui com o pouco de dignidade que me resta, principalmente por eu ter dado um belo motivo para você desistir de vez de ficar comigo. Acho que estou aproveitando meus últimos momentos com você.

Ele abre a torneira e lava as mãos. Escuto um fungar fraco, mas que dói demais, pois ele realmente se despede de mim e sua dor é palpável. Quando termina, ele repete a minha posição na pia, só que ele encara o vazio da cuba de lavar a louça ou o detergente e a esponja.

— Dizem que quando amamos alguém de verdade, nós só queremos que essa pessoa seja feliz. — Suas palavras estão entrecortadas e um pouco anasaladas. Chora. *Como eu.* — Eu quero muito que você seja feliz, Sam, mas dói. Dói demais. Há um vazio tão grande dentro de mim que... que eu não consigo. Eu queria conseguir, mas não consigo dizer adeus.

— Eu estou grávida, Alberto.

Ele está tão perto de mim que posso acompanhar a transformação de cada detalhe do seu rosto. Vejo o instante exato que as lágrimas secam. É o mesmo momento que surge rugas profundas no meio da sua testa. Sua tez perde a cor, perde o brilho também. Sua boca entreaberta parece que proferiu a declaração do seu amor por mim em outra vida.

Alberto se afasta como se minhas palavras ecoassem em sua mente sem parar. Depois de tudo o que ele disse, arrisco pensar que há um eco de palavras ouvidas anos atrás mesclando-se com o que acabei de revelar.

Eu quis muito que esse momento fosse diferente. Mas só se eu contasse através de uma carta, uma mensagem ou um e-mail que eu não veria essa expressão no seu olhar. E também não quero mais um dia cheio de angústia. Já estamos envolvidos nesse conflito de emoções, de desejo de estarmos numa situação completamente diferente, de termos que nos preparar para uma despedida. Não há motivos para criar um novo dia como o de hoje.

Mesmo se eu me sentasse com Alberto daqui a dois dias ou uma semana, com tudo que ouvi, essa seria a reação dele.

Alberto sai da cozinha. Fico completamente imóvel esperando o som da porta. Passo a mão no cabelo esperando a batida que vai destroçar o meu coração por ele simplesmente fugir.

A espera se torna agonizante por só haver o silêncio. Resolvo arriscar alguns passos. Três são necessários para eu sair da cozinha para a sala.

Alberto está sentado na estante, na parte onde outrora deve ter sustentado uma imensa televisão de tubo. Suas mãos estão apoiadas na madeira ladeando seu corpo. Ele fita o chão, mas tenho certeza que tem pleno conhecimento da minha aproximação.

Recosto-me no portal da cozinha e o encaro. Não quero repetir que estou grávida. Fazer um eco da minha revelação é algo totalmente fora de cogitação.

— Eu preciso ir para o *Recriação*.

Ele não se move e minha agonia aumenta.

— Alberto, depois nós conversamos. Agora eu realmente preciso ir.

— Eu só preciso de alguns minutos, Sam. Por favor. Só. Alguns. Minutos.

— Não vamos forçar, Alberto. Outro dia.

Ele nega com a cabeça e desencosta-se do móvel.

— Não, Sam. Ligue pro restaurante, avise que não dá para ir.

— Eu não quero conversar com você agora.

— Você não pode me dizer que está grávida, e achar que vamos conversar sobre isso noutro dia! Principalmente depois de tudo que contei!

Sua voz foi aumentando e aumentando, mas ele não chegou a gritar.

Ergo uma sobrancelha para a sua cantada de galo.

Ele engole em seco. — Não, Samantha. — Sua voz volta a ficar mais comedida.

— Eu vou tomar um banho. — Digo vencida.

Ele concorda com movimentos frenéticos com a cabeça e os olhos fechados, como se desejasse apenas retornar aos seus pensamentos, seja lá qual forem, e eu pego minha bolsa para deixá-lo sozinho na sala.

Entro no quarto e jogo meu corpo na cama. O contato com o edredom frio faz bem para a minha pele. Estico-me para pegar o controle do ar condicionado para refrescar o ambiente.

Chegamos tão tensos para uma conversa séria e definitiva que tudo ficou em segundo plano. Alberto ainda está com o terno completo. Só não está derretendo por causa do ventilador de teto e do pé direito alto que garante um frescor natural ao apartamento.

Estirada aqui já não penso mais em sair. Talvez eu tome um banho e durma por algumas horas.

Dormir... acho que nem todo cansaço do mundo me fará dormir.

Aviso minha mãe por mensagem que contei para Alberto e que não terei como ir ao restaurante. Ela me liga e quer saber de tudo. Sinto uma vontade estranha de desabafar o que ele me contou, mas a cumplicidade daquele momento me impede de verbalizar qualquer coisa que possa traí-lo.

Traí-lo. Nunca traí Alberto, mas agora ele tem todos os motivos para acreditar o contrário. Ele não pode ter filhos, estou grávida, ele me viu beijando outro.

A vontade de ficar deitada encolhida nessa cama aumenta e nunca mais quero levantar.

Ele tem todos os motivos do mundo para duvidar.

Mas eu não tenho por que ser acusada.

Despeço-me da minha mãe com dois minutos de conversa, avisando que Alberto continua aqui e que ainda temos muito a conversar.

Sento-me na cama e o vejo parado perto da porta. Não acredito que me observe há muito tempo, pois só agora se recosta no portal.

— E agora, Sam?

E agora? Quero pedir para ele voltar à sala para pensar mais um pouco. Eu não estou pronta para o que quer que ocorra daqui para frente. Minha respiração acelera, a angústia começa a se apossar de mim.

Abro a boca para dizer que vou tomar meu banho, como se me refugiar no banheiro fosse a solução para adiar nossa conversa. A frase está pronta para ser verbalizada, mas apenas o ar ofegante é soprado entre meus lábios.

— Você está bem?

Com o impulso de dois passos largos, Alberto está na minha frente. Segura meu rosto entre as mãos, seus olhos fixos nos meus.

Sinto que vou chorar a qualquer momento. Que vou me debulhar em lágrimas no momento que ele partir.

Levo minhas mãos ao cóis da sua calça numa atitude impensada. Ele sobressalta imediatamente. Atitude que não me para. Alcanço seu cinto.

— Sam... Sam, por favor, agora não é hora.

Desafivelo o cinto e acaricio sua ereção, ignorando seus apelos. O que estava adormecido logo desperta, tomando forma e força contra a palma da minha mão.

— Nós precisamos conversar. — Insiste.

Enfio o dedo entre o cinto e a calça impedindo que ele se afaste no momento que intenta.

— Agora é a hora certa. — Digo com a voz rouca.

Saio da cama para ficar da sua altura. Desfaço o nó da gravata e a tiro do seu pescoço. Seus dedos habilidosos tiram os botões de suas casas, e logo seu tórax está todo nu, seus músculos exibidos a cada flexão dos seus braços para tirar a camisa e o paletó.

Volto a sentar na cama e acaricio seu bumbum durinho enquanto desço a calça. Meus olhos não saem do contorno da sua ereção oculta pela boxer.

Bem, não há nada de oculto aqui. Liberto-a de vez e acaricio da base até a glande.

Encaro Alberto e vejo um pouco de tormento. Escorrego da cama sem tirar os olhos dos dele e o faço sentar no colchão. Volto a acariciá-lo após nos ajeitarmos. Estou sedenta por ele. Meu corpo mal pode esperar! Quer recebê-lo de todas as formas. Umedeço meus lábios antes de envolver a sua glande. Meus fios de cabelo são reunidos aos poucos no alto da minha cabeça, pelas suas mãos até formarem um rabo de cavalo. Acaricio seu saco, entregando-me cada vez mais ao que fazemos, enterrando os pensamentos perturbadores no fundo da mente.

Chupo sua bola fazendo-o estremecer e soltar um gemido gutural. Masturbo seu pênis lentamente, o que não tira a intensidade de suas sensações. Meu cabelo pinica quando chupo a outra bola e depois forço a língua na base. Faço uma pressão no períneo quando volto para chupar toda a extensão do seu pênis. Ele se sobressalta e solta um gemido apreciativo. Massageio lá embaixo, enquanto a outra mão acaricia o que minha boca não alcança.

— Oh, Sam! — Ele geme antes de fazer uma pressão maior no meu cabelo, afastando-me do seu pênis. — Quero você. Preciso mais de você.

Apoio minhas mãos em suas pernas para levantar, inclinando meu corpo para frente para beijar seus lábios. É a sua vez de desabotoar minha calça jeans e precisamos interromper o beijo quando passa minha blusa pela minha cabeça.

Seus lábios não voltam aos meus. Refugiam-se entre meus seios indecisos entre fazerem uma trilha de beijos em direção ao meu mamilo direito ou ao esquerdo. *Esquerdo*. Gemo quando sua língua acaricia meu mamilo intumescido sobre a renda do sutiã, e agarro sua cabeça quando ele abaixa o bojo com a mão para que nada fique entre nossos corpos.

A calcinha é descida e logo estou me mexendo para ela terminar de sair do meu corpo. Quando para nos meus tornozelos, a mão dele cobre minha intimidade. O dedo do meio desliza pela minha fenda até penetrar meu canal lentamente.

Mordo o lábio, liberando um gemido lento. Olhamo-nos nos olhos. Cada movimento que ele faz me deixa ainda mais molhada e desejosa. Ansiosa

pelo orgasmo. Um segundo dedo entra e aperto sua cabeça ainda mais contra o meu seio, agora no lado direito com carícias que arrepiam todo meu corpo. Rebolo em sua mão, a fricção do clitóris contra a palma aos poucos rouba minha sanidade.

É isso que eu quero.

É disso que eu preciso.

— Goze, Sam. Goze bem gostoso pra mim.

Ele me segura quando meu corpo sacoleja e enfraquece com o orgasmo. Sinto a movimentação dentro de mim, dando continuidade a todos os movimentos que já não consigo mais. Fecho as pernas desesperada.

— Ah, Beto, por favor!

— O que você quer, Sam? Quer que eu pare?

Ele mexe a mão dentro de mim e travo ainda mais as pernas. Um risinho sacana escapa dele.

— Como você quer que eu pare se você não me deixa tirar a mão de você?

Eu ainda morro com esse olhar devasso que ele faz enquanto diz essas obscenidades. Afrouxo o aperto e solto um gemido fraco quando ele sai de dentro de mim.

Alberto mexe as pernas para terminar de tirar a calça. Afasta-me um passo, mantendo as mãos em minha cintura, apenas para tirar os sapatos com a ajuda do calcanhar.

— Vem, Sam. Quero você rebolando gostoso em cima de mim.

Ele chega para trás e subo na cama engatinhando em seguida. Novamente encosto meus lábios nos seus ao sentar em seu colo. Ele segura meu cabelo com uma mão e vira meu rosto para beijar minha mandíbula, meu pescoço. Gemo com cada toque. Gemo com a sua barba roçada na minha pele.

Sem parar de me beijar, ajeita com a outra mão seu pau na minha entrada. Desço devagar apreciando cada pedaço de sua intrusão. Permito que mergulhe em meu interior, ora tirando-o de dentro do calor do meu corpo, ora envolvendo-o completamente. Seguro seu cabelo enquanto ele me abraça forte e impele seu quadril de encontro ao meu.

Se paramos de nos beijar é porque nos encararmos para vermos o que causamos um ao outro. Nesse momento nossos arquejos ficam mais altos, nossas respirações mais ruidosas.

O orgasmo é construído lento e gostoso, e quando finalmente sou arrebatada pelo clímax, Alberto me deita e investe lenta e profundamente dentro de mim. Meus gemidos são altos, lágrimas se formam embaçando a visão que tenho do rosto dele. Uma delas escapa descendo pela lateral do meu rosto. Ele a beija quando chega à têmpora.

— Não chore. — Ele sussurra com os lábios bem próximos ao meu ouvido. — Eu te-

— Não diga isso. — Imploro com tanta intensidade que ele para dentro de mim e me encara. — Não, Alberto. Não agora. Não diga isso.

— Sam...

— Não. — Sopro a palavra fraquinha e quase sem som.

Ergo minha cabeça para beijá-lo e uso as pernas para forçar seu quadril de encontro ao meu. Imploro com os olhos que ele continue. Quero voltar a esquecer. Quero apenas sentir.

Só sentir.

Ele me dá exatamente o que eu quero. Alberto sempre me dá o que eu necessito no sexo. Sua cadência fica mais rápida, cada estocada me estimula do jeito que preciso. Então vem o orgasmo. O meu. O dele.

Não quero que o tempo avance mais um segundo.

Tenho até medo de respirar fundo e acordar o Alberto.

Também desejo despertá-lo só para ele me fazer esquecer de tudo novamente.

Deito a cabeça devagar no travesseiro no instante que ele abre os olhos.

— Acordou há muito tempo? — Pergunta com a voz bastante rouca.

Sua mão vai ao meu rosto e, com um toque suave, põe os fios de cabelo atrás da orelha. Gosto tanto que quase fecho os olhos.

— Não. — Limpo a garganta, pois minha voz saiu mais rouca que a dele. — Há alguns minutos.

Ele se espreguiça. Alonga seu corpo, erguendo os braços e deixa evidente a malhação em dia nos seus bíceps.

Há um quê tão cotidiano nesses primeiros gestos do despertar, que sinto um aperto no peito por vivenciá-los hoje.

Descubro-me, e, apenas de camisola, vou ao banheiro. Tranco-me para não haver mais intimidade excessiva pelos próximos minutos. Dispo-me rapidamente para uma chuveirada e aproveito para pôr meus pensamentos em ordem.

Já debaixo d'água escuto a maçaneta e olho para a porta a tempo de vê-la girar. Ele desiste depois da segunda tentativa. Meu banho é rápido, visto-me novamente com a camisola. Queria ter mais tempo para ficar aqui sozinha, mas sei que Alberto deve estar louco para fazer suas necessidades matinais.

Enquanto ele se enclausura lá dentro, vou ao quarto me vestir com uma roupa mais decente. Pretendo chegar cedo ao restaurante, mesmo porque Alberto não vai demorar.

Ele não pode demorar.

Por mais que eu queira que fique.

Quando ele sai do banheiro, estou de pantalonas e uma blusa florida de alças. Seco meu cabelo em frente ao espelho para prendê-lo num coque firme.

— Vou tomar café da manhã no restaurante. Você quer também?

Minha pergunta é apenas uma cortesia e para deixar claro que não devemos ficar aqui sozinhos por muito tempo. Pelo espelho encontro o olhar aguçado de quem percebeu que não estou bem.

— Nós precisamos conversar, Sam.

Não paro de sacar o cabelo. Tento manter a expressão do meu rosto neutra para que ele pense que o som do secador impediu-me de ouvi-lo.

— Samantha. — Ela dá dois passos na minha direção. — Precisamos conversar.

— Já conversamos tudo que tínhamos para conversar. Eu estar grávida não muda nada.

Será que a náusea que me atinge nesse exato instante é por causa da gravidez?

— Muda, Sam.

Desligo o secador e o encaro. — O que muda, Alberto? Você não quer voltar a construir uma família! Você está traumatizado demais, e por mais que você *me ame*, nada é capaz de fazer você mudar de ideia. Você até fez vasectomia para não precisar passar de novo por toda a maldita situação que passou com a sua ex-mulher!

— Samantha...

— É sério, Alberto. Você nem precisa assumir essa criança.

Ele segura meu braço e me vira para ficarmos frente a frente. O toque me queima, me aquece, me eletrifica. Torna-me ofegante. Reações impertinentes ao mesmo tempo que bem-vindas. Uma nova sessão de orgasmos adiaria a conversa e anularia todas as minhas preocupações por alguns minutos.

— Samantha, você ter falado que está grávida muda tudo! — Diz muito sério. — Nós vamos postergar essa conversa até quando?

— Não estou com cabeça para conversar sobre minha gravidez.

— Só me responde uma coisa: foi sobre meu filho que o Rafael foi falar com você ontem?

Sento-me na cama, vencida por ele. Esfrego meu rosto irritada.

— Rafael ouviu a Gabi comentar com minha tia. Elas nem sabem que ele sabe.

Mágoa. Acho que se fosse comigo, se minha melhor amiga e confidente escondesse de mim algo tão importante, eu teria o olhar dele.

— Ele me pediu para não demorar a contar para você.

— Um mundo de gente já sabe, menos eu. — Sua voz está carregada de rancor.

— Descobri por acaso. No início da semana a Gabi veio aqui. Eu ia fazer um exame, e confundiu meu xixi com o dela e-

— Confundi o quê?

— O xixi! — Rolo os olhos. — Exame de farmácia se faz com xixi. Enfim, ela fez o exame para mim sem querer e deu positivo.

— Você fez de farmácia? Quer dizer... talvez não seja...

— Vamos lá, Alberto: eu tomo anticoncepcional, você fez vasectomia e dar positivo poderia ser um erro do exame da farmácia. É, talvez fosse. Talvez a Gabi não tivesse confundido. Ou talvez eu já tenha feito um exame de sangue e esteja confirmado o teste da farmácia que é considerado falho.

Ele fecha os olhos.

— Nós precisamos de um tempo, Alberto. Era para você ter ido embora ontem. O que aconteceu foi uma fraqueza... *uma despedida*.

— Quê? Despedida? Não, Sam!

— Como não, Alberto? Você já deixou bem claro. Se você mudou de ideia, não foi por mim. Se você quer me dizer que dá para pensarmos num futuro como uma família, não será por mim. E você não precisa assumir um compromisso comigo por causa de um filho. O seu compromisso é com ele. Não preciso de ninguém me sustentando. Aliás, eu posso muito bem sustentar meu filho sozinha!

— Você está deixando o orgulho falar mais alto.

— Se eu tivesse deixado desde o início o orgulho falar mais alto, não haveria a mais remota possibilidade de eu estar grávida de você, já que eu *nunca* permitiria que o que sinto por você ganhasse força.

8

Regra número um do *Recriação*: o restaurante é meu e eu faço o que bem entendo aqui dentro.

Não é exatamente assim, tenho que cumprir um festival de normas sanitárias e trabalhistas, fora que não posso resolver servir o que o cliente não quer.

Meu ato de rebeldia é servir um prato especial num sábado. Ocupei minha mente apenas com temperos e legumes para uma receita vegana. Há pouca variação no cardápio para um número maior de pessoas que restringem sua dieta para uma que não contenha produtos de origem animal. Faço uma versão de acarajé. Como todas as receitas do *Recriação*, o prato é praticamente desconstruído e *recriado*.

— Dá gosto de ver você cozinhando. — Elisângela, uma de minhas cozinheiras comenta enquanto me observa. — Devia fazer os pratos novos aqui mais vezes.

Sorrio para ela. — E mostrar sempre meus segredos? — Brinco nesse início de dia, aproveitando que ainda não entramos no ritmo louco da cozinha no almoço de sábado. — De jeito nenhum! Aqui, vê se está bom.

— Hum! Esse é para quinta que vem?

— Acho que para o cardápio. Vamos ver a aceitação dele hoje.

— Vou trocar de roupa para pegar essa receita.

— Rá-rá! Nem em sonho!

Ela se afasta, mas logo outros funcionários começam a chegar. Não tarda para entrarmos no ritmo frenético de deixar tudo esquematizado, adiantar o que dá para ser antecipado, temperar a comida que será feita na

hora. Tudo organizado, cronometrado para que o atendimento saia impecável. Estamos na vida real, nada de dramas como vistos na televisão.

Mas, mesmo com toda a urgência, todo o trabalho que tenho no restaurante, é só me distrair por uma fração de segundo que volto a pensar no que aconteceu noite passada.

Alberto e suas revelações.

Alberto e suas declarações de amor.

Alberto e o sexo que consumiu nossas forças.

Alberto e sua repetição incessante de termos que conversar.

Os primeiros clientes chegam e partem. Os que chegam um pouco mais tarde também têm a sua refeição e também vão. Há elogios. Elogiam os pratos, elogiam a novidade no cardápio. Confesso que há uma reclamação indigesta. Não foi a única do dia, mas clientes estúpidos são irritantes, mesmo quando têm razão.

Todos os preparos têm como ingrediente meus pensamentos sobre o Alberto. Nada me distrai do único homem que mexe de verdade com meu corpo e sentidos.

Não consigo parar de pensar nele.

Nem na gravidez.

Nem no “eu te amo”.

— Sam. — Minha tia me chama, pondo a mão no meu ombro. — Adrien. — Olho para o telefone na mão dela. — Aproveite e faça uma pausa.

Sorrio para ela. — Tá, madrinha. — Ponho o telefone no ouvido. — Oi, Adrien. — Lavo a mão e me dispo do dólmã quando entro no escritório, enquanto fazemos as saudações rotineiras de uma ligação. Então uma recordação me paralisa. — Desculpe! Ai, meu Deus, me perdoa!

Escuto sua respiração soprada no telefone. — Podia ter avisado.

— Ai, ontem foi...

— Você se encontrou com ele? — Pergunta secamente.

— Ah, sim. Naquela hora que eu estava falando com você, o Alberto apareceu. Depois nós conversamos e eu contei que estava grávida.

— Como ele reagiu?

Respiro fundo enquanto me aconchego na cadeira. Ainda não falei com meus pais sobre a reação. E o tom de Adrien ainda está esquisito e nada convidativo para um desabafo.

— Reagiu... acho que *eu* não reagi bem. Conversamos sobre algumas coisas que... meio que tornaram tudo mais definitivo entre nós.

— Definitivo como?

— Definitivo... *Fim*.

— Olha, Sah, eu acho que é o melhor para você. Nos próximos meses, o ideal é você estar ao lado das pessoas estáveis, que façam apenas bem para você e para o seu bebê.

— É... eu sei.

Mas não quero que Alberto se afaste.

— Está tudo muito complicado, Adrien. Aproveitei o trabalho hoje para ocupar a minha cabeça, me distrair. Por falar em distração, tenho mais um novo sucesso!

— Muito bem! Você é perfeita na cozinha. Pude comprovar quando estive aí. Hoje vou ficar com meus filhos e ainda dá para marcarmos algo mais tarde, para você se distrair, ao invés de ficar sozinha em casa.

Eu ia comentar sobre o prato, mas ele já emendou um novo assunto (antigo até), sem saber o que foi realmente um sucesso, então resolvo continuá-lo.

— Não tenho hora para sair. Acho que não ficarei até fechar o restaurante, mas vou acompanhar o turno da noite e estarei um trapo quando chegar em casa.

— Amanhã? Você furou a praia de hoje, não vou aceitar desculpas para amanhã.

— Ah... Você sabe como o fim de semana é complicado. Faz um tempinho que eu não trabalho todos os dias. E acho que vou criar um novo prato. Hoje foi vegano, amanhã, farei cordeiro.

— Desse jeito vou ter que aparecer aí e sequestrar você para um passeio. Meus filhos sempre me pedem para ir ao Maracanã. Talvez seja um dia

legal.

Rio. — Ah, sim. Você está me chamando para ir ao Maracanã, grávida.

— Vou levar meus filhos, Sah! — A voz dele suaviza. — Botafogo e Goiás. Acho que não teremos um jogo perigoso.

— Tá bom. Preciso voltar agora. Realmente estou pensando no que fazer com cordeiro e preciso conferir o estoque.

Ele se despede e eu deixo o celular do restaurante sobre a mesa.

Não devia ter parado. Agora não consigo pensar em nada além de tirar o celular da minha bolsa.

Será que Alberto enviou alguma mensagem?

É, eu sei que fugi dele, vou continuar fugindo de todas as tentativas de contato pelos próximos dias, mas eu quero que me procure. Não quero uma insistência para me gabar, para levantar meu moral. Nem antes de nos reencontrarmos há alguns meses eu deixava de me encontrar com ele com o propósito de tê-lo se rastejando por mim.

Mas se ele parar de me procurar é porque cansou.

Alberto me ama, mas o amor nunca foi o suficiente para construir uma história ao meu lado diferente da que temos.

Uma história que talvez ele esteja disposto a construir por causa do filho.

Escuto batidas na porta e antes de responder “um minuto”, minha mãe põe a cabeça para dentro. Dou um meio sorriso convidativo, e ela entra fechando a porta para termos privacidade.

— Sua tia falou que estava aqui. — Diz quando me cumprimenta. — Era o Adrien?

— Era. Furei com ele hoje e combinamos de ir ao Maracanã amanhã. Quer levar os filhos ao jogo.

— De jeito nenhum, Samantha! Você está grávida!

— Ah, mãe, não estou doente.

— Vai ficar com o sol na cabeça, arrumem outro programa para fazer. Podem ir para o AquaRio.

Rolo os olhos. — Ah, não posso ficar com o sol na cabeça no estádio, mas posso ficar torrando no sol na fila pro aquário e no caminho feito até chegar lá.

— Ao Zoológico! A Quinta da Boa Vista é um lugar perfeito para um piquenique.

Estreito o olhar. — Você está fazendo campanha para eu ficar com o Adrien? Grávida de outro?

Ela faz uma careta. — Você conversou com *o outro* e está toda borocoxô. Claro que estou fazendo campanha para o loirão. Me diga como foi ontem?

— Uma montanha russa.

— Ele não aceitou? — Pergunta séria e preocupada.

Seria mais fácil ele não ter aceitado.

Eu o odiaria, nunca mais olharia na cara dele e fim de papo.

— Ele disse que me ama, mas que o casamento dele não foi...

Minha mãe pode desabafar com a minha tia, que pode comentar com a minha prima, que pode chegar no ouvido do marido, que é melhor amigo do Alberto, e Rafael provavelmente não ficará inerte se descobrir todo sofrimento que foi aquele casamento.

— Mãe, pelo amor de Deus, não comente nada com a madrinha.

— Claro que não, filha!

— Por favor! Sei que a senhora e tia Estela sempre falam tudo uma para a outra, mas é um segredo do Alberto, não meu.

— Assim você me ofende, Samantha! — Ela realmente está indignada.

Eu não posso ofender por dizer a verdade!

Sei como as duas são!

— Você disse que ele se declarou pra você. Disse que te ama. Não me leve a mal, Sam, mas ele só está te enrolando como sempre.

É... é uma enrolação sem fim.

— Bem, o casamento do Alberto foi muito ruim e ele tem sérios motivos para não querer se relacionar com mais ninguém. Ele disse que me

ama, mas que nunca mais vai se casar, mãe. Continuar com ele seria cada um no seu canto.

— Cafajeste!

— Há muito casamento hoje em dia que funciona assim, sabia?

— Samantha, você não vai aceitar! Se existe casamento assim é porque as duas pessoas querem e é óbvio que você só aceitaria por imposição dele.

Suspiro cansada. — Eu não quero esse tipo de relação, mãe. Mas esse não é o problema.

— E qual é?

— Alberto está inclinado a tentar algo mais sério.

— Casar?

Encolho os ombros. — Eu apostaria que ele está inclinado a namorar comigo de verdade. Ou juntar as escovas de dentes.

— Continua te enrolando. — Ela faz uma careta. — Não sabe se quer namorar, morar junto... sei não. Você não precisa disso.

— Nós ainda não conversamos, mãe. Não permiti que ele falasse sobre como será daqui para frente. Ele só havia deixado claro que não ia ficar comigo, mas disse que “tudo mudou” depois que descobriu que estou grávida. Essa mudança não será por mim, então não quero ouvir o que ele tem a dizer.

Escuto o zumbido do meu celular e tiro-o da bolsa. *Sim, é para acabar com a conversa.* Olho para o número desconhecido com estranheza e atendo cautelosa. Quando desligo o telefone, estou eufórica.

— Você não vai acreditar! — Digo empolgada.

— O que foi?

— Recebi uma ligação para o *Recriação* participar de um programa de televisão?

— Aquele que você participou? — Minha mãe se anima.

— Não. É outro, mas praticamente da mesma linha e do mesmo canal. É um programa novo. Não sei se entendi direito, terei que esperar a vinda deles aqui na segunda, mas parece que querem um dia por semana para o programa durante dois meses.

— Ah, filha! — Ela levanta e eu também. Recebo um abraço gostoso e apertado com direito a “hummm” tanto meu quanto dela. — Você merece, Samantha! Eu tenho tanto orgulho de você!

— Então vamos voltar para o trabalho para fazer esse orgulho valer à pena!

E deixar o assunto anterior enterrado.

— Conversamos sobre o Alberto mais tarde.

Ou não.

Depois de passar a receita dez mil vezes para o cozinheiro da noite, saí para espairer. Amanhã, vou ao zoológico, já está combinado o passeio com Adrien e os filhos, então queria algo leve e confortável para usar durante o dia e decidi comprar também roupas mais folgadas para trabalhar.

A vendedora pergunta meu manequim e respondo um pouco incomodada o número real e peço para ver um número maior de uma jardineira curta de jeans.

Acho tão lindo grávida de jardineira!

Experimento e me incomoda esse número um pouco maior não estar tão larguinho quanto eu esperava. Embora ainda esteja bastante confortável, eu queria acreditar ter perdido mais alguns quilinhos.

E nem posso pensar em dieta muito restritiva. Tenho que procurar a nutricionista e mudar minha alimentação. De novo.

Ainda assim, sonho. Consigo sorrir quando penso como meu bebê estará grande dentro da minha barriga, e tudo que quero é que cresça forte e saudável. Viro-me de lado e tento me imaginar daqui a alguns meses. O sorriso fica ainda mais largo quando só me imagino como uma grávida muito linda.

— Você está grávida? — A vendedora pergunta olhando para minhas mãos no ventre.

Suspiro feliz. — Estou.

— Ah, esse macacão é ótimo e você vai conseguir usar até o final da gestação. — Diz empolgada e mete as mãos nas laterais para abrir uma sequência de três botões. — Esses botões são para ajudar a entrar, mas com o avanço da gravidez, você poderá deixá-los abertos para a roupa não apertar. Com quantos meses você está?

Olho para minha barriga que é mais uma pancinha do que uma gravidinha.

— Quatro meses. — Digo essa mentira deslavada. Meu bebê deve ter no máximo dois meses. Isso, se tiver dois meses.

Tenho que fazer aquele exame de semanas.

— Nossa! Já está assim! Vai ser um bebezão!

— É... vai. Olha. Vou ficar com esse macacão. — Digo disfarçando minha irritação. — Pode pegar por favor aquele vestido que está no canto da vitrine?

— O mesmo número?

— Sim.

Ela sai animada e diz que há outros modelos e mais estampas. Termino de tirar a roupa e faço a prova das novas que trouxe, inclusive dos tais outros que citou.

Quando chego em casa, estou com um estoque novo de roupas confortáveis para o meu bebê não se sentir apertado.

Saio do banho de camisola e uma toalha enrolada na cabeça. Ainda é muito cedo para eu dormir e sábado à noite, não é um dia que eu consiga simplesmente capotar na cama antes das nove. Daqui a alguns minutos não será mais possível a entrada de novos clientes e, dos que estão lá dentro, a maioria já deve estar no prato principal, talvez na sobremesa.

E depois seria fechar o restaurante, aguardar a limpeza, eu estaria me preparando para sair...

Definitivamente não estou com vontade de deitar na cama e abraçar um travesseiro. Ter passado boa parte da tarde e da noite longe da agitação da cozinha, revigorou minha energia. É impossível ficar em casa.

Mas mais impossível é continuar a fingir que Alberto não existe. Ignorei suas ligações e as mensagens que enviou o dia inteiro.

Sem coragem de ligar para ele, abro o aplicativo e leio mensagens sobre eu ir trabalhar, me desejar um bom dia e até sugeriu uma receita nova, como se previsse minha recriação. Com a ausência de contato, ele pergunta se está tudo bem, diz-se preocupado. Então vejo uma longa mensagem:

*** Beto-Eu: Sam, estou me sentindo como a meses atrás, quando eu tentava entrar em contato com você, e você me ignorava. Não era sempre que atendia às minhas ligações ou retornava minhas mensagens, e, às vezes, eu tinha que aguardar por dias um retorno seu. Era uma espera difícil, quase agonizante, no entanto eu não tinha como cobrar nada e tinha receio de que uma busca mais insistente afastasse você definitivamente de mim.**

Antes uma ausência de contato sua me fazia ligar para o restaurante para saber se estava tudo bem com você, ou ligar para nosso amigo em comum para descobrir se você realmente estava bem, sondar o que poderia significar o seu silêncio. Vários momentos silenciosos com significados que muitas vezes me entristeceram, pois você não estava mais solteira.

Agora é diferente. Ainda não liguei para o Rafael. Confesso que muito do meu orgulho impediu. Como ligar para ele noutro país para saber se alguém falou com a Gabriela que algo de ruim poderia ter acontecido a você? Ele, que sabe da sua gravidez. Soube antes de mim.

Eu vou dar um espaço para você pensar, só não sei se conseguirei esperar por muito tempo. *

** Mensagem apagada **

*** Eu me preocupo, Sam. Sempre me preocupei e agora fico angustiado sem notícias suas. Sem notícias do nosso filho. Por favor, não me deixe no escuro. ***

A segunda mensagem me toca ainda mais do que o seu textão. Ele estava online minutos antes de eu pegar o celular para finalmente ler seu desabafo. Envio uma mensagem dizendo mais ou menos como foi meu sábado, conto até que adivinhou a receita nova. Ele lê na mesma hora.

*** Beto-Eu: Obrigado. Sinceramente, obrigado. Depois quero provar o acarajé vegano. ***

*** Boa noite, Sam. ***

Não respondo. Quero meu espaço e que respeite meu silêncio. Consigo me colocar no lugar dele e decido atender seu pedido. A partir de amanhã, quando ele tentar contato, responderei nem que seja com uma mensagem.

Agora, por exemplo, não preciso enviar para ele que vou me encontrar com meus amigos numa boate na Zona Sul. Para uma que talvez ele vá ou avisem que me viram.

Largo o celular que parece queimar a minha mão, enquanto meus dedos coçam para desfazer o padrão de desbloqueio e responder o “boa noite” dele dizendo que minha noite está só começando, indicando até para onde vou.

Saio da cama e me arrumo para uma noitada comedida. Sem bebidas. Sem flerte. Serei aquela que estará dançando na pista ou conversando com amigos à base de água ou refrigerante.

Ainda não quero falar que estou grávida pra ninguém. Posso usar a desculpa de estar tomando algum medicamento que não posso misturar com bebida ou até fingir que estou dando um tempinho no goró. *Não, ninguém vai acreditar.* Melhor a primeira opção, e tenho certeza que terei que me justificar para algum enxerido.

Termino de me arrumar e meus pensamentos imediatamente se fixam em Alberto. No que ele pensaria da minha roupa, um vestido preto frente única, marcando bem essas minhas novas curvas mais voluptuosas, que ainda não me acostumei por estarem acompanhadas de uma barriga saliente demais.

Será que ele vai sair hoje também?

Sento-me na cama abatida pela exaustão causada pelo que sinto por ele. O medo de ele usar essa noite para começar a me esquecer me corrói a alma. O aperto que sinto no peito é real, rouba meu ar e logo as lágrimas se formam.

Eu precisaria de muitos shots de tequila para passar a noite. Para esquecer Alberto, para aceitar estar nos braços de outro homem para tentar mais uma vez extirpar o poder que seu corpo exerce sobre o meu.

Mas a lembrancinha que ele plantou no meu ventre me impede.

— Bora dançar, com a mamãe, querido.

Prometo que serei a mamãe do ano.

Olho para a fachada do Museu Nacional chamuscada, e uma sensação saudosa e de perda me consome como as chamas que atingiram o seu interior e destruíram parte de nossa história. Por duas vezes, excursionei com colegas de colégio e andei por esses corredores, onde um dia também caminhou a realeza. Vi de perto não apenas o passado de outrora de nosso país, mas também artefatos centenários e até milenares de outras nações.

— Triste, não? — Adrien comenta ao meu lado também olhando a fachada. — Trouxe Pedro e Henrique para conhecerem o museu quase dois meses antes. A mãe deles falou que eram muito novos, que não entenderiam muita coisa, que seria melhor esperar uma excursão de colégio... Ainda bem que não a ouvi.

— É. Ainda bem que você não a ouviu. Dói ver o resultado do descaso público. Esse palácio era para ser eterno, como aqueles que vemos na Europa. E agora vão refazer tudo com impressora 3D como se um sarcófago de milênios tivesse o mesmo valor que uma cópia de plástico. Andaremos pelos corredores como se olhássemos para piadas de mau gosto.

— Isso se reconstruírem. — Adrien ironiza amargamente. — O que eu duvido.

Nós seguramos as pontas da toalha quadriculada vermelha e branca, e a estendemos sobre grama verde que cerca o palácio cuja fachada ainda nos protege da luz do sol dessa tarde. Noutra época, combinaríamos de ter vindo à Quinta da Boa Vista mais cedo, para primeiro irmos ao Zoológico e depois de um almoço/lanche fazermos um passeio pelo Museu Nacional. Como não há mais o passeio no Museu, deixamos o programa de ir para o

zoo mais tardio e agora nos preparamos para comer sanduíches de carne assada e depois desgastar num passeio pela Quinta.

Olho para os filhos de Adrien jogando altinha. Os dois são muito fofos, crianças carismáticas e sorridentes. Fizeram amizade muito fácil com outras crianças que vieram passar o dia na quinta.

— Dá até dó chamá-los agora.

Adrien tira do cesto os pães já cortados e uma vasilha térmica com a carne assada. O cheiro é delicioso.

— Eles não vão parar tão cedo. — Comenta enquanto termina de fazer o primeiro. — A dó que você sente só será antecipada. — Ele se vira para os meninos e chama seus nomes alta e firmemente. Depois sorri. — Aqui o seu.

— Hum! Ainda bem que já ganhei o meu.

Ele dá um meio sorriso. — Você tem prioridade agora.

Provo e, minha nossa senhora, que delícia! Fecho os olhos apreciando o sabor desse sanduíche. A brisa fresca que me atinge e faz alguns fios do meu cabelo dançarem completa a sensação maravilhosa de paz.

Ou quase completa.

Tento não deixar o sorriso sumir quando penso no homem que eu realmente gostaria que estivesse ao meu lado agora. A voz que ouço não me emociona, embora seja calorosa e atenciosa com os meninos. Ouvir Adrien é quase o mesmo que ouvir um desconhecido brincar com os filhos. Apenas admiro o carinho paterno, mas sou uma mera expectadora que não se envolve intimamente com a cena.

— Pai, vamos ao pedalinho? — Um dos meninos pergunta. Eu ainda não descobri quem é quem. São muito iguais.

— Vamos, Pedro. Venha ajudar a recolher tudo. Você também, Henrique.

Tento marcar os dois pela camisa. Pedro está de amarelo e Henrique de azul.

— Quem vai comigo e quem vai com a tia Sah?

Os dois brigam para ir comigo e me derreto um pouco. Adrien avisa que tirarão no par ou ímpar, caso não entrem num acordo e eu fico encantada por causa do nosso entrosamento.

— Eu vou primeiro com a tia Sam e depois o Henrique vai.

— Duas voltas no pedalinho? — Adrien ri. — Espertinho.

Depois que terminamos de arrumar nosso piquenique e os dois levarem nossa sujeira para a lixeira, caminhamos até o lago. Os meninos vão na frente, continuam no jogo de altinha, dessa vez, com uma bola que compramos no caminho. Eu e Adrien estamos chupando um picolé de sobremesa observando a animação dos dois, admirando a beleza que o descaso das autoridades não conseguiu destruir.

— Obrigada pelo passeio. — Digo olhando para ele.

— Foi você quem sugeriu. Eu que devo agradecer.

— O convite foi seu. A essa hora, eu estaria na minha rotina no restaurante, o que não seria mal, porém fazer o que tanto gosto não me deixaria tão livre e com a mente tão leve.

— Por quê? — Pergunta com curiosidade.

Solto um suspiro. Não quero falar sobre Alberto, embora não tocar no nome dele não signifique abafá-lo de minha mente. Então, mato sua curiosidade:

— Porque sempre houve uma tensão sobre mim, pois Alberto por muito tempo tentou falar comigo e eu o evitei.

— Hum.

— E agora acredito que voltaremos a essa questão de ele querer me ver e eu não... não querer mais. *Ou querer*. É confuso. Chato.

A conversa e até o passeio perderam totalmente a leveza. Para tentar resgatar, conto com um pouco de humor.

— Ele estava de bunda pro ar quando contei que estava grávida.

— O quê? — Ele franze a testa intrigado.

— Alberto estava mexendo na geladeira e eu contei enquanto ele estava envergado procurando o que comer.

Aquela bunda gostosa estava um pouco empinada numa pose displicente. Delicioso. Não foi assim que descobriu a gravidez, contei depois, quando ele já estava quase indo embora.

Então, tivemos nosso momento mais íntimo e perfeito.

E finalmente meu corpo esquenta nesse domingo ensolarado.

Uau! Que calor!

— Tinha que ter filmado. — Brinco ainda bastante afetada pela recordação de sua bunda gostosa, mesmo sob uma calça social. Ou por causa da calça social bastante apertada naquela posição revelando aquela parte deliciosa de sua anatomia, vista despida minutos depois de eu falar a verdade. — Daria um vídeo e tanto.

— Ele tem alguma dúvida sobre ser o pai?

— Por que não seria dele? — Minha voz expressa a ofensa que sinto.

— Não estou dizendo que não seja. Estou dizendo que ele pode ter pensado que não.

— Pois ele não duvida! — Sou categórica e arrebito o nariz irritada. — Não duvidou um só instante. Mesmo sendo praticamente impossível eu engravidar dele.

Adrien limpa a garganta claramente incomodado. Fala para os filhos não se distanciarem e depois olha para mim.

— Vocês não vão mesmo ficar juntos? Não pensam em casar, agora que tem uma criança no meio?

Achei que tinha acabado o assunto...

— A sensação que eu tenho é a que ele me fará essa proposta. Alberto deixou a entender que pretende ficar comigo.

— Você não gosta dele a ponto de morarem juntos?

Era o que eu mais queria...

— É complicado, Adrien. — Preciso mudar de assunto. — Ah! Você não sabe o que aconteceu?

Ele arregala os olhos espantado com a súbita mudança no meu humor.

— O quê?

— Ontem, recebi uma ligação para o restaurante participar de um programa de televisão.

Sua testa encrespa tanto que chega a ser bizarro receber a notícia com tamanho espanto.

— Vai participar de uma das competições do programa também? Não sabia que tinha se inscrito.

A conversa, por incrível que pareça, fica mais carregada do que a anterior.

— Não me inscrevi e nem será para o *La Cocina*. Será uma atração nova. Vamos conversar amanhã. Se for como o seu, quer participar?

— Me mantenha informado. — Diz quase como ordenasse e depois avisa para os filhos, que estão bem a frente de nós, qual direção devem seguir.

— Não foi um bom negócio para o restaurante participar do programa?

Ele pondera, posso perceber no seu olhar que pensa bastante no que me dirá.

— Teve alguma perda material?

— Na verdade, não. — Responde-me. — Só achei estranho resolverem chamar você, já que sequer se inscreveu.

Como sua resposta é perto do pedalinho, encerro esse assunto. Ele também não faz questão de continuá-lo e eu pedalo com Pedro e ele com Henrique pelo laguinho da Quinta. Quando acaba, não postergamos a nossa ida para casa.

Observo a senhora de quase o dobro da minha idade atravessar o salão. Sua cabeça meneia de um lado para o outro lentamente, enquanto ela tenta memorizar cada detalhe do lugar. Menos de um minuto atrás, ela me deu um sorriso esperançoso, porém que não alcançou os olhos, como se já não esperasse um retorno nosso, por mais que tenha se empenhado bastante na entrevista.

Olho para seu currículo. Suas ocupações anteriores mais recentes são em restaurantes que provavelmente atendem a um público restrito e local ao que ela reside. Nenhum nome salta aos olhos, nenhuma das referências é atrativa. Mas houve um tempo que ela trabalhou numa cadeia restaurante renomada, que fechou as portas quase tão logo seus herdeiros assumiram a gestão.

— O que achou dela? — Osvaldo pergunta assim que sai.

Ele está me ajudando na seleção de candidatos. Tem muita experiência e confio plenamente no seu julgamento.

— Parece ser uma boa funcionária. Mas não é a melhor que temos aqui para a seleção para a segunda etapa.

— Ela consegue emendar um emprego no outro, mas sempre num pior que o anterior.

— Deixe-a na pilha dos entrevistados que faremos a avaliação prática.

Antes de entregar o currículo, faço uma pequena bolinha com a caneta ao lado do seu nome.

— Não pode dizer que não tentou. — Ele murmura.

— Acha perda de tempo?

— Ela vai surpreender. Espero que surpreenda a mim com um talento do que a você com uma decepção.

É... Tomara!

Olho para a porta no exato momento que Alberto entra. Vi mais cedo a lista de reserva do restaurante. Não há nenhuma feita num dos nomes perigosos do banco em que ele trabalha e que possa tê-lo como convidado. Ele cumprimenta minha tia polidamente, sempre age como um cavalheiro. Depois caminha pelo recinto direto para a minha mesa.

Respiro fundo e tento manter a calma. É difícil, no entanto, o controle dos meus pensamentos sobre seu corpo lindo sob o terno sob medida, seus ombros largos que sustentam braços cujos músculos agem como aprisionados pelo tecido, aproveitando cada movimento para se exibirem. O andar altivo só não é arrogante, pois ele exhibe para mim o olhar inerentemente sedutor, *safado e lascivo*.

Respiro fundo para recobrar o fôlego, como se há poucos instantes meu instinto mais primordial tivesse sido desaprendido. Seu olhar me queima quando me ajeito na cadeira.

— Oi, Sam. — Cumprimenta-me com a voz grave e rouca, antes de se abaixar e me dar dois beijos no rosto. — Seu Osvaldo.

— Alberto.

O aperto de mão entre eles é firme e másculo.

— Acho que cheguei um pouco cedo. — Ele olha para a mesa curioso com os papéis. — Bem, não posso ter chegado atrasado.

Ele parece confuso e está me deixando no mesmo estado.

— Ah, acabei de fazer uma entrevista e...

— Vou deixá-los a sós. — Osvaldo avisa.

— Obrigada. E obrigada pela ajuda.

— Disponha, Samantha. E pense bem nas suas considerações.

— Vou sim.

— Entrevista? — Alberto questiona quando ficamos a sós. — Para o restaurante?

— Preciso de mais pessoal, já tinha planejado na semana passada.

— Ah, sim. Então era por isso que estava com aqueles papéis.

— Você veio tentar almoçar aqui?

Alberto me encara com um pouco de malícia.

— Olha, eu tenho que ir à toalete. Fique à vontade.

Saio de perto dele carregando os currículos, e deixo a mesa livre para a montagem do serviço, e aguardar o pessoal do canal, além do assessor jurídico do Banco Jordão, que até hoje me ajuda com as questões legais do restaurante...

Paro no meio do caminho.

Samantha, como você pode ser tão burra?

Não é possível que Alberto tenha vindo no lugar do advogado costumeiro só para fazer pressão. Uma justificativa para ter entrado após

poucas palavras trocadas com minha tia. Guardo tudo no escritório de qualquer jeito, para não perder tempo.

Irritada, saio para o salão pronta para o ataque. Determinada a exigir que o senhor calvo do banco que sempre cuidou dessas questões venha aqui, pois Alberto não pode usar seu poder lá dentro para interferir no meu negócio. E fico mais irritada ainda quando o vejo conversar alegremente com três pessoas, que eu torço, torço muito, torço com preces, orações e rezas, que não sejam as mesmas que eu espero.

Como se estivesse alerta o tempo todo, Alberto se vira para mim, e lança um olhar tão forte que induz os demais a fazerem o mesmo.

— Samantha. — A mulher é a primeira a me saudar. — Sou Laura e esses João Carlos e Odenato.

Ela se apresenta comentando seus cargos no Canal 23 e convido todos a sentarem à mesa que há poucos minutos serviu de entrevista. O restaurante começa a ficar com um movimento considerável e noto o olhar perspicaz de Odenato, um coroa de cabeça raspada e olhar penetrante. Ele analisa atentamente a clientela. João Carlos, um moreno de olhos claros observa a mim e ao Alberto de um jeito quase invasivo. Laura, uma ruiva bastante maquiada, apenas sorri enquanto olha o menu.

É difícil o restaurante estar vazio a essa hora e pelas duas horas que se seguirão. Há a sede do banco com milhares de funcionários e muitos deles escolhem almoçar aqui; há também um imenso prédio empresarial, fora alguns sindicatos e colégios. No início, deixávamos todas as mesas disponíveis, mas as filas quilométricas na porta fizeram com que colocássemos quase todas as mesas para reserva. Esse horário é para praticamente os mesmos frequentadores.

Se eu fizer uma expansão, um dia, quem sabe, consigo finalmente fazer com que mais pessoas consigam vir aqui, e o movimento não fique preso a reservas. Pra isso, preciso de *dindin*.

— Bom movimento para segunda. — Laura comenta. — É sempre assim?

— Sim. — Respondo com um sorriso orgulhoso. — Graças a Deus!

— Primeiro, quero parabenizá-la pelo sucesso e por esse lugar maravilhoso. Vimos em fotos, a Elza falou que era encantador, mas nenhum

elogio faz jus.

— Obrigada.

— Já estamos há um tempinho pensando num novo programa, um dos temas era recriar pratos da gastronomia internacional com um toque brasileiro.

— Pesquisamos aqui no Rio e em São Paulo os restaurantes que já seguiam essa linha. — João Carlos toma a palavra para si. Sua voz é um pouco afeminada. — Você não segue uma determinada cozinha, transforma pratos clássicos em contemporâneos, mistura cozinhas internacionais, nacionais e é muito elogiada.

Assinto e Laura retoma a palavra:

— De todos, você é a única que não faz algum tipo de restrição. Podemos esperar de tudo no seu cardápio.

— Inclusive testículos de boi. — João Carlos dá uma risadinha.

Meu olhar recai sobre Alberto que apenas observa a conversa profissionalmente. Ou observava, já que fecha os olhos lentamente, sentindo-se incluído de um jeito que não considera agradável.

— Olha, deu pra ver rapidinho o prato sobre a mesa. Parecia apetitoso. — João Carlos continua a brincadeira, e não há dúvidas que reconheceu Alberto.

— Mas estava! — Eu digo animada, já que o advogado aparenta fingir que será apenas advogado. — É porque vocês não viram o meu elogio.

— Vi do boy magia. — Ele comenta com um sorrisinho.

— Seria interessante ele aparecer no programa. — Laura comenta.

— Por que não perguntam diretamente para ele.?— Olho sugestivamente para Alberto. — Quem sabe não concorda?

Se Alberto pudesse me fuzilar com os olhos, o encosto da cadeira seria minha lápide. Ele limpa a garganta incomodado enquanto Odenato e Laura o encaram com curiosidade.

— Uau! Um terno muda e muito uma pessoa. — A mulher fala com uma apreciação desnecessária, e me pergunto qual o sabor de uma sopa de dente de piranha. — Me diga, Alberto, é afrodisíaco?

Ele me lança o seu melhor olhar carnal. A contração em meu ventre é como se uma força magnética sobre-humana tentando atrair o pau delicioso desse homem para dentro de mim.

— Nunca recorri a tais métodos. Mas tudo, exatamente *tudo* que a Sam faz é divino, sem igual. — O olhar que me aqueceu por dentro e por fora sai de mim e se torna frio e impassível ao encarar os demais. — Sem dúvidas a proposta é bastante interessante ao restaurante, no quesito visibilidade.

— Ah, sim. Obviamente. — Laura fica um pouco mais comedida.

Nos minutos seguintes, ela explica que a intenção era de ocupar o restaurante a segunda inteira, porém cede quando afirmo que é impossível fechar o restaurante totalmente durante o dia, mas que podemos deixar as noites livres para o programa. A proposta é de fazerem gravações ao vivo durante oito semanas. Quase caio para trás quando falam o valor que pagarão pelo uso do espaço. As demais informações serão enviadas por e-mail e os três saem satisfeitos, deixando-me num estado similar. Só pediram um pouco de urgência, uma que Alberto falou tranquilamente que seria atendida após analisarmos bem a proposta.

— Estou muito orgulhoso de você, Sam. — Alberto abre um sorriso largo e perfeito. — Parabéns!

— Obrigada, Alberto. — Tento ser indiferente ao seu elogio sincero, mas é impossível.

— É muito difícil esse tipo de visibilidade espontânea. Normalmente é necessário você demonstrar um interesse e eles avaliarem o que você tem a oferecer para o que eles têm planejado.

— Entendo. Só não sei o que está fazendo aqui, Alberto?

Ele encolhe os ombros, sua expressão é a de quem já esperava essa pergunta há muito tempo.

— Precisamos conversar.

— Há três dias nós conversamos bastante, Alberto. Eu ainda não consegui refletir sobre toda nossa última conversa. Eu só precisava de um pouco de espaço.

— Você quer que eu seja bem franco?

— É o mínimo que você deve ser.

— Tudo que acontece no restaurante sou eu quem acompanho, Sam. Assim como diversas questões extras do banco. Eu podia ter vindo há muito tempo, mas apenas acompanhei sem me fazer presente, respeitando que você queria ficar longe de mim.

— E agora você força uma aproximação, quando eu pedi um tempo para você.

— Tudo mudou, Samantha! — Seu tom é exigente. — Você quer o seu tempo para pensar no meu filho. *Nosso filho*. Da última vez foi mais de um ano. Daqui a alguns dias você provavelmente fará o pré-natal e eu não quero ficar de fora.

A culpa me engolfa. Posso ver sua aflição.

— Quando é, Samantha? — A pergunta sai como uma flecha.

Suspiro. — A ultra será na quinta.

— Você ia me avisar?

— Se eu disser que ainda não tinha pensado nisso...

Tento amenizar. Em vão.

— Aí você chegaria à clínica, e se lembraria de mim quando visse os casais na sala de espera? Todos desejosos para ver um pouco o bebê em diferentes estágios da gestação? Só aí lembraria de mim?

— Alberto... — Minha voz quase não sai, dessa vez estou mesmo sufocada pela culpa.

— Ou você já combinou com a sua mãe?

Ele conseguiu me irritar de novo.

— Não combinei com a minha mãe, nem com ninguém. Consegui marcar para esses dias... eu estou perdida, Alberto.

— E eu já passei por isso, Sam. Não me tire da sua vida. Precisamos conversar. Nós nos entendemos maravilhosamente bem, somos bons juntos, podemos dar certo.

O ar está tão rarefeito que sinto um pouco de vertigem. Meus olhos estão úmidos demais e infelizes lágrimas resolvem precipitar pelo meu rosto.

Odeio os hormônios da gravidez. Só pode ser por isso que estou tão emotiva.

— Sam. — Os dedos dele encostam nos meus e sobem lentamente pela minha mão. Sua palma quente aquece a minha, que só agora percebo estar fria. — Não precisa ser assim. Eu já vim para cá com a agenda vazia. Você pode sair agora?

Não, não posso. Já sei como vai terminar o que quer que façamos. É sempre assim. Um jogo de desejo, luxúria e volúpia.

— Alberto, nós vamos conversar. — Digo com a voz embargada. — Mas, por favor, não me fazer dizer “não”. — Sua testa se enrugando. — Não me pergunte algo que você sabe que eu direi que não, não aceito, que depois de tudo que você me disse é impossível eu aceitar.

— Sam...

— Me prometa.

Ele fecha os olhos e respira fundo. O olhar triste deixa evidente que ele me faria uma determinada proposta.

— Eu prometo, Sam. Prometo que *hoje* não tocarei nesse assunto.

— Ótimo. Realmente não tenho como sair daqui cedo. Hoje é o dia da folga de alguns funcionários e minha presença é indispensável.

— Tá. Ah... Você pode passar lá em casa quando sair. Ou eu me encontro com você na sua.

Escolho a segunda opção e nos despedimos. Assisto sua partida, com meu corpo clamando pelo dele. Mas esse é outro “não” que terei que dizer, uma palavra que será dita com dor e amargura.

Antes de passar pela porta, ele olha para trás. Seu sorriso é íntimo, carinhoso. Combina com a piscadela sedutora que dá, seu último gesto antes de sair.

Não consigo imaginar o dia que Alberto Muniz deixará de mexer comigo.

Deus, por favor, me dê a receita para passar por cima dos meus sentimentos.

9

Confiro meu look mais uma vez no espelho. Estou com um dos vestidos que comprei no sábado. Ele é azul claro com buquês de flores miúdas brancas. O comprimento é quase no joelho e o ombro tem um recorte canoa. Simples, gostoso de usar em casa, mas que me deixa com aparência de arrumada. O rosto está levemente maquiado e o cabelo ainda um pouco úmido do banho.

Segunda-feira, e estou preparada para um encontro. Estou preparada para me encontrar com o homem que mais mexeu com os meus sentimentos do que um dia pensei ser possível.

Sempre fui sensata, mesmo na minha constante busca pelo tão sonhado “homem da minha vida”. Gosto de namorar, gosto de fazer amor, de romance. Muitas vezes fui tratada com primor, a maioria delas, graças a Deus. Infelizmente também passei por situações embaraçosas, constrangedoras, que me fizeram me sentir como se fosse um objeto. Duas delas me amedrontaram. Novamente, agradeço ao divino por não ter passado de sustos.

Com Alberto tudo sempre foi intenso, insano, insaciável. Paixão. Amor. Gosto de ser usada como um objeto, pois sou primorosa para o seu prazer. Um prazer que ele retribui como nenhum outro foi capaz.

O interfone toca e o tempo de preparo para me encontrar com ele termina.

Caminho pela sala, com uma sandália fina e delicada. Talvez eu esteja parecendo demais com uma namorada à espera do amor de sua vida. Mais do que eu deveria aparentar, quiçá sonhar em ser.

— Sou eu, Alberto.

Sem surpresa, sua voz rouca e grave soa do outro lado da linha. Seu nome o identificando sem necessidade, pois apenas “sou eu” bastaria para que eu conseguisse até visualizá-lo com a boca perto do interfone.

De repente, fico nervosa, com as mãos suadas e o corpo um pouco travado. Escuto meus saltos contra o chão liso a cada passo que dou, e me pergunto se ele os ouve e se o som aumenta sua ansiedade. Antes de abrir a porta respiro fundo para me controlar e receber Alberto aparentando uma serenidade inexistente em mim.

Giro a maçaneta e abro a porta uma vez.

Para ter o fôlego roubado num só golpe.

Alberto está lindo como sempre, acho impossível ele não estar bonito. Sua barba foi aparada, está mais rente ao rosto que tem um olhar intenso, quente e um sorriso que me faz perder a compostura. Veste calça jeans e camiseta verde, simples. Acredito que esteja de tênis. Um preto, branco ou até um verde como a camiseta, mas não consigo olhar. Porque ver Alberto e perder o fôlego não é algo que possa ser considerado novidade.

O que me roubou o ar pra valer dessa vez, a ponto de eu ter que segurar a porta com força para não cair no chão, foi o buquê de rosas vermelhas e brancas intercaladas com aquelas flores de nome difícil que acho que nunca decorarei. As mesmas que estão no meu vestido. O perfume exalado logo me invade e me deixa ainda mais inebriada com essa visão.

Alberto

+ Buquê de Flores

= Samantha totalmente ainda mais apaixonada.

— Boa noite, Sam. — A voz dele está grave, profunda, conectando-se diretamente com meu íntimo.

Ainda muito desnorteada, abro passagem para que entre com o buquê. É elegante e noto que já está num jarro de cristal. Assim que fecho a porta, ele o oferece para mim. Seguro o jarro frio e um pouco pesado. As rosas tocam meus seios enquanto inalo seu perfume único de olhos fechados por alguns instantes.

— Obrigada. Mas por quê?

Ele dá um meio sorriso. — Quero te parabenizar pelo que aconteceu hoje. Esse programa dará mais visibilidade a você, ao restaurante. Desculpe me sentir orgulhoso pelo que aconteceu, mas é como me sinto. Você cozinha com amor, dedicação, paixão e o reflexo está no sucesso do *Recriação*. Ele ser escolhido, mesmo sem seu intento, para ser o ambiente de um programa televisivo é a prova.

Meus olhos marejam. Então ele está me parabenizando pelo programa. Esse é o significado das rosas. Olho para ele emocionada, mesmo sentindo algo mais pessoal, algo no seu discurso que fosse *meu e dele* para que o recebimento desse buquê fosse mais que perfeito, e que ele ocultou com medo da minha reação.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.

Alberto se aproxima um passo. Suas mãos resvalam as minhas quando ele pega o vaso e o tira da minha mão. Está sério.

— Hoje, eu tive a desculpa perfeita para dar flores a você, Sam. — Seu tom é bem diferente do anterior. Triste. Até... *alquebrado*. — Por muitos motivos eu quis dar um buquê como esse. Quando você alugou esse apartamento, quando assumiu o restaurante, quando simplesmente quis dar flores a você por achar que é uma mulher maravilhosa, incrível.

Alberto se cala mesmo com algo mais a dizer. É explícito em seu olhar.

Se não recebi flores foi para nunca ter motivos para acreditar que suas intenções comigo eram de se envolver por completo, que assumiria um compromisso de verdade.

O silêncio ao final do seu discurso é tão opressivo que o ar se torna rarefeito. Eu pedi para Alberto não me fazer dizer “não”, e ele está atendendo ao meu pedido, por mais que seja de um jeito torto.

O som do jarro contra o tampo da mesa me faz agir e pergunto se ele quer uma água, um suco ou um vinho.

— Acompanho você.

Eu precisava de uma boa dose de vinho, mas meu filho já deve ter bebido mais do que o permitido em sua curta gestação, então faço rapidamente uma limonada. Pego uma pasta de fígado e torradas que trouxe do restaurante, sabendo que ele vinha para cá. Arrumo em uma bandeja

para levar para a sala. Estou separando os copos, quando o ar da cozinha se torna mais denso. Não preciso virar para trás para saber que sou observada.

— Como foi seu fim de semana?

— Foi tranquilo. Fiquei em casa a maior parte do tempo. Você se divertiu?

Penso na sua pergunta, na escolha do verbo usado. Será uma indireta? Alguém contou para ele que me viu na pista?

— Saí com meus amigos no sábado. Foi bem estranho ficar a base de refrigerante.

— É. É melhor evitar certas bebidas.

— Mas foi bom, deu para me distrair, me divertir. Eu precisava.

Pego a bandeja e Alberto tira a jarra de suco e os copos para levar para a mesa, onde está o imenso buquê enfeitando e perfumando minha sala. É tão lindo que dá uma dor no peito.

— Vai forrar a mesa?

— Não, depois eu limpo.

Ele serve a limonada para nós. Deixo a bandeja com a pasta e a torrada e sentamos mais de frente um para o outro do que para a mesa. Observo-o tomar mais da metade do copo do suco em goladas longas.

— O que você fez fora de casa no fim de semana?

— Hã?

— Você disse que passou a maior parte do fim de semana em casa, o que fez?

— Fiquei com o Lipe. Ele foi lá para casa. Fomos ao shopping, comprei algumas coisas para ele.

Ajeito-me na cadeira totalmente incomodada com o que ele acabou de dizer. Na verdade, sem acreditar.

— Você passou o fim de semana com o Felipe? — Pergunto secamente e a limonada refrescante fica ácida demais.

— Como a Ingrid viajou com ele no fim de semana que era meu, fiquei com ele parte desse fim de semana.

Tomo um gole da limonada para engolir o fel.

— Entendi. Então, permita-me adivinhar como será a sua vida daqui a alguns anos: um final de semana você passa com o Felipe, o outro passa com o nosso filho. Os dois não poderão se encontrar para a sua vida perfeitamente harmoniosa não deixar de fazer sentido!

— Samantha, pare de falar essas coisas! — Ele diz exausto, como se a discussão tivesse começado há mais de uma hora, ao invés de há poucos minutos.

— Felipe sempre foi assunto proibido para mim. Por um acaso, *acaso mesmo*, eu e ele tivemos nosso caminho cruzado.

— Não foi assim e você sabe disso!

— Eu só parei na sua casa porque houve o imprevisto de ele ir para lá, certo?

A cara do Alberto é de quem completa a cartela, mas não pode gritar “bingo”. A frustração em pessoa!

— Sabe o eu fiz no domingo? Passeei com o Adrien. — A frustração em seu semblante dá lugar à ira. — Pois é. Sabe com quem mais? Com Pedro e Henrique. Os filhos dele. Fomos à Quinta da Boa Vista, fizemos um passeio incrível, os garotos disputaram quem andaria de pedalinho comigo e quem andava com o pai. Um dia harmonioso, alegre, um piquenique divertido e delicioso.

Alberto está tão pálido que até seus lábios perderam a cor. Falei para ferir. Consegui. *E não me arrependo*. Mesmo com seu olhar estranho. Desolado. Irado. Porque eu estou enojada com o que acabei de ouvir. Para ficar em paz, com a ex, ele prefere ficar apático e posar de traumatizado.

Ele se ajeita na cadeira. Sua tez volta à coloração normal assim como seu olhar se torna cada vez mais impassível. Levanta-se, seu corpo esguio e forte se torna imponente ao meu lado, incomodando-me por ter que olhar para cima para fitá-lo.

— Eu falei com o Felipe sobre nós. — Diz com a voz controlada. Calmo, lembrando bastante o homem que mais cedo discutia alguns pontos do contrato com o canal de televisão e que foi taxativo ao pedir um prazo, ignorando as exigências de urgência no fim da conversa. — Falei sobre o nosso filho, Samantha. Precisava descobrir qual seria sua reação, já que eu havia lhe garantido que nunca teria irmãos da minha parte.

— Ele não aceita?

— Você está tão armada contra mim! Até contra o meu filho! — Cospe indignado. — O Felipe já tinha me perguntado se um dia eu teria filhos. Falei que não, que não tinha como. Ele também disse que sua mãe lhe garantiu que não teria irmãos. — Ele encolhe os ombros, e depois diz com amargura: — Claro que ela não cometeria a burrice de perder a mordomia que eu proporciono. — Ele suspira e sua expressão fica cansada. — Ele ficou feliz. Muito feliz. Mas era um momento entre mim e meu filho. Você não pode, Samantha, ninguém pode me dizer a melhor forma de contar para o meu filho que ele ganhará um irmão. Você saiu com aquele cara que quer você para me atingir e conseguiu, Samantha.

— Não saí com ele para atingir você! — Revolto-me, embora segundos antes eu estivesse me sentindo culpada.

— Você pediu seu tempo, Samantha. Está jogando para cima de mim a culpa. Passei o final de semana com meu filho, contei para ele no sábado mesmo, pouco depois de ele ter chegado. Fiquei louco em casa querendo que você abrisse qualquer brecha para eu poder chamar você para passar o restante do dia ou o domingo conosco. E eu já te chamei para sair comigo e com ele. Foi você que não quis.

Ele se afasta em direção à porta. Sinto um aperto no peito por estar notório que ele vai embora. Tento controlar o abatimento mesmo que este já seja evidente em meu rosto.

— Vou ficar fora esses dias a trabalho, inclusive no final de semana. Preciso da hora do ultrassom para poder me planejar para estar presente.

Esse homem chegou com um buquê de rosas para mim. Desarmado. Carinhoso. Deixar de encará-lo é o mesmo que fitar essas rosas cheirosas ao meu lado. Ou olhar para a porta que não quero que ele atravesse.

Eu estraguei tudo. Dá para ver em seu olhar a decepção. Alberto parece ter envelhecido bastante com essa discussão.

O relacionamento anterior dele era calçado em discussões. Brigas. Diferente da que temos aqui, aquelas eram financeiras. Mas aqui brigamos, aqui deixamos o nosso pior extravasar e tornar um ambiente harmonioso praticamente impossível.

Para ele, uma discussão é tão angustiante que chega a ser uma fobia. O ambiente fresco o faz transpirar. Sua testa exhibe algumas gotículas de suor, que ele limpa ao passar a mão no rosto, antes de respirar fundo.

Mas como me culpar, se minha desconfiança sobre ter passado o fim de semana longe de mim, por estar com o filho, é resultado do comportamento que Alberto tem desde que nos conhecemos?

Ele me convidou apenas uma vez para um passeio com o filho. E sua voz era de quem esperava uma recusa.

— Será às 16 horas. — Respondo engolindo o choro. Não vou baixar a cabeça, não vou engolir meu orgulho. — Vou passar o endereço e o nome da clínica pra você por mensagem.

— Obrigado.

Ele chega mais próximo da porta e eu levanto correndo. O ar carregado aqui dentro, denso a ponto de poder ser cortado com uma faca, me faz acreditar em superstições.

— Eu abro.

Alcanço a maçaneta e nossas mãos se tocam, pois ele realmente ia partir sem que eu abrisse a porta.

Quantas vezes ele saiu daqui assim?

Molho os lábios, um hábito por estar tão perto dele e desejar o beijo que sei ser o melhor do mundo. Mas agora essa lubrificação não faz o menor sentido.

— Me desculpe. — Peço num fio de voz.

Sua mão sobe o meu braço, os dedos resvalando a minha pele bem de leve, queimando e arrepiando mesmo nos locais que não toca.

— Me desculpe também, Sam. Eu dei todos os motivos para você pensar tudo aquilo de mim.

— Nós pensamos tão parecido.

— É. Vamos fazer tudo certo, Samantha. Vamos aproveitar esses dias que estaremos distantes de verdade para pensar sobre nós.

Pensar sobre nós...

Não sei se quero que ele pense sobre nós, pois pode reconsiderar seu pedido para ficar comigo e que o impeço que verbalize novamente.

Ai, meu Deus! Estou muito confusa.

Sua mão acaricia o meu rosto e se encaixa com o polegar encostado em minha têmpora, os dedos na nuca e no cabelo.

— Eu te amo, Sam. Essa é a minha segunda chance num relacionamento pra valer. — Ele engole em seco: — Num casamento. Quando eu fizer o pedido não é apenas você que precisa estar preparada para dizer sim. Eu também tenho que estar certo da minha decisão.

Seus lábios tocam minha testa, um beijo duro, imóvel, demorado e que tem uma força avassaladora a ponto de me arrancar lágrimas.

— Ficaremos juntos pelo motivo certo, Sam. Ficaremos juntos porque nos amamos. Prepare-se para isso.

— Eu amo você. — Digo baixinho e ele assente antes de passar pela porta.

Quando vai embora, penso na vez que ele saiu daqui após o rompimento, no nosso choro, cada um de um lado da madeira grossa e pesada que protege o meu lar. Daquela vez, não parei para pensar se meu coração tinha ficado do lado de fora, junto com ele.

Hoje, tenho certeza que Alberto carregou consigo uma parte de mim.

*** Beto-Eu: Cheguei em Sampa. Voo tranquilo. Espero que seu dia tenha começado ótimo. Beijos e um ótimo trabalho. ***

A mensagem foi passada há vinte minutos, e bate um pouco de culpa por eu não ter respondido na hora, como se não me importasse com ele e o que aconteceu ontem não tivesse feito diferença em nossas vidas.

*** Eu-Beto: Só vi agora, estava trabalhando. Que bom que chegou bem. Desejo um ótimo dia de trabalho para você. ***

*** Saudades. ***

Solto um arquejo asmático que esvazia meus pulmões e apago a última mensagem. Infelizmente, não a tempo:

*** Beto-Eu: Eu li. ***

*** Também estou com saudades, Sam. ***

*** Bom trabalho. Crie uma receita maravilhosa para quinta-feira. ***

*** Dormirei no Rio. ***

*** Eu-Beto: Pode deixar que vou pensar numa receita deliciosa! ***

*** Beto-Eu: Nada estranho demais, por favor. ***

*** Nem preciso, e você sabe muito bem ;) ***

Ah, Alberto! Vai partir para a safadeza?

Banho de água fria em três, dois, um...

*** Eu-Beto: Sei sim. Deu até um calor aqui! ***

*** Estava pensando noutra receita... ***

*** Beto-Eu: Qual? ***

*** Eu-Beto: Uma para ajudar no seu trabalho, a dar mais concentração. Que tal um purê de miolo? Deixo você escolher o acompanhamento. ***

*** Beto-Eu: Samantha, juro que se você oferecer um prato com purê, eu perguntarei em alto e bom tom para todos no restaurante ouvirem se é de cérebro de boi ou qualquer outro animal. ***

*** JURO! ***

Posso imaginar a cara de nojo dele e não sou nem louca de não levar sua ameaça a sério.

*** Eu-Beto: Nada de purê no cardápio surpresa de quinta. ***

*** Preciso voltar ao trabalho. ***

Envio uma carinha mandando um beijo e ele retribui.

Voltamos a ser Alberto e Samantha que conversam pelo celular sem briga.

A semana passa rápida e parece que foi ontem que Alberto viajou. Saio do carro dele na garagem do prédio que funciona a clínica de imagem. Batemos a porta praticamente juntos e há um pouco de ansiedade sobre como devemos agir.

Não somos um casal de verdade, mas sinto a falta de um beijo, de andar de mãos dadas antes de vermos pela primeira vez nosso bebê. Quando nos encontramos, eu já o esperava na porta do restaurante. Não houve tempo para ele sair do carro, quando eu simplesmente já caminhava para a porta do carona, a abria e sentava já puxando o cinto de segurança para não haver espaço para beijos estranhos.

Um beijo estranho que paira entre nós agora. Eu quero, mas, ao mesmo tempo, temo o que virá depois dele.

— Vamos?

Há um pouco de decepção no olhar dele quando assente. Começamos a andar lado a lado, e não tarda muito para o braço dele contornar meu corpo e caminharmos abraçados.

O sorriso que dança em meus lábios é impossível de ser contido.

Entramos na clínica e vejo exatamente o que ele falou sobre as grávidas. Há um bocado de gente aguardando a consulta, talvez a maioria seja de pessoas fazendo seus exames de rotina tão solitárias quanto eu quando fiz meu exame de tireoide. Mas as grávidas parecem ter sempre uma companhia e, em grande maioria, são os pais da criança. Não sei quais deles são casados (inclui-se aqueles que vivem juntos), namorados ou que estão numa situação similar à minha e do Alberto.

Paramos na recepção, onde apresento a carteirinha do plano de saúde, a guia do exame e aviso o horário e o médico para qual estou marcada.

— Dr. Jefferson? — Alberto pergunta abismado. — Você marcou com um homem?

— Algum problema? — Pergunto para ele e reviro os olhos.

— Nenhum. — Nega com a cabeça rapidamente, como quem não quer iniciar uma discussão.

Então ficamos na sala de espera. Quatro horas da tarde era a consulta. Chegamos com quinze minutos de antecedência. Eu e Alberto conversamos trivialidades, ele trabalhou um pouco pelo telefone enquanto aguardávamos, e numa troca de mensagens que ele estava tenso demais, espiei e vi o nome da Ingrid no alto da tela. Deu para ler que ela questionava Felipe não poder fazer aulas de Muay Thai porque agora ele terá que gastar com o outro filho. Alberto respondeu que o filho já faz judô e capoeira, não precisa de uma terceira luta, ainda mais tão novo. Enfim, mofamos por duas horas e vinte minutos para finalmente sermos chamados... *para uma outra sala de espera.*

— Isso é uma piada? — Pergunto para Alberto indignada.

— Algumas coisas não mudam. — Ele diz secamente, no entanto percebo sua irritação. — Nem quando estamos em estado diferente. Quase todas as consultas do pré-natal do Felipe eram assim.

Nessa nova sala de espera, ele fala sobre o contrato com o canal de TV. Diz que há uma cláusula que permite a utilização do restaurante para outros programas da emissora, como novela, séries, jornalísticos, esportes, qualquer um que possam usar o espaço, e me explica que como o *Recriação* tem muito movimento é melhor definirmos bem essas participações excepcionais para que não atrapalhe sua rotina.

— Quem canta de galo no meu restaurante sou eu, Beto. Se precisam dessa imposição... — encolho os ombros — ... *tô fora!*

— Vou retirar essa cláusula e deixar aberto para negociações futuras. Podem não gostar e tentar reajustar o valor para baixo.

— Beto, eu quero que o restaurante apareça, mas não posso correr o risco de ter que cancelar reservas num dia como hoje, por exemplo, quando

as pessoas estão mais do que acostumadas com o cardápio especial.

— Eu sei, Sam. Só preciso deixar tudo bem claro para você.

— Confio em você, Alberto.

— Obrigado.

— Afinal de contas, você não ferraria com o negócio que vai garantir o futuro do seu filho.

Ele faz uma careta, porém entende que estou brincando.

— Samantha Vasconcelos? — Uma mulher de verde clarinho me chama e esqueço até o assunto anterior.

Respiro fundo e levanto da cadeira, com Alberto ao meu lado.

— Aqui, Senhora Samantha, para vestir para a consulta.

Estou de calça larguinha, assim como a blusa.

— Não dá para eu consultar com essa roupa? É o pré-natal.

— No início da gestação é melhor usar essa roupa. Pode ficar com a parte de cima.

Olho para Alberto que tenta se fingir de morto. Sério, lindo demais em seu terno escuro e impecável, ele está num canto, quase como se fosse uma múmia em seu sarcófago exibida em pé num museu.

— Farei isso.

Não quero que seja o que estou pensando.

Essa não é a minha primeira transvaginal, mas nunca deixei de achá-la constrangedora. Todo mundo encarna o exame de próstata, sem considerar como os exames femininos bem mais frequentes que os masculinos, e iniciados algumas vezes quando as mulheres são ainda virgens são constrangedores. Exames que a mulher quase desencarna para fingir que não estão acontecendo.

Por mais que seja bobeira minha (e de muitas mulheres), eu sempre o marco com médicas quando o exame está relacionado à minha intimidade. Dessa vez, só veio a imagem de apertarem o tubo com o lubrificante na minha barriga e espalharem o gel com aquele treco branco no meu ventre. Ledo engano e só estou me dando conta agora.

— Ô experiente! — Alberto olha para mim sério. — Eu vou fazer uma transvaginal e você não avisa?

Ele cora. Meu Deus, ele cora!

Tiro minha calça, a calcinha e Alberto está tão constrangido que olha para o lado, para tentar me dar um pouquinho de privacidade nesse momento pré-consulta que passou de bonitinha a perturbadora.

Foi por isso que ele perguntou sobre ser um médico na recepção. Talvez já imaginasse que esse tipo de exame seria necessário e...

— Você preferiria ver uma mulher me penetrando. — Zombo.

— acredite, Sam, não tenho esse tipo de fantasia.

— Fala sério!

— Com você, não. Mas seria menos perturbador ser uma doutora agora.

Escutamos batidas na porta e Alberto a abre. Novamente a mesma mulher e ela me ajuda a deitar na cama. O apoio que bota embaixo de mim não deixa dúvidas que passarei pela trans. Ela sai e no minuto seguinte o médico entra.

O homem mais ou menos da nossa idade nos cumprimenta. Ser bonito (um moreno daqueles de babar na calcinha) não faz a menor diferença agora. Até porque estou sem calcinha e nem um pouco excitada. *Não nesse sentido.*

A ficha finalmente cai e me sinto prestes a ver meu bebê. Doutor Jefferson pergunta se sabemos quanto tempo estou, uma resposta que não faço a menor ideia. Devo dar um crédito a ele, que espreme lubrificante na minha barriga em busca do meu pequenino. Ele tenta, tenta, encontra, mas diz que será feita a transvaginal, pois não dá para medir direito.

Para dizer a verdade, nem sei como ele vê alguma coisa no que há na tela.

Então é vê-lo rasgar um pacote de preservativo e, de camisinha e lubrificante, enfia em mim o ultrassom em formato de consolo. *Cara de paisagem.* Depois de poucas mexidas, finalmente ele trava a tela e o ar me falta.

As lágrimas brotam.

— Seu bebê, mamãe. — O médico diz, enquanto traça linhas na tela. — Está ligado ao saco vitelínico. — Ele passa o cursor por cima de um grãozinho que pouco difere do outro grãozinho numa imagem borrada.

Talvez a minha visão esteja turva por causa das lágrimas que deslizam pelo meu rosto rumo às têmporas.

Meu bebê está ali. E logo escuto uma batucada feroz e ritmada.

Olho para Alberto que fita a imagem com tanto carinho que mal escuto o médico dizer que são as batidas do coraçãozinho.

— Ele está bem, doutor? — Pergunta com a voz baixa e rouca.

— Tá ótimo! Cerca de cinco semanas com uma margem de erro de três dias. Vou preparar o laudo. É só aguardar na recepção.

Ficamos eu e Alberto na sala olhando a última imagem registrada pausada na tela. Os sons do coraçãozinho do meu bebê ecoam na minha mente.

Eu vou ser mãe!

Sorrio antes de meus lábios serem esmagados abruptamente. Eu não esperava, mas meu sobressalto não impede Alberto de enfiar a língua em minha boca. Retribuo no mesmo estado de júbilo, regozijada por ter visto meu bebê pela primeira vez, por beijar o homem que eu amo, pai do meu filho, nesse momento tão íntimo e especial.

— Sabe por que eu não tenho fantasias como essa, Sam? Você com outra mulher, outro homem, com vibradores? — Ele diz beijando meu pescoço. — Porque eu quero você só pra mim. Só minha. Minha.

Eu não sei o que sinto com essas palavras. Fantasias comigo. Só comigo.

Eu sou dele.

— E você é meu. — Minha declaração sai levando consigo meu fôlego. Encaro Alberto ofegante enquanto começo a vestir minha roupa. — Certo, Alberto?

Minha resposta vem num sorriso cachorro, safado mesmo. Dá até vontade de tirar a roupa de novo e causar um pouco mais de espera aos que ainda não foram atendidos. Mordo meu lábio ao passear meu olhar por todo seu corpo. *Uau!* Ele está muito tesudo nesse terno!

Saio da cama e ele passa o braço pela minha cintura.

— A próxima consulta será com uma mulher? — Ele pergunta baixinho ao passarmos pela porta.

— Ainda corro o risco de fazer uma transvaginal?

Ele estremece ao ouvir o nome do exame. — Acho que sim.

— Vou marcar com uma médica. E trazer um vestido, pois esse avental é ridículo.

Ele suspira e me aperta mais contra o seu corpo. Paramos na recepção e somos orientados a ir para uma outra sala aguardar o laudo.

— A prioridade número um deles é nos fazer esperar aqui dentro. Poderiam colocar uma lanchonete, servir alguns salgados de forno, pães de queijo, bebidas e algum doce. Ganhariam bastante dinheiro.

— Está com fome?

— Agora como por dois. Trarei um vestido e algum biscoito para a próxima consulta.

Olho para o relógio. O exame não demorou mais do que quinze minutos. E já anoiteceu.

Paro perto de uma janela e vejo as luzes da cidade pequenas lá embaixo. As vermelhas dos automóveis estão aceleradas numa direção, enquanto na outra praticamente não se movem. *Preciso dizer qual trânsito me espera?*

Alberto para atrás de mim, encostado à parede e me puxa para recostarme nele. Pego o celular e preciso responder às mensagens preocupadas de minha mãe. Digo-lhe o motivo da demora e que talvez eu apareça no restaurante muito tarde, já praticamente no fim do turno do jantar.

Durante todo tempo que digitei, senti a respiração tranquila de Alberto atrás de mim, assim como seu dedo acariciando meu braço, ou meu cabelo. Não demorei muito, foram duas mensagens, uma delas um pouquinho longa, até que eu volto a fixar o trânsito moroso que nós enfrentaremos.

Há um quê tão comum, sereno e cúmplice no que estou vivendo com Alberto agora que olho para trás (e um pouco para cima), para encará-lo, duvidando se o momento é real. Quero saber se sente o que de fato está acontecendo conosco, além de estarmos esperando o resultado do exame do no nosso filho.

Eu só não contava que, logo que nossos olhos se conectaram, sua boca baixaria de encontro a minha. O beijo é lento. *Sensual*. Fluido como um rio de águas tranquilas e constantes. Como uma onda que quebra perfeita fazendo um tubo longo que aumenta de acordo com a queda da água em sua borda num vídeo em câmera lenta.

Dou meia volta em seus braços e continuamos nessa entrega apenas nossa. Lábios. Línguas. Bocas ardentes que se consomem sem urgência. Não temos o tempo contra nós. *Pelo contrário!* Temos que dar tempo ao tempo para que sejamos apenas eu e Alberto num relacionamento saudável para o nosso filho.

O bailar de nossas línguas segue até eu ouvir meu nome chamado por alguém. Acho que mais de uma vez. Duas... Três... No quarto (ou talvez quinto) é dito Samantha Vasconcelos, já bem próximo de nós dois. Separamo-nos, mas não muito.

Não quebramos a conexão do nosso olhar. Alberto apenas estica o braço, pega o exame e o espalma em minhas costas. Então voltamos ao beijo. Bem lá no fundo escuto resmungos, acredito que seja da pessoa que nos entregou o laudo. Entendo quando diz que falta alguns minutos para encerrarem as atividades, como se quisessem nos expulsar daqui.

Agora estão com pressa?

Pois eu e Alberto não estamos. Quero ver meu bebê de novo, quero ler o que está no laudo, mas dá para esperar mais alguns minutinhos. Preciso mais desse beijo lento e gostoso, que me deixa nas nuvens e me faz esquecer tudo de ruim que aconteceu entre nós.

O beijo só não tira a sensação de que ficou escuro demais, mesmo com os olhos fechados. Nossas bocas se abrem num sorriso que precede nossas gargalhadas. Alberto beija minha testa e me solta, para finalmente deixarmos a clínica.

Fazemos o caminho até o carro conferindo o laudo. Ficamos mais atentos ao que está escrito do que às imagens, que são bastante incompreensíveis. Lemos as palavras que garantem um crescimento saudável ao feto (e fazemos careta para essa palavra). Ainda assim, acaricio com a pontinha o dedo a vírgula dentro de um fundo negro nessa imagem cinza granulada.

— Nosso filho, Sam. — Alberto diz com a voz um pouco embargada quando abre a porta do carro para mim.

— Vou pedir para minha mãe preparar uma quentinha para nós dois jantarmos lá em casa, pode ser? — Pergunto assim que ele entra no carro.

Ele sorri enquanto dá a partida. — Amei sua ideia.

É... pelo visto, dá para ser tudo perfeito.

O que quer que Alberto tivesse a fazer de urgente em São Paulo esses dias, precisou fazer uma pausa. Ontem, à noite, ele pegou o filho para passarmos um domingo na casa dos seus pais.

Cá estamos: na residência nada, nada humilde de Fábio e Vanessa Muniz, pais do homem que plantou uma sementinha em mim. Eles moram numa das ruas de acesso restrito do Alto Leblon, um bairro que eu só tinha ouvido falar, mas nunca tive a oportunidade de visitar. A casa, ou melhor, a mansão é imensa, principalmente quando penso que é a residência de só duas pessoas.

Não entrei além da sala, onde reparei a decoração clara e sofisticada. Sentamos um pouco no sofá para uma apresentação em que ninguém estava à vontade, até que saímos para o jardim, onde almoçamos. Agora que as três gerações de homens resolveram jogar frescobol no gramado, Alberto contra o pai e o filho, fiquei com sua mãe sentada perto da piscina numa situação um tanto embaraçosa.

Estou aqui como a namorada sem ser namorada. “Mãe, pai, essa é a Samantha”. Essa foi a apresentação de Alberto a eles assim que chegamos. Não me rotulou como namorada, noiva, esposa (seria ridículo se usasse um dos dois últimos). *Samantha*. Meu nome. E um braço circundando minha cintura para que tirassem por si a conclusão do que sou eu.

É óbvio que já sabiam sobre a gravidez, e ficou muito evidente que esse novo neto (ou neta) não tem a aceitação plena.

— Você está se cuidando direito?

Dona Vanessa me tira do devaneio sobre minha presença aqui até agora. Sua voz é fria e árida como a Antártica. Não posso dizer que é uma mulher sem emoção, já que ela se derrete pelo neto e pelo filho.

Eu consigo entender. Sério! Realmente consigo.

A primeira vez que o filho anunciou que seria pai foi por causa de uma oportunista. Eles sabem que tenho um restaurante, na nossa conversa ainda dentro da casa falamos sobre o *Recriação*, porém todos aqui parecem traumatizados demais com o casamento do filho mais novo (o tal irmão que vive nos Estados Unidos é o mais velho).

Até Felipe falou num tom zombeteiro que a mãe reclamou que nunca foi convidada para vir aqui e fingiu (palavra do garoto) que estava magoada. Nessa hora, perguntei-me como ninguém nunca viu que a relação entre o Beto e a Ingrid só não tem ofensas (acho que não) de baixo nível.

Fora que é evidente que eles sabem que o restaurante foi dado para mim praticamente de mão beijada pelo marido da minha prima, pois ele fez um empréstimo sem juros para que eu pagasse apenas quando pudesse (dívida já quitada), e agem como se não tivesse muito mérito eu trabalhar lá dia e noite.

Amargamente, recordo-me da amiguinha piranha do Alberto perguntando a receita do chá de buceta das primas. E contengo-me para não rir, pois estou dando razão a elas: nossa receita de família é muito boa.

— Melhorei minha alimentação, fiz a primeira ultra... — Encolho os ombros sem saber o que mais dizer ou o que ela quer ouvir.

— O Beto falou. — Sua voz suaviza ao falar do filho. — Sabe para quando é?

A conversa acaba rendendo, pois tentamos fazer com que o silêncio não volte a nos assombrar. Ouvimos as risadas dos três enquanto falamos sobre os planos, ou melhor, a ausência de planos para o futuro.

— Dona Vanessa, serei franca com a senhora.

— Sim? — Tanto sua voz quanto seu olhar são desconfiados.

— Meus pais me ensinaram a correr atrás de tudo que eu quero, do que é melhor para mim. E que para eu ter tudo que *eu* quero, e decidir o que é melhor para *mim*, eu não posso depender de ninguém.

— Bons ensinamentos.

— Eu sei que o Beto será um bom pai para nosso filho, sei que cumprirá seus direitos e deveres à risca, pois vocês o ensinaram a ser um homem que honra sua palavra.

Ela anui com o olhar ainda mais afiado.

— Esses direitos e deveres que ele tem são com essa criança que vai nascer. E, graças a Deus, independentemente do Alberto, eu posso proporcionar uma vida estável e até com luxo para o meu filho. Então, vou pedir encarecidamente para a senhora parar de me enxergar como a oportunista que a sua outra nora foi, pois está me ofendendo.

Seu olhar muda para surpreso e ela até corrige sua postura recuando um pouco.

Volto a olhar o jogo, rezando para que o dia acabe e voltemos para a casa do Alberto, como combinamos após deixar Felipe na casa da mãe.

Prometo que numa próxima vinda aqui, caso haja, eu tentarei não estar tão armada para o reencontro com a mulher que nem sei se será minha sogra um dia.

Alberto olha para mim. Ele me conhece, provavelmente conhece muito bem a mãe também, e decide que é melhor finalizar sua participação na brincadeira, enquanto avô e neto continuam um contra o outro.

— E aí, tudo bem?

Ele me beija. Está um pouco suado, o corpo lembrando-me demais de como fica quando chegamos ao clímax.

Minha nossa! Que pensamento inoportuno!

— Tudo ótimo. Só deixei claro para a sua mãe que não sou a Ingrid.

— Mãe... eu pedi.

— Não, Alberto. Não tire a razão da sua mãe de desconfiar de mim, embora eu agradeça sua defesa. Eu só esclareci que eu luto pelo que é meu e não considero sua carteira como um objetivo de vida.

Alberto pisca lentamente só para me encarar depois como um felino prestes a atacar sua presa para aplacar a fome.

E eu quero que ele me coma todinha!

Entro na câmara frigorífica para conferir o estoque, se os alimentos estão no prazo de validade, o que precisa de reposição e se há algo para ser descartado. Separo alguns para levar para casa, pois ainda estão bons demais para serem jogados fora. Faço duas pilhas diferentes: os que estão próximo da data de vencimento e que podem ser usados para o preparo do sopão de hoje. Outros alegrarão a geladeira de algum funcionário que também considera um desperdício jogar um queijo *cheirosinho* fora só porque vence hoje.

E mais uma vez peço que tenham atenção na hora de pegar a comida, principalmente para as que estão com o vencimento muito próximo, pois dois produtos estavam “esquecidos” lá dentro. Às vezes, acho que é proposital, mas não faço esse tipo de acusação, até porque essas melhores comidas esquecidas vão para minha mesa. Engana-se aquele que vai levar caviar para casa.

Deixo tudo organizado bem a tempo de meu tio avisar que Rômulo chegou. O funcionário de Adrien que um dia viveu nas ruas vem buscar toda quinta-feira, parte dos alimentos para os desabrigados. Ele recebe ajuda do meu tio e de Osvaldo para levar tudo para fora.

Hoje, ele também levará os agasalhos para a campanha na van. Casacos, cobertores, calças compridas e até meias e luvas para que fiquem aquecidos nas noites mais frias do inverno.

— Sempre perguntam por você. — Ele diz ao fechar o bagageiro.

Rio. — Nem fui tantas vezes para sentirem minha falta.

— Ah, mas gravaram a moça bonita que desistiu de ajudar.

Dou dois tapas na van. — Espero que falem que continuo ajudando. É um dia complicado pra mim.

— É, o Adrien falou que hoje você não tem como deixar o restaurante. Mas valeu pela ajuda.

— Eu é que agradeço por vocês me deixarem continuar a ajudar, nem que seja só mandando os mantimentos.

Despedimo-nos com dois beijos no rosto e ele parte. Dá até vontade de falar com o Adrien que quero participar hoje, o prato que fará parte do cardápio é um cordeiro que fiz num domingo, uma receita que o cozinheiro não errará, todavia muitas vezes querem me cumprimentar.

Volto para o restaurante e observo o serviço dos novos funcionários. Nos últimos dias estou bastante presente por causa das novas contratações. Estou aqui nos dois turnos inteiros sem saber se é mais difícil ensinar aos funcionários crus como funciona um restaurante, ou se é mais complicado modelar os funcionários com experiências anteriores para que trabalhem de acordo com o *Recriação*.

E sabe aquela senhora que eu e Osvaldo ficamos num impasse se valia à pena ou não dar uma chance? Então: ela é muito boa. Poliana tem muita experiência. Mas alguns dias de serviço já indicaram que aquela pose submissa era meramente encenação. Já reparei que ela tenta implementar algumas mudanças, coisas que eu mesma já disse que não gostaria de ver aqui no *Recriação*. Ela tenta delegar funções (até para os mais antigos que ficam olhando torto para ela e fingem que não ouviram o que ela *ordenou*). E é dada a uma fofoca. Vou precisar bater um papo sério com ela, assim que tiver um tempinho.

Na correria do trabalho, não vejo a hora passar. Estou fazendo a montagem sentada. Minhas pernas estão um pouco inchadas, aliás, sempre por volta das nove da noite, tenho percebido que elas estão mais pesadas.

— Achei que inchaço só vinha no final da gravidez. — Resmungo baixinho para minha mãe, enquanto uso o sifão para pôr a espuma de cenoura que completa o prato do cordeiro.

— Você fica muito tempo em pé, vive provando comidas condimentadas, pode ser por isso. Precisa descansar. Ah! Aquele seu amigo bonitão está aqui.

— Tenho uma coleção de amigos bonitões, mãe.

— *Adrien*. — Imprime um pouco de sotaque em sua voz.

— Ah... Fala para ele entrar e conhecer a cozinha. É melhor recebê-lo no escritório e eu descanso um pouco. Luísa, dê continuidade aqui, por favor.

Lavo a mão e saio da cozinha. Logo me descalço, ignorando que depois a sapatilha pode não entrar no meu pé. O alívio é instantâneo. Solto um suspiro quando sento na minha cadeira confortável e ponho os pés para o alto num banquinho que comprei dias atrás exatamente para essa finalidade.

A porta é aberta e Adrien entra sorridente.

— Vida boa a sua, hein!

— Ai, mesmo sentada, sinto minhas pernas pesarem. Estou trabalhando o dia inteiro há duas semanas. Está bastante cansativo.

Ele senta na cadeira do outro lado da mesa.

— Desculpe não ter feito um tour pela cozinha.

— Conheço como funciona uma cozinha de restaurante perfeitamente. Vim ver você, já que está difícil nos encontrarmos.

— Estou cem por cento dedicada ao restaurante. E você, como está? Os meninos?

— Bem. Perguntam por você e quando será o nosso próximo passeio.

Ele se derrete ao me atualizar sobre o que seus filhos fizeram nos últimos dias. Fico encantada com o jeito doce desse homem de traços fortes falar sobre o desempenho deles no colégio e nos esportes que praticam. Imagino-me daqui a alguns anos babando para quem quer que eu conheça todas as bobearas do meu menino ou da minha menina.

Já fico. A todo instante mostro o ultrassom que fiz. Nossa! Foi mágico ouvir o coração do meu bebê ecoar pela sala ao mesmo tempo que via pelo monitor aquele pedacinho estranho que o médico jurava ser meu bebê. Tudo isso ignorando que dentro de mim havia uma espécie de consolo com camisinha e tudo. E que Alberto assistia.

E depois jantamos em casa e fizemos... fizemos amor.

— Sam? Tem alguém aí? — Adrien pergunta quando finalmente volto ao presente.

Ele me perguntou sobre um novo passeio com os filhos dele, enquanto eu estava com os pensamentos longe. Foi legal aquela ida à Quinta da Boa Vista, mas essa aproximação não combina com o que vivo atualmente com o Alberto.

— Ah, não sei. Eu realmente estou muito ocupada. Adoraria muito-

— Você está mentindo. — Ele me corta.

Solto um suspiro um pouco chateada por causa do rumo da conversa.

— Estou saindo com o Alberto.

Uma amargura estranha toma conta do olhar dele.

— E aí você não pode sair com amigos. — Deduz não sei se certo ou errado.

— Adrien... O Alberto viu quando eu e você nos beijamos. Antes, tinha percebido um clima um pouco mais quente do que o que pode ser considerado normal entre amigos.

— Mas ele tem que considerar alguma coisa?

O escritório não é um lugar grande, pois aqui é um restaurante pequeno e o que eu pudesse usar de espaço para a cozinha e o salão, eu aproveitei, porém mantive um cantinho que fosse confortável, aconchegante e que não parecesse uma caixa de fósforos em pé. A claustrofobia que me atinge agora não tem porquê existir.

Começo a juntar alguns papéis. Os documentos da emissora me dão a luz para um novo assunto.

— Já está tudo certo para o *Recriação* brilhar na TV! — Digo animada por encontrar um assunto maravilhoso e por estar realmente muito feliz com o programa. — E você é meu convidado de honra!

Adrien sorri aquele famoso sorriso que não alcança os olhos. Eu seria obtusa demais por cogitar que ele ainda está com o humor da conversa de antes?

Seu olhar paira sobre a mesa e torna-se mais aguçado enquanto observa a documentação do canal.

— Você não me disse qual o programa.

— Ainda não está definido.

— Tem um calhamaço aqui, Sah. — Seu tom é seco.

Tá... Estou mentindo na cara dura. Sei muito bem o nome da atração (a propósito: é *Chefe Supremo*) e como funcionará, já tenho os dias das gravações reservados. No documento, encadernado, com as páginas

rubricadas e dezena de assinaturas minha (e dos meus funcionários por causa do sigilo) já está tudo definido.

— Tenho experiência nesse tipo de programa. Posso te ajudar com o contrato. — Sua voz ainda está rascante, embora um pouco mais suave.

— O Alberto está me ajudando.

— Ah, é? — Diz com um espanto.

— Ele é advogado.

— Advogado? Achei que trabalhava no banco.

— Ele trabalha no Banco Jordão. Como advogado.

Ele faz um sinal com a cabeça, não como quem concorda, mas como quem apreende uma informação.

— Posso dar um conselho? Será que você o aceita?

— Claro que aceito ouvir seus conselhos.

Já seguir o que aconselha...

— Sah, não misture negócios com amor. O romance acaba e, honestamente, o seu caso com o Alberto é muito instável para você misturar as estações. E ele é muito novo para assumir essa responsabilidade.

— O Alberto sempre foi advogado do restaurante. E, mesmo muito novo, ele é bem inteligente. Ele defendeu e valorizou o *Recriação*. Mas pode deixar que eu confiro toda a documentação e nunca assinarei nada em branco. Eu li todo esse documento antes de rubricar cada página. Se nós brigarmos, não há motivo para prejudicar o restaurante, já que aqui é a herança do filho dele.

Adrien me encara bastante pensativo. Espero que não saia mais ofensas ao Alberto ou à minha inteligência.

— É melhor nós mudarmos de assunto. — Finalmente diz e tenho que concordar. — Só quero seu bem. Você é uma pessoa maravilhosa, Samantha, e nunca quero perder sua amizade.

— Você também é muito especial, Adrien.

Ele dá um meio sorriso. — Vou dizer para os meninos que você não pode mais sair conosco.

— Achei que a mudança de assunto não nos colocaria noutro complicado.

— Dou esperança às crianças?

Minha boca retorce com a sua escolha de palavras.

— Você pode dizer que combinamos de marcar um dia. Vejo com o Alberto, ele leva o Felipe também.

— Aquele cara não vai aceitar.

— Se ele não aceitar, o problema é dele.

Se você não aceitar, o problema é seu.

Pensamento lindo para completar o que verbalizei, mas apenas suspiro.

— Tá. Converse com ele. Não vou ficar pintando o outro de vilão, pois corro o risco de virar um.

— Ah, sim. É um grande risco. — Ergo uma sobrancelha.

— É melhor eu ir. — Ele ri nervosamente. — Não virarei o vilão, Samantha. Quero que seja feliz e se Alberto a faz, quem sou eu para ficar no caminho?

— Um amigo nunca fica no caminho. — Pisco pra ele.

Ponho meus pés no chão e me calço para finalizar essa conversa de vez.

— Vou voltar pra cozinha.

— Lugar de mulher é na cozinha.

— Palhaço! — Rio e lhe dou um leve empurrão.

— Meu lugar também é na cozinha.

Saímos e não adiamos a despedida. Abraçamo-nos e apenas espero ele ir embora para fingir procurar alguma coisa no frigorífico, só para ficar sozinha por um instante e depois voltarei para o trabalho.

— Ah! Aí está você! — Minha mãe fala assim que me vê fechar a porta da câmara.

— Que foi, mãe?

— Vamos lá pro escritório.

Novamente estou cerrada nessa sala.

— Esse tal Adrien saiu estranho daqui.

Esse tal Adrien... Aí tem.

— Estranho como?

Sento-me na cadeira e novamente ponho meus pés para o ar.

— Estranho. Parecia insatisfeito e irritado.

— *Ai, ai...* — Meu suspiro sai lento e suave. — Ele está num concurso de mijada com o Alberto.

— Que isso, minha filha?

— Alguém escreveu num livro “concurso de mijada” e essa expressão pegou para dizer quando um homem entra numa disputa com outro homem pelo coração de uma *doce donzela*. — Ponho a mão no coração dramaticamente.

Ela rola os olhos e se sacode irritada. — Justo agora que você está se entendendo com o Alberto? *Ai, Sam*, vê lá se ele não vai atrapalhar sua vida!

Espreguiço-me aproveitando que a cadeira se reclina com meus movimentos.

— Ninguém vai atrapalhar.

Escutamos batidas na porta.

— Entre.

A porta abre devagar revelando aos poucos Alberto de calça jeans clara e camisa social preta com as mangas dobradas até o cotovelo. Os dois primeiros botões estão abertos, revelando parte dos pelos do seu peito.

— Boa noite, Dona Celeste. — Ele cumprimenta minha mãe com dois beijos.

— Pelo amor de Deus! Celeste. Sem Dona!

Ele abre um sorriso preguiçoso para ela que não consigo enxergar como diferente de sacana. *Sem-vergonha!*

— Celeste. Não cometerei mais essa indelicadeza com a sen-... com você. — Corrige-se antes de arrancar outra reclamação dela.

— Vou deixar vocês a sós.

É só a porta fechar e nós dois ficarmos sozinhos que disparo:

— Está flertando com a minha mãe na minha frente?

Alberto é a porra de um Deus grego sensual e sabe disso. O sorriso cachorro que se espalha pelo seu rosto é a prova.

— Está com ciúmes da sua mãe?

Encolho os ombros. — Meu pai mata você.

— Hum... — Ele lambe os lábios olhando nos meus olhos. — Bom saber que, se depender do seu pai, continuarei vivo.

— Essa lógica é questionável.

Levanto da cadeira.

— Não na minha cabeça.

Alberto invade meu espaço. Invade minha boca com a sua língua. O calor do seu corpo atíça ainda mais o meu corpo em brasa. Só que o beijo não dura tanto quanto eu esperava.

Abro os olhos e vejo seu rosto muito próximo do meu, o semblante carregado.

— O que foi?

— Fica parecendo que estou tendo uma crise de ciúmes se eu perguntar de quem é esse perfume no seu corpo?

Hum... Não sei se dá para considerar uma crise de ciúmes, mas que dá para desencadear uma, isso dá.

— Foi um cliente que veio e me deu um abraço.

— Que descarado. — Ele desdenha aproximando-se um passo, a sensualidade volta a ficar explícita no olhar.

— Muito descarado. O que você vai fazer sobre isso?

Mordo o lábio e ele me prende contra a mesa.

— Vou ter que marcar você com o meu cheiro. E você tem que vir trabalhar de vestido.

Sua mão desce até meu bumbum e o apalpa, arrancando-me um gemido longo.

— Vou pensar no seu caso.

Voltamos a nos beijar. O beijo longo e gostoso que nos acende para o que virá logo mais.

— Vamos lá pra fora? — Pergunto me ajeitando.

Ele assente. A cozinha inteira nos observa. Alguns funcionários lançam olhares maliciosos. Acabaram de me ver com um deus nórdico e agora me veem com um deus grego.

Quase que os dois se esbarraram. Não me atentei ao fato de Alberto agora me acompanhar até o final do expediente, quando fico para fechar o restaurante. Não tenho nada a esconder, a não ser evitar encontros desagradáveis.

Eu teria que acreditar em coelhinho da páscoa e o peludinho precisaria pôr um ovo de chocolate na minha frente para eu crer que um passeio com Alberto e Adrien seria amistoso.

Quando o prato do Alberto fica pronto, faço questão de levá-lo ao salão. Antes de passar pela porta, escuto um sussurro:

“Dona Flor”.

E risadinhas.

Ai, *ai*, esse povo não sabe mais o que inventar! Reviro os olhos e encontro Alberto num canto. Faço acenos para alguns clientes que já me conhecem, enquanto caminho até o advogado concentrado numa documentação. Chego no momento em que ele desliza a caneta pelo papel, desenhando sua assinatura.

Não consigo pensar noutro homem além do Alberto que simplesmente não consegue deixar de ser sexy um segundo. Os movimentos são rápidos, fluidos e decididos enquanto lança o seu rabisco elaborado. *Ah, sim!* Um traçado para ficar marcado na memória de qualquer um que ler sua assinatura.

Às vezes, pego o documento da emissora só para ver a assinatura dele abaixo da minha. Até a assinatura dele é muito sexy.

Antes do último passo, ele ergue o olhar pra mim e sorri. Ajeita os papéis, e os guarda numa pasta para abrir espaço para sua refeição.

— Que honra a minha ser servido pela *chef!*

— Uma exclusividade sua! Aproveite.

Ele olha para o prato dele. A montagem está impecável! Os legumes e as carnes estão lindamente arrumados nesse prato que lembra almoço de família grande. Infelizmente, alguns clientes torceram o nariz ao ouvir o nome, preferiram um prato com raízes europeias, embora o servido também seja.

— Hoje, temos um Cozido. Um prato tradicional português completamente absorvido pela nossa cozinha brasileira.

— Hum... Cozido à noite... no meio da semana. — Ele olha incerto.

— É... talvez tenha sido por isso que hoje as pessoas tenham optado pelo menu. Mas está uma delícia!

— Está mesmo com uma cara apetitosa!

Tomo a liberdade de sentar-me de frente para ele. Ainda não temos rótulos oficiais, mas estamos próximos de sermos namorados.

Ele prova e o som apreciativo que solta me faz sorrir.

— Ficou bom, né!

— Nossa! Só você para me fazer comer um cozido no meio da noite, e ainda nas primeiras garfadas fazer com que eu deseje repetir. Esse pirãozinho tá divino!

Sorrio. — Que bom que gostou do pirão de miolo. — Ele me encara lívido. — *Ops!* Pirão do caldo do cozido.

Alberto bebe toda a água do copo.

— De novo... Samantha... você... não, de...

Rio. — Estou brincando. — Rio mais. — É pirão do caldo do cozido, sério. Pode continuar gostando da comida, Alberto. Não tenho miolos ou testículos na minha dispensa. *Tenho escargot*. Semana que vem farei um prato com esse ingrediente. É mais chique que cozido.

Ele volta a comer. — Por que você está falando isso?

— As pessoas esperam que o prato especial de quinta seja um francês ou com nome diferente. Quase não pediram. E olha que eu fiz de tudo para ficar bem levinho e é um prato rico em legumes. Mas um pirão de miolo deixaria você um pouco mais inteligente.

— Não preciso. — Rebate secamente.

Faço uma careta. — É. Ficaria mais arrogante, seu sabichão.

— Eu não sou arrogante. Nem sabichão!

— Não. Não é. É uma delícia!

Passo a língua nos lábios deixando bem claro como estou louca para devorá-lo todinho.

— Sam...

— Totalmente delicioso. Licença. Bom apetite!

Vejo a confusão em seu olhar, mas se eu ficar mais um pouquinho perto dele, sou capaz de fazer uma loucura em público. Caminho devagar tentando manter a compostura. Quero dizer: tentando recuperá-la. É difícil pra cacete, pois sinto seu olhar em mim também pronto para fazer obscenidades comigo no meio do salão.

Cumprimento os frequentadores, alguns me param para elogiar, outros até para reclamar que num dia especial escolhi um prato abaixo das suas expectativas. Como as pessoas podem criticar um prato que nem provaram? Tenho que me controlar um pouco e dizer que, para mim, quinta-feira é um dia como qualquer outro. O menu está disponível por completo, só há mais um prato. Só isso.

Finalmente chego ao meu pai e, com olhos de criança pidona, peço para ele fechar o restaurante. Tento não transparecer que minha pretensão é chegar em casa e fazer coisas nada, nada inocentes, todavia uma olhada dele para onde sei que Alberto está sentado indica que não fui tão convincente.

10

Fito o arranjo de flores vistoso e multicolorido que está na entrada. Quem entra o vê, quem sai também. Alegre, colorido, todas as flores dão o ar de sua beleza, desde as flores do campo às mais belas rosas.

Não sei se Alberto está lendo alguma cartilha de como ser romântico, mas ele vem tentando bastante sê-lo. Ontem, me deu uma caixa de bombons finos belga. Foi uma luta não cair em tentação e devorar tudo de uma vez. Quem me ajudou a não comer tudinho foi ele próprio com o seu corpo pecaminoso.

Hoje, essas flores maravilhosas! Acaricio as pétalas mais próximas do meu rosto e inspiro profundamente para sentir as mais diferentes fragrâncias, despedindo-me desse arranjo especial.

Essa é a primeira consulta de pré-natal com Alberto. Vamos levar os exames e ele já está na porta do restaurante à minha espera. Já fizemos uma nova visita à endocrinologista que precisou aumentar a dosagem da levotiroxina. O Senhor-sabe-tudo-de-Hashimoto e hipotireoidismo fez um milhão e duas perguntas para Doutora Olívia e depois me perguntou um zilhão de vezes se eu nunca me esqueci de tomar o remedinho pra doença que ele pouco deu importância.

Na consulta de hoje, ele não está diferente. Por mais que a obstetra (será que ginecologistas gostam dessa promoção para obstetra, quando a paciente engravida?) diga que o bebê está ótimo, tenho que fechar os olhos, respirar fundo e contar até mil a cada questionamento que ele faz.

— Você confia nas suas médicas? — Pergunta quando entramos no meu apartamento.

— Plenamente. — Suspiro.

Sua boca assalta a minha e eu me entrego totalmente ao beijo. Ele ergue meu vestido, uma roupa que passei a usar para trabalhar todos os dias. É mais confortável, combina mais com minhas exageradas idas ao banheiro e... bem... para algumas coisinhas. Sua boca deixa a minha e a vontade vem explosiva.

— Quero nhoque.

— O quê? — Pergunta com a voz rouca e ofegante, o rosto já afastado do meu.

— Nhoque. Ao sugo. Com manjericão e queijo! *Hummmm!*

Afasto-o e corro para a cozinha para pôr as batatas para cozinhar. Separo os tomates italianos e tiro a farinha do armário.

Minha boca está cheia d'água.

— Uau. — Exclama seco.

Olho para trás e o vejo recostado ao portal. No meio das calças há um belo volume que é muita maldade deixar daquele jeito.

Abro a torneira para lavar a mão e o som da água se conecta à anatomia do corpo que a ereção dele tanto anseia, de um jeito urgente e bem diferente do que ele espera.

Passo correndo por ele, direto para o banheiro. Um alívio imediato! Caramba! Se está assim no início da gravidez, não quero nem imaginar como serão os meses seguintes com a minha bexiga com menos espaço.

Lavo a mão e abro a porta do banheiro só para dar de cara com Alberto, fechando toda a saída com o seu corpo. Ele avança um passo e eu, que ainda estava perdida e dominada pelo seu olhar, só percebo agora que encosto meu quadril no mármore da pia que ele já tirou a gravata, sua camisa já está aberta e só Deus sabe qual foi o fim do seu paletó.

É impossível controlar minhas mãos que correm para o abdômen dele só para se encontrarem em suas costas e o enlaçar em meus braços.

Eu ia fazer alguma coisa... *Aliás, tem algo muito importante hoje que eu preciso falar com ele.*

Mas sua boca devora a minha e eu devolvo toda a volúpia do seu beijo, cravando minhas unhas em suas costas.

— A batata no fogo.

— Apaguei. — Diz acendendo ainda mais o meu fogo. — Há coisas que não poderemos fazer durante um tempinho, Sam, e foder você bem gostoso no chuveiro é uma delas.

— Gostei dessa história de foder bem gostoso no chuveiro.

Sua mão desce pelo meu corpo. O vestido leve e rodado permite que ele encontre as laterais da minha calcinha e a desça devagar até os joelhos, para, então, voltar a me beijar. Tiro sua camisa. O vestido passa pelo meu pescoço. Abro sua calça enquanto ele faz o mesmo com meu sutiã.

Estou totalmente nua, enquanto ele se livra do restante das roupas. Meu box é um pouco pequeno, mas já testamos e descobrimos que não precisamos de tanto espaço. Ligo o chuveiro e sobressalto com uma mordida no meu bumbum que causa um arrepio em todo meu corpo.

— Tarado!

— Vem aqui, minha safada.

Novamente trocamos muitos beijos. A água está fria demais, fica quente demais, porém não interrompemos nossas línguas e de muita má vontade regulo o registro para que a água fique deliciosa.

Minhas costas encontram o azulejo frio, uma perna minha fica apoiada em seu braço. Só o roçar de sua glândula em meu clitóris já me atíça totalmente. Todo meu interior se aperta enquanto se prepara para recebê-lo. Alberto não para de roçar seu pau na minha entrada, no meu brotinho e engole cada gemido que libero com sua boca faminta.

Boca que desce pelo meu pescoço quando ele começa a penetrar de verdade. Ainda lento e um pouco seco. Surpreende-me ao soltar minha perna e beijar meu pescoço. Continua a movimentar seu pau em mim numa posição que não permite ir fundo, acariciando meu seio com a língua, o direito primeiro. O esquerdo é tomado quando arqueio minhas costas de tanto tesão. Ofereço mais de mim para ele, para que nunca pare de me dar prazer.

Sua descida pelo meu corpo continua, com beijos molhados, sua língua me lambendo, entrando no meu umbigo, chupando o delta de vênus.

— Oh, Alberto! — Arquejo e perco o equilíbrio quando ele mordisca o alto da minha fenda.

No que desce mais um pouco e sua língua se movimenta sobre o clitóris, minhas pernas fraquejam e estremecem. Seguro seu cabelo puxando-o de mais encontro com a minha intimidade. Alberto sabe muito bem o que faz com a língua, com os dedos que enfia em mim, estocando, preparando-me com muito esmero. Cuida para que eu...

— Ah, Deus! Oh! Alberto! — Gemo ao ser atingida pelas ondas do orgasmo. Enterro-me mais em seus dedos. — Por favor, vem!

Ele se levanta sem tirar os dedos de mim, o polegar fazendo a vez de sua língua. Busco escapatória do novo orgasmo ao mesmo tempo que quero que ele se concretize e roube minha sanidade.

— Isso, Sam. — Ele rosna com o rosto perto do meu, respirando o ar que eu expiro. — Goze. Quero melar meu pau com seu orgasmo.

Agarro-o com força, quando sou arrebatada mais uma vez pelo ápice da luxúria. Novamente minha perna é erguida e ainda muito trêmula e com os sentidos em parafuso, grito.

Grito seu nome! *Gemo seu nome!* Agarro-o com mais força enquanto estoca em mim com vigor. Seguro-me a ele como se soltá-lo fosse o mesmo que cair num precipício. Sua penetração é dura, crua. Arranca-me mais e mais prazer.

— Olhe para mim. — Diz e me prende com os olhos, com o braço que segura minha perna e sua ereção que praticamente me empala. — Você tem olhos lindos, Sam. Não desvie o olhar do meu.

Faço o que ele pede, e fito seus olhos semicerrados que transbordam seu desejo e... *engulo em seco.*

— Você pode ver, Sam? Você pode ver o que eu sinto por você?

Assinto e seu pênis volta a estocar, bem mais devagar.

— Eu te amo, Sam.

A declaração me quebra. Rouba meu fôlego mais do que o próprio orgasmo.

— Você é a mulher da minha vida.

— Alberto. — Meu miado é fraco.

Meus olhos marejam. Os dele também enquanto ele confirma com a cabeça tudo o que vejo, que ouço, *que sinto*.

— Eu te amo. — Sua testa encosta na minha. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

A declaração precede nosso orgasmo. Nosso momento íntimo e que não poderia ser mais perfeito.

A cozinha é o lugar que mais amo em casa, embora não seja de cozinhar muito no lar, exceto quando elaboro novas receitas. Quando eu morava com a minha prima, ela brincava que “em casa de ferreiro, o espeto é de pau”, pois raramente encontrava comida pronta em casa. Alberto mesmo já percebeu que aqui não tem arroz e feijão. Passo horas e horas na frente de um fogão, tomando cuidado com a montagem dos pratos, serviço ao cliente, que fazer comida em casa é quase como se o trabalho não tivesse saído de mim.

Acontece de algumas vezes eu estar inspirada ou com desejo de comer alguma coisa, e aí, sai de baixo! Como agora que me bateu a vontade de preparar o nhoque, ao molho de tomates italianos e colher o manjericão fresco da minha pequena hortinha.

Por termos saído do banheiro morrendo de fome, Alberto pegou alguns petiscos e montou para nós dois. E ele me alimenta, pois estou com a mão na massa.

— Porra, se você soubesse como está sexy...

Olho para ele totalmente descrente. Misturo a massa do nhoque, e visto uma das camisetas que Alberto deixa aqui em casa.

É... estamos no estágio de roupas na casa um do outro.

Para completar, meu cabelo ainda está úmido do banho, preso de qualquer jeito para cima com um prendedor furreca, e minhas mãos estão

sujas de farinha e batata.

— Muito gostosa. — Ele repete, enquanto põe literalmente uma sacanagem na minha boca. Tá, não é tão literal, pois tivemos que substituir a salsicha, que eu não tenho em casa, por presunto cortado em cubinho, para comer no palitinho com queijo minas e azeitona.

Continuo a misturar a massa, que já está quase homogênea.

— Põe mais um pouquinho de farinha, por favor.

Alberto despeja a farinha para eu continuar a mexer. Aviso-lhe que já pode guardar e qual a porta do armário a farinha fica.

Sou pega se surpresa por sua respiração na minha nuca. Seus braços deslizam sobre os meus e ele começa a sovar a massa comigo.

— Sam, você está sexy demais, não estou aguentando.

Quando ele se encaixa em mim, sinto sua ereção nua em minha bunda.

— Você se despiu? — Pergunto chocada, pois ele estava de bermuda.

Apenas de bermuda, exibindo seu tanquinho e seu peitoral lindos, mas estava vestido da cintura para baixo.

A resposta vem com suas pernas exigindo que eu separe mais as minhas.

— O nhoque.

Alberto chupa meu pescoço e espalma a mão cheia de massa de batata na minha barriga.

— Beto!

— Diga que não quer que eu paro.

Não sou doida!

Mesmo com uma parte dentro de mim gritando que estamos fazendo uma zona e dará um trabalho do cacete limpar; que há pessoas que consideram pecado misturar sexo com comida, só quero sentir o pau dele dentro de mim novamente.

E sinto. Para o meu deleite!

Deixo o garfo no prato após comer o nhoque mais delicioso da minha vida. Depois do rala e rola (sem muito rale e rola, foi uma foda bem gostosa de pé na cozinha), não sei como, mas conseguimos terminar a comida.

— Hummm! Você precisa ter mais desejos como esse. — Alberto sorri após também finalizar a refeição.

— Nhoque?

— Desejos que não me façam correr desesperado atrás de comida pela madrugada e que você mesma seja capaz de preparar enquanto fazemos amor bem gostoso na cozinha.

“Fazer amor bem gostoso” me arranca um sorriso. Estou gostando muito do “bem gostoso” do Alberto, seja ele amor na cozinha ou uma foda no banheiro.

Infelizmente há algo para fazermos hoje e chegou a hora...

— Beto...

— Oi. — Fala com um sorriso.

Sorrio de volta. O que tivemos nas últimas horas seria melhor que fosse em outra noite. Estava tudo maravilhoso. Perfeito. O que tenho a dizer pode quebrar um pouco essa harmonia, o clima leve que paira entre nós.

Bato minhas unhas na mesa para quebrar o silêncio, enquanto as palavras não vêm. Postergar e deixar para outro dia o que tenho a dizer está fora de cogitação.

— Bateu o desejo de comer coxinha de jaca? — Rio de sua piada. — Hum... talvez seja uma sobremesa... sorvete de tamarindo?

— Seu bobo!

Quase pergunto se sua ex-esposa o perturbou com desejos absurdos, mas me contenho para não trazer o passado para a mesa. O que tenho a dizer já é desanimador por si só.

— Hoje vou aparecer na TV.

— Ah, é? — Ele sorri. — Para o programa?

— Hum... Na verdade, eu tinha participado de uma gravação da outra atração culinária do canal.

Ele desvia o olhar do meu como quem reflete.

— Então você realmente participou do *La Cocina*. Ouvi algumas conversas que você já tinha participado, mas muito por alto. Tanto que achei que foi numa das temporadas anteriores.

— O Adrien me convidou quando o restaurante dele participou há algumas semanas.

Dessa vez, ele não deixa de me encarar. Fita-me firmemente enquanto apreende essa informação.

O assunto nunca veio à tona. Aliás, estive tão ocupada pensando no programa que vamos gravar a partir da semana que vem, que só me recordei mesmo por causa de uma mensagem que Adrien me passou de manhã me lembrando. Senti-me mal por ter esquecido, só que ainda precisa ser adicionado à minha lista de preocupações o fato de eu ter que me preocupar com meu bebê.

— Você tinha que ter me falado.

— Bom...

— Como advogado, Samantha.

— Sei ler um documento, Alberto. Ali só exigia o sigilo.

Percebo que ele remói outra coisa. Aliás, ter falado como meu representante legal, algo que só é tão presencialmente nas últimas semanas, foi uma forma que achou de extravasar a outra questão.

— Muitas vezes falaram que queriam iniciar o quanto antes para que seu nome fosse associado logo de cara. Eles não esperarão terminar a temporada do *La Cocina* que vai passar hoje para começar o seu, Sam. O *Chefe Supremo* é ao vivo. Semana que vem.

É... semana que vem virará uma correria. O site e as redes sociais estão atualizados sobre o não funcionamento do restaurante nas segundas para o jantar.

— Bem... Vamos assistir?

As próximas horas viram uma tortura para mim. E para Alberto. Uma tortura maior do que eu achei.

Como a tortura sobre mim é rápida, descrevo: estou horrível de gorda! Meu Deus, televisão engorda e meus braços e minha barriga estão de um

jeito que eu não visualizo no espelho. Será que é assim que as pessoas me veem?

E eu acabei de bater um pratão de nhoque. Batata com farinha. Uma combinação superexplosiva, e não adianta ter sido ao sugo com folhinhas verdinhas de manjerição, pois caprichei no queijo ralado por cima.

Agora, Alberto. Na época da gravação, eu e ele estávamos indo de mal a pior. Tínhamos terminado aquele relacionamento sem pé nem cabeça. Nem nos meus sonhos mais fabulosos, com direito a fadas, duendes e lâmpadas mágicas, eu conseguia imaginar nós dois juntos praticamente todos os dias da semana.

Então, eu estava muito à vontade ao lado de Adrien. Houve a troca de pratos logo no primeiro item, já que o meu estava completamente cru, as conversas ao pé do ouvido e a pergunta que achei que não tinham gravado, e que na hora não maldei:

— *Há quanto tempo vocês estão juntos?*

Negamos, mas ficou um clima de descontração explorado por um bom tempo. Evidentemente o cerne do programa foi a execução dos pratos, o desempenho dos participantes, só que recebemos mais atenção do que qualquer outro convidado ou crítico.

A cereja do bolo foi a menção do meu almoço especial para o Alberto. Escuto um pigarro ao meu lado e nossos corpos balançam quando ele se ajeita.

A piada que fiz sobre a virilidade dele após ter comido aquela iguaria, ficou engraçada no programa. Pareceu até uma vingança por causa de sua declaração nas redes sociais de que não éramos namorados. Bem, tive que engolir a cozinheira berrando na cozinha que ele não queria um compromisso comigo. Acho que ficamos quites, tanto que ele só solta mais um pigarro sem tirar o olho da televisão.

Num dos comerciais, falam sobre o novo programa numa gravação que fizeram na madrugada da sexta passada, mostrando as dependências do *Recriação*, um trio de jurados, em que apenas a mulher é comum às duas atrações. Eu não apareço, sou totalmente dispensável, a não ser por ser a dona do restaurante e estar sempre na bancada dos especialistas em gastronomia para avaliar o que farão. A cada semana dois participantes

disputarão o prêmio entre si, alternando entre amadores, vloggers, profissionais e cada um terá direito a dois ajudantes para fazer o serviço completo.

Quando volta, o *La Cocina* segue para o segundo quadro, e acabou *Le Metz*, Adrien, Samantha solteira, e testículos de boi para irritar o Alberto.

— Até que não foi mal.

Tento minimizar, por mais que minha respiração esteja difícil.

— Eu vou virar chacota nacional. De novo! Já tinham até parado de falar dos bagos de boi para me sacanear.

— Você quer que eu ensine você a fazer um caldinho de piranha para me servir?

— Pare, Samantha. Isso não vai se resolver assim.

Ele se levanta.

— Sei que não. — Respondo secamente e fico em pé. — Nós vamos brigar por causa de um programa gravado semanas atrás?

— Tentador. — Usa seu humor mais ácido.

— Ah, fala sério!

— Só preciso de um tempo sozinho.

Dou um passo para trás, como se eu tivesse levado uma pancada.

— Você vai embora?

Ele fecha os olhos. Respira fundo e eu vou ficar muito irritada se os hormônios formarem lágrimas.

— Só preciso de algo forte, Sam. Não vou a lugar nenhum, mas posso ficar um pouco sozinho? Não foi nada fácil ver você do lado daquele cara, todo mundo concordando que vocês mais pareciam um casal do que colegas de profissão! *Até eu* vi vocês desse jeito! Pareciam dois namoradinhos! — Fala com desdém. — Mas sabe o que foi pior?

Encaro-o esperando o pior, temendo ser o que estou pensando.

— Aquele babaca sabia que você estava grávida, Samantha! A porra daquele programa inteiro tinha conhecimento da gravidez! Todo mundo soube do meu filho antes de mim.

Era o que eu temia.

— Alberto, o Adrien descobriu por acaso. Eu estava numa loja de bebês que ele viu entrar. Ele...

Puta que pariu, estou falando demais.

Alberto me encara de boca aberta.

— Ele o que, Samantha?

— Alberto, você veio aqui em casa e terminou comigo. Ou eu terminei com você, por não aceitar aquele namoro sem namoro.

— Ele o que, Samantha? — Alberto me encara firmemente, querendo colher a resposta.

Ah, não. Desvio meu olhar, a vergonha me consome.

Não devia. Não estávamos juntos, eu estava muito magoada com o Alberto.

— Foi quando eu encontrei vocês no restaurante daquele shopping, Samantha?

O estrago de suas palavras sussurradas seria o mesmo se ele tivesse as dito aos gritos.

— Alberto... Nós tínhamos terminado.

— Não, Samantha! — Ele grita e a sensação é bem pior do que eu supus.

Ele anda de um lado para o outro, como um animal enjaulado faminto. Mas me devorar agora não será nem um pouco *sexy*.

— Aquele... *Porra! Porra, Samantha!* Você beijou aquele cara na minha frente.

— Eu não sabia que você estava lá.

— Na minha cara! — Fala como se eu não tivesse me justificado. — Vocês dois se beijaram, enquanto aquele desgraçado sabia que você estava grávida de mim!

— Alberto...

Ele meneia a cabeça.

— Não. Não diga nada, Samantha. Eu não vou prestar atenção no que você me disser, porque só consigo pensar naquele maldito beijo e em vocês dois de namorico em cadeia nacional.

Ele me dá as costas e vai para o quarto. Escuto a porta do armário e vou até lá. Procura o que vestir. Não demora muito e tira uma camisa.

— Alberto, vamos conversar. Não saia assim.

Ele fica de pé e pega as chaves, a carteira e o celular no aparador.

— Eu tenho até medo do que eu vá falar, Samantha. Estou... Porra, você não imagina como estou puto. E é capaz de eu soltar alguma merda.

Mal termina de verbalizar sua raiva, passa por mim disparado. Eu ainda tento segui-lo, mas a porta é aberta e fechada tão rapidamente, que, mesmo num apartamento tão pequeno, não fui capaz de alcançá-lo.

E, agora, sou incapaz de ir em frente.

Tento fingir que hoje é um dia como qualquer outro. Estamos no meio da semana, um dia que não deveria ser nada demais a não ser pelo fato de meu coração pesar tanto no meio peito.

Ainda não chorei, não derramei uma lágrima. Nenhuma por ele ou por causa dos hormônios. Não que a vontade não tenha vindo, que as lágrimas não tentassem romper a barreira dos cílios. Principalmente quando acordei hoje de manhã e senti o lado da cama frio e vazio.

Eu só quero acreditar que ele ter saído daquele jeito foi para realmente ter evitado uma discussão, que palavras ferinas demais seriam proferidas, e que tivesse pleno conhecimento que seu arrependimento não significaria meu perdão.

Alberto é intenso, é viciante. Conheci esse homem maravilhoso e imediatamente passamos uma semana inteirinha juntos, com ele me contagiando com seu humor sempre alegre e o sexo delicioso desde o princípio. O cotidiano não foi uma rotina maçante naquela época. Depois passei a receber doses homeopáticas, que eu não conseguia recusar, mesmo sabendo que nunca seria o bastante. Voltar a passar dias e dias seguidos tendo-o devoto sem prazo para o fim é mais incrível do que eu podia imaginar.

Ele sabe tornar a vida a dois tranquila. Talvez tenha aprendido na marra no relacionamento anterior, ou é inerente dele ser uma pessoa pacífica e amistosa.

Discutir definitivamente não é com ele. Só vejo Alberto defendendo seu ponto com ardor quando está advogando, e nesse ponto é implacável. Ah! E quando fala sobre motos e carros com os amigos e exalta seus modelos e fabricantes favoritos ou desdenha daqueles que ele acha que não presta.

E não consigo ter uma ideia para falar com ele e acabar essa nova pausa que *ele* está dando ao nosso relacionamento.

Pelo menos, cozinhar não foi afetado pela minha angústia nas últimas horas.

Provo mais uma vez o molho agridoce com tamarillo. Seria mais tranquilo cozinhar em casa, principalmente agora nesse início de manhã que os funcionários começam a chegar, porém não dava para ficar no meu cantinho onde tudo lembra Alberto.

Cozinha é uma arte. *É uma poesia!* E tal como a arte em palavras, onde o poeta encontra em sua dor e lamento os versos para tocar a alma de alguém, estou encontrando nos ingredientes, sejam eles amargos, picantes ou ácidos, uma forma de tocar a alma do meu público. O importante para o poeta é saber combinar as palavras; para o cozinheiro o que vale é a harmonia dos temperos.

— Oi, filha. — Minha mãe me dá um beijo no rosto enquanto mexo o molho. — Chegou cedo hoje.

Aproveito que estou para tirar mais uma prova e dou para ela com o lombo de porco que já preparei.

— Prove.

Dona Celeste põe a colher na boca e acho graça quando ela não engole imediatamente, como se tentasse adivinhar todos os sabores enquanto mastiga lentamente, me imitando.

— Nossa, Sam! Faça isso para o nosso Natal.

Rio. — Tá, pode deixar.

— Filha, esse lombo está divino. Prato especial da semana?

Suspiro. — Sim. Nada de caracóis.

Ela faz uma careta. Pega uma nova colher e um pratinho para se servir de uma porção generosa.

— Ai, filha, se eu fosse você, colocaria um pratinho também com essa maravilha para irmos ao escritório.

Estranho. — Está tudo bem?

Ela abre a boca para falar, mas um funcionário chega e nos cumprimenta.

Faço o mesmo que ela e separo um pouco para o meu pai, antes de avisar a todos para provarem, para ver se aprovam, antes de ficar trancada no escritório com Dona Celeste.

Fito-a atentamente antes de me sentar. Não parece ser algo sério, pois ela continua apreciando a comida como se o tal assunto que fez com que parássemos aqui nem existisse.

E, pelo que aconteceu ontem à noite entre mim e o Alberto, espero sinceramente que não seja nada grave.

— O que houve, mamãe?

— Não é nada sério, mas tem que dar um corte.

— No quê?

Ela suspira e deixa o prato sobre a mesa.

— A Poliana. Ontem, um cliente reclamou do ponto da carne e ela deu um ataque com o pessoal da cozinha.

Pisco sem acreditar. — Eu ouvi bem? *Deu um ataque?*

— Dá pra acreditar?

— Não! Prefiro acreditar que é uma piada.

Embora seja bem crível.

Poliana nem é da equipe de garçons. Está como ajudante, e, como cumim, devia chamar o garçom responsável pelo pedido para que fosse feita a comunicação à cozinha. Acreditei nos seus olhos esperançosos. Vi as anotações na carteira de trabalho. O salário decaiu com o tempo e só aqui no *Recriação* que ela viu sua valorização. Parecia bastante interessada na vaga e diversas vezes mostrou-se necessitada. Bem, quem procura emprego geralmente está necessitado e a postura dela é inadmissível.

— Bem que o Oswaldo alertou. — Resmungo.

— Conversei com ela ontem. Falei que nem ninguém no restaurante falava daquele jeito com um colega de trabalho. Nem você. Disse-lhe para se ater à sua função ao invés de criar um ambiente desagradável.

— Tá. Quando ela chegar, vou reforçar. Obrigada, mãe. Vou aproveitar para dizer que esse episódio foi o mais grave, mas que tenho observado que seu comportamento precisa mudar rapidamente.

— É. Vida de patroa nem sempre é boa. — Ela sorri. — Agora me diga que você e Alberto não estão brigados!

— Está tão óbvio assim?

— Vi o programa ontem.

— Ah...

— Vocês brigaram. Ai, Samantha, foi bem pesado para ele ver que só faltou aparecerem com uma aliança para o Adrien colocá-la no seu dedo.

Faço uma careta. — Que exagero! E eu e o Beto não estávamos juntos, mãe. Aliás, nós tínhamos terminado aquele fica-não-fica, mas pra ele está... está bem complicado.

— *Tsc.* E não vou nem falar daquele prato que ressuscitaram no *La Cocina*! Justo agora que vocês estavam se entendendo.

Pois é...

Pego meu prato para acabar essa conversa e sairmos desse confinamento o quanto antes. Por alguns minutos consegui tirar Alberto da minha mente e ocupá-la com as questões do restaurante. Prato novo: ok. Funcionária problema: já, já ok.

Mas é só sair daqui com a pancinha alimentada por essa iguaria, que o número maior de funcionários deixa bem evidente que minha participação no programa de televisão ontem será o assunto do dia.

— Vão se preparando! A partir da semana que vem todo mundo vai ficar famoso!

Fiz uma lista de quem quer participar e a ordem será de acordo com o comprometimento com o restaurante. Dois falaram que não querem

aparecer de jeito nenhum, enquanto a maioria só faltou assaltar a dispensa para estourar um espumante.

Mas é lógico que, para eles, a questão mais importante não é eu ter aparecido quilos mais gorda na televisão. O meu prato exótico para Alberto e a minha amizade com Adrien foram os pontos altos e aqueles que mereciam ser discutidos.

— Sam, vou falar uma coisa: você e o Adrien, ó! — Elisângela, minha *sous-chef* comenta com uma piscadela e um estalo com a boca. Tenho quase certeza que foi ela quem me apelidou de “Dona Flor”. — Casal lindo!

— É, mas o casal lindo é Samantha e Alberto e todo mundo sabe disso.

— Eu sei. — Ela diz risonha. — Mas, lá em casa, acharam vocês um belo casal.

Reviro os olhos. — Avise que nem é amizade colorida!

Foi um beijo. Um maldito beijo que Alberto viu e o programa de ontem mexeu demais com ele, para esse tipo de piada rolar aqui dentro e ele aparecer de surpresa.

— E esses comentários são muito maldosos! Principalmente se chegarem aos ouvidos do Alberto.

Todos negam brincar na frente do Alberto, então seguimos o preparo do almoço. O horário fervilha de clientes e o atendimento tem que ser impecável como sempre. Mantenho o foco na preparação das carnes, tentando não me torturar com a certeza de que hoje meu namorado-não-namorado-já-não-sei-mais virá almoçar aqui a negócios.

Será tentador aparecer no salão. Todavia Alberto não estará sozinho e não dá para eu simplesmente sentar-me à sua mesa e entrar na conversa.

É... uma conversa, um beijinho só depois. Ele poderia pedir um minuto para ir ao banheiro e invadir a cozinha para me roubar um beijo. E dói perceber que até ontem essa seria uma situação totalmente plausível e até esperada.

Ainda temos muitos pratos para montar e servir depois do “*rush do meio-dia*”. Alberto chegou há alguns minutos, e ajudou no preparo dos pratos que ele pediu, e fizeram questão de me contar que eram para a mesa dele e de seus acompanhantes.

A chegada dele causou um novo furor, e meio que fazem o time-Alberto e o time-Adrien. Estão me *shippando* com os dois, para saber com qual meu nome combina mais. Nem presto atenção e já lancei muitas caras feias, por causa da insistência. Já perdi um pouco do meu bom-humor e também soltei farpas sobre o que eu conheço de cada um. Mas os sussurros não param.

— Dona Samantha. — Um garçom me chama. — Posso falar com a senhora um instante?

Ele está sério e até um pouco irritado.

— Oi. Aconteceu alguma coisa?

— A Poliana serviu um prato errado. Um dos meus fregueses pediu o prato sem gratinar. Ela serviu para a mesa errada.

Suspiro irritada. *Mais essa!*

— Meu freguês estava na mesa ao lado e ouviu a reclamação do outro que queria o fettuccine normal e que achou até que foi servido de um prato cru. A Poliana quis simplesmente passar o prato de uma mesa para outra.

— Ai, meu Deus.

— Falou que o outro nem tinha tocado no prato. Sua mãe está conversando com eles, mas já pediram para falar com a dona.

— Tá, eu vou lá. Obrigada. Peça pra Elis preparar rapidinho os dois pratos. Tadeu, vou ao salão. — Aviso ao funcionário que está montando os pratos comigo. — Termina sozinho?

— Pode deixar, Sam.

E lá vou ao para o salão resolver o problema chamado Poliana. Minha mãe pede mil desculpas. Acrescento que as refeições serão servidas por conta da casa, justificando que é uma funcionária em treinamento.

Poliana chegou atrasada hoje. Ia reforçar para que se ativesse às suas funções e que medisse suas palavras. O comercial no meio do programa de ontem anunciando a nova atração, estampou a fachada do *Recriação*. O movimento aumentou muito. Foram muitas tentativas de entrar sem

reservas, mantendo o ritmo acelerado mesmo nessa hora que o serviço costuma entrar em declínio.

Adiei a conversa para o final do expediente e deu no que deu.

Um dos clientes aceita a cortesia, enquanto o outro diz que não vê sentido comer de graça, mas verbaliza a irritante frase “que isso nunca mais se repita”. E eu tive que engoli-la com um “sim, senhor, e, mais uma vez, nos desculpe pelo que aconteceu”.

— Poliana, por favor, me acompanhe.

— Ah, eu tenho que-

— Me acompanhe, Poliana. — Exijo com a voz mais severa.

Minha mãe me lança um olhar para manter a calma.

Na verdade, eu estou calma. Algumas decisões são tomadas seguindo o ditado “colhe-se aquilo que se planta”, embora provavelmente as pessoas não consigam se enxergar como culpadas.

Quando caminho pelo salão de volta à cozinha, procuro por Alberto. Ele está conversando com eloquência e seriedade admiráveis. Posso ver os pratos sobre a mesa, os demais executivos degustam de suas refeições compenetrados no que escutam.

Viro-me antes que meu olhar atraia o seu. Pelo menos a mesa dele não está com os olhos voltados para essa confusão horrível.

Entro no escritório com Poliana. Tento enumerar os problemas que ela causa, mas o que aconteceu foi tão surreal que meus neurônios entram e curto-circuito. Não sei o que dizer. Atraso hoje, cantar de galo, obrigar um cliente a comer um prato remexido, trocar os pratos dos clientes, fazer um serviço que não é de sua competência e executá-lo de um jeito obviamente incompetente.

Olho para a senhora e sua pose altiva e um pouco arrogante. Armada para o que direi, não importa o que seja.

— Poliana, o que aconteceu...

— Dona Samantha, parece um absurdo, mas não foi. O prato não foi mexido.

— O cliente disse que sim, e isso não anula o prato dele parar numa mesa errada e depois ele ser obrigado a comer aquela comida.

— Mas o outro não comeu. Mexeu o macarrão com garfo. Só o cantinho. Não botou na boca, nem nada. Está todo mundo pegando no meu pé, por causa do que aconteceu ontem. Fui eu que aguentei a ignorância do cliente por causa do bife. Deixei na cozinha e a Elisângela fez queixinha pra sua mãe.

— É... *Bem...* Poliana, o seu perfil não combina com o *Recriação*.

— Mas eu preciso muito desse emprego. — Fala preocupada. — Não acontecerá de novo.

— Ontem, minha mãe conversou com você por causa de sua atitude contra um funcionário. Pediu para ater-se à sua função. Hoje, você se intrometeu num serviço que não era seu e deu no que deu. Não estamos falando de ontem e hoje. Pouco depois de ter sido contratada, você quis mudar até ordens minhas. Infelizmente, não tem como continuar.

— Mas eu preciso.

— Muitas pessoas precisam, Poliana. Verei se a próxima pessoa que eu chamar para essa vaga a agarrará com unhas e dentes. Preciso de harmonia, um serviço executado perfeitamente. É bom ter pessoas proativas na minha equipe, e eu tenho. Mas, diferente dos outros, o jeito que você está fazendo não está funcionando.

— Mas... Dona Samantha... não vai mais acontecer.

— Sinceramente, espero que não. Que quando você consiga um novo emprego, você o valorize. Respeite. Pode dar o telefone do *Recriação* como referência, que eu falarei que você merece uma chance.

— Ah, vá à merda!

Epa!

— Então não nos cite como referência. — Falo monótona.

— Não vou cumprir meu aviso!

— Não há um mês que você está aqui.

Ela sai, mas preciso que assine a demissão.

Posso deixar para amanhã? Não estou a fim de mais discussão.

— Vou falar como é essa espelunca para todo mundo! — Sai gritando e eu sou obrigada a ir atrás. — Todo mundo porco na cozinha! Até cospem na comida! — Sai gritando pelo salão.

Se antes reinava o burburinho de conversas indistintas, agora só há o silêncio. E ela não para!

— Estou falando sério! Não sei como a vigilância sanitária não interditou esse lugar! Troquei o prato, pois, se levasse pra cozinha, cuspiriam antes de pôr no forno! — Ela olha para os lados e caminha na direção da mesa do Alberto. — E esse aqui vive transando com a cozinheira lá nos fundos! Isso quando não é o outro que estava na televisão com ela ontem. Trabalhar com os barulhos que eles fazem é nojento.

Agora chegou a hora de eu querer morrer. De querer voltar para casa e me enfiar embaixo do edredom, fingindo que esse dia nunca aconteceu.

— Senhores, peço perdão pelo que vocês acabaram de ouvir. — Digo com a voz entrecortada e com minha cabeça parecendo chumbo de tão pesada e doída. — A visita da cozinha é... é franqueada a... a todos. Sintam-se à vontade para c-conferirem que é asseada e organizada.

— Calma, filha. — Meu pai segura meus ombros e acho que é por isso que não caio no chão.

— Eu estou calma. — Minha voz sai ainda mais embargada pelo choro.

— Samantha, você está bem? — Alberto vem falar comigo.

Meu Deus, ele ouviu tudo aquilo!

— O que ela disse é mentira, Alberto, por favor, não acredite! — Imploro com as lágrimas rolando pelo meu rosto.

Vejo sua expressão endurecer um pouco, embora se aproxime ainda mais e me envolva com seus braços.

— Nunca, Alberto! Nunca houve nada entre mim e o Adrien. Não mais do que aquele beijo, por favor, acredite em mim.

— Eu acredito. — Sua resposta seca e fria me convence ao mesmo tempo que também demonstra sua irritação. — Vamos lá para dentro.

Olho para meus pais que tentam acalmar os clientes, passando de mesa em mesa nesse turno invertido com meus tios.

— Vamos conversar mais tarde. — Peço a Alberto. Ele se enfiar “nos fundos da cozinha” comigo só atrairá mais falatório.

— Tá.

Volto para a cozinha. Embora tudo esteja no lugar, olho minuciosamente cada canto para ver que realmente não há como reclamar da limpeza, da organização, do preparo, de tudo.

Fora do lugar estão os rostos dos funcionários na minha direção.

— Pelo amor de Deus, não deixem cair nenhuma panela, nenhum prato hoje. — Digo antes de entrar no escritório.

Ô, *dia!*

O choro que não veio por causa dos hormônios ou da tristeza mesmo, me atinge com força. Agora até mentiras podem afastar Alberto de mim.

Mentiras que também podem destruir minha reputação.

Sabe aquele abraço que até não o receber você não sabia que tanto precisava? É o que eu recebo agora. Da minha prima.

Ela chegou hoje mesmo de viagem e veio ao restaurante ver a bagunça que está a minha vida. Está linda vestida de preto e vermelho para essa primeira noite do *Recriação* no programa culinário *Chefe Supremo*.

A noite de hoje é a de inauguração e o tema castelhano remete às origens da principal *chef* avaliadora. Mesmo correndo o risco de parecer como os demais presentes, optei por vir com um vestido vermelho de babados. Não pretendo ser destaque, e ser reconhecida em cada quadro do programa pela cor da minha roupa.

Algumas tomadas são feitas, é pedido que nós conversemos bastante para as gravações que estão passando na internet e nos comerciais da grade de programação, e nós assistimos através de um telão o que se passa dentro da cozinha em tempo real. Os cozinheiros já estão fazendo seus pratos e tudo parece bem mais organizado do que nos outros programas, embora já tenhamos ouvido alguns arranca-rabos. O programa de hoje conta com

participantes de realities anteriores da outra atração culinária do canal, que ficaram entre os cinco melhores. Uma aposta segura.

— Nossa! Mudaram bastante. — Gabi comenta.

— Mais enfeites. Cenário. A decoração é toda móvel, e depois só restará o *Recriação*. Foi um dos pontos positivos de terem escolhido. É claro, cores neutras, é fácil criar novos ambientes.

No momento, ele está escuro demais. Está lindo, mas sinto falta do meu restaurante.

— Escolheram por ser você, pelo seu talento, senão fariam num estúdio mesmo.

— Tsc! Mas me conta sobre a sua viagem.

Gabi me anima ao falar dos Estados Unidos, das compras que fez, dos lugares que visitou e do constante cuidado do Rafael. Ele não veio. Quando avisei que minha prima estaria entre os meus convidados, todos ficaram eufóricos com a possível presença do magnata, mas meu quase cunhado não gosta desse tipo de exposição.

Eu também conto sobre os últimos acontecimentos entre uma taça e outra de...água. É... para disfarçarmos um pouco, tomamos água com gás, embora a cor do espumante e a própria espuma sejam diferentes. Mas a produção quer que todos estejam com espumantes na mão, então, estamos fingindo. Gabriela ouve atentamente o que não contei para não perturbar sua viagem.

— Olha, você sabe que a inconstância do Alberto no passado, de ele perguntar por você e aparecer com outras quando você não estava, custou a simpatia que eu tinha por ele. Mas a verdade é que vocês não tinham um compromisso, e você também nunca estava sozinha. Até estava namorando em algumas ocasiões. Só que dou razão a ele sobre essa proximidade com o cozinheiro francês. Sam! Você beijou o tal Adrien na cara dele.

— Mesmo aos sussurros, não repita mais isso. E eu não sabia que ele estava lá e já disse zilhões de vezes que eu não estava mais com o Alberto.

— Mas você concorda que foi um baque para ele. Ainda mais por... poxa, o outro sabia que você estava grávida e ele não.

— É... eu vou conversar com o Adrien, tentarei diminuir nossa intimidade. Já até soltaram piadinha aqui sobre eu ser a Dona Flor.

Ela dá uma risadinha. — Está parecendo mesmo. Ela era cozinheira também, né?

Reviro os olhos. — Acho que sim. Mas não tem nada de Dona Flor aqui.

— Ah, tem sim! E são dois espetáculos!

— Tudo que aconteceu foi só um beijo entre mim e o Adrien. O Alberto me tem por completo. E a Dona Flor só tinha dois maridos porque foi o bonitão que morreu. Se o vivo fosse o Vadinho, ela já tinha mandado exorcizar o corpo, a alma, a casa para que o outro, que nem me lembro o nome, cantasse para subir, e seria feliz da vida com um só. Jorge Amado teria que refazer a história toda.

— Só você, Samantha.

— Mentira?

Ela rola os olhos. — Não. Mas você nunca pensou em dar uma chance para o Adrien?

— Ele começou com o pé esquerdo me convidando para transar depois que me pagou um jantar. Se esqueceu?

— Não, não me esqueci. — Ela suspira. — Mas depois... Você não sentiu nada com o beijo?

— Absolutamente nada.

— Nenhuma chance?

— Ele não apoia.

— Oi?

— Além de eu não sentir absolutamente nenhuma atração, Adrien aparenta ter um pouquinho de inveja.

— Credo! Desde quando você gosta de estar perto de pessoa assim? Resolveu adotar o lema “os amigos por perto e os inimigos mais próximos ainda”?

— Não. — Meneio a cabeça rindo. — Ele não quer o meu mal. — Franzo o cenho. — *Acho que não.* Adrien é aquele tipo de pessoa com um

humor ácido, mesmo assim agradável, mas se eu falo do *Recriação*, de sucesso, bate um pouco de ressentimento. Como, por exemplo, quando entraram em contato sobre *Chefe Supremo*. No *Le Metz*, ele fez questão de me contar e me convidar para participar. Mas quando eu fui chamada, a veia competitiva dele falou mais alto e ele meio que se fechou e não quis saber de detalhes.

— Sei não...

Bem, se eu comentar que ele quis ler o contrato, minha prima colocará Adrien em sua lista negra. Sua expressão se fecha de repente. Olho para trás e vejo Adrien.

— E mesmo assim você o convidou. — Ela murmura.

— Retribui a gentileza. E fique tranquila, pois meus pés estão sempre bem atrás.

— Que continuem assim.

É a última coisa que ela fala antes de ele estar muito próximo de nós. Cumprimenta-nos polidamente. Está de fraque cinza escuro e é muito admirado pelas mulheres.

Loiro, alto, olhos azuis. Corpo delicioso. Quem não o admiraria?

Alberto não precisa sentir um pinga de ciúme. Admiro Adrien por ser lindo, mas só o nome do primeiro faz o meu corpo esquentar. Não conseguiria nem pensar em quem observaria Alberto também com olhos esfomeados, pois quando olho para ele, não vejo mais nada nem ninguém.

Desde o dia que aquela louca fez um escândalo aqui no *Recriação*, nós praticamente não nos vimos. Ele só apareceu aqui no dia seguinte para oficializar a demissão da mulher, e a documentação que trouxe foi a de justa-causa. Poliana veio trabalhar fingindo que nada tinha acontecido, mas logo avisei Alberto para vir ao restaurante com a papelada. E ele veio.

Confesso que o chamei mais para ter uma chance de vê-lo do que por precisar de ajuda. Confesso também que mesmo com aquela gritaria toda, eu ainda tinha pensado em não a demitir sujando sua carteira, e que só mantive a decisão do Alberto, pois para ele era lavar a honra.

E ela mereceu. No sábado, recebemos a vigilância sanitária com a denúncia de insalubridade. Tive reservas canceladas e a equipe do programa

ficou preocupada com a repercussão.

Então, ficamos a sós. Perguntou-me se estava tudo bem. E tornei o motivo da visita dele para o que eu queria. Expliquei (como eu já tinha feito por mensagens) que era mentira, que eu o amo e não há ninguém na minha vida além dele.

— *Eu sei que o que ela disse era mentira, Samantha. Mas eu ouvi. Todos os presentes ouviram o que pensam sobre mim, você e aquele cara. Quero dizer que não me importo com o que dizem, que nunca liguei para a opinião dos outros, só que... eu... eu não consigo. Me incomoda pra caralho. Fere meu orgulho. Eu te amo, mas o preço a pagar para ficar com você está alto. Um preço que tenho certeza que você não pagaria se invertêssemos os papéis.*

Não. Se ele ainda desse trela para as lambisgoias que pulavam no seu pescoço, eu não aceitaria a situação, mesmo se ele não desse brecha para nada além da amizade.

Desde então, nos falamos todos os dias. *Sobre o bebê.* É o único assunto dele, além de me perguntar se tomei a levotiroxina e as vitaminas da gravidez que acostumou a me ver ingerir todas as manhãs.

— Está muito bonito, Sah. — Adrien me tira dos pensamentos. — Parabéns.

Eu, ele e Gabi conversamos até pouco antes do programa efetivamente começar, e minha prima se despedir. Está cansada da viagem e imagino como foi corrido o retorno.

— Mudaram bastante. — Adrien diz observando a decoração. — Incomoda?

— Achei que incomodaria mais. Ficou legal e amanhã voltará a ser o *Recriação* de sempre. Até a próxima semana, e não faço a menor ideia do que farão.

— Com licencinha? — Uma mulher com um fone maior do que a cabeça para perto de nós. — Samantha, nós faremos um brinde, primeiro os jurados e depois de vocês dois. Certo?

Olho para os lados à procura da pessoa que eu realmente gostaria que brindasse comigo. Incerta, concordo.

Somos servidos de espumante e não resisto e tomo um gole da bebida. Dois. Sei lá quantos, até ficar na taça menos da metade do que foi servido.

— O que houve?

— *Ahn*, nada. É melhor você beber para as taças ficarem com espumante na mesma altura.

Ele bebe alguns goles olhando nos meus olhos. Mal tira a taça dos lábios e uma luz forte quase nos cega. Erguemos nossas taças e fazemos um breve tilintar. Bebemos um gole, a câmera capta, sai de nossa frente e circula pela festa.

Não sei se saí com cara de assustada, rindo ou de cara feia mesmo.

Ainda com a visão bastante afetada pela luz, eu o vejo. Está na porta com os olhos vidrados em mim.

Aconteceu de novo.

Saio correndo, tento formular alguma desculpa na mente, mas chego à entrada do restaurante com um emaranhado de palavras sem sentido causando um nó na garganta, e uma boca aberta e trêmula incapaz de proferir qualquer uma delas.

“Desculpa” soa tão piegas, *horrível*. Como se eu fosse culpada. Não consigo gritar para ele que está do outro lado da rua, caminhando até seu carro.

— Alberto! — Seu nome finalmente sai, quando estou no meio da rua.

Tarde demais escuto uma buzina e vejo seus olhos arregalados, mas chego ao outro lado após sentir apenas o vento do carro, cujo motorista me xingou de maluca.

— Você está louca? — Vocifera. — Como atravessa a rua assim?

— Alberto, você veio e sequer foi falar comigo! Poxa! Você também é parte disso!

Seguro as lapelas do seu paletó e o puxo para um beijo. Minhas mãos voam para o seu rosto e continuo a devorá-lo com minha boca, enquanto sinto sua hesitação em me beijar de volta.

— Eu te amo, Alberto.

— Sam... — Ele meneia a cabeça. — Samantha...

Sua respiração fica pesada. Ponho meus dedos sobre seus lábios.

— Não diga. — Digo baixinho. — Por favor, não diga.

Ele fecha os olhos e uma lágrima escorre lentamente pelo seu rosto.

— Eu te amo, Samantha. Mas está difícil. Muito difícil. Eu desejo pra você todo sucesso do mundo. Vá lá e arrasa. Depois nós conversamos.

Depois nós conversamos.

Depois ele dirá que acabou.

Seus lábios tocam minha testa antes de ele me afastar da porta do carro, assumir a direção e partir. E essa é a única lembrança boa que tenho da noite de hoje.

Uma lembrança amarga de um beijo doce.

11

Silêncio.

Penso no silêncio como uma forma que Alberto encontrou para não desfazer o “eu te amo”, dito acompanhado de palavras motivadoras, com um “acabou”. Continuamos com a conversa sobre termos dormido bem, desejarmos um bom trabalho. Só.

Dissemos que nos amamos naquela despedida e preciso ouvir sua declaração novamente, antes que eu enlouqueça.

Feri seu orgulho, mas nem por isso ele tem o direito que o meu seja ferido. Não fiz por mal. Sequer agi para causar ciúmes.

Por falar agir... Sei que estou trocando os pés pelas mãos com a minha atitude de hoje, mas enquanto sirvo as bebidas daqueles que encontram talvez a única refeição decente da semana, esqueço-me dos meus próprios problemas e minhas lamentações. Não totalmente já que continuo a pensar numa forma de fazer as pazes com o Alberto.

De um jeito que voltemos a ser como éramos há bem poucos dias...

O pior dia da semana passou a ser quinta-feira, a noite que eu ficava para fechar o restaurante e que era certo Alberto estar comigo.

Nós trocamos mensagens sobre seu receio de eu ficar tão tarde e sozinha lá. Já disse que sou orgulhosa, não? Preferi dizer que não iria, e expliquei na própria mensagem que ficaria em casa mesmo e o conhecido “estou bem, não precisa se preocupar”. Não menti ao todo, já que realmente não fui ao restaurante e passei boa parte do horário de funcionamento no meu quarto revendo nosso histórico de mensagens.

É... estou nesse nível de carência. Pelo menos o bloqueei temporariamente para que não visse que eu estava *online* e apelando para tudo. Seria deixar meu orgulho escondido num canto da casa junto com as poeiras.

Aliás, o orgulho dita mais um amargor a esse *tempo* que estamos nos dando. Acho que posso me referir ao rompimento sem término como *darmos um tempo*. E o tempo mostra que Alberto estava, sim, disposto a “correr o risco” de assumir um compromisso verdadeiro.

Eu e ele.

A boa ação dessa noite chega ao fim e tudo passou como um borrão e minha mente continua perturbada.

— Levo você pra casa. — Adrien comunica a carona, ao invés de oferecer, enquanto arrumamos a van. — Estou de motorista. O Rômulo vai tirar o dia de folga amanhã. A van vai lá pra garagem.

— Mas vai ficar contramão pra você. Chamo um táxi.

— Ficarei mais tranquilo se eu te deixar em casa. Bel, você também.

— Valeu, Adrien. — Uma das voluntárias se anima logo e entra na parte de trás quando terminamos de guardar tudo.

Adrien faz um gesto com a cabeça para a porta do carona e a abre para mim. Rômulo se despede junto com os demais, e logo dirigimos pelas ruas silenciosas da madrugada.

— Não sabia que Bel morava tão perto de mim, podia ter dado carona para ela algumas vezes. — Comento após deixarmos a amiga dele em casa.

— Bem, se você voltar a ser voluntária, quem sabe?

— Não... é melhor não.

Achei que teria um pouco mais de tempo, antes de fazer com que minha vinda aqui — tirando o voluntariado — não fosse um erro completo.

— Adrien... você sabe que o Alberto é cismado contigo.

— E aquele cara vai destruir nossa amizade. — Ele resmunga.

— Mas não é só cisma, né?

Silêncio. Não será tão longo como o que Alberto tem comigo, até porque eu não permitirei.

— Não quero dizer que você também quer um compromisso, que quer deixar de solteiro convicto, mas talvez esteja disposto a mais beijos como aquele e... *mais do que beijos*.

— Alguma vez faltei com respeito com você, Samantha?

— Não. Claro que não.

— Samantha, respeito muito a mulher que você é. E você está errada.

Ah, que bom que estou errada e ele só quer minha amizade.

— Você mexe muito comigo. Mais do que eu gostaria. — Ele suspira e tira sua atenção do trânsito brevemente para me encarar. — E quero mais beijos... e... *bem...* quero bem mais do que beijos.

Cadê o alívio que acabei de sentir?

— Estou me apaixonando por você.

Ai, meu Deus!

O ar fica tão rarefeito que fico sufocada.

— Não vou julgar o Alberto, não direi que ele não é homem para você, mas é só eu sentir que há uma chance que tentarei. Eu realmente tentarei conquistar seu coração por completo. Toda vez que me lembro que chamei você para ir lá em casa quando nos conhecemos e você recusou, fico pensando como me interpretou mal. Queria apenas conhecer um pouco mais daquela mulher fascinante que tinha acabado de jantar comigo.

Ai, Deus! Tenho certeza que as palavras do final do seu discurso não são sinceras. A verdade é que eu teria que ser muito burra para dar uma chance ao Adrien. *Ou pensa que não percebi que ele arrumou um jeito de me culpar?*

— Talvez hoje eu estivesse com você, não ele.

Ah, Adrien, só teria um jeito de eu ter conhecido o seu martelo: eu não ter reencontrado Alberto. Só se ele tivesse continuado com a vida dele em São Paulo e eu bloqueasse seu número de telefone, e continuasse fugindo de todas as suas tentativas de me ver.

Não consigo rebater suas palavras. Nem quero. Essa discussão não faz o menor sentido, ainda mais nessa madrugada estranha e nada acolhedora. Também estou com um amargo na boca que me impede de dizer qualquer

coisa. Temo que meu silêncio o encoraje, ao invés de perceber que estou mais para declarar que nós seremos amigos e nada além disso.

É melhor acabar logo com isso.

Então eu... eu respiro fundo. E...

E grito! Grito a plenos pulmões, um som acompanhado de buzinas, freadas, vidros estilhaçando, metal retorcido contra asfalto e contra metal, rompendo definitivamente a quietude. Sinto um impacto forte do meu corpo contra o cinto, minhas mãos se forçam contra o painel. Mesmo com tudo já imóvel não consigo parar de gritar.

— Samantha! — A voz de Alberto penetra minha mente, ao mesmo tempo que escuto batidas na minha porta.

O susto me cala. Alberto realmente está batendo à minha porta e puxando a maçaneta. Destravo e ele a abre de imediato. Sua mão passa pelas minhas coxas e ele desfaz o cinto, puxando-me para o seu colo.

Agarro seu pescoço com força, enquanto meu corpo todo treme quase convulsivo. O choro é desesperador e traz uma angústia agonizante. Rouba-me o fôlego. O pouco de ar que consigo inspirar deixa meus gritos mais parecidos com chiados. Quero pará-los. Quero apenas respirar, e puxo o ar pela boca para conseguir mais ar. Mas expirar é o mesmo que extravasar meu pânico libertando um novo grito.

— Calma, Sam. Já passou, você está bem.

Sua voz me acalenta, me acalma. Sinto sua mão no meu cabelo, acariciando os fios suavemente. Ele beija várias vezes minha têmpora, minha testa, o alto da minha cabeça. Não sei por que o choro não para, por que continuo tremendo e quase sufocando sem conseguir encontrar o compasso da respiração prejudicada também por incessantes soluços.

Com a voz de Alberto, escuto Adrien falar friamente o nome da minha rua. Ergo a cabeça e o vejo ao celular, dizendo que o carro dele não se envolveu no acidente, mas que há um carro capotado e pessoas em choque.

Pessoas em choque.

Escuto mais gritos. Gritos. Gritos. Gritos de mulheres, gritos de homens. Pessoas falam e enquanto a realidade começa a fazer sentido, dou um pulo assustada e encaro o rosto bem perto do meu.

— Alberto? O que você faz aqui?

— Você está bem? — Pergunta pausado, mas quase não consigo prestar atenção na sua pergunta, quando noto um fio de sangue cortando seu rosto.

— Você se machucou? O que aconteceu?

Ele olha para longe sem me responder. Quantas perguntas já fiz sem que me desse uma resposta?

— O socorro vai demorar a chegar? — Pergunta friamente para Adrien.

— Os bombeiros já tinham sido acionados por alguém que viu o capotamento. Tem um quartel aqui perto. Estão chegando.

Olho para frente e reparo um carro preto capotado sobre outro prata estacionado praticamente na frente do meu prédio. Os dois estão muito destruídos, provavelmente perda total.

Ali perto, há quatro pessoas descabeladas. Estão voltando de uma festa ou da balada com suas roupas bonitas e brilhosas. Não parece haver mais pessoas do lado de dentro do veículo e, tirando alguns arranhões, todos estão bem.

Há muitas pessoas nas calçadas observando o acidente. Outras em suas janelas acesas ou apagadas.

Tento me lembrar do que aconteceu, no como a conversa que eu tinha com Adrien virou todo esse caos. Pra dizer a verdade, nem me lembro do assunto.

No que as sirenes aumentam até sobrepor os sons daqueles que despertaram na madrugada, finalmente recordo do que dizíamos no carro, e que pouco depois... olho para o carro capotado. Seu motorista avançou o sinal. Recordo-me da freada brusca da van e do outro carro fazendo de tudo para desviar de nós.

E o que Alberto está fazendo aqui?

Abro a boca para repetir a pergunta que fiz a ele, e exigirei minha resposta, porém sua voz soa mais alta que a minha antes da primeira sílaba.

— Ela estava na van. Está grávida. — Ele levanta do meio-fio com cuidado, praticamente me içando ainda em seu colo e me põe de pé ao seu lado, sem me soltar. — Estava de cinto, a freada foi muito brusca.

— Precisamos ver esse ferimento, senhor. — O paramédico fala para ele.

— Isso não foi nada. Foi o vidro do meu carro que lanhou. Acho que nem está mais sangrando.

Ele passa o dedo pela testa e realmente o sangue está quase seco. Agora que estou mais calma, noto que o rastro de sangue é bem menor. Só não entendi o que ele quis dizer sobre o carro dele.

— O senhor estava num desses carros?

— No prata embaixo do outro. Mas estava estacionado.

Olho para o carro sob o capotado. Começo a tremer, pois pouco se reconhece de tão destruído que está.

Alberto podia ter morrido.

Viro-me em seu braço para ficarmos frente a frente, tomada pelo medo de quase tê-lo perdido para sempre.

— Beto, você podia ter morrido. — Tateio seu corpo, toco seu rosto e o abraço. O tremor rouba minha coordenação, meus dentes batem um contra o outro me deixando ainda mais em pânico. — Ai, meu Deus!

— Sam, vai pra casa, tome um banho que vou te levar para um hospital pra fazer exames.

Agarro seu braço incapaz de ir para qualquer lugar longe dele.

— Vamos comigo!

— Meu carro está no acidente, Sam. — Diz pacientemente e acaricia meu rosto. — Por favor.

Não vou. Como vou pra casa como se nada tivesse acontecido, como se Alberto não tivesse se machucado, *como se eu não tivesse me envolvido no acidente?*

Nas horas seguintes, escutamos os ocupantes do outro carro acusarem Adrien de avançar o sinal. Como eu afirmo que eu e Adrien estávamos trafegando devagar e que o sinal estava amarelo quando passamos, Alberto confirma veementemente essa versão, defendendo o cozinheiro. Por mais que essa seja uma rua pacata, há pardal e Alberto usa seu tom mais irônico para dizer que essa é uma questão que será esclarecida pela multa.

Compreendo melhor por que ele está aqui. Alberto me esperava. Defende minha palavra sobre o semáforo sabendo que menti para ele que fiquei em casa. Seu carro devidamente estacionado e o motor frio deixaram em evidência que ele há muito tempo estava ali, aguardando meu retorno. É apenas uma vítima.

Já é de manhã quando finalmente os carros são guinchados e a van é liberada por não ter sofrido um arranhão. O cordão de isolamento é tirado e só uma viatura policial acompanha o desfecho da loucura desse início de sexta-feira.

— Você vai ficar bem, Sah? — Adrien pergunta.

Estou com a chave na mão, praticamente entrando no prédio com Alberto do meu lado. Sim. *Ficaremos* bem.

— Sim.

Ele se despede com dois beijos e se afasta um passo para parar de frente para Alberto.

— Ahn... Obrigado. Por ter me defendido.

Adrien estende a mão e toma um soco do Alberto.

Meu Deus! Alberto socou o Adrien!

Arquejo chocada! Meu Pai do céu! Ele esmurrou queixo do Adrien, com tamanha violência que cortou o lábio. Um leva a mão aonde levou o golpe e o outro encara seu oponente furiosamente.

Os olhos azuis de Adrien passam da ira à uma frieza odiosa.

— Não há de quê. — Alberto responde friamente.

Mas não há nada frio nele. As veias do seu pescoço estão saltando e os punhos cerrados armam o próximo golpe. Ele está muito disposto a transformar a rua num ringue.

— Por favor, vá! — Imploro para Adrien.

Ele me encara e só isso já é motivo para Alberto dar um passo a frente. Repito minhas palavras para um e seguro o outro, desesperada com a forma como essa briga pode terminar.

Finalmente o bom senso impera (ou minhas preces e minhas súplicas são atendidas), e Adrien se afasta carregando consigo o semblante odioso

quase tão poderoso quanto o do homem que ficou comigo.

Abro o portão para acabar definitivamente com quaisquer provocações e vínculos com a cena aterrorizante de horas atrás. Subo a escada com Alberto e é impossível não sentir a cólera ainda emanando do seu corpo, mesmo que ela esteja se dissipando aos poucos.

Entramos no apartamento e o frescor noturno ainda muito presente nos recebe.

— Vou preparar alguma coisa pra você. — Falo baixinho.

Afasto um passo, mas sua voz me impede de ir adiante.

— Não precisa. Você realmente está bem?

— Estou. Não aconteceu nada.

— Tem certeza? Não é melhor irmos ao médico?

— Tenho. Vou fazer um café. Você vai trabalhar agora.

— Tenho uma reunião agora no primeiro horário e ainda tenho que passar na delegacia. Não tenho tempo. Preciso ir em casa tomar um banho.

— Você pode tomar aqui. Tem alguns ternos caros no meu armário.

A resposta não vem de imediato e essa ponderação me faz ofegar.

— É como se eu vivesse esperando você me dizer que não dá mais. — Murmuro.

A frase escapuliu como um desabafo. Um pensamento que devia ter ficado para mim, mas ganhou voz infelizmente alta o bastante para Alberto ouvi-lo.

— É... — Suspira. — Eu já estava agoniado porque você não respondia o seu celular. Estava pensando se não seria melhor ir atrás de você. Cada carro que passava eu ficava em alerta, pois poderia ser você, até que vi a van que aparece nas fotos da campanha, um carro piscando o farol em alta velocidade, e no segundo seguinte aquele carro estava caindo em cima do meu.

Levo a mão à boca horrorizada com seu relato.

— Beto! Meu Deus!

— Saí do carro completamente desorientado. — Suas palavras soam tremidas. Todo seu corpo treme. — Acho que meu coração parou por um

bom tempo, pois a rigidez tomava conta do meu corpo, como se meu sangue não fluísse nas minhas veias enquanto eu corria até você. Via o seu desespero... *Porra, Samantha!* Eu não tive dúvida, mesmo distante que era você. Gritei seu nome e nada tirava o pânico do seu rosto até você pular de susto quando eu já estava muito perto.

— Eu estava bem. — Digo baixinho.

As lágrimas estão escorrendo novamente pelo meu rosto. Motivo para ele acabar com a distância entre nós.

— O Adrien conseguiu frear a tempo. Ele estava devagar.

Pra. Que. Fui. Falar. Isso?

Alberto interrompe sua caminhada e me encara como se tivesse nascido um terceiro olho em mim.

— Você está defendendo aquele cara?

— Não! Quero dizer: estou! Estou, Alberto! Se não fosse pelo reflexo dele, talvez eu realmente tivesse sofrido um acidente. Ele não mereceu aquele soco.

— Não, Samantha? Não mesmo?

— Não mesmo!

Tento fazer a melhor expressão determinada a defender o Adrien que consigo, embora as declarações dele, minutos antes da batida, queiram me desmentir ficando estampadas no meu rosto.

— Olha, vou aproveitar que ainda tenho tempo e vou para casa, porque, depois de tudo que passamos, a última coisa que quero é ver você defender aquele maldito cara.

— Então, leve suas roupas. Se não há serventia você tê-las aqui, leve-as com você.

Meu Deus, eu não disse isso!

Encaro-o com os olhos arregalados. Alberto está totalmente descrente do que ouviu.

Que merda!

Há sempre aquele pedacinho de mim que nunca quer levar desaforo para casa e esse “meu eu” está cansado da incerteza que Alberto causa ao meu

coração.

— Eu já vou Samantha. — Alberto diz friamente.

Assinto assistindo-o ir à porta da rua, estranhamente muito aliviada por ele tomar essa decisão do que ir para o quarto e recolher os ternos.

— Ah! E não se desfaça de minhas roupas! — Ironiza virando a chave.
— É sério, Samantha.

Sento no sofá cansada desse dia que ainda está sob os primeiros raios de sol. Exaustão causada pela madrugada em claro tomada por ações solidárias e por um acidente que, graças a Deus, não teve feridos.

Exaustão por causa da inconstância entre mim e Beto.

Ir para o quarto se mostra desnecessário.

Nem luto contra as pálpebras.

Eu estava na cozinha quando tive o primeiro flash do acidente não como ele ocorreu, mas com outros desfechos.

Com tudo dando errado.

Com a minha morte.

Com a morte do Alberto.

Com a morte do meu filho.

Não sei quanto tempo passou desde que saí de perto de todos e me tranquei no escritório, mas eu não consigo parar de pensar nas hipóteses. Meu corpo treme. Já fui ao banheiro algumas vezes em busca de algum sangramento. Não sinto nada de estranho, nem dentro de mim. As mulheres deveriam sentir o bebê dentro da barriga desde a concepção. A falta de qualquer sensação aumenta a minha ansiedade e acredito que de outras mulheres também. Estou louca para sentir meu bebê se mexer!

Sei que acidentes acontecem a qualquer hora do dia, no entanto evitarei a madrugada daqui para frente. Sinto a fadiga de uma noite sem dormir muito maior e repousar cinco horas já com o dia raiado não fez muita

diferença para o meu cansaço, e esse foi outro motivo para eu sair da cozinha.

Pego o celular atrás de notícia do Alberto. Imagino que seu dia esteja puxado, após passar a madrugada insone e imóvel num banco de motorista, vivenciar um carro cair praticamente em cima de si, e não ter tido tempo para descansar. Acidente, reunião no banco, depoimento na delegacia, e não duvido nada que ele esteja dando andamento ao seu expediente, ao invés de se refugiar em casa para rememorar o pesadelo que foi sua noite em claro. Pelo que o conheço, nem sei se calmante daria jeito de fazê-lo relaxar.

Há uma nova mensagem de texto de Adrien. Já conversamos de manhã, ele está muito solícito, perguntou se eu fui ao médico, se quero ir, se me sinto bem. Quando eu disse que já estava até trabalhando, *encorajou-me* a ficar em casa. Aproveitei para reforçar que o vejo apenas como amigo e que gostaria que ele voltasse a me considerar uma irmã mais nova, para não deixarmos de nos falar.

Resolvo ler o que mais ele tem a dizer:

*** Adrien-Eu: Percebi que não tenho chance, Sah. Estou tentando me preocupar como se fosse apenas um irmão mais velho, embora seja difícil ver você assim de novo. Só me dê um tempinho para me acostumar ao fato de que não adianta lutar por você. Gosto muito de você e não quero perder nunca sua amizade. ***

Essa mensagem me traz um pouco de alívio. Conheço Adrien há pouco tempo, no entanto ele se tornou próximo demais, alguém cuja companhia aprecio muito. Respondo “obrigada” e fico aliviada por ele não ficar online, e tentar engatar alguma conversa.

Há também outros contatos, provavelmente mensagens iguais a dele, de que preciso de repouso, não posso me estressar e *etc. etc. etc.*, que não estou nem um pouquinho a fim de ler também.

É seguindo o lema “gravidez não é doença” que ignoro todas elas.

Mesmo porque só há uma maneira de acalmar minha agitação:

— Preciso resolver minha situação com você. — Digo olhando para o contato do Alberto.

Mas como?

Talvez algo inusitado.

Como o quê?

Caramba! Não teria sido mais fácil uma paixão à primeira vista e desde então sermos felizes para sempre? Agora ficamos nesse mar de dúvidas, e não sabemos se um passo concreto para uma vida a dois é o certo.

E se...

A ideia que acabo de ter é bem inusitada. Será meu último passo para essa relação. O passo em que mostrarei para ele que quero tudo.

... ou nada.

Mulher ficar bonita cansa, viu?

E dói.

Pus em dia a depilação nas pernas, virilha, axilas. Aproveitei e cortei o cabelo, fiz as unhas e saí linda e maravilhosa.

Para quê?

Para tomar um banho de lama e chuva.

Pois é... Estava distraída olhando a tela do celular, “vendo” o silêncio do Alberto, decidindo se o quebraria ou não com uma mensagem, quando quase morri afogada. Exagero à parte, perdi a maquiagem, o cabelo de passarela e quase o celular com a enxurrada que me atingiu.

Prefiro acreditar que foi um aviso divino para que eu escolhesse bem minhas palavras quando enviasse uma mensagem, embora eu tenha xingado o motorista que me encheu de lama com palavras nada angelicais.

Então, *euzinha* vim para casa, tomei um banho, escovei a porra do cabelo para que ficasse com ondas e brilhoso do jeito que tinha ficado quando saí do cabeleireiro, vesti um vestido azul clarinho e calcei uma sandália altíssima.

Olhei-me no espelho crente, crente que estava linda e plena até que percebi a pochete pavorosa. *Não, não estou chamando meu bebê de “pochete pavorosa”!* Mas não é uma barriga de grávida que exibio. É aquela pochetezinha gordinha. Se eu não estivesse grávida, teria colocado aquela cinta tão horrorosa quanto a barriga, mas que me deixaria falsamente enxuta.

E agora cá estou. Olhando-me no espelho, de salto alto, com um vestido que amo, mas infelizmente marcou meu corpo de um jeito desagradável, e que não posso tirar porque o zíper emperrou. *É!* A porra do zíper que demorei para subir, proeza que consegui me contorcendo mais do que o bonecão do posto, emperrou e agora não quer sair de jeito nenhum!

Terei que sair de casa sem cinta, com essa “pochete” e esse vestido que está começando a causar *odinho* no coração. Falta um tiquinho de nada para eu pegar uma tesoura e cortá-lo todinho para ficar livre dele.

Ponho um vestido extra na bolsa, que é rosa e mais soltinho no corpo, para poder trocar no restaurante. Guardo também um guarda-chuva e o celular, e saio de casa. Chamo um táxi de imediato pelo aplicativo e, após descer as escadas, fico protegida na portaria da chuva fina e constante que cai lá fora até ele chegar.

Quarenta minutos depois chego ao restaurante, demora causada pelo trânsito. Com vinte minutos, precisei quebrar o silêncio e enviei uma mensagem para Alberto, pedindo que passasse no restaurante antes de ir embora. Eu passei a correr sério risco de ele ir sair do banco sem que pudéssemos nos encontrar, e minha surpresa estaria perdida. Ele concordou e até disse que estava quase me enviando uma mensagem para descobrir meu paradeiro para se encontrar comigo. A carinha com beijinho e coração no final da mensagem impede que eu surte imaginando que ele pretende por um fim no nosso namoro, que nem sei se posso dizer que é um namoro.

Saio do carro já com o guarda-chuva aberto para continuar a deusa que saiu de casa (mesmo com a pochete, que vai sumir daqui a alguns minutos).

Avisto meus pais sob a marquise do restaurante e vou de encontro a eles. Como o movimento esse horário é quase nulo, Seu Renato resolveu cultivar seu vício de cigarro. Nem adianta reclamar. Ele diz que já é velho demais, como se “ser velho” fosse motivo para não abandonar hábitos ruins.

— Uau! — Minha mãe fala olhando para mim. — Aonde vamos?

— Ah, mãe, vou trocar. Olha só! — Dou uma apertadinha na barriga fazendo uma careta e uma negação. — O zíper emperrou, preciso de ajuda! O Alberto vai chegar daqui a pouco!

— O Alberto já está aqui. — Ela faz um sinal com a cabeça para atrás de mim e vejo *meu homem* estacionar um carro que nunca vi no local indicado como carga e descarga do restaurante.

Que abusado!

Mas está delicioso no terno azul marinho com uma gravata cinza chumbo. Dá para ver o colete por baixo, o que o deixa muito mais elegante. Seu guarda-chuva é preto e ele caminha decidido até que nos vê parados na entrada do *Recriação*.

Então estaca. Está de óculos, mesmo assim dá para ver a preocupação no seu corpo com essa cena atípica de eu e meus pais do lado de fora. Uma preocupação que dura até eu sentir meu corpo queimar da cabeça aos pés, ao perceber que estou bem. Nenhuma barreira é capaz de ocultar seu olhar de desejo.

Uma van para em frente ao restaurante e seu semblante muda bruscamente. Fica irritado. *Furioso*. Acelera seus passos, enquanto um homem franzino desce do veículo e vai para a parte de trás. Quando sai, está com um buquê enorme de rosas vermelhas.

— Boa tarde. — Cumprimenta. — Entrega para Dona Samantha.

Alberto imediatamente laça a minha cintura.

— Não há nenhuma Samantha aqui. — Diz rispidamente.

— Sou eu. — Digo calmamente e estendo os braços para pegar o buquê.

— Samantha, não acredito que você vai aceitar as rosas daquele homem!

Reprimo minha risadinha pelo ciúme do Alberto.

— Você nem sabe quem foi! — Digo enquanto assino o recebimento. O rapaz logo entra na van e foge.

— Não fui eu.

— Tá, Alberto, mas eu posso receber flores de frequentadores do restaurante, algum fornecedor também pode querer me enviar rosas.

— Mas sabemos que não foi nenhum desses casos!

— Sim, é verdade que não foi. — Suspiro. — A prova é não ter um cartão.

Alberto quase surta. Sério. Fica rubro como as rosas.

— Crianças, estamos na porta do restaurante. — Minha mãe alerta.

— Está tudo bem, mãe. — Digo com serenidade.

Meus pais olham de mim para Alberto. Ele não está nem um pouco à vontade, por mais que tente aparentar que não quer mais discutir. O estranho é que ele está agitado de um jeito... *ansioso*.

Uma ansiedade que não cabe nesse momento, a não ser que ele espere que eu vá à lixeira e deposite as flores.

— Se fosse um cliente ou fornecedor, tudo bem pra você?

— Sim. Morreria de ciúmes, mas não teria problema.

— Hum... *Interessante...*

— Mas não são de um cliente, não são de um fornecedor. — Ele olha para meus pais. — Foram os senhores?

Meu pai dá um sorrisinho sem graça e nega com a cabeça.

— Essas rosas são para você. — Ofereço-lhe o buquê.

Alberto fica surpreso. Olha para o buquê, para os meus olhos, para o buquê.

— Pra mim? — Pergunta incrédulo.

— Por isso não tem um cartão. Por isso te chamei aqui. Agora você pode parar com essa crise de ciúmes!

— Eu nunca ganhei um buquê! — Ele está com uma cara estranha de quem quer rir, no entanto ainda está achando tudo muito estranho.

— Ainda bem que fui a primeira. E pretendo ser a única.

Ele abre um sorriso largo, daqueles que me faz sentir coisas impróprias na rua e na frente dos meus pais.

— Também pretendo que seja a única. Em tudo. Celeste, poderia, por gentileza segurar essas rosas para mim.

— Claro. — Minha mãe segura o arranjo.

Então, ele se ajoelha, arrancando um arquejo meu. Dos meus pais.

— Samantha, quero fazer esse pedido antes que você roube por completo minha sanidade e ele se torne questionável. Eu te amo e nunca pensei que um dia eu diria essa frase para alguém que não fosse meus pais ou meu filho. Mas essas três palavras saem tão fáceis e verdadeiras dentro de mim quando digo a você, que preciso incluí-la na minha lista das pessoas mais especiais do mundo. E incluir o bebê em seu ventre. *Nosso filho*. Talvez o primeiro de muitos, caso a vasectomia e os anticoncepcionais continuem falhando. Por favor, casa-se comigo.

— Você é louco! — Digo baixinho com as lágrimas querendo escapulir dos meus olhos.

Que. Pedido. Louco.

— Por querer casar com você? — Ele pergunta com um risinho, mas novamente a ansiedade emana de cada poro seu.

Faço que sim com a cabeça, limpando o canto do olho, pois nem sempre “à prova d’água” escrito nas maquiagens pode ser levado à risca.

— Sim, você aceita?

Eu não sei que movimento dele eu perdi, só sei que ele agora exhibe uma caixinha pequena com um solitário lindo e muito brilhante.

Ele trouxe um anel?

— Você veio preparado para me pedir em casamento?

Não era improvisado?

— Vim, Samantha, comprei seu anel há alguns dias, só tentei esperar o momento certo. Agora, por favor, responda que você quer casar comigo, pois já fazem vídeos nossos. Depois daquele meme, não quero virar outro.

Eu rio. Realmente estamos cercados por uma multidão que nos filma...

— Ah!

— O que foi? — Ele pergunta alarmado.

Ai, meu Deus! Estão me filmando com essa roupa que me deixa com essa barriga ridícula!

— Aceito. Claro que aceito!

Ele solta um suspiro com um sorriso lindo iluminando seu rosto. No instante seguinte tira o anel da caixinha e desliza pelo meu dedo, beijando-o quando está na base do meu dedo anelar.

— Minha noiva. — Diz ao levantar-se. — Minha amada noiva!

Seu rosto se aproxima do meu e nos beijamos lentamente. A chuva está fininha agora, um pingo aqui outro ali, fraca o bastante para reunir uma pequena multidão de curiosos que nos aplaude *e nos filma*. Ainda bem que estamos sob a marquise.

— Por favor, independente da data do casamento, more comigo desde já. — Ele olha para trás de mim. Para meus pais, que eu já tinha até esquecido que também estavam aqui fora. — Seu Renato, Dona Celeste, eu pretendia falar com os senhores antes, fazer o pedido dentro do restaurante com uma surpresa para a sua filha, mas...

— Mas Samantha é imprevisível. — Meu pai diz. — Você tem a minha benção para sua união se fizer minha filha feliz.

— Ai... Finalmente vocês se entenderam! — Minha mãe sorri em meio às lágrimas. — Achei que não veria esse dia!

— Achou que eu não casaria, mãe?

— Achei que vocês não conseguiriam parar de temer um final feliz para sempre!

— Bem, vamos entrar, temos champanhe lá dentro para comemorar como devemos!

— Claro, pai!

Alberto pega minha mão e a beija mais uma vez, antes de me beijar novamente.

Ouvimos mais uma salva de palmas enquanto nossas línguas dançam uma contra a outra. Mal posso acreditar que estou noiva dele. Compreendo as palavras da minha mãe, a dificuldade de nos entendermos, de tudo parecer perfeito e impossível ao mesmo tempo.

Nesse nosso beijo, ainda há uma parte de mim que tenta pôr um freio nas minhas emoções.

Estamos há dois anos num vai e vem que parece ter chagado ao fim. *Que chegou ao fim!* Ainda há incerteza, o medo de estarmos casando pelo nosso filho, mesmo com as suas declarações de amor a mim.

Acredito nelas. Acredito no amor dele por mim.

Mas acredito que...

— Sam... — Ele segura meu rosto bem próximo ao dele, enquanto meus olhos estão cheios de lágrimas. — Por favor, não.

Ele me cala com um novo beijo. Cala as palavras que eu diria não poder casar com ele.

Porque é muito difícil acreditar que Alberto casaria comigo mesmo se eu não estivesse grávida, depois de tudo aquilo que me disse.

Saio do escritório após tirar o vestido com a ajuda da minha mãe. Se Deus quiser, o “sim” que dei lá fora não deixará as gravações (caso postadas em redes sociais) tão em evidência aquela pochete pavorosa. Será pagar todos os meus pecados caso a criatividade do povo resolva fazer algum meme com ela.

Quando caiu a ficha que eu estava ali no meio de todo mundo com o vestido apertado demais, no meio de um pedido de casamento, já era tarde, então apenas me dediquei ao momento. Mas continuar com ele dentro do restaurante com um outro que me deixaria muito melhor dentro da bolsa seria imperdoável.

E realmente caiu muito bem em mim esse rosa claro com a saia rodada.

Dona Celeste percebeu assim que eu entrei que algo não está bem comigo, mas acho que tem até medo de perguntar por que não estou radiante.

Recebo os cumprimentos de todos que fazem o *Recriação* funcionar. Ao sair da cozinha, recebo também felicitações de pessoas que acompanharam

desde o início nosso romance, como minha prima e o marido, testemunhas de como tudo começou entre nós e que serão nossos padrinhos, o casal mais especial.

Os pais de Alberto também vieram e trouxeram Felipe. Alberto planejou o pedido direitinho.

Dou um selinho no homem que se tornou meu noivo há menos de uma hora. A calça está molhada do joelho para baixo numa das pernas, porém a roupa escura quase não deixa aparecer. Em seguida, falo com seus pais e seu filho, e esse encontro está bem melhor do que o primeiro.

Brindamos numa mesa especial, com as rosas que eu dei para ele no fundo. Eu não pretendia pedi-lo em casamento. *Não um com toda a pompa que Alberto o fez.* Queria apenas juntar as escovas de dentes, fazer com que aquela incerteza que vivíamos acabasse.

— Para quando é o casamento? — A mãe dele pergunta.

Eu não sei responder essa pergunta, embora ele tenha dito que não tem pressa para o casório, só que quer viver logo comigo.

— Ah...

Há tanto a planejar, discutir...

— Ainda não temos uma data, mãe. Mas será breve.

— É... ainda vamos conversar.

A noite passa como um borrão. Minha prima e minha mãe tentam levantar meu humor o tempo todo.

A verdade é que me sinto sufocada.

— Sam, vamos para casa? — Alberto diz após findarmos o jantar e nos despedirmos de todos.

Concordo. *Vamos para casa.* Até essa frase soa estranha, pois cada um tem seu próprio lar.

Mais estranho ainda é ir para casa e não ter a menor ideia de para onde vou até ele sair da rua do restaurante.

Vamos para minha casa.

O trânsito não permite que um assunto profundo e a ser discutido com muita cautela se inicie. Só perguntei que carro é esse que estamos e ele

respondeu que alugou. Minutos depois Alberto estaciona na calçada oposta à do meu prédio.

É o som do freio de mão puxado que corta o silêncio. Pra ser sincera, esperava que a ausência de som aumentasse com o desligue do motor do carro, que ainda continua ligado. Olho para ele sem entender.

— Você quer que eu suba? — Pergunta sem rodeios.

— Claro.

— Samantha, você quer mesmo que eu suba? Ou você prefere pensar?

— Pensar no quê?

— Na noite de hoje. No meu pedido. Por acreditar que quero me casar com você só para dar uma família ao nosso filho, como se esse não fosse um motivo louvável. Prefere ignorar que quero que você seja minha mulher por eu te amar loucamente. Pra você, o que vale são as palavras sobre eu nunca mais querer construir uma família. Palavras que eu poderia ter me arrependido de tê-las dito logo que saísse da sua casa. Palavras que *me arrependi* e chorei no seu corredor, por querer voltar atrás e querer, sim, ter você como minha mulher! Você não imagina o medo que eu senti no dia que você me contou que estava grávida, pois ali, um minuto antes, eu sabia que estava prestes a viver nosso adeus definitivo. Não dá para voltar no tempo, não dá para mudar o que aconteceu. Então, aqui estou eu, com sonhos de formar uma família grande com você e sermos felizes para sempre se Deus e você permitirem, porque eu quero muito.

Avanço para beijá-lo, mas o cinto me impede. Desafivelo e passo a correia pelo meu corpo desajeitada, só para pular no colo dele e beijá-lo.

— Eu te amo. — Eu digo.

Ele também.

E repetimos essa frase entre beijos e abraços que tiram nosso fôlego.

Não sei como, mas viemos parar no meu quarto. Arranco a parte de cima da roupa do Alberto, enquanto ele tenta programar o ar condicionado.

Ah, sim! A temperatura aqui vai subir e precisamos garantir que não fiquemos na caldeira de um vulcão! Acaricio seu pênis sobre a roupa, sentindo seu volume grande e grosso ficar ainda mais rijo. Beijo seu tórax e desafivelo o cinto, abro a calça e fico cara a cara com sua boxer que apresenta todo o contorno da ereção pela qual estou tão faminta que lambo os lábios.

— Sam!

Abaixo a cueca e seu pau pula pronto para minha boca. Eu o tomo como meu, do meu futuro marido, do homem que fez aquela declaração torta, insana e linda.

Chupo seu pênis olhando em seus olhos. De relance, vejo-o largar o controle do ar em algum canto, e espero que tenha programado direito. Vejo sua boca entreaberta, a respiração forte enquanto acaricio sua glândula com a língua e depois o tomo novamente.

Sua mão vai ao meu cabelo, e ele assume o comando, estocando em minha boca. Sinto-o profundamente e ele para assim, mordendo os lábios, enquanto me arranca algumas lágrimas. Num rompante, sai de dentro de mim. Tento voltar, mas sou impedida pelo sacana.

— Quero você na cama. — Diz com um tom exigente e libidinoso.

É a minha vez de morder os lábios, quando saio da posição de joelhos para ficar na ponta dos pés e arrancar-lhe um beijo.

Minha língua luta contra a dele, beijamo-nos como se não houvesse amanhã, como se nada mais importasse. Sinto as costas dos meus joelhos e depois minha coluna na cama, enquanto ele afasta as minhas pernas e roça sua ereção contra meu clitóris.

As mãos ainda no meu cabelo me fazem exhibir meu pescoço para que ele encha de beijos, lambidas e chupões. Arquejo com esse prazer delirante que aumenta quando ele usa a mão livre para erguer a minha perna e me penetrar bem fundo, enquanto sua boca viaja para meu seio intumescendo ainda mais o meu mamilo com suas sucções vigorosas.

Mas vigoroso mesmo está lá embaixo.

Meu Deus! Acho que vou quebrar a cada estocada que ele dá.

Forte. Grosso. Fundo. *Delícia!*

Sua ereção volumosa me arranca o ar mesmo que Alberto já não esteja agindo com o ímpeto e a voracidade que sei ser capaz. Recebo suas estocadas completamente capturada por esse discípulo de Eros. Talvez o melhor deles!

Então o vazio em meu âmago. Ele saiu de dentro de mim num rompante só para cair de joelhos no chão. Puxa-me para a borda da cama e fico sem ar quando sua boca chupa vorazmente meu grelinho.

— Ah, isso! — Digo rebolando em seu rosto. — Faz assim! Ai, que gostoso.

E não paro de estimulá-lo com palavras, enquanto ele me faz delirar com a sua língua. Dois dedos me penetram e reviro os olhos. Minhas palavras ficam desconexas demais para formar uma frase compreensível. O mais importante é que ele não para, mesmo...

— Alberto! — Clamo quando sou arrebatada pelo orgasmo.

Nem eu mesma consigo compreender o que digo, peço, imploro a seguir. Só sei que Alberto segura minhas pernas firmemente quando tento me afastar.

Então levanta e ainda fora da cama, ergue meu quadril para me penetrar.

Estou completamente a mercê dele, minhas pernas erguidas para o alto, apoiadas em seus ombros, enquanto ele me penetra bem fundo.

Seguro o edredom enquanto olho seu rosto duro e suado. Gemo por saber que o excita ainda mais e por ser impossível controlar meus sons enquanto fazemos amor.

Gemo seu nome revirando os olhos.

Gemo que o amo.

Urro quando ele estoca fundo e para com seu corpo trêmulo totalmente enterrado em mim quando é a sua vez de gozar. Seus dedos estão cravados em minhas pernas e provavelmente ficarei com marcas.

Seus olhos fixaram-se nos meus por todo ato. Ele sai de dentro de mim e desliza minhas pernas pelo seu corpo. Assim que chegam ao seu quadril, cruzo os pés e ele deita sobre o meu corpo, empurrando-me para o meio da cama.

Beijamo-nos, assim, atados, os braços dele prendendo-me pelos ombros, minhas pernas ainda cruzadas com os calcanhares deslizando em seu bumbum delicioso. Sua língua me devora, buscando recuperar o tempo que ficou longe da minha durante o sexo.

Estou amando esse beijo pecaminoso, e é melhor ainda saber que o bailar de nossas línguas está acendendo seu pênis para um segundo round.

Alberto suspira entre meus lábios.

— Precisamos evitar fazer tantas estripulias. Pelos próximos meses, pelo menos.

Sorrio arfando. — Foi muito bom! E foi você que resolveu fazer um sexo bruto. Animal.

— Eu te amo, Sam. Amarei você para sempre. Acredite. Nosso filho só fez com que eu percebesse que eu seria um babaca estúpido se continuasse negando o amor que sinto por você.

— Quantas declarações tortas você decorou para me dizer hoje? — Brinco com os olhos marejados.

— Nenhuma declaração de amor torta decorada, embora eu tenha milhões para dizer para você a partir de agora!

— Hum... há frases caminhão? E quem disse que você deixou de ser um babaca filho da puta?

Seu olhar se estreita. — Pare!

— Não! Quero mais frases de caminhão.

— Por Deus, Samantha! Eu te amo!

Abro um sorriso largo e vou culpá-lo por franzir meu rosto demais, a ponto de encolher meus olhos e fazer com que caiam as lágrimas acumuladas entre meus cílios.

— Eu também te amo, Alberto!

Epílogo

Alberto

Nosso relacionamento era como um tempero picante. Uma pimentinha para dar um toque a mais ao sabor da comida é bem-vinda quando dosada na medida certa. Mas é só errar a mão que tudo perde sentido. A pimenta tem que ficar em harmonia com os outros sabores da refeição. Não há pimenta deliciosa ou perícia sexual (modéstia à parte, somos peritos no quesito sexo), que resolva a relação, que deixe “tudo bem”. Não tem “jeitinho” que tire o sabor intragável.

E nós nos perdemos em meio ao sexo, à diversão e à falta de compromisso. Até porque brigas não se resolvem com sexo. Na verdade, *eu* me perdi. Sexo não deve ser o principal tempero de uma relação. Muito menos o único. E quase perdi a mulher da minha vida por demorar a entender que precisávamos ser amigos, cúmplices, companheiros.

Felizmente nós nos achamos como marido e mulher. Foi ainda naquele mês que a vida quase passou diante dos nossos olhos que nos casamos. No civil. A cerimônia religiosa foi adiada a pedido dela. Samantha queria calma.

Queria sair “linda e plena” nas fotos.

Palavras dela numa conversa com a mãe, a tia e a prima, não minhas, por favor! Cometi uma vez o erro de comentar sobre o peso dela com meu melhor amigo e infelizmente ela escutou. Então apenas ouvi essa justificativa e me fingi de morto. Ela também alegou que acompanhou de perto os preparativos do casamento da Gabriela, tanto do primeiro (que

demorou anos para planejar) quanto do segundo (que foi bem rápido) e optou por ter tempo, para ponderar bem suas escolhas.

Mas no fundo eu sabia a razão e não tinha nada a ver com seu peso. Ela queria *me dar* um casamento diferente. Um casamento onde não houvesse correria, não houvesse uma esposa grávida no álbum de fotografias, ou que o motivo de estarmos casando às pressas era por ela estar esperando minha filha.

Ah, sim! Temos uma menina! Calma que chego lá.

Então, naquele mesmo mês que a pedi em casamento, nos unimos numa cerimônia íntima no civil. Quando expliquei esse meu desejo de nos casarmos nem que fosse apenas no Cartório, fiquei com receio de mais palavras minhas despertarem rancor, mágoa e até raiva, pois, mais uma vez, ela poderia associar minha vontade com o que lhe contei sobre o meu primeiro casamento.

Nem de longe o motivo era o mesmo. Confio plenamente na Sam. Não consigo imaginá-la numa briga por pensão ou fazendo planos mirabolantes para receber um seguro de vida ou minha herança. Ela, por sua vez, foi bastante compreensiva e até exigiu o matrimônio com tudo bem documentado, pois tem o que perder. E ouvi muita piada sobre eu ser advogado e querer tirar até suas calcinhas num divórcio.

Não há uma noite que eu não tire a calcinha dela...

E vou tirar pelo resto da minha vida de um jeito bem gostoso que ela não terá porquê reclamar.

Mas, por falar em divórcio (algo que eu e Sam nunca passaremos), quando ficou tudo muito sério entre nós, Ingrid, minha ex-esposa, finalmente quis ter uma conversa sobre como ficaria a pensão do nosso filho. Deixei bem claro que não mudaria nada. Ela já estava há um tempinho querendo um aumento. Sempre tenta arrancar mais dinheiro de mim. Acho que nunca vai deixar de ser uma oportunista.

Enfim, quando eu disse que Samantha era uma mulher que batalhava pelo que era dela, que nunca se permitiria ser sustentada ou pior: usar uma criança para ter renda, ela não se ressentiu: “ainda bem” foi a sua resposta.

Pelo menos é uma boa mãe e o tempo que passa em casa ao invés de estar num emprego (sim, ela desistiu de arrumar um emprego de carteira

assinada ou informal) é precioso para o Felipe. Eu até perguntei para ela (pela centésima vez ou mais) se ela não pensa em voltar à faculdade, mas sua resposta foi negativa como sempre. Eu faria vista grossa no uso do dinheiro que ela recebe de pensão.

Infelizmente ela encara meu incentivo como uma forma de querer diminuir os custos que tenho com meu filho, que quero que ela trabalhe para *eu* entrar com um pedido de revisão da pensão para um valor menor. *Custos...* Tudo que faço por Felipe é um investimento: para sua alegria ou para o seu futuro. Ela nunca vai entender.

É difícil compreender essa comodidade da Ingrid, embora eu já nem brigue com ela por causa disso. Mas venho de uma família que batalhou muito a vida toda. Meus avós fizeram dinheiro, mas nunca deram vida mansa para meus pais. *Eu tive que fazer meu caminho.* Fugi da profissão de médico tradicional da minha família, uma vocação que nunca surgiu em mim. Sei que muitos advogados não têm a chance de começar como eu comecei, no entanto vi muitos acomodados enquanto eu trilhava o caminho até o topo. Pessoas que tentaram diminuir minha capacidade por ser de família rica e por ter amigos influentes. Amigos que também lutaram por seu lugar ao sol, para não serem passados para trás.

E tem Samantha. *Porra!* Essa mulher não para! É mãe, é chef de cozinha, é empresária. Já está com cinco restaurantes espalhados em pontos estratégicos da cidade e mais um em São Paulo inaugurado há seis meses. Todos são um sucesso e ela só não abre mais porque não quer.

O programa filmado em seu restaurante anos atrás trouxe muita notoriedade. O *Recriação* já era conhecido, um lugar onde os pratos são totalmente da autoria da Sam, ou recriações de clássicos ou não da culinária que ganham uma nova cara e ficam ainda mais apetitosos. Conseguir fazer uma refeição só era possível com reserva. Nos dias das gravações, havia filas na porta de pessoas que queriam participar do programa. Depois, o movimento continuou alto. Quem já foi uma vez, sempre quer voltar para conhecer uma nova iguaria preparada pela minha esposa. Ou repetir um prato, pois só lá que conseguirão encontrá-lo.

Minha esposa. Sam é minha esposa há tanto tempo...

Oito anos. Lá se vão oito anos que estamos juntos e *hoje é o grande dia!*

O dia que verei Samantha caminhar de noiva na minha direção.

Olho-me no espelho, conferindo o terno cinza para a cerimônia ao ar livre no sítio de minha família. Abro a porta do quarto, e, ao que parece, meu irmão e meu melhor amigo vieram me buscar.

— É por isso que o temporal está armando! — André zomba. — Vai casar e nem precisa ser arrastado?

Olho para a janela mais próxima para conferir o tempo, embora eu tenha certeza que o dia hoje está fresco e sem nuvens. Um casamento perfeito.

Abro mão de chamar meu irmão de babaca, mas dou um tapa na sua nuca pela brincadeira sem graça.

— Já sou casado. — Corrijo-o secamente.

— Preparado? — Rafael pergunta e acho que tenta conter alguma piada.

— Há oito anos. — Respondo firmemente. — Bora logo. Já me avisaram que ela está vindo.

— É a Gabi me ligou.

É lógico que a esposa dele avisou. Está com a minha noiva. As duas não se desgrudam de jeito nenhum.

— Mas sério... *Oito anos?* Por que esperaram tanto tempo? — Meu irmão reclama.

— A Sam queria nossa filha de daminha.

— Com três anos seria possível. — Rebate.

— É... mas ela... ela preferiu passar a crise dos sete anos comum a todos os casamentos.

Rafael solta um suspiro. O casamento dele não entrou numa crise há cerca de dois anos a ponto de pensarem numa separação, mas ele e Gabi tiveram algumas discussões durante uns meses que deram dor de cabeça em mim e na Sam.

E eu e Samantha também nos estranhamos um pouco ano passado, como se sete anos de casamento fosse um ano de provações.

— E a Sam achou que a Manu se recordaria melhor do casamento maiorzinha.

Isso também é verdade. Samantha quer que Manuela, nossa filha que é quase um clone da mãe em aparência e gênio, recorde de sua participação do casamento por sua própria memória, ao invés de lembranças de filmes e fotos.

Nós conversamos enquanto seguimos para o local da cerimônia. Os demais convidados vêm me cumprimentar quando me veem.

Já passei por isso. Cumprimentos, sorrisos, gente arrumada e elegante para prestigiar um casamento meu. Vivi todo esse rito, e nunca houve uma vez que eu encarasse essa celebração como especial, antes de eu descobrir Samantha como a mulher da minha vida.

Eu apenas tentava não ser aquele cara que via a união religiosa como uma pompa desnecessária. Não queria aparentar como o amargo de um casamento fracassado. Ou mesmo mal agourento. Aquele que casou por acreditar que seria o certo, e que com o tempo o amor poderia ser tecido naquela união. O homem que não via mais graça em ser romântico.

Depois de viver maritalmente com a Sam, passei a vir a essas celebrações na companhia dela pensando na *nossa vez*. A vez que eu a veria de branco, como o centro de todas as atenções. Minha musa. Minha deusa. *Meu amor*.

— Senhor Alberto, preparado? — A cerimonialista me pergunta.

— Sim.

Essa palavra é bem menos piegas do que dizer que estou preparado há anos.

Respiro fundo quando olho para o altar pela última vez antes do casamento. Sou o primeiro do cortejo ao lado de minha mãe. Nossos passos são lentos, paramos três vezes para as fotografias.

Paro no altar, sob o portal das mais variadas flores brancas e vermelhas.

Todos me encaram e é uma posição um pouco opressora, embora meu olhar esteja fixo na outra extremidade do tapete vermelho pelo qual acabei de passar. Posso ver os padrinhos enfileirados, Gabriela cuidando de sua

filha, Mariana, e meus filhos, Felipe e Manuela, enquanto ainda não chega a vez deles.

Cada segundo aparenta o tempo de um minuto ou mais. Observo os convidados que já não me encaram em sua totalidade. Aguardam a próxima música para o restante do cortejo, muitos conversam entre si, poucos olham para mim ou para a entrada.

É impossível não reparar Adrien próximo ao corredor central com seus dois filhos e uma mulher que posso dizer ser sua namorada, embora eles nunca tenham assumido um compromisso. As filhas dela também estão ali. A rixa entre nós já acabou há muito tempo e a amizade que ele tem com minha esposa é bastante respeitosa, devo admitir. Nossos filhos são amigos, todos são pessoas muito presentes em nossas vidas e até queridas. Ele nos presenteou com o bufê do casamento e nem de longe aparenta aquele homem que suspirava pela Sam sempre que ela lhe dava as costas.

Só que, às vezes, eu me recordo de um beijo. Um beijo que fez meu coração parar e eu desejar a morte. Não consegui me mover. Assisti em choque como se estivesse acorrentado, meu coração clamando para que eu interrompesse os dois, mas meu corpo simplesmente não obedecia. Acho que morri naquele dia, e morri de novo quando descobri que era um homem beijando a mulher que eu amo já grávida da minha filha.

Águas passadas...

Bem, nem tanto, pois Samantha cogitou os dois para serem padrinhos e essa foi a única questão que eu não concordei para tudo que ela planejou esse dia.

A música recomeça e meu pai entra com a minha sogra. Mais três casais de amigos e meu irmão com a esposa atravessam o tapete vermelho. Por fim, entram os dois que fizeram possível meu relacionamento com Samantha, e eu descobrir que é possível ser plenamente feliz.

Rafael e Gabriela atravessam o tapete, nossos padrinhos de honra, amigos, cúmplices e fiéis escudeiros para toda a vida. Eles param ao lado da mãe da Sam e dos meus pais. A barriga da Gabi já está bem visível, embora não esteja marcada pelo vestido. Mais cinco meses e Renan virá alegrar nossas vidas.

Fecho os olhos e respiro fundo quando a multidão se volta totalmente para trás. Quando os abro, encontro Mariana com um cesto de pétalas de rosas à frente de Manuela e Felipe. Minha afilhada entra primeiro, espalhando as rosas pelo caminho, seguido dos meus dois rebentos, minha menina com um buquê e meu filho com as alianças.

Noto que meu garoto não tira os olhos daquela que já me recriminou por eu dizer que são primos. E ele já comparou a diferença de idades dele para Mariana com a minha e a de sua *boadrasta*.

Viro para o lado para analisar o que Rafael acha disso. É óbvio que reparou e está um tanto incomodado.

Mal um sorriso endiabrado se forma no meu rosto e o ar me escapa quando vejo que fecharam as cortinas na outra extremidade. Eu não esperava por isso. A cerimônia é ao ar livre, e já tinha até sonhado com Samantha saindo do carro e se ajeitando para vir ao meu encontro.

Daquele sonho, só restou o carro branco de modelo antigo que estaciona bem ali atrás, me impedindo de ver o que acontece por completo, no mesmo instante que ouço os burburinhos “a noiva chegou”.

O tecido é leve e me permite observar ansioso o que ocorre do outro lado. Só consigo ver a silhueta. Um homem ajuda minha noiva a sair do carro. Tenho certeza que é seu pai quando os dois trocam um abraço apertado de alguns segundos, para, a seguir, pararem lado a lado.

A marcha nupcial começa.

Lentamente a cortina é aberta e revela *minha noiva*.

Linda, totalmente de branco em seu vestido em formato de lírio. As alças grossas têm rendas que descem até o meio dos seus braços e pontos brilhantes que cintilam com a luz do sol desse fim de dia e com os flashes disparados em sua direção. Seu cabelo está preso e posso ver um pedaço do véu que ela prometeu que seria curto.

Porra! Ela está linda pra caralho!

Não, não espere palavras sobre ela estar com aparência angelical, pois o decote deixa seus seios ainda mais fartos, mesmo que não seja tão profundo.

Linda, sexy, minha esposa! Ela também é minha noiva, futura esposa com a benção de Deus.

A sensação é sem igual. Meu coração bate forte do mesmo jeito como foi quando vi meus filhos nascerem. Meus olhos marejam com a visão tão divina desse momento mágico, incrível, perfeito enquanto ela caminha na minha direção.

Não quero parecer um devasso enquanto minha noiva caminha serenamente com aqueles seios clamando pelas minhas mãos e seus lábios pelos meus. Só consigo pensar na nossa semana de lua de mel na Grécia e em como vou devorar seu corpo em cada uma das praias gregas.

Se as pessoas pudessem ler meus pensamentos, pensariam em mim mais como um tarado do que como noivo!

A caminhada acaba quando o pai dela para a um passo de mim e lhe dá mais um abraço, antes de entregar sua mão para mim.

— Continue fazendo minha filha feliz! — Pede com nossas mãos unidas.

— Tem a minha palavra.

— Ele me faz muito feliz, pai!

Assisto Seu Renato beijar a testa de sua filha, antes de sair de perto de nós.

Quando nos viramos para o altar, não me contenho e roubo-lhe um selinho. Escutamos as palavras sabias sobre o casal, a vida a dois que já tanto conhecemos e as bênçãos de nossa união.

Marido e mulher.

Nós nos tornamos.

O que já somos.

Despedimo-nos dos últimos convidados, que dormirão no hotel da cidade. A festa já está na parte da arrumação. Com a partida deles, sentamo-nos perto do casal que ficará responsável pelos nossos filhos enquanto

passamos um mês fora. Ah, sim! Não custa nada fazer um tour na Europa depois que renovarmos nosso bronzado nas praias gregas. E Samantha pretende negociar queijos, vinhos e outros produtos europeus para os restaurantes, então é uma viagem a trabalho tanto para ela quanto para mim, seu advogado.

— Vocês estão de parabéns! O casamento foi lindo! — Gabi sorri para nós, abraçada do meu *parça*.

— Ai, lindo, perfeito! — Sam sorri. — Mas estou morta!

— Somos duas! Mas os meninos estão ansiosos para ver o sol nascer.

— O que é esperar uma horinha? — Samantha ironiza.

Perto do lago do sítio estão Manuela, Felipe, Mariana e Igor, sobrinho do Rafael que está se tornando melhor amigo do meu filho. Aliás, ali estão quatro grandes amigos para a vida inteira. Que eles se tornem amigos, cúmplices, companheiros como somos eu e Rafael; Sam e Gabriela.

— Ah, vamos deixar pra amanhã. — Rafael resmunga e estou totalmente de acordo.

Ele dá um cheiro na esposa e aproveito para beijar a minha.

Olho para as crianças a tempo de pegar Felipe falando algo bem perto do ouvido de Mariana e ela responder que sim com a cabeça. Uma intimidade explícita.

— É, Rafa... Será que o Felipe pediu Mariana em namoro e ela respondeu que sim? — Sacaneio.

— Não é por ser meu afilhado que vou aceitar esses namoricos. Só daqui a quinze anos!

Samantha ri. — Quinze? — Ela ri mais. — Dez no máximo! Se eu fosse você, me preparava para daqui a cinco anos.

— Minha filha é muito nova! Principalmente para o Felipe!

— Felipe é um bom garoto. — Defendo minha cria. — Ela estará em boas mãos.

— Em boas mãos? Sei... — Desdenha. — Quero ver o que você vai dizer quando o Igor e a Manu começarem a namorar.

Ah, sim. Já percebi que minha filha desperta os olhares do sobrinho do Rafael. Inclusive até conversei com Felipe e avisei que ele, como irmão mais velho, precisa cuidar da irmã e afastá-lo dos amigos mais abusados.

Podem me chamar de machista, mas atire a primeira a pedra o pai que não zelou pela sua princesa.

— Vou me preocupar com isso só daqui a dez anos.

— Cinco! — Samantha corrige. — Com doze, treze anos as meninas já vão estar falando em paqueras, crushs, flertes e namoradinhos. E não há nada que vocês possam fazer para evitar.

— Muito novas.

— Estou sendo realista. — Ela rebate e faz um *hi-five* na prima.

Suspiro irritado. Cinco anos! Não! De jeito nenhum!

— Vocês querem carona para o aeroporto? — Rafael pergunta e eu o agradeço por entrar num novo assunto.

— Meus pais vão nos levar. — Sam responde. — Já combinamos de voltar com eles para o Rio e eles nos deixarão no aeroporto.

— Meus pais vão com a Manuela e o Felipe. — Acresço.

Ele assente. — Quando eu casei estava mais animado, quis logo ficar sozinho com minha esposa. É a velhice?

Esse cara está querendo me atazanar!

— Talvez seja falta de um petisquinho de testículo à milanesa.

Porra! Como Gabriela resolve desenterrar essa porra de assunto depois de tantos anos?

— Até tu, Gabriela! — Reclamo enquanto Rafael e Samantha gargalham atraindo a atenção de nossos filhos para onde estamos. Breve, pois logo voltam a encarar o lago e se perderem em suas próprias conversas.

Que espero serem sobre um jogo, um livro ou uma nova brincadeira dessas bem infantis e inocentes.

— Sua prima não tem do que reclamar, fique tranquila.

Gabriela fica vermelha.

— Não tenho? — Samantha pergunta com a voz um pouco estridente.

Eu fico vermelho.

— Acho que vou preparar uns testículos antes da viagem. *Vai que...*

— Vai que o quê, Samantha?

Lanço para ela o meu melhor olhar carnal, deixando-a corada só com a lembrança do que sou capaz de proporcioná-la na cama. Não é porque estou perto dos quarenta que preciso recorrer a medicamentos ou receitas afrodisíacas.

Caramba! Já nem me lembrava desse episódio vergonhoso da minha vida. *Tá... confesso a mentira.* Impossível esquecer que comi aquilo e como aquele vídeo se espalhou como uma erva daninha. É difícil admitir que aquela porra estava gostosa pra caralho. *Literalmente!*

Por vezes, torci que Samantha me refizesse a “surpresa” gastronômica. Ela até preparou refeições novas deliciosas que já perdi a conta de quantas foram, mas a iguaria controversa nunca mais esteve no cardápio.

— Acho que ele quer que você faça para ele, Sam. — Rafael continua com o processo de destruir meu início de lua de mel.

Isso eu nunca vou admitir.

— Hum... É melhor eu deixar vocês aí, antes de perder meu amigo e compadre. A não ser que você esteja sugerindo que ela faça a receita antes da viagem para que você prove!

Ele faz uma careta e sacode a cabeça negando veementemente. Conheço os gostos dele e duvido que não aprecie, caso deguste.

Taí! Posso sugerir que Sam faça uma quentinha especial para Rafael e Gabi.

Sou o primeiro a levantar e ajudo minha esposa. *Totalmente minha esposa.* Pelas leis do homem, no religioso e pelo nosso amor!

Rafa e Gabi se despedem de nós, graças a Deus, sem mais piadas.

Novamente atraímos a atenção dos nossos filhos. Diferente de quando eram pequenos e vinham correndo nos saudarem ou se despedirem, agora apenas acenam de longe. Estão crescendo. Daqui a pouco serão todos adolescentes. Muito amigos e... *argh!* Não pensarei sobre no que pode vir futuramente.

Olho para Samantha, no fundo de seus olhos claros e brilhantes. Minha linda esposa, o amor da minha vida, a mulher que eu já não esperava que Deus enviasse para minha felicidade. Ele a enviou no momento certo.

— Eu te amo, Sam. Obrigado por existir na minha vida.

— Eu também te amo, Beto. Você me faz mais do que feliz!

Entendo suas palavras e seu estado de júbilo, pois também me sinto assim ao seu lado.

Beijo sua boca lentamente. Sem pressa. Um beijo delicioso, picante e sedutor. Dez anos que conheço Samantha e o desejo por sempre ter mais dos seus beijos nunca cessou.

Lembro-me do nosso primeiro beijo como se ele tivesse acabado de acontecer há alguns instantes. Havia acabado de chegar a uma pousada que passaria uma semana em Fernando de Noronha com meus amigos. Lá estava a morena rindo na piscina como uma deusa do Olimpo, ao lado de outra também muito bonita.

Todos os planos que eu tinha feito com meus amigos não pareciam mais divertidos. Eu, que já estava pronto para ir para uma das praias do arquipélago com eles, tirei minha roupa e fui de encontro à morena de olhos claros. Simplesmente não consegui mais me separar dela. Passei uma semana dormindo ao seu lado, aproveitei cada minuto, *cada segundo*, como se fosse o último, pois ela seria um sonho daquela ilha.

Então, aquele beijo ao pôr do sol me mostrou uma felicidade que foi difícil aceitar que seria possível pela vida inteira. Estar ao lado de uma mulher por uma semana, todos os dias e noites, foi inaceitável como “para sempre”. A distância era uma forma de manter o que tivemos naqueles dias como perfeitos.

E agora, na alvorada do dia seguinte do nosso matrimônio religioso, sei que a perfeição para mim é estar ao lado da Samantha e dos meus filhos.

Para sempre.

Fim.

Queridas leitoras (e leitores!)

Mais uma vez agradeço por ter chegado até o fim de um livro escrito por mim, e espero que a história tenha correspondido à sua expectativa.

Quando escrevi *Uma mentirinha pro meu CEO*, que conta a história de Gabriela e Rafael, acreditei que seria um livro único, como todos os outros que publiquei anteriormente. Como recebi alguns pedidos de um romance da Sam e do Alberto, pensei: *por que não escrever sobre os dois também?*

Samantha era a prima conselheira, amiga, leal de Gabriela. Uma personagem secundária que tinha ficado naquele romance com o “feliz para sempre” em aberto, pois nem sempre o amor é encontrado “em conjunto” entre amigos e parentes na vida real. Só que aquela situação de amor mal resolvido com o Alberto me incomodou, assim como àquelas leitoras.

Escrever esse livro foi uma delícia, mesmo com a receita inusitada de “pega marido” da Sam, e com os altos e baixos do relacionamento entre os dois.

Coloquei um pouco de mim na Sam, quando falei sobre o aumento de peso repentino e a Tireoidite de Hashimoto. Gente, eu achei que ia morrer quando vi meu nível de anti-TPO < 2000 (para uma taxa de até 34). Estava no trabalho, comecei a tremer e a chorar, achei que estava com câncer, ou uma doença grave num estágio avançado. Ninguém sabia que raios era aquele exame, tampouco o que significava. Foi uma colega minha (que também se consultava com a mesma médica) que ligou para a endocrinologista e ela me tranquilizou dizendo que não era nada muito preocupante, tanto que só iria me ver na consulta programada para a semana seguinte. Diferente da Sam (até porque não conheço nenhum CEO para conseguir uma consulta imediata), eu não aguentei, e pesquisei em casa o que era a doença por dias até estar de

frente para a médica, e ouvir mais ou menos o que a Samantha ouviu da doutora dela.

Nesse romance, dei apenas uma breve pincelada no assunto. **Questões médicas devem ser esclarecidas por médicos**, obviamente. Mas fica a dica e o alerta: se está sentindo cansaço (ou não), ganhando peso mesmo com dieta ou sem ter uma vida sedentária, procure um médico para ver se seu metabolismo não está lento, faça exames para ver se é algo que possa ser revertido com apenas uma pílula diária (ou com as mais de mil restrições alimentares encontradas na internet com ou sem respaldo de um nutricionista ou de um endocrinologista, o que desaconselho totalmente). Cuide de sua saúde!

Ah! E doenças relacionadas à tireoide são prejudiciais à gravidez, como relatei. Então, se estiver grávida, siga as recomendações médicas à risca.

Para quem entrou nessa história sem ter lido *Uma mentirinha pro meu CEO*, acredito que valha à pena conhecer um pouco mais do CEO apaixonado pela Gabriela. A história dos dois é muito gostosa e imperdível (tá, minhas palavras são suspeitas, mas os dois são incríveis, tanto que o conto *Uma mentirinha para mim* é um livro com bastante aceitação, mesmo após mais de quinhentas páginas lidas do romance original). E não é nenhum spoiler saber que houve um final “Feliz para Sempre”, pois todos os livros de minha autoria são assim.

Clique (ou toque) nos títulos abaixo para ir para os sites dos livros relacionados a este:

[Uma mentirinha pro meu CEO](#)

[Uma mentirinha para mim](#) (conto narrado pelo Rafael Jordão)

Conheça também (em ordem de safadeza):

[O Beijo Comprado](#)

[Intrincado Amor](#)

[Amor Proibido](#)

[A Farsa contra o Amor](#)

A vida que deixei para trás (este é sem safadeza, sem palavrões)

Espero em breve publicar novas histórias, pois minha mente vive povoada de personagens ansiosos para ganharem um romance só para eles!

Beijos, e, mais uma vez, muito obrigada!!

C. M. Sang.

Encontre-me nas redes sociais! É só me adicionar ou seguir no:

Facebook: [Autora C M Sang](#)

Instagram: [cmsang.escritora](#)

ou envie e-mail para cmsang.escritora@yahoo.com

[1] Siga as orientações de um profissional de saúde, não confie no que está na internet ou num livro.